mistérios



ISAAC ASIMOV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



INTRODUÇÃO

Muitas pessoas revelam a tendência de só conseguirem classificar a ficção científica como um membro a mais do grupo de literatura especializada que inclui histórias de mistério, westerns, aventuras, histórias esportivas, histórias de amor, e assim por diante.

Isto sempre pareceu estranho àqueles que conhecem bem a ficção científica, pois esta é uma resposta literária à transformação científica, e esta resposta pode percorrer toda a gama da experiência humana. A ficção científica, em outras palavras, inclui tudo.

Como diferençar uma história de ficção científica de uma história de aventura, por exemplo, quando a ficção cientifica é tão intensamente cheia de aventuras que deixa as outras histórias do gênero um tanto pálidas? Seguramente, uma viagem à Lua é, além de tudo mais, uma aventura das mais excitantes.

Vi excelentes histórias de ficção cientifica classificadas de forma inusitada e que muito enriquecem o campo em que se inserem. Arthur C. Clarke escreveu um western delicioso - mas passava-se sob o mar e havia delfins em lugar de gado. Seu nome era, entretanto, "Lar na Estação", e funcionou.

Clifford D. Simak escreveu "Regra 18", que não é mais do que uma história esportiva, mas envolvia viagem no tempo, de modo que o carro do time da Terra podia recolher pontos eternos para ganhar o jogo anual com Marte.

Em "Os Amantes", Philip Jose Farmer conseguiu variar a forma do romance ordinário ao escrever um conto de amor sóbrio e comovente, que ultrapassava não as fronteiras da religião ou da cor, mas da espécie humana.

Bastante estranho é o fato de que a história de mistério parecia ser a forma mais difícil de se unir à ficção científica. Isto é certamente inesperado. Poder-se-ia pensar que a ficção científica se ligaria facilmente ao mistério. A própria ciência é tão próxima do mistério e o cientista pesquisador tão próximo de um Sherlock Holmes...

E, se quisermos inverter as coisas, não existem mistérios que fazem uso da "mente científica"? O Dr. Thorndyke de R. Austin Freeman é um exemplo de um famoso e bem sucedido cientista-detetive (fictício).

E, mesmo assim, os escritores de ficção científica pareciam ficar inibidos diante do mistério na ficção científica.

Finalmente, tive a explicação disto há anos, por volta de

1940. Disseram-me que, "devido a sua própria natureza", a ficção científica não seria justa para com o leitor. Numa história de ficção científica, o detetive diria:

- Mas, como você sabe, Watson, desde 2175, quando todos os espanhóis aprenderam a falar francês, o espanhol é uma língua morta. Então, como Juan Lopez pôde falar aquelas palavras significativas em espanhol?

Ou, então, o detetive poderia apresentar um invento estranho e dizer:

- Como você sabe, Watson, meu "frannistan" de bolso é perfeitamente capaz de detectar a jóia escondida.

Estes argumentos não me impressionaram. Parecia-me que os escritores de

mistério comum (não do tipo ficção científica) poderiam ser tão desleais quanto os demais.

Poderiam esconder uma pista necessária deliberadamente. Poderiam introduzir um personagem adicional sem referência anterior. Poderiam, simplesmente, esquecer alguma coisa à qual vinham dando grande atenção e não mais mencioná-la. Poderiam fazer qualquer coisa.

Entretanto, a questão era que eles não faziam qualquer coisa. Eles se apegavam à regra de lealdade para com o leitor. As pistas podiam ser obscurecidas, mas não omitidas. Diretivas essenciais podiam ser assinaladas casualmente, mas eram assinaladas. A pista era disfarçada e mistificada sem remorsos, mas não era trapaceada.

Parecia então que obviamente se poderia ter a garantia de que o mesmo aconteceria com um mistério de ficção científica. Você não lança novos artifícios para o leitor e resolve mistérios através deles. Você não se aproveita da história futura para introduzir fenômenos ad hoc. De fato, você explica cuidadosamente todas as facetas do futuro ambiente com bastante antecedência, de modo que o leitor tenha uma chance decente de ver a solução. O detetive só pode fazer uso de fatos conhecidos do leitor no presente ou de "fatos" do futuro fictício que serão explicados antes cuidadosamente. Mesmo alguns dos fatos reais de nosso presente devem ser mencionados se tiverem que ser usados - apenas para garantir que o leitor esteja ciente do mundo atual que o envolve.

Logo que tudo isto esteja aceito, fica óbvio não somente que o mistério na ficção científica é uma forma literária completamente aceitável, mas também que é muito mais interessante de se escrever e ler, na medida em que freqüentemente contém um ambiente fascinante por si mesmo além do mistério.

Mas, como falar é fácil, resolvi comprovar o que dizia, e em 1953 escrevi uma novela de mistério de ficção científica chamada As Cavernas de Aço (Doubleday, 1954). Ela foi aceita pelos críticos como uma boa novela de ficção científica e um bom mistério; e, depois que ela apareceu, nunca mais ouvi ninguém dizer que era impossível escrever mistérios de ficção científica.

Além disso, durante e após esta novela, também escrevi várias pequenas histórias, a fim de provar que os mistérios de ficção científica podiam ser escritos em toda a sua extensão.

Estes mistérios de ficção científica menores (incluindo alguns casos limites) estão incluídos neste volume pela ordem de publicação. Julgue você mesmo.

O SINO SONORO

Louis Peyton nunca discutira publicamente sobre os métodos com os quais vencera a polícia da Terra numa dúzia de duelos de ardis e blefes, com a psicoprova sempre esperando e sempre frustrada. Ele teria sido tolo em fazê-lo, naturalmente, mas em seus momentos de maior complacência, afagava a idéia de deixar um testamento para ser aberto só após a sua morte, no qual se veria que seu sucesso imbatível se devia à habilidade e não à sorte.

Em tal testamento ele diria: "Nenhum modelo falso pode ser criado para encobrir um crime sem conter em si algum traço de seu criador. Portanto, é melhor procurar um modelo nos fatos que já existam, e então ajustar suas ações a ele."

Foi com este princípio em mente que Peyton planejou o assassinato de Albert Cornwell.

Cornwell, o eficiente receptador de coisas roubadas, aproximouse de Peyton, pela primeira vez, quando este se encontrava em sua mesa privada no Restaurante Grinnell''s.

O terno azul de Cornwell parecia ter um brilho especial, o rosto de linhas marcadas insinuava um sorriso estranho e o bigode caprichoso parecia eriçar-se.

- Sr. Peyton, - disse ele, saudando seu futuro assassino, sem nenhum escrúpulo com o momento e com o local - é tão bom encontrá-lo! Eu quase desisti, senhor, quase desisti.

Peyton, que não gostava que se aproximassem dele durante o jornal e a sobremesa no Grinnell''s, disse:

- Se você tiver negócios a tratar comigo, Cornwell, sabe onde me encontrar.

Peyton já passara dos 40 e o seu cabelo já tinha perdido o preto primitivo, mas as costas permaneciam hirtas, as feições jovens, os olhos negros, e a voz podia ser ainda mais cortante após longa prática.

- Não para isto, Sr. Peyton, - disse Cornwell - não para isto. Eu sei de um segredo, senhor, um segredo de... sabe, senhor. - O indicador da mão direita movia-se suavemente como se fosse uma castanhola invisível e a mão esquerda cobriu-lhe momentaneamente a orelha.

Peyton virou uma página do jornal, ainda um tanto úmido do teledistribuidor, dobrou-o e perguntou:

- Sinos Sonoros ?

- Oh, psiu, Sr. Peyton - sussurrou Cornwell aflito.

- Venha comigo - disse Peyton.

Atravessaram o parque. Um outro axioma de Peyton era que, para se ser devidamente secreto, nada melhor do que uma discussão a meia voz ao ar livre.

Cornwell sussurrou:

- Um esconderijo de Sinos Sonoros; um esconderijo cheio de Sinos Sonoros. Não-polidos, Sr. Peyton.

- Você os viu?

- Não, senhor, mas eu falei com alguém que viu. Ele tinha provas suficientes para me convencer. Há o bastante lá para que o senhor e eu nos aposentemos ricos. Absolutamente ricos, senhor.

- Quem era este outro homem ?

Um ar matreiro iluminou o rosto de Cornwell como uma tocha, obscurecendo-o mais do que parecia e impregnando-o de uma oleosidade repulsiva.

- O homem era um cavador lunar que tinha um método especial para localizar os Sinos nas paredes da cratera. Eu não sei o seu método; ele nunca me disse. Mas juntou dúzias, escondeu-os na Lua e veio à Terra para tratar da distribuição.

- Ele morreu, suponho?

- Sim. Um acidente estarrecedor, Sr. Peyton. Uma queda. Muito triste. Naturalmente, suas atividades na Lua eram ilegais. O Domínio é bem estrito sobre mineração de Sinos desautorizada. Por isto, talvez tenha sido um julgamento, no final das contas... De qualquer modo, eu tenho seu mapa.

Peyton disse, com ar de calma indiferença:

- Não quero nenhum detalhe de sua transaçãozinha. O que quero saber é por que você veio a mim.

Cornwell retrucou:

- Bem, agora, há o bastante para nós dois, Sr. Peyton, e ambos podemos ter a nossa parte. Por meu lado, sei onde fica o esconderijo e posso conseguir uma nave espacial.

O senhor...

- Sim?

- O senhor pode pilotar a nave espacial, e tem excelentes contatos para a distribuição dos Sinos. É uma divisão de trabalho bem justa, Sr. Peyton. Não acha agora?

Cornwell considerou o esquema de sua vida - o esquema que quase existia - e as coisas pareceram encaixar-se.

- Partiremos para a Lua no dia 10 de agosto. Cornwell parou de andar e disse:

- Sr. Peyton! Estamos apenas em abril agora.

Peyton manteve seu passo igual e Cornwell teve que se apressar para alcançá-lo.

- Está me ouvindo, Sr. Peyton?

- 10 de agosto - repetiu Peyton. - Eu o procurarei no momento apropriado e lhe direi para onde trazer sua nave. Não tente ver-me pessoalmente até então. Até logo,

Cornwell.

- Meio a meio? - perguntou Cornwell.

- Certo - respondeu Peyton. - Até logo!

Peyton continuou a caminhada sozinho e considerou o esquema de sua vida outra vez. Com 27 anos, ele comprara um trecho de terra nas Rochosas, onde um antigo proprietário construíra uma casa projetada como refúgio contra as ameaças das guerras atômicas de dois séculos atrás, aquelas

que enfim nunca chegaram a acabar. A casa, entretanto, permaneceu como um monumento a uma tentativa medrosa de auto-suficiência.

Era de cimento e aço, no ponto mais isolado que podia ser encontrado na Terra,

colocada bem acima do nível do mar e protegida de todos os lados por picos de montanhas mais altos ainda. Continha sua própria unidade geradora de energia, seu fornecimento de água vinda de fontes nas montanhas, seus congeladores onde se podia pendurar dez quartos de carne comodamente, o porão equipado como uma fortaleza, com um arsenal de armas destinadas a alimentar hordas famintas e apavoradas que nunca vieram.

Possuía seu aparelho de ar condicionado, que podia limpar e limpar o ar até que também a radioatividade (pobre fragilidade humana) pudesse ser eliminada.

Nesta casa de sobrevivente, Peyton passava no mês de agosto todos os anos de sua vida perene de solteirão. Cortava as comunicações, a televisão, os teledistribuidores de jornais. Construíra uma cerca de campo de força em torno da propriedade e deixava um mecanismo de sinalização de curta distância da casa, até o ponto em que a cerca atravessava uma trilha sinuosa entre as montanhas.

Durante um mês por ano, ficava completamente só. Ninguém o via, ninguém o achava. Em absoluta solidão, tinha as únicas férias que ele valorizava após onze meses de contato com uma humanidade pela qual ele só podia sentir bastante desprezo.

Até a polícia - e Peyton sorria - sabia de sua rígida consideração quanto ao mês de agosto. Certa vez, faltou a um compromisso e arriscou-se a submeter-se à psicoprova para não renunciar a seu agosto.

Peyton considerou um outro aforismo para uma possível inclusão em seu testamento: não há nada mais convincente de uma aparente inocência do que uma falta triunfante de álibi.

Em 30 de julho, como em 30 de julho de todos os anos, Louis Peyton tomava o extrajato não-gravitacional de 9 h 15 m em Nova York e chegava a Denver às 12 h 30 m.

Lá ele almoçou e tomou o ônibus semigravitacional de l h 45 m para Hump"s Point, de onde Sam Leibman o apanhou num carro terrestre - todo-gravitacional! - para subir o atalho até os limites de sua propriedade. Sam Leibman aceitou gravemente a gorjeta de dez dólares que sempre recebia e tocou no chapéu, como já vinha fazendo no dia 30 de julho durante quinze anos.

Em 31 de julho, como em 31 de julho de todos os anos, Louis Peyton voltou a Hump"s Point em seu aerocarro não-gravitacional e entregou uma ordem no magazine geral de Hump"s Point para o suprimento de que precisaria no próximo mês. Não havia nada de extraordinário na ordem. Era virtualmente a duplicata de outras ordens anteriores.

MacIntyre, gerente da loja, conferiu gravemente a lista, endereçou-a ao Armazém Central, Distrito da Montanha, em Denver, e tudo isto lhe chegou às mãos, em uma hora, pelo raio transferidor de massas. Peyton carregou seu aerocarro com os suprimentos, ajudado por MacIntyre, deixou a gorjeta habitual de dez dólares e voltou para casa.

A 1° de agosto, às 12 h l m, o campo de força que cercava sua propriedade foi colocado em toda a potência e Peyton ficou isolado.

E agora o esquema mudara. Deliberadamente, havia separado oito dias para si. Nesse tempo, destruiu vagarosa e meticulosamente a quantidade de suprimentos suficiente ao gasto de todo o mês de agosto. Usou os quartos de limpeza que serviam à casa como uma unidade para guardar o lixo. Eram de um modelo avançado capaz de

reduzir todas as substâncias, incluindo metais e silicatos, a uma poeira molecular impalpável e indetectável. O excesso de energia formado no processo era descarregado numa fonte da montanha que passava pela sua propriedade. Revelava cinco graus a mais de temperatura do que o normal por semana.

A 9 de agosto, seu aerocarro levou-o a um ponto em Wvoming, onde Albert Cornwell e uma espaçonave o esperavam. A própria espaçonave era um ponto fraco, naturalmente, pois havia homens que a venderam, homens que a transportaram e ajudaram a prepará-la para o vôo. Todos estes homens só chegavam até Cornwell, e Cornwell, Peyton pensou - com um ligeiro sorriso nos lábios frios - teria um fim mortal. Um fim bem mortal.

A 10 de agosto, a espaçonave, com Peyton nos controles e Cornwell - e seu mapa - como passageiro, deixou a superfície da Terra. Seu campo não-gravitacional era excelente.

A toda força, o peso da nave era reduzido a menos de 30 gramas. As micropilhas forneciam energia eficiente e sem ruído; e, sem chamas nem sons, a nave subiu na atmosfera, reduziu-se a um ponto e sumiu.

Era muito pouco provável que tivesse havido testemunhas do vôo, ou que nestes frágeis e escassos tempos de paz houvesse um radar como em dias passados. De fato, não havia nenhum.

Dois dias no espaço; duas semanas agora na Lua. Quase instintivamente, Peyton havia previsto estas duas semanas desde o começo. Não tinha ilusões quanto ao valor dos mapas feitos em casa por cartografos amadores. Podiam ser úteis para o próprio desenhista, que tinha o auxílio da memória. Para um estranho, não representavam mais do que um criptograma.

Cornwell mostrou a Peyton o mapa, pela primeira vez, apenas depois da decolagem. Ele sorriu obsequiosamente.

- Afinal, senhor, este era o meu único trunfo.

- Você conferiu isto com as cartas lunares ?

- Eu mal saberia como, Sr. Peyton. Dependo do senhor.

Peyton encarou-o friamente, enquanto devolvia o mapa. A única coisa certa nele era a Cratera Tycho, o local da Cidade Luna sepultada,.

Num caso ao menos, a astronomia estava a favor deles. Ticho estava no lado iluminado da Lua no momento. Isto significava que as naves patrulheiras dificilmente estariam fora, e eles mesmos também dificilmente seriam observados.

Peyton baixou a nave, arriscadamente, numa rápida alunissagem não-gravitacional, dentro da escuridão fria e segura da sombra interior da cratera. O Sol tinha passado pelo zênite e a sombra não diminuíra.

Cornwell fez uma careta.

- Caro Sr. Peyton, nós mal podemos fazer explorações no dia lunar.

- O dia lunar não dura sempre - retrucou Peyton rispidamente. - Há ainda cerca de cem horas de Sol. Podemos usar este tempo para nos aclimatar e decifrar o mapa.

A resposta veio logo, mas no plural. Peyton estudou as cartas lunares uma após outra, tomando medidas meticulosas, e tentando encontrar o desenho das crateras apresentado no rabisco feito em casa, que era a chave do quê?

Finalmente, Peyton disse:

- A cratera que queremos poderia ser uma das três: GC-3 GC-5 ou MT-10.

- Que faremos, Sr. Peyton? - perguntou Cornwell inquieto.

- Tentaremos todas, respondeu Peyton - começando pela mais próxima.

O terminador passou e eles ficaram na sombra da noite. Depois disto, passavam períodos cada vez maiores na superfície lunar, acostumando-se ao silêncio eterno e à escuridão, ao brilho áspero das estrelas, ao clarão de luz que era a Terra debruçada sobre a borda da cratera. Eles deixavam pegadas fundas e disformes na poeira seca, que não se movia nem mudava. Peyton notou-as antes quando saíram da cratera para a luz abundante da Terra convexa. Isto foi no oitavo dia, após a chegada à Lua.

O frio lunar limitou-lhes o tempo que podiam permanecer fora da nave em qualquer momento. Entretanto, conseguiram aumentálo cada dia que passava. No décimo primeiro

dia após a chegada, eliminaram a GC-5 como a cratera que podia conter os Sinos Sonoros.

No décimo quinto dia, o sangue frio de Peyton ficou quente de desespero. Teria que ser a GC-3. A MT-10 era muito longe. Não teriam tempo para alcançá-la e explorá-la e ainda voltar à Terra por volta de 31 de agosto.

No mesmo décimo quinto dia, entretanto, o desespero desaparecera para sempre quando descobriram os Sinos.

Não eram bonitos: simples massas irregulares de rocha acinzentada, do tamanho de um pulso, cheias de vácuo e com peso de pluma na gravidade lunar. Havia duas dúzias deles, e cada um, - após bom polimento, podia ser vendido por cem mil dólares, no mínimo.

Cuidadosamente, carregaram os Sinos para a nave, colocaramnos bem mais no alto e voltaram para buscar mais. Três vezes fizeram o trajeto, que os teria esgotado na Terra, mas que, com a gravidade liliputiana da Lua, dificilmente constituiria uma barreira.

Cornwell passou o último Sino para Peyton, que os colocara cuidadosamente dentro da comporta exterior.

- Mantenha-os afastado, Sr. Peyton, - disse, com a voz soando asperamente no ouvido do outro. - Já Vou subir.

Agachou-se para o pulo lento e alto contra a gravidade lunar, olhou para cima e gelou de pânico. O rosto, claramente visível através da viseira firmemente fixada no capacete, gelou com uma última careta de terror.

- Não, Sr. Peyton. Não faça...

O pulso de Peyton esticou-se com o punho da arma que ele segurava. Fez fogo. Houve um clarão insuportavelmente brilhante e Cornwell era um fragmento morto de homem, estendido entre os restos da roupa espacial e salpicado de sangue gelado.

Peyton parou para olhar sombriamente para o homem morto, mas apenas por um segundo. Depois transferiu o último dos Sinos para os recipientes preparados, tirou a roupa, ativou primeiramente o campo não-gravitacional e depois as micropilhas, e, potencialmente um ou dois milhões de vezes mais rico do que ele era duas semanas atrás, começou a viagem de volta para a Terra.

A 29 de agosto, a nave de Peyton desceu silenciosamente, em marcha à ré, no

ponto, em Wvoming, de onde ele partira a 10 de agosto. O cuidado com que Peyton escolhera o lugar não era excessivo. Seu aerocarro ainda estava lá, enfiado e protegido por uma fenda do terreno rochoso e tortuoso.

Levou os Sinos Sonoros ainda uma vez, em seus recipientes, ao recesso mais profundo da fenda, cobrindo-os, disfarçadamente, com terra. Voltou à nave ainda uma vez para arrumar os controles e fazer os últimos ajustamentos. Saiu outra vez, e dois minutos depois os automáticos da nave dispararam.

Acelerando silenciosamente, a nave dirigiu-se para cima e subiu desviando-se um pouco para oeste, segundo a rotação da Terra sob ela. Peyton observava, protegendo os olhos contraídos, e sua última visão foi a de um pálido clarão e um ponto de nuvem no céu azul.

Os lábios de Peyton crisparam-se num sorriso. Havia julgado certo. com a inutilização das hastes de segurança de cádmio, as micropilhas ultrapassaram o nível de segurança da unidade de sustentação e a nave desapareceu no calor da explosão nuclear que se seguiu.

Vinte minutos após, estava de volta em sua propriedade. Sentia-se cansado e os músculos doíam devido à gravidade da Terra. Dormiu bem.

Doze horas após, de manhã cedinho, a polícia chegou.

O homem que abriu a porta colocou as mãos cruzadas sobre a barriga e, sorrindo, curvou-se em saudações duas ou três vezes. O homem que entrou, H. Seton Davenport, do Serviço Terrestre de Investigação, olhou em volta, pouco à vontade.

O quarto em que entrara era grande e estava quase na escuridão, com apenas uma luz brilhante focalizando uma combinação de poltrona com escrivaninha. Fileiras de microfilmes cobriam as paredes. Uma suspensão de cartas galácticas ocupava um dos cantos do quarto e uma lente galáctica brilhava suavemente numa prateleira em outro canto.

- O senhor é o Dr. Wendell Urth? - perguntou Davenport, num tom que insinuava dificuldade em acreditá-lo.

Davenport era um homem troncudo, de cabelos negros, nariz fino e proeminente, com cicatriz em forma de estrela numa das faces, que marcava permanentemente o lugar em que um chicote neurônico o atingira uma vez em golpe certeiro.

- Sou - disse o Dr. Urth em voz fina de tenor. - E o senhor é o Inspetor Davenport.

O inspetor apresentou as credenciais:

- A Universidade recomendou-me o senhor como um extraterrologista.

- Foi isto que o senhor disse quando me chamou há meia hora atrás - disse Urth acolhedor. As feições eram magras, o nariz um botão teimoso, e sobre os olhos, um tanto protuberantes, óculos bem grossos.

- Irei direto ao assunto, Dr. Urth. Presumo que o senhor visitou a Lua...

O Dr. Urth, que retirara uma garrafa contendo um líquido rubro e dois copos, um pouco sujos de poeira, detrás de uma pilha de livro-filmes, disse com repentina rispidez:

- Eu nunca visitei a Lua, Inspetor. Nem pretendo! A viagem espacial é uma tolice. Não acredito nela.

Depois, em tom mais suave:

- Sente-se, senhor, sente-se. Tome um gole.

O Inspetor Davenport fez o que ele pedia e disse:

- Mas o senhor é um...

- Extraterrologista. Sim. Sou interessado em outros mundos, mas isto não quer dizer que tenho de ir até lá. Meu Deus, não tenho de ser um viajante no tempo para ser qualificado como historiador, tenho?

Sentou-se, e um grande sorriso marcou-lhe o rosto redondo, ainda uma vez, quando disse:

- Agora, diga-me em que está pensando.

- Eu vim, - disse o Inspetor, franzindo as sobrancelhas - para consultá-lo num caso de assassinato.

- Assassinato? Que tenho a ver com assassinato?

- Este assassinato, Dr. Urth, foi na Lua.

- Espantoso.

- É mais do que espantoso. É sem precedentes, Dr. Urth. Após 50 anos, em que o Domínio Lunar foi estabelecido, explodiram naves e romperam-se roupas espaciais. Morreram homens fervendo do lado do Sol, gelados do lado da sombra e sufocados nos dois lados. Houve mesmo mortes devido a quedas que, considerando a gravidade lunar, parecem truques. Mas, durante todo este tempo, nem um homem foi morto na Lua como resultado da violência deliberada de um outro homem - até agora.

- Como foi? - disse o Dr. Urth.

- Um disparo. As autoridades estavam no local, à mesma hora, por um conjunto fortuito de circunstâncias. Uma nave patruIheira observou um clarão na superfície da Lua. O senhor sabe como se pode ver de longe um clarão no lado da noite. O piloto notificou a Cidade Luna e pousou. No processo da descida circular, ele jura ter conseguido ver à luz da Terra algo que parecia ser uma nave decolando. Após a alunissagem, descobriu um corpo queimado e pegadas.

- O clarão, - disse o Dr. Urth - o senhor supõe ser o fogo do disparo.

- É certo. O corpo estava fresco. Porções interiores do corpo ainda não tinham congelado. As pegadas pertenciam a duas pessoas. Medidas cuidadosas revelaram que as depressões pertenciam a dois grupos de diâmetros um tanto diferentes, indicando botas espaciais de tamanhos diversos. Em geral, dirigiam-se para as crateras

GC-3 e GC-5, um par de...

- Estou familiarizado com o código oficial para nomear as crateras lunares - falou o Dr. Urth alegremente.

- Hum. De qualquer forma, a GC-3 continha pegadas que levavam a uma brecha na parede da cratera, onde foram encontradas raspas de pedra-pomes endurecida. A difração aos raios X, de amostras, revelou...

- Sinos Sonoros - interrompeu o extraterrologista com grande excitação. - Não me diga que este seu assassinato envolve Sinos Sonoros!

- E se envolver? - perguntou Davenport fracamente.

- Eu tenho um. Uma expedição da Universidade o descobriu e presenteou-me com ele em troca de... Venha, inspetor, preciso mostrá-lo ao senhor.

O Dr. Urth deu um salto e, resmungando pelo quarto, acenou para que o outro o seguisse. Davenport, aborrecido, o seguiu.

Entraram em um segundo quarto, maior do que o primeiro, mais sombrio e em muito maior desordem. Davenport olhou espantado para a massa heterogênea de materiais que estavam empilhados sem nenhuma pretensa organização.

Percebeu um pequeno pedaço de "vidro azul" de Marte, o tipo de coisa que alguns românticos consideravam como um artefato de marcianos há muito tempo extintos, um pequeno meteorito, um modelo de espaçonave antiga, uma garrafa vazia arrolhada com uma etiqueta rabiscada: "atmosfera venusiana".

O Dr. Urth disse alegremente:

- Fiz um museu em toda a minha casa. É uma das vantagens de ser solteirão. Naturalmente, não tenho as coisas muito organizadas. Algum dia, quando eu tiver uma semana de folga ou mais...

Por um instante, olhou em volta, confuso; então, lembrando-se, afastou uma carta com o esquema evolutivo de desenvolvimento dos invertebrados marinhos que eram as formas de vida mais adiantadas do Planeta de Barnard, e disse:

- Aqui está ele. Temo que esteja avariado.

O Sino mantinha-se suspenso por um fio fino, nele soldado delicadamente. Era óbvio que estava avariado. Tinha uma linha dividindo-o pela metade e fazendo-o parecer dois pequenos globos ligados firmemente, mas com imperfeição. Apesar disso, fora polido belamente, até atingir um brilho escuro, levemente acinzentado, macio como veludo e ligeiramente marcado de poros, de tal modo que os laboratórios, em seus esforços inúteis para preparar Sinos sintéticos, acharam impossível duplicá-los.

- Experimentei muito antes de encontrar um badalo decente - explicou o Dr. Urth. - Um Sino avariado é temperamental. Mas com osso funciona. Eu tenho um aqui - e mostrou algo que parecia uma colherinha grossa feita de uma substância branco-acinzentada - que fiz com o fêmur de um boi. Ouça.

Com delicadeza surpreendente, seus dedos gordos manobraram o Sino, tateando em busca do melhor ponto. Ajustou-o, fixando-o delicadamente. Então, deixando o Sino balançar livremente, abaixou a ponta grossa da colher de osso e bateu suavemente no Sino.

Foi como se um milhão de harpas soassem a uma milha de distância. Cresceu, decaiu e voltou. Não vinha de nenhuma direção particular. Soava dentro da cabeça, inacreditavelmente doce e patético, e trêmulo ao mesmo tempo.

Morreu lentamente, e os dois homens permaneceram silenciosos durante todo um minuto.

- Nada mau, hem? - disse o Dr. Urth, que, dando um piparote, fez o Sino balançar no fio.

Davenport moveu-se impacientemente.

- Cuidado! Não o quebre. - A fragilidade de um bom Sino Sonoro era proverbial.

- Os geologistas - continuou o Dr. Urth - dizem que os Sinos são apenas pedra-pomes altamente pressurizadas, envolvendo um vácuo no qual pequenas migalhas de rocha vagam livremente. Isto é o que eles dizem. Mas, se isso é tudo que ele é, por que não podemos reproduzi-lo? Agora, um

Sino sem avarias faria este soar como uma harmônica de criança.

- Exatamente, - afirmou Davenport - e não há uma dúzia de pessoas na Terra que possuam um sem avaria, e uma centena de pessoas e de instituições compraria um por qualquer preço sem indagações. Um suprimento de Sinos valeria bem um assassinato.

O extraterrologista virou-se para Davenport e recolocou os óculos sobre o nariz inconseqüente com um dedo indicador grosso e curto.

- Não esqueci seu caso de assassinato. Por favor, continue.

- Posso fazê-lo com uma frase. Conheço a identidade do assassino.

Haviam voltado para as cadeiras na biblioteca e o Dr. Urth cruzou as mãos sobre o amplo abdome...

- Sim? Então, certamente, o senhor não tem problemas, inspetor.

- Saber e provar não são a mesma coisa, Dr. Urth. Infelizmente, ele não tem nenhum álibi.

- O senhor quer dizer infelizmente ele tem, não é?

- Quero dizer o que disse mesmo. Se ele tivesse um álibi, eu poderia destruí-lo de algum modo, porque seria falso. Se houvesse testemunhas que afirmassem tê-lo visto na Terra no momento do assassinato, tais histórias poderiam ser demolidas. Se ele tivesse prova documental, poder-se-ia demonstrar que era uma falsificação ou algum tipo de trapaça. Infelizmente, ele não tem nada disso.

- O que é que ele tem?

Cuidadosamente, o Inspetor Davenport descreveu a situação de Peyton no Colorado, e concluiu:

- Ele passou todos os agostos lá, no mais estrito isolamento. Até mesmo o STI teria que o comprovar. Qualquer júri seria obrigado a supor que ele estava em sua propriedade também neste agosto, a menos que pudéssemos apresentar provas decisivas de que ele estava na Lua.

- O que o faz pensar que ele estava na Lua? Talvez seja inocente.

- Não! - Davenport foi quase violento. - Durante quinze anos, tentei reunir provas suficientes contra ele e nunca consegui. Mas, eu farejo um crime de Peyton agora.

Asseguro que ninguém, a não ser Peyton, ninguém na Terra, teria tal atrevimento ou, ainda, contatos para tentar distribuir Sinos Sonoros contrabandeados. Sabe-se que ele é um perito da pilotagem espacial e que teria tido contato com o homem assassinado, embora não o tenha tido comprovadamente nestes últimos meses. Infelizmente, nada disto é prova.

- Não seria simples usar a psicoprova, agora que seu uso foi legalizado ? - interrogou o Dr. Urth.

Davenport franziu a testa, e a cicatriz da face ficou lívida.

- O senhor já leu a lei de Konski-Haikawa, Dr. Urth?

- Não.

- Creio que ninguém leu. O direito ao resguardo da individualidade mental, diz o governo, é fundamental. Muito bem, mas o que é que isto acarreta? O homem que for psicoprovado, e provar sua inocência no crime pelo qual foi psicoprovado, tem o direito a toda compensação que conseguir obter do tribunal. Num caso recente, um caixa de banco

recebeu 25 mil dólares por ter sido psicoprovado numa suspeita inadequada de roubo. Parece que a evidência circunstancial, que parecia indicar o roubo, na verdade mostrava um pequeno caso de adultério. Sua reclamação de que perdera o emprego, de que fora ameaçado pelo marido em foco e mantido sob ameaça e, finalmente, caíra em ridículo e fora injuriado porque um jornalista descobrira os resultados da psicoprova funcionara bem na corte.

- Compreendo a situação do homem.

- Também todos nós. Aí está o problema. Um outro item ainda deve ser lembrado: qualquer homem que for psicoprovado uma vez, por qualquer razão, nunca mais poderá ser psicoprovado, seja lá como for. Nenhum homem, diz a lei, será colocado em risco mental duas vezes em toda a vida.

- Inconveniente.

- Exatamente. Nos dois anos, desde que a psicoprova foi legitimada, eu não poderia contar o número de escroques e trapaceiros que tentaram ser psicoprovados por bater carteiras, para que pudessem fazer extorsões seguramente depois. Como o senhor vê, o Departamento não permitirá que Peyton seja psicoprovado até que tenham prova clara de sua culpa. Talvez não prova legal, mas suficientemente forte para convencer meu patrão. O pior de tudo, Dr. Urth, é que, se formos ao tribunal sem registro da psicoprova, não podemos ganhar. Em caso tão sério, como o de assassinato, não ter usado a psicoprova é sinal bastante, para o jurado mais estúpido, de que a acusação não está segura em seu campo.

- Agora, o que é que o senhor quer de mim?

- Prova de que ele esteve na Lua algum dia em agosto. Tem que ser feita rapidamente. Não posso mantê-lo sob suspeita muito mais tempo. E, se a notícia do assassinato aparecer, a imprensa mundial explodirá, como um asteróide rompendo a atmosfera de Júpiter. Um crime fascinante, o senhor sabe - o primeiro assassinato na Lua.

- Exatamente, quando foi cometido o assassinato? - perguntou Urth, numa súbita mudança para ativar o inquérito.

- A 27 de agosto.

- E a prisão foi feita quando ?

- Ontem, 30 de agosto.

- Então, se Peyton fosse o assassino, teria tido tempo para retornar à Terra.

Simplesmente. Muito simplesmente. - Os lábios de Davenport apertaram-se. - Se eu tivesse chegado um dia antes... Se eu tivesse encontrado a casa vazia...

- E quanto tempo o senhor supõe que os dois, o homem assassinado e o assassino, estiveram na Lua juntos?

- A julgar pelo solo coberto de pegadas, certo número de dias. Uma semana, no mínimo.

- A nave que eles usaram foi localizada?

- Não, e provavelmente nunca o será. Há dez horas atrás, a Universidade de Denver registrou um aumento de radioatividade ambiente, que começou anteontem, às 18 horas, e permaneceu durante algumas horas. É coisa simples, Dr. Urth, preparar os controles de uma nave para fazê-la disparar sem tripulação e explodir, a 50 milhas de altura, numa

redução de micropilha.

- Se eu fosse Peyton, - disse o Dr. Urth pens ativamente - - teria matado o homem dentro da nave e explodido a nave e o corpo juntos.

- O senhor não conhece Peyton - retrucou Davenport temerosamente. - Ele goza suas vitórias contra a lei. Ele as valoriza. Deixar o cadáver na Lua é o seu desafio para nós.

- Compreendo. - O Dr. Urth acariciou o estômago num movimento rotativo e acrescentou: - Bem, há uma chance.

- De que o senhor será capaz de provar que ele estava na Lua?

- De que eu serei capaz de lhe dar minha opinião.

- Agora?

- Quanto mais cedo melhor. Se, naturalmente, eu tiver uma chance de entrevistar o Sr. Peyton.

- Isto pode ser arranjado. Tenho um jato não-gravitacional esperando. Poderemos estar em Washington em 20 minutos.

Mas um olhar da mais profunda agitação encobriu o rosto rechonchudo do extraterrologista. Pôs-se de pé e fugiu do agente do STI para o canto mais escuro do quarto em desordem.

- Não!

- Há algo de errado, Dr. Urth?

- Eu não usarei um jato não-gravitacional. Não acredito neles.

Davenport olhou confundido para o Dr. Urth e gaguejou:

- O senhor prefere um monotrilho ?

- Desconfio de todos os tipos de transporte. Não acredito neles. Exceto o andar a pé. Não me importo de andar. - Ficou aflito repentinamente. - O senhor não poderia trazer o Sr. Peyton para esta cidade, para algum lugar em que se pudesse ir a pé? Para City Hall, talvez. Eu sempre Vou até City Hall.

Davenport andava desconcertado pelo quarto. Olhou para a miríade de volumes de estudos sobre os anos-luz. Enxergava através da porta o quarto inferior, com as amostras dos mundos além do céu. Olhou para o Dr. Urth, pálido ao pensar no jato não gravitacional, e encolheu os ombros.

- Trarei Peyton aqui. Aqui, neste quarto. O senhor ficará satisfeito?

O Dr. Urth deu um suspiro fundo.

- Muito.

- Espero que o consiga, Dr. Urth.

- Farei todo o possível, Sr. Davenport.

Louis Peyton olhava com desgosto à sua volta e com desprezo para o homem gordo que sacudia a cabeça cumprimentando-o. Olhou de soslaio para a cadeira que lhe ofereceram e limpou-a antes de se sentar. Davenport tomou um assento perto dele, com o coldre bem à mostra.

O homem gordo sorria quando se sentou e acariciou o largo abdome como se tivesse terminado uma boa refeição e pretendesse que todo mundo o soubesse.

- Boa noite, Sr. Peyton. Sou o Dr. Wendell Urth, extraterrologista.

Peyton olhou para ele outra vez:

- E o que é que o senhor quer comigo?

- Quero saber se o senhor esteve na Lua em algum dia do mês de agosto.

- Não estive.

- Entretanto, nenhum homem o viu na Terra entre os dias 1° e 30 de agosto.

- Eu levava minha vida normal em agosto. Nunca sou visto durante este mês. Deixe que ele lhe conte. - E balançou a cabeça em direção de Davenport.

O Dr. Urth sorriu entredentes.

- Seria bom se pudéssemos testar este assunto. Se houvesse, pelos menos, algum modo físico pelo qual conseguíssemos diferençar a Lua da Terra. Se, por exemplo, pudéssemos analisar a poeira no cabelo dele e dizer. "Ah! rocha da Lua." Infelizmente não podemos. A rocha da Lua é praticamente a mesma que a da Terra. Mesmo que não fosse, não haveria nenhuma em seu cabelo, a menos que o senhor tivesse andado na superfície lunar sem roupa espacial, o que é impossível.

Peyton permaneceu impassível.

O Dr. Urth continuou, sorrindo benevolentemente, levantando a mão para endireitar os óculos pousados precariamente sobre a ponta do nariz.

- Um homem viajando no espaço ou na Lua respira o ar da Terra, come a comida da Terra. Ele leva o envolvimento da Terra junto de sua pele, quer esteja na nave ou em sua roupa espacial. Estamos procurando um homem que passou dois dias no espaço a caminho da Lua, esteve pelo menos uma semana na Lua, e levou dois dias para voltar. Em todo esse tempo, levou a Terra junto de sua pele, o que dificulta muito.

- Sugiro - afirmou Peyton - que o senhor pode torná-lo menos difícil se me soltar e procurar o verdadeiro assassino.

- Poderemos chegar a isso - disse Urth. - O senhor já viu algo igual a isto? - A mão dele abriu caminho na desordem do chão, ao lado de sua cadeira, e apanhou uma

esfera acinzentada que emitia um brilho mortiço.

Peyton sorriu.

- Parece-me um Sino Sonoro.

- É um Sino Sonoro. O assassinato foi cometido por causa de Sinos Sonoros. O que é que o senhor acha deste aqui?

- Acho que está muito avariado.

- Ah, mas examine-o! - exclamou o Dr. Urth, e, com um rápido movimento de mão, atirou-o para Peyton, da distância de dois metros.

Davenport gritou e quase se levantou de sua cadeira. Peyton ergueu os braços com esforço, mas tão rapidamente que conseguiu pegar o Sino.

- Seu louco! Não o jogue mais desse jeito - disse Peyton.

- O senhor respeita os Sinos Sonoros, não?

- Demais para quebrá-los. Isto, ao menos, não é crime. Peyton bateu suavemente no Sino, levou-o, então, até o ouvido e balançou-o lentamente, escutando os estalos suaves dos Lunolitos, aquelas pequenas partículas de pedra-pomes, à medida que se agitavam no vácuo.

Depois, levantando o Sino pelo fio de aço que ainda o amarrava, passou a unha do

polegar sobre a superfície com um movimento curvo e experiente. Ele zuniu. A nota era bastante branda, parecendo-se muito com uma flauta, mantendo um ligeiro vibrato que morreu lentamente, sugerindo quadros de um crepúsculo de verão.

Por um rápido momento, os três homens mergulharam no som.

- Largue-o, Sr. Peyton. Atire-o aqui! - exclamou o Dr. Urth estendendo a mão em gesto peremptório.

Automaticamente, Louis Peyton atirou o Sino, que cruzou um terço do pequeno arco que ia até a mão estendida do Dr. Urth, tombou e despedaçou-se no chão num suspiro dorido e dissonante.

Davenport e Peyton olharam para os cacos acinzentados, emudecidos igualmente, e a voz calma do Dr. Urth vibrou quase imperceptível, quando disse:

- Quando o esconderijo de Sinos brutos do criminoso for localizado, pedirei, para mim, um sem avaria e devidamente polido, como substituição e pagamento.

- Pagamento? De quê? - perguntou Davenport com irritação.

- Certamente, a questão é óbvia, agora. Apesar do meu pequeno discurso um momento atrás, há uma parte do envolvimento da Terra que nenhum viajante do espaço carrega com ele, e é a gravidade da superfície da Terra. O fato de que o Sr. Peyton se enganou tão grosseiramente quanto à queda de um objeto que ele claramente valorizava tanto, só podia significar que seus músculos ainda não estão ajustados ao peso da gravidade terrestre. É a minha opinião profissional, Sr. Davenport, que seu prisioneiro esteve, nos últimos dias, fora da Terra. Ele esteve no espaço ou em algum objeto planetário consideravelmente menor em tamanho do que a Terra - como, por exemplo, a Lua.

Davenport ficou de pé, triunfalmente.

- Deixe-me ter sua opinião por escrito, - disse, com a mão na arma - e isso será suficiente para que eu consiga permissão para usar uma psicoprova.

Louis Peyton, confundido e sem resistência, tinha apenas a certeza reduzida de que qualquer testamento que fizesse agora teria que incluir o fato da falha última.

POSFÁCIO

Minhas histórias geralmente provocam cartas de meus leitores - normalmente cartas muito agradáveis, mesmo quando precisam elucidar algum ponto embaraçoso. Depois que esta história foi publicada, por exemplo, recebi uma carta de um jovem que disse que fora inspirado pelo raciocínio do Dr. Urth para verificar o problema de que diferenças de peso afetariam realmente a maneira pela qual um objeto é lançado. Afinal, fazia disso um projeto científico.

Preparou objetos, todos com o mesmo tamanho e aparência, mas com pesos diferentes, e fez com que as pessoas os lançassem, sem dizer quais eram os pesados e quais os leves. Verificou que todos os objetos eram atirados quase com a mesma precisão.

Isto me preocupou um pouco, mas decidi que as descobertas do jovem não eram

aplicáveis estritamente. Simplesmente, ao segurar um objeto em preparação para lançá-lo, uma pessoa avalia - bem inconscientemente - o peso e ajusta um esforço muscular correspondente, desde que esta pessoa esteja acostumada à intensidade do campo gravitacional dentro do qual está operando.

Os astronautas em seus vôos estão geralmente amarrados e não funcionam dentro de baixa gravidade, com exceção de pequenos "passeios no espaço". Aparentemente, esses passeios revelaram-se surpreendentemente cansativos, de modo que pareceria que uma mudança na gravidade requer aclimatação considerável. E um retorno à gravidade terrestre, após tal aclimatação, exigiria considerável reaclimatação.

Assim, - pelo menos, por agora - permaneço de acordo com o Dr. Urth.

PREFÁCIO

Esta próxima história não é, no sentido estrito da palavra, um mistério de ficção científica, embora eu a inclua aqui. A razão é que a ciência está rigorosa e intimamente envolvida no mistério, e eu hesitei em bani-la pela sua não-inclusão, meramente porque a ciência trata mais do presente do que do futuro.

O QUE HÁ NUM NOME?

Se você acha que é difícil conseguir cianeto de potássio, pense outra vez. Eu fiquei ali com uma garrafa de pó na mão. Vidro marrom, uma etiqueta bem clara: "Cianeto de potássio - QP" (as iniciais, disseram-me, significavam "quimicamente puro"), com uma pequena caveira e ossos cruzados embaixo.

O sujeito que tinha a garrafa limpou os óculos e piscou os olhos para mim. Era o Professor Associado Helmut Rodney, da Universidade Carmody. Tinha média altura, era troncudo, queixo delicado, lábios grossos, barriga proeminente, um chumaço de cabelos castanhos, e um olhar de completa indiferença para o fato de que eu estava segurando nas mãos veneno bastante para matar um regimento.

- O senhor quer dizer que isto fica aí em sua prateleira, professor?

Ele falou em tom estudado, que provavelmente usava nas conferências para seus alunos:

- Sim, sempre ficou, Inspetor. Junto com o resto dos produtos químicos, em ordem alfabética.

Olhei em volta do quarto em desordem. Prateleiras alinhadas no alto de todas as paredes, e garrafas, grandes e pequenas, enchiam-nas todas.

- Êsíe - apontei - é veneno.

- Muitos deles o são - disse com calma.

- O senhor tem marcado tudo o que está aí?

- De modo geral. - Esfregou o queixo. - Eu sei que tenho esta garrafa.

- Mas suponha que alguém entre aqui e se sirva de uma colherada desta matéria. Você o revelaria ?

O Professor Rodney balançou a cabeça.

- Naturalmente, não.

- Bem, então, quem poderia entrar neste laboratório? Ele mantém-se fechado a chave?

- É fechado quando eu parto de noite, a não ser que eu esqueça. Durante o dia, não, e eu saio e entro.

- Em outras palavras, professor, qualquer um poderia entrar aqui, mesmo alguém da rua, sair andando com um pouco de cianeto, e ninguém o saberia.

- Temo que sim.

- Diga-me, professor, por que o senhor guarda tanto cianeto neste lugar? Para matar ratos?

- Meu Deus, não! - Pareceu levemente repelir tal idéia. - O cianeto é, algumas vezes, usado em reações orgânicas para formar intermediários necessários, para produzir um meio básico conveniente, para catalisar...

- Sei, sei. Mas em que outros laboratórios o cianeto é considerado desse modo?

- Na maioria deles - respondeu imediatamente. - Mesmo nos laboratórios de estudantes. Afinal, é um produto químico comum, usado rotineiramente nas sínteses.

- Eu não lhe chamaria, hoje em dia, rotineiro. - Suspirou. - Não, suponho que não. - Acrescentou pensativamente: - costumavam chamá-las "Gêmeas da Biblioteca".

Balancei a cabeça. Notei a razão do apelido. As duas jovens bibliotecárias eram muito parecidas.

Não totalmente, é claro. Uma tinha pequeno queixo pontudo em rosto redondo, e a outra o maxilar quadrado e o nariz comprido. Entretanto, com a cabeça inclinada sobre a mesa, ambas tinham cabelos cor de mel, repartidos ao meio, com ondulado semelhante. Olhando-as rapidamente no rosto, provavelmente se notariam logo grandes olhos abertos, mais ou menos do mesmo torn de azul. Vendo-as juntas, a unia certa distância, reparava-se que eram da mesma altura e, provavelmente, com a mesma marca e o mesmo tamanho de porta-seios. Ambas tinham cintura fina e pernas elegantes. Hoje até se vestiram de modo parecido. Estavam ambas de azul.

Entretanto, agora já não havia confusão entre as duas. A que tinha o queixo pequeno e rosto redondo estava cheia de cianeto e bem morta.

A semelhança foi a primeira coisa que me impressionou quando cheguei com meu companheiro, Ed Hathaway. Havia uma jovem caída na cadeira e morta, com os olhos abertos, um braço pendurado e uma xícara de chá quebrada no chão embaixo como um ponto de exclamação. O nome, revelou-se, era Louella-Marie Busch. Havia uma segunda jovem, parecida com a primeira, trazida à vida, branca e trêmula, olhando fixamente para a frente, deixando a polícia e seus trabalhos desenvolverem-se em torno dela sem parecer notálos. O nome era Susan Morey.

A primeira pergunta que fiz foi:

- Parentes?

Não eram. Nem mesmo primas em segundo grau.

Olhei em volta da biblioteca. Havia prateleiras cheias de livros com encadernações semelhantes, depois mais prateleiras com livros em outro conjunto de encadernação.

Havia volumes de periódicos de pesquisas diferentes. Em outro quarto, viam-se montes, que descobri, mais tarde, serem de manuais, monografias e livros velhos. Atrás, havia uma alcova especial contendo números recentes de periódicos de pesquisas fechados, encapados em papel impresso escuro. De parede a parede, havia mesas longas que podiam dar lugar a uma centena de pessoas, quando totalmente ocupadas. Felizmente, não era esse o caso.

Conseguimos a história através de Susan Morey, em partes desconexas.

A Sra. Nettler, a velha Bibliotecária-Chefe, havia saído à tarde e deixara as duas

jovens tomando conta. Isto, aparentemente, não era raro.

Às duas horas, mais cinco minutos ou menos, Louella-Marie foi para o quarto dos fundos atrás da mesa da biblioteca. Lá, além de livros novos que aguardavam catalogação, montes de periódicos por encadernar, livros reservados que aguardavam seus reservadores, havia também um prato quente, uma pequena chaleira e preparativos para um chá fraco.

O chá das duas horas era aparentemente normal também.

- Louella-Marie preparava o chá todos os dias ? - perguntei. Susan olhou para mim com seus olhos azuis vazios.

- Algumas vezes, a Sra. Nettler o fazia, mas, normalmente, era Lou...Louella-Marie.

Quando o chá ficou pronto, Louella-Marie apareceu para avisá-lo e, após alguns instantes, as duas saíram.

- As duas? - perguntei rispidamente. - Quem tomou conta da biblioteca?

Susan levantou os ombros, como se aquilo fosse um ponto menor de preocupação, e disse:

- Podemos ver do lado de fora da porta. Se alguém viesse até a mesa, uma de nós apareceria.

- Alguém veio até a mesa?

- Ninguém. É a in terces são. Dificilmente há alguém por perto.

Intercessão para ela queria dizer que o semestre da primavera terminara e as sessões de verão ainda não haviam começado. Aprendi muito sobre a vida escolar naquele dia.

O que restava da história era muito pouco. Os pacotes de chá já estavam fora das xícaras ligeiramente fumegantes e o açúcar fora posto.

- Vocês duas tomam chá com açúcar ? - interrompi.

- Sim. Mas na minha não havia nenhum - respondeu Susan lentamente.

- Não?

- Ela nunca o havia esquecido. Ela sabe que eu o tomo. Eu acabo de tomar um gole ou dois e ia buscar o açúcar e dizer-lhe, sabe, quando...

Quando Louella-Marie deu um estranho grito estrangulado, derrubou a xícara e caiu morta em um minuto.

Depois disso, Susan gritou e, eventualmente, nós chegamos.

A rotina desenvolveu-se com bastante regularidade. Tiraram-se fotografias e impressões digitais. Os nomes e endereços dos homens e das mulheres no edifício foram anotados, e mandaram-nos para casa. A causa da morte foi obviamente cianeto e o açucareiro era o vilão óbvio. Recolheram-se amostras para os testes oficiais.

Seis homens tinham estado na biblioteca no momento do assassinato. Cinco eram estudantes, que pareciam amedrontados, confusos ou nauseados, dependendo, suponho, de suas personalidades. O sexto era um homem de meia-idade, um estranho, que falava com sotaque germânico e não tinha nenhuma ligação com a Faculdade. Ele parecia amedrontado; confusos e nauseados, os três.

Meu colaborador, Hathaway, estava a levá-los para fora da biblioteca. A idéia era conduzi-los ao Salão Co-educacional, e mantê-los lá, até que pudéssemos tratá-los

detalhadamente.

Um dos estudantes escapuliu e passou por mim sem olhar. Susan voou para alcançá-lo, agarrando cada manga pelo cotovelo.

- Pete! Pete!

Pete tinha a constituição de um jogador de futebol, com exceção do perfil, que parecia nunca ter estado mesmo à distância de 800 metros de um campo de jogo. Era muito bonito para o meu gosto, mas tenho ciúmes facilmente.

Pete olhava através da jovem, com o rosto a enxugar-se, até que a beleza desapareceu ao influxo do horror. E disse de forma rouca e chocante:

- Como Lolly chegou a ... Susan suspirou:

- Não sei. Não sei. - Ela continuou tentando encontrar-lhe os olhos.

Pete pulou fora. Nunca olhou para Susan uma vez, continuava olhando por sobre os ombros dela. Então, respondeu ao agarrão de Hathaway em seu cotovelo e deixou-se levar.

- Namorado ? - interroguei.

Susan afastou os olhos do estudante que partira.

- O quê?

- Ele é seu namorado?

Ela olhou para as mãos crispadas.

- Nós saímos juntos.

- É sério?

- Muito serio - murmurou ela.

- Ele também conhece a outra jovem? Ele a chamou de Lolly?

Susan estremeceu.

- Bem...

- Consideremo-lo assim. Ele saía com ela?

- Algumas vezes.

- Seriamente. Ela disparou:

- Como posso saber?

- Ora vamos. Ela tinha ciúmes de você?

- Mas, o que é que está acontecendo?

- Alguém pôs cianeto no açúcar e colocou a mistura somente em uma única xícara. Suponha que Louella-Marie estivesse com muito ciúme de você para tentar envenená-la e deixar-lhe o campo livre com seu amigo Pete. E, suponha que ela mesma tenha tomado a xícara errada por engano.

- Isso é uma loucura. Louella-Marie não faria uma coisa dessas - disse Susan.

Mas os lábios estavam contraídos, os olhos esbugalhados, e sei reconhecer o ódio numa voz quando a ouço.

O Professor Rodney entrou na biblioteca. Era o primeiro homem que eu encontrara ao entrar no edifício, e meus sentimentos em relação a ele não eram os mais calorosos.

Começou por me informar que, como membro chefe da Faculdade no momento, ele era o encarregado.

- Eu estou encarregado agora, professor - disse eu.

- Da investigação talvez, inspetor, mas sou eu que sou responsável junto ao Deão e

pretendo cumprir minhas responsabilidades.

E, embora não tivesse figura de aristocrata, mas antes a de um vendedor, se me faço entender, conseguiu olhar para mim como se houvesse um microscópio entre nós dois, com ele do lado maior e disse:

- A Sra. Nettler está em meu escritório. Aparentemente, ela ouviu o noticiário e veio imediatamente. Ela está bem agitada. O senhor a verá? - Ele fez com que isto soasse como ordem.

- Faça-a entrar, professor. - Fiz com que parecesse uma permissão.

A Sra. Nettler estava no dilema normal da média das senhoras. Ela não sabia se ficava horrorizada ou fascinada pela proximidade com que a morte aparecera. O pavor surgiu quando ela olhou para dentro do escritório dos fundos e notou o que havia ficado dos preparativos do chá. O corpo já tinha sido levado, naturalmente.

Deixou-se cair numa cadeira e começou a chorar.

- Eu mesma tomava chá aqui - resmungou ela. - Deve ter sido...

Eu disse tão tranqüila e suavemente quanto pude:

- Quando foi que a senhora tomou chá aqui, Sra. Nettler? Ela virou-se na cadeira e olhou para cima.

- Ora, ora, logo depois da uma, creio eu. Ofereci uma xícara ao Professor Rodney, eu me lembro. Era exatamente depois da uma hora, Professor Rodney, não era?

Um ar de aborrecimento passou pelo rosto gorducho de Rodney, que me disse:

- Eu estive aqui por um instante, logo depois do almoço, para fazer uma consulta. A Sra. Nettler realmente ofereceu uma xícara. Temo que estivesse muito ocupado para aceitar ou para notar a hora exatamente.

Dei um gemido e voltei-me para a velha senhora.

- A senhora toma chá com açúcar, Sra. Nettler?

- Sim, senhor.

- A senhora tomou-o com açúcar?

Ela aquiesceu e começou a chorar novamente. Esperei um pouco.

- A senhora notou a condição do açucareiro?

- Estava... estava... - Uma surpresa repentina pela pergunta pareceu colocá-la de pé. - Estava vazio e eu mesma o enchi. Eu usei a caixa de duas libras de açúcar granulado e eu me lembro de ter pensado comigo mesma que, toda vez que eu queria tomar chá, o açúcar acabara, e gostaria que as meninas...

Talvez fosse a menção das jovens no plural. Ela irrompeu no choro outra vez.

Entre 13 e 14 horas, certamente, alguém esvaziou o açucareiro e colocou apenas um pouco de açúcar misturado - bem claramente açúcar misturado.

Talvez a aparência da Sra. Nettler tenha despertado em Susan a sua função de bibliotecária, pois quando Hathaway voltou e ia apanhar um de seus charutos - já havia acendido o fósforo - a jovem disse:

- É proibido fumar na biblioteca, senhor.

Hathaway ficou tão surpreso que assoprou o fósforo e recolocou o charuto no bolso.

Então, repentinamente, a jovem caminhou até uma das longas mesas e alcançou um grande volume aberto.

Hathaway adiantou-se para ela.

- Que vai fazer, senhorita?

Susan parecia completamente aturdida.

- Vou apenas guardá-lo na prateleira.

- Por quê? O que é isto? - Olhou para a página aberta. Eu também estava lá, então. Eu olhei por cima de seu ombro.

Era alemão. Eu não consigo ler essa língua, mas sei reconhecê-la quando a vejo escrita. As letras eram pequenas e havia figuras geométricas na página com linhas de letras em vários pontos. Também tinha conhecimentos suficientes para saber que eram fórmulas químicas.

Coloquei o dedo no lugar, fechei o livro e olhei a lombada do livro. Dizia: "Beilstein - Organische Chemie - Band VI - System Nummer 499-608". Abri a página outra vez. Era 233 e as primeiras palavras, apenas para lhe dar uma idéia, eram "4chlor-4brom-2-nitro-diphenyláther-C12 H7 O3 NCIBr."

Hathaway estava ocupado, copiando alguma coisa.

O Professor Rodney estava à mesa também, o que fazia com que fôssemos quatro, todos juntos em torno do livro.

O professor falou com voz fria, como se estivesse num tablado, com um bastão em uma das mãos e um pedaço de giz na outra;

- Isto é um volume do Beilstein (pronunciou Bailshtaine). É um tipo de enciclopédia de compostos orgânicos. Apresenta listas de centenas de milhares de compostos.

- Neste livro? - perguntou Hathaway.

- Este livro é apenas um dos mais de sessenta volumes e outros suplementares. É um tremendo trabalho alemão que está ultrapassado há anos, pois, primeiramente, a química orgânica está progredindo num ritmo crescente e, em segundo lugar, por causa da interferência da política e da guerra. Mesmo assim, não há nada que se aproxime da sua utilidade em inglês. Para todos os pesquisadores em química orgânica, estes volumes são de absoluta necessidade.

O Professor alisou o livro, enquanto falava, com muito carinho.

- Antes de lidar com qualquer composto desconhecido, - disse - é boa prática consultar o Beilstein. Ele apresenta métodos de preparação, propriedades, referências e assim por diante. Funciona como um ponto de partida. Os vários compostos estão classificados de acordo com um sistema lógico que é claro, mas não é óbvio. Eu mesmo dou muitas aulas no meu curso sobre sínteses orgânicas que tratam inteiramente de métodos para se encontrar um composto particular em algum dos sessenta volumes.

Eu não sei quanto tempo ele continuaria, mas não estava lá para aprender sínteses orgânicas e já era tempo de tratar do caso. Disse abruptamente:

- Professor, quero conversar com o senhor em seu laboratório.

Suponho que eu tinha alguma noção de que cianeto era guardado num cofre, que toda porção era controlada, que as pessoas tinham que assinar o nome quando queriam um pouco. Pensei que o problema da oportunidade de conseguir um pouco ilicitamente forneceria a prova de que necessitávamos.

E ali estava eu, com meio quilo de cianeto na mão, e sabendo que qualquer pessoa

poderia consegui-lo, pedindo ou sem pedir. E ele disse pensativamente:

- Eles costumavam chamá-las "gêmeas da biblioteca". Eu aquiesci.

- Então?

- Apenas prova como é superficial o julgamento da maioria das pessoas. Não havia nada semelhante nelas, com exceção do cabelo e dos olhos. O que aconteceu na biblioteca, inspetor?

Eu lhe contei a história de Susan brevemente, e o observei. Ele balançou a cabeça.

- Suponho que o senhor acha que a jovem morta planejou o assassinato.

Meus pensamentos não estavam à venda no momento. Eu disse:

- O senhor não?

- Não. Ela era incapaz disso. Sua atitude em relação a seus deveres era agradável e prestativa. Além disso, por que o faria?

- Há um estudante - declarei. - Peter é seu primeiro nome.

- Peter van Norden - disse ele imediatamente .- Um estudante razoavelmente brilhante, mas, de algum modo, sem valor.

- As jovens encaram estas coisas de modo diferente, professor. Ambas as bibliotecárias estavam aparentemente interessadas. Susan talvez tenha tido maior sucesso e Louella-Marie talvez tenha decidido tomar providências diretas.

- E então apanhou a xícara errada?

- As pessoas fazem coisas esquisitas sob tensão - disse eu.

- Não tão esquisitas. Uma xícara foi deixada sem açúcar, de modo que a assassina não assumia nenhum risco. Provavelmente, mesmo que ela não tivesse memorizado cuidadosamente quanto às xícaras, poderia evitá-lo pelo gosto do açúcar. Facilmente evitaria uma dose fatal.

Retruquei timidamente:

- Ambas as jovens tomavam o chá com açúcar normalmente. A jovem morta estava acostumada ao chá doce. com a excitação, a doçura costumeira não deu nenhum sinal.

- Não acredito nisso.

- Qual é a alternativa, professor? O açúcar foi misturado após o chá da Sra. Nettler, à uma hora da tarde. Foi a Sra. Nettler que o fez?

Ele me olhou com vivacidade.

- Qual o motivo provável? Encolhi os ombros.

- Ela poderia ter medo de que as jovens viessem a tomarlhe o emprego.

- Isso é tolice. Ela vai se aposentar antes do começo da sessão de outono.

- O senhor esteve lá, professor - disse eu delicadamente. Recebeu a insinuação calmamente, para minha surpresa.

- Motivo?

- O senhor não está velho demais para ter interesse em Louella-Marie, professor. Suponhamos que ela houvesse ameaçado relatar alguma palavra ou algum ato seu ao deão.

O professor sorriu amargamente.

- Como é que eu conseguiria certificar-me de que a jovem exata tomaria o cianeto? Por que uma xícara ficaria sem açúcar?

Eu poderia ter posto o açúcar, mas não preparei o chá.

Comecei a mudar de idéia a respeito do Professor Rodney. Ele não se preocupara em aparentar indignação ou em se mostrar chocado. Simplesmente apontou a fraqueza lógica, e deixou ficar assim. Eu gostei disso.

- O que é que o senhor acha que aconteceu? - indaguei.

- A imagem no espelho. O reverso. Eu acho que a sobrevivente contou a verdade pelo avesso. Suponha que fosse LouellaMarie que estivesse conquistando o rapaz, e que Susan não gostasse disso, em vez do contrário. Suponha que fosse Susan que houvesse preparado o chá e que Louella-Marie estivesse na mesa da frente, em vez do contrário.

Nesse caso, a jovem que preparara o chá teria tomado a xícara certa e ficaria salva. Tudo seria lógico em lugar de parecer ridiculamente improvável.

Estava feito. O homem tinha chegado à mesma conclusão que eu e, assim, deveria gostar dele no final das contas. Eu tinha o hábito de sentir afeição por aqueles que concordavam comigo. É devido ao Homo sapiens, creio.

- Temos que provar isto além de qualquer dúvida - argumentei. - Como? Eu tinha vindo aqui com o fito de provar que algumas pessoas tiveram acesso ao cianeto de potássio e outras não. Isto está fora. Todo o mundo teve acesso. E agora?

- Verifique qual das jovens estava realmente à mesa às duas horas da tarde, quando o chá estava sendo preparado - redarguiu o professor.

Parecia-me claro que o professor lia histórias de detetive e tinha fé em testemunhas. Eu não tinha, mas levantei-me apesar disso.

- Está bem, professor. Eu farei isso.

O professor ergueu-se também. E disse brandamente:

- Posso estar presente?

- Por quê? Suas responsabilidades perante o deão?

- De certa forma. Eu gostaria de ver um fim rápido e limpo para tudo isto.

- Venha, se o senhor acha que será de alguma ajuda.

Ed Hathaway esperava por mim quando desci. Estava sentado numa biblioteca vazia.

- Eu consegui - disse-me.

- Conseguiu o quê?

- Saber como tudo aconteceu. Eu o descobri por dedução. _ Oh?

Ele não estava prestando a mínima atenção ao Professor Rodney.

- O cianeto tinha que ser posto dentro. Por quem? Pelo curinga do baralho, o estranho, o sujeito com sotaque - qual o nome?

Começou a remexer numa série de cartões que havia enchido de informações sobre os vários espectadores provavelmente inocentes. Eu sabia quem é que ele estava querendo dizer, e disse:

- Está bem, não se importe com o nome. O que é que há num nome? Continue... - o que mostra que eu posso ser tão pouco brilhante quanto qualquer um.

- Está bem. O estrangeiro entra com o cianeto num pequeno envelope. Ele fixou o envelope a uma página no livro alemão, aquele não sei quê orgânico com todos os volumes...

O professor e eu concordamos. Hathaway continuou.

- Ele era alemão, e o livro também. Provavelmente estava familiarizado com ele. Pôs o envelope numa página preestabelecida de acordo com uma fórmula particular que havia sido escolhida. O professor disse que havia um meio de se encontrar qualquer fórmula, se se soubesse como. Não é certo, professor?

- Está certo - disse Rodney friamente.

- Muito bem. A bibliotecária conhecia a fórmula, de modo que ela pôde encontrar a página também. Ela apanhou o cianeto e o usou no chá. com a precipitação esqueceu-se de fechar o livro...

- Olhe, Hathaway. Por que aquele sujeitinho estaria fazendo isso? Qual a desculpa dele para estar aqui? - indaguei.

- Ele diz que é um peleiro pesquisando sobre repelentes de traças e inseticidas. Agora isto não parece falso de saída? Já ouviu algo tão falso?

- Certamente, - disse eu - sua teoria. Olhe, ninguém vai esconder um envelope com cianeto num livro. Você não precisa encontrar uma fórmula particular ou uma página com um envelope que deforme o volume. Qualquer um que pegasse o volume da prateleira veria que o livro se abriria na página certa automaticamente. Que diabo de esconderijo!

Hathaway começou a parecer tolo. Eu continuei sem piedade.

- Além disso, o cianeto não tinha que ser introduzido de algum lugar de fora aqui para dentro. Eles têm toneladas aqui. Eles podem utilizá-lo para fazer rampas de esqui. Qualquer um que queira uma libra ou duas pode servir-se.

- O quê?

- Pergunte ao professor.

Os olhos de Hathaway abriram-se, remexeu no bolso do paletó e tirou um envelope.

- Então o que é que eu faço com isto?

- O que é isso?

Ele mostrou uma folha impressa em alemão e disse:

- É a página daquele volume alemão que...

O Professor Rodney ficou vermelho repentinamente.

- Você arrancou uma página do Beilstein?

Falou gritando, o que me surpreendeu fortemente. Eu não teria pensado que ele fosse capaz de gritar daquela maneira.

- Eu pensei que pudéssemos testá-la, pela cola da fita adesiva ou talvez pelo cianeto que estivesse grudado - ponderou Hathaway.

- Dê-me isso! - gritou o professor. - Sua besta ignorante! Esticou a folha e olhou nos dois lados como se quisesse ter a certeza de que nenhuma das coisas impressas tinha sido apagada.

- Vândalo! - exclamou, e estou certo de que naquele momento ele poderia ter matado Hathaway, e rir durante todo o processo.

O Professor Rodney podia estar moralmente certo da culpa de Susan e, nesse sentido, eu também. Não obstante, certeza moral não pode ser levada perante o júri. A prova era necessária.

Assim, na falta de fé em testemunhas, eu ataquei através da única fraqueza de qualquer pessoa possivelmente culpada - a pessoa possivelmente culpada.

Eu a trouxe para testemunhar na nova linha de investigação e, se as perguntas não a prendessem à sua culpa, seus nervos o fariam. Susan Morey sentou-se à sua mesa, com as mãos cruzadas à frente, olhos frios e com a pele retesada em torno das narinas.

O pequeno peleiro alemão entrou primeiro, parecendo preocupadíssimo.

- Eu não fiz nada - balbuciou. - Por favor, eu tenho trabalho. Quanto tempo preciso ficar?

Hathaway tinha o nome dele e estatísticas positivas. Eu saltei então tudo isto, e fui direto à questão.

- O senhor veio aqui um pouco antes das duas horas. Certo?

- Sim. Eu queria saber sobre repelentes de traças...

- Está certo. Quando o senhor entrou, foi até a mesa. Certo?

- Sim. Eu lhe disse meu nome, quem eu era, o que eu queria...

- Disse a quem? - Esta era a pergunta chave.

O sujeitinho olhou para mim. Ele tinha os cabelos encaracolados e uma boca que parecia cair para dentro, como se não tivesse dentes, mas era apenas aparência, pois, quando falava, viam-se claramente os pequenos dentes amarelos.

- Ela. Eu disse a ela. A jovem sentada ali - explicou.

- É isso mesmo - disse Susan sem nenhuma entoação. - Ele falou comigo.

O Professor Rodney estava olhando fixamente para ela com um ar de ódio concentrado. Ocorreu-me que sua razão para querer justiça rápida talvez fosse mais pessoal do que idealista. Entretanto, não era assunto meu.

- O senhor tem certeza que esta é a jovem? - disse eu ao peleiro.

- Sim. Eu lhe disse meu nome e meu assunto, e ela sorriu. Informou-me onde encontrar os livros sobre inseticidas. Então, como eu já ia embora, uma outra jovem saiu dali de dentro.

- Muito bem! - disse eu logo. - Agora, aqui está uma fotografia de outra jovem. Diga-me, foi com a jovem ali na mesa que o senhor falou e foi a jovem da fotografia

que saiu do quarto dos fundos? Ou foi com a jovem da fotografia que o senhor falou e a jovem sentada à mesa que saiu do quarto dos fundos?

Durante longo minuto, o peleiro olhou para a jovem, depois para a fotografia e, finalmente, para mim.

- São iguais.

Eu seria capaz de jurar. Ligeiro sorriso passou pelos lábios de Susan, pairando um momento antes de desaparecer. Ela devia estar contando com isso. Era tempo de intercessão. Dificilmente alguém estaria na biblioteca. Ninguém prestaria muita atenção às bibliotecárias encarregadas das prateleiras, e, se alguém o fizesse, jamais poderia jurar qual das gêmeas bibliotecárias teria visto.

Eu, agora, sabia que ela era culpada, mas saber não significava nada.

- Bem, qual era ela? - indaguei. Ele falou como alguém ansioso para terminar o interrogatório:

- Eu falei com ela, com a jovem ali na cadeira. - Isso mesmo - disse Susan perfeitamente calma. Minha esperança em seus nervos foi por água abaixo. - O senhor juraria? - perguntei ao peleiro.

Respondeu imediatamente.

- Não.

- Muito bem. Hathaway, mande-o embora, para casa.

O Professor Rodney abaixou-se para tocar-me no ombro. Cochichou:

- Por que ela sorriu para o sujeito quando ele declarou o seu assunto?

Respondi com um cochicho:

- Por que não? - mas fiz a pergunta para ela de qualquer modo.

Suas sobrancelhas ergueram-se uma fração de polegada.

- Eu queria apenas agradar. Há alguma coisa de errado nisso?

Ela estava quase se divertindo com aquilo. Eu poderia jurar. O professor balançou a cabeça ligeiramente. Cochichou para mim outra vez:

- Ela não é do tipo de sorrir para um estranho que esteja em dificuldades. Tinha que ser Louella-Marie à mesa.

Dei de ombros. Eu já me via apresentando este tipo de prova ao Comissário.

Quatro dos estudantes eram sem interesse e tomaram pouco tempo. Estavam trabalhando em pesquisas, sabiam quais os livros que queriam, em que prateleiras os livros estariam. Iam diretamente à estante sem passar pela mesa. Nenhum deles sabia dizer se era Susan ou Louella-Marie que estava à mesa em qualquer momento particular.

Nenhum deles tinha mesmo levantado os olhos de seus livros, para ouvi-las contar isto, antes de o grito despertar todo o mundo.

O quinto era Peter van Norden. Ele manteve o olhar fixo firmemente no seu polegar direito, que estava com a unha terrivelmente comida. Não olhou para Susan quando ela foi trazida.

Deixei-o sentado por uns instantes para amaciá-lo.

Finalmente, disse:

- O que é que você está fazendo aqui nesta época do ano? Eu acredito que estamos entre as sessões.

- Minhas qualificações estão marcadas para o próximo mês

- murmurou ele. - Eu estou estudando. Exames de qualificação. Se eu passar, posso continuar para fazer o meu Ph. D., entende?

- Suponha que você parou junto à mesa quando entrou aqui - falei.

Ele resmungou.

- O quê? - perguntei.

Ele falou com voz baixa, quase indistinta:

- Não parei. Acho que não parei.

- Você acha?

- Não parei.

- Isso não é estranho? Acredito que você era bem amigo tanto de Susan quanto de Louella-Marie. Não disse olá? - interroguei.

- Eu estava preocupado. Tinha este teste na cabeça. Tinha que estudar. Eu...

- De modo que não tinha tempo nem para um olá.

Olhei para Susan, a fim de ver como se passavam as coisas. Parecia mais pálida, mas podia ser imaginação minha.

- Não é verdade que você estava praticamente comprometido com uma delas? - indaguei.

Ele me olhou com constrangida indignação.

- Não! Eu não posso comprometer-me antes de tirar o diploma. Quem lhe disse que eu estava comprometido?

- Eu disse praticamente comprometido.

- Não! Tive alguns encontros, talvez. E daí? O que é um encontro ou dois ?

- Vamos, Pete, qual delas era a sua garota? - disse eu delicadamente...

- Eu lhe disse que não era nada disso.

Descartava-se bastante do assunto. Parecia sufocado por algo invisível.

- Que me diz? - perguntei repentinamente, dirigindo-me a Susan. - Ele parou à sua mesa?

- Ele acenou quando passou - disse ela.

- Vôos acenou, Pete?

- Eu não me lembro - disse ele zangado. - Talvez eu tenha acenado. E daí?

- Nada.

No íntimo, eu gostaria que Susan aproveitasse o seu negócio. Se ela havia matado por causa deste espécime, ela o fizera em vão. Para mim, parecia certo que, de agora em diante, ele a ignoraria mesmo que ela caísse de um edifício de dois andares e quebrasse a cabeça no chão.

Susan deve ter percebido isso também. Pelo olhar que dirigia para Peter van Norden, eu o marquei como um segundo candidato ao cianeto - admitindo que ela se livrasse - e parecia certo que ela o conseguiria.

Acenei para que Hathaway o levasse. Hathaway levantou-se para fazê-lo e disse:

- Diga-me, você sempre usa estes livros? - e apontou para as prateleiras onde os sessenta volumes da enciclopédia de química orgânica se espalhavam do chão até o teto.

O rapaz olhou por cima dos ombros e falou com uma surpresa honesta:

- Claro. Tenho que usar. Meu Deus, há alguma coisa de errado em procurar compostos no Beilst...

- Está bem - assegurei. - Vamos, Ed.

Ed Hathaway olhou-me carrancudo e deixou o rapaz ir~se embora. Ele detestava deixar passar uma teoria inexplorada.

Eram quase seis horas e não via nada mais que se pudesse fazer. Como estava, era a palavra de Susan contra a palavra de ninguém. Se ela ao menos se tivesse traído, nós poderíamos ter-lhe arrancado a verdade por qualquer um dos meios eficientes, embora entediantes. Nesse caso, tal procedimento não era aconselhável.

Virei-me para o professor, a fim de lhe dizer isto, mas estava olhando atentamente para os cartões de Hathaway, segurando-os na mão. Sabe, fala-se sempre sobre as mãos de outras pessoas trêmulas de excitação, mas é algo que não se vê freqüentemente. A mão de Rodney estava tremendo, entretanto, tremendo como o badalo de um velho despertador.

Ele limpou a garganta.

- Deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Deixe-me... Encarei-o, depois puxei minha

cadeira para trás.

- Vá em frente - disse eu. Nesse ponto, não havia nada a perder...

Ele olhou para a jovem, colocando o cartão na mesa, com o lado em branco para cima.

- Srta. Morey? - falou ele agitado.

Parecia querer evitar deliberadamente a familiaridade de seu primeiro nome.

Ela o encarou. Por um momento, pareceu nervosa, mas passou e ficou calma outra vez.

- Sim, professor.

- A senhorita sorriu quando o peleiro lhe falou sobre seu assunto aqui. Por que o fez?

- Já lhe disse, Professor Rodney, eu queria agradar.

- Talvez houvesse alguma coisa de peculiar no que ele disse? Alguma coisa engraçada?

- Eu estava apenas tentando agradar - insistiu ela.

- Talvez a senhorita tenha achado divertido o nome dele...

- Não particularmente - disse Susan com indiferença.

- Bem, ninguém mencionou o nome dele aqui. Eu não o sabia, antes de vê-lo neste cartão. - Então, repentinamente, tensamente, gritou:

- Qual era o nome dele, Srta. Morey? Ela parou antes de responder.

- Não me lembro.

- Não se lembra? Ele o deu para a senhorita, não deu? - a voz saiu agora num fiapo.

- O que há nisso? É apenas um nome. Depois de tudo o que aconteceu, o senhor não pode esperar que me lembre de algum nome estrangeiro especial que eu tivesse ouvido uma vez.

- Era estrangeiro, então ?

Ela reagiu rápido, evitando uma armadilha.

- Não me lembro. Acho que era um nome tipicamente alemão, mas não me lembro. Tanto quanto eu saiba era John Smith.

Eu tinha de confessar que não percebi a pergunta do professor.

- O que o senhor está tentando provar, Professor Rodney? - indaguei.

- Estou tentando provar, - disse ele rijamente - de fato, estou provando que era Louella-Marie, a jovem morta, que estava à mesa quando o peleiro entrou. Ele anunciou seu nome a LouellaMarie e ela sorriu em conseqüência disso. Era a Srta. Morey que vinha saindo do escritório de dentro quando ele se voltou. Era a Srta. Morey, esta jovem, que havia acabado de preparar e envenenar o chá.

- O senhor está baseando isto no fato de que não posso me lembrar do nome de um homem! - guinchou Susan Morey. - Isso é ridículo.

- Não, não é - disse o professor. - Se você fosse a jovem à mesa, lembrar-se-ia de seu nome. Seria impossível esquecê-lo. Se você fosse a jovem à mesa. - Ele estava segurando o cartão de Hathaway até agora. E disse:

- O primeiro nome daquele peleiro é Ernesto, mas o último nome é Beilstem. Seu nome é Beilstein!

Susan perdeu a respiração, como se tivesse levado um soco no estômago. Ficou branca como cera.

O professor continuou intensamente:

- Nenhuma bibliotecária química poderia possivelmente esquecer o nome de alguém que entrasse e anunciasse o nome de Beilstein. A enciclopédia de sessenta volumes, que nós mencionamos hoje meia dúzia de vezes, é referida invariavelmente pelo nome de seu editor, Beilstein. O nome é como Mamãe Ganso para uma bibliotecária química, como George Washington, como Cristóvão Colombo. É mais do que uma segunda natureza para ela.

- Se esta jovem assegura ter esquecido o nome, é somente porque nunca o ouviu. E ela nunca o ouvira porque ela não estava à mesa.

Levantei-me e falei cruelmente:

- Bem, Srta. Morey - eu abandonara o primeiro nome também - o que me diz?

Estava gritando histèricamente. Meia hora mais tarde, obtivemos a confissão.

PREFÁCIO

Alguns anos antes desta história ser escrita, dois colegas e eu fizemos força para escrever um livro de textos grande e complicado sobre bioquímica, para estudantes de medicina. Levamos dias - literalmente - nas provas e freqüentemente deparávamos com inconsistências menores. Escrevíamos uma fórmula química de um modo aqui e de outro modo mais adiante; aqui um hífen e lá não; aqui uma frase e além um substituto.

Estávamos desesperados para conseguir tudo perfeitamente concordante e um de nós finalmente disse:

- Para citar Emerson: "Uma consistência tola é o fantasma dos pobres de espírito".

Agarramo-nos a isto com uma alegria efervescente e, daí por diante, toda vez que um leitor reclamava de uma pequena inconsistência, nós escrevíamos "Emerson!" na margem e deixávamos passar. Bem, a história seguinte discorre sobre a possível invenção da transferência da massa, e, ao preparar estas histórias para incluir neste volume, reparei que em O Sino Sonoro - uma história anterior dentro da mesma situação - a transferência da massa foi considerada como já existente.

Eu já estava tentando eliminar esta discrepância, quando me lembrei. Portanto, se não se importar, Gentil Leitor, digo "Emerson!" e sigo em frente.

O FIM DA NOITE

Era quase uma reunião de aula e, embora fosse marcada pela falta de alegria, ainda não havia razão para se pensar que seria manchada pela tragédia.

Edward Talliaferro, vindo da Lua e ainda sem gravidade nas pernas, encontrou os outros dois no quarto de Stanley Kaunas. Kaunas se levantou para cumprimentá-lo de modo subserviente. Battersley Ryger apenas se sentou e acenou.

Talliaferro abaixou cuidadosamente o volumoso corpo na poltrona, bem ciente de seu peso desusado. Fez uma careta, torcendo os lábios grossos dentro do aro de cabelo que lhe cobria o queixo e as faces.

Eles já se haviam encontrado mais cedo naquele dia, sob condições mais formais. Agora, pela primeira vez, estavam sós e Talliaferro disse:

- Esta é uma grande ocasião. Estamos nos encontrando pela primeira vez em dez anos. Primeira vez depois de nossa graduação, na verdade.

Ryger torceu o nariz. Ele havia sido quebrado um pouco antes desta mesma graduação e havia recebido seu diploma em astronomia com um curativo desfigurando-lhe o rosto. Resmungou:

- Alguém comandou champagne? Ou algo parecido?

- Vamos! - disse Talliaferro. - A primeira grande convenção de astronomia interplanetária na história não é lugar para tristezas. E entre amigos também!

Kaunas disse repentinamente:

- É a Terra. Não se sente bem. Não consigo acostumar-me com ela. - Balançou a cabeça, mas o ar de depressão permaneceu.

- Eu sei - disse Talliaferro. - Estou tão pesado. Tira-me todas as energias. No que você está melhor do que eu, Kaunas. A gravidade de Mercúrio é 0,4 normal. Na Lua, é apenas 0,16. - Interrompeu o início de um murmúrio de Ryger, dizendo: - E em Ceres eles usam campos pseudogravitacionais ajustados a 0,8. Você não tem nenhum problema, Ryger.

O astrônomo de Ceres pareceu aborrecido.

- É o ar livre. Ir lá para fora sem roupa especial me abala.

- Certo - concordou Kaunas. - E dekar o sol bater diretamente sobre você. Apenas isto.

Talliaferro sentiu-se insensivelmente voltando no tempo. Eles não haviam mudado muito. "Nem mesmo ele", pensou. Eram todos dez anos mais velhos, naturalmente. Ryger ganhara mais alguns quilos e o rosto fino de Kaunas ficara um pouco curtido, mas ele os teria reconhecido, se os encontrasse sem aviso.

- Não acho que é a Terra que nos está abalando. Vamos encarar os fatos - disse Talliaferro.

Kaunas o olhou com irritação. Era um homem pequeno, de movimentos rápidos e nervosos e, habitualmente, usava roupas que pareciam muito maiores do que ele.

- Villiers! Eu sei - disse Kaunas. - Penso nele às vezes. - E, com um ar desesperado: - Tenho uma carta dele.

Ryger sentou-se rijo, sua compleição cor de oliva ainda mais escura, e falou com energia:

- Você recebeu? Quando?

- Um mês atrás.

Ryger virou-se para Talliaferro:

- E você?

Talliaferro piscou plàcidamente e aquiesceu.

- Ele ficou louco - disse Ryger. - Afirma ter descoberto um método prático de transferência de massa através do espaço. Contou para vocês dois também? Então é isso. Ele sempre foi um pouco tocado. Agora, arrebentou.

Esfregou o nariz furiosamente e Talliaferro pensou no dia em que Villiers o havia quebrado.

Durante dez anos Villiers os perseguira como uma sombra vaga de uma culpa que não era deles, na verdade. Haviam trabalhado para a graduação juntos, quatro homens escolhidos e dedicados sendo treinados para uma profissão que atingira novas alturas nesta época de viagem interplanetária.

Os observatórios estavam se abrindo para outros mundos, cercados pelo vácuo, sem resquícios de ar.

Havia o Observatório Lunar, do qual a Terra e os planetas interiores podiam ser estudados; um mundo silencioso em cujo céu nosso planeta estava dependurado.

O Observatório de Mercúrio, mais próximo do Sol, encarapitado no pólo norte de

Mercúrio, onde o terminal quase não se movia e o Sol estava fixo no horizonte, podendo ser estudado nos mínimos detalhes.

O Observatório de Ceres, o mais novo, o mais moderno, com sua área estendendo-se de Júpiter às mais distantes galáxias.

Havia desvantagens, naturalmente. com as viagens interplanetárias ainda difíceis, as partidas seriam poucas, e qualquer coisa parecida com uma vida normal virtualmente impossível, mas esta era uma geração de sorte. Os cientistas do futuro encontrariam os campos do conhecimento bem semeados e, até a invenção de um vôo interestelar, nenhum novo horizonte tão amplo como este seria aberto.

Estes quatro de sorte, Talliaferro, Ryger, Kaunas e Villiers, deviam estar na posição de um Galileu, graças à posse do primeiro telescópio real, que não podia ser apontado para nenhum lugar no céu sem fazer uma grande descoberta.

Mas, então, Romano Villiers caiu doente, e era febre reumática. De quem a culpa? Seu coração ficou lento e avariado.

Ele era o mais brilhante dos quatro, o mais promissor, o mais dedicado - e não podia nem mais terminar o curso e tirar o doutorado.

Pior do que isso, não poderia nunca deixar a Terra; a aceleração da arrancada de uma espaçonave o mataria.

Talliaferro foi enviado para a Lua, Ryger para Ceres, Kaunas para Mercúrio. Somente Villiers ficou para trás, numa vida de prisioneiro da Terra.

Eles tentaram falar-lhe de sua pena e Villiers os rejeitara com algo parecido ao ódio. Ele os recriminara e amaldiçoara. Quando Ryger perdeu a paciência e levantou o punho, Villiers pulara sobre ele, gritando, e quebrara-lhe o nariz.

Obviamente Ryger não se esquecera disso, enquanto acariciava o nariz cautelosamente com um dedo.

A testa de Kaunas era uma tábua incerta de sulcos.

- Ele está na Convenção, sabe. Tem um quarto no hotel 405.

- Eu não o verei - disse Ryger.

- Ele vem vindo para cá. Disse que queria ver-nos. Acho que ele disse às nove. Estará aqui dentro de alguns minutos.

- Nesse caso, - disse Ryger - se não se importam, eu me vou.

- Oh, espere um pouco - disse Talliaferro. - Que mal há em vê-lo?

- Porque não é o caso. Ele está doente.

- Mesmo assim. Não vamos ser mesquinhos. Você está com medo dele?

- Medo! - Ryger mostrava desprezo.

- Nervoso, então. O que há para estar tão nervoso?

- Não estou nervoso - retrucou Ryger.

- Claro que está. Todos vocês se sentem culpados em relação a ele, e sem razão verdadeira. Nada do que aconteceu foi por nossa culpa. - Mas ele estava falando para se defender e o sabia.

E quando, neste momento, a campainha da porta soou, todos três pularam e se voltaram para olhar, sem graça, para a barreira que se elevava entre eles e Villiers.

A porta se abriu e Romano Villiers entrou. Os outros se levantaram rijamente para

cumprimentá-lo, ficando então de pé embaraçados, sem que nenhuma mão se estendesse.

Ele os olhava sardônicamente.

"Ele mudou", pensou Talliaferro.

Ele mudara. Havia encolhido em quase todas as dimensões. Uma inclinação acumulada fazia-o mesmo mais baixo. A pele de seu crânio brilhava sob o cabelo ralo, a pele das costas das mãos estava enrugada, com veias azuis. Parecia doente. Parecia não haver nada que o ligasse à memória do passado, a não ser seu jeito de cobrir os olhos com uma das mãos quando olhava intensamente, e, quando falava, o barítono homogêneo e controlado de sua voz.

- Meus amigos! - disse Villiers. - Meus amigos trotadores-do-espaço! Havíamos perdido o contato.

- Alô, Villiers - cumprimentou Talliaferro. Villiers o encarou.

- Você está bem?

- Bem o bastante.

- E vocês dois ?

Kaunas conseguiu um sorriso fraco e um murmúrio.

- Tudo bem, Villiers. O que há? - resmungou Ryger.

- Ryger, o homem zangado - disse Villiers. - Como está Ceres?

- Estava indo bem quando eu parti. Como vai a Terra?

- Você pode ver por si mesmo - mas Villiers se entesou quando disse isto.

E continuou:

- Espero que a razão da vinda de vocês três à Convenção tenha sido minha exposição depois de amanhã...

- Sua exposição? Que exposição? - perguntou Talliaferro.

- Escrevi para todos vocês sobre isto. Meu método de transferência da massa.

Ryger sorriu com o canto da boca.

- Sim, você escreveu. Entretanto, você não disse nada sobre uma exposição, e eu não me lembro de tê-lo visto na lista de oradores. Eu o teria notado se você lá estivesse.

- Você está certo. Não estou na lista. Nem preparei uma teoria para publicação.

Villiers estava excitado e Talliaferro falou maciamente:

- Tenha calma, Villiers. Você não parece bem. Villiers voltou-se para ele com os lábios retorcidos.

- Meu coração está se mantendo, obrigado.

- Escute, Villiers, - retrucou Kaunas - se você não está na lista nem...

- Escute você. Eu esperei dez anos. Vocês têm seus trabalhos no espaço e tenho que dar aulas na escola da Terra, mas sou um homem melhor do que qualquer um de vocês ou que todos vocês.

- Considerando... - começou Talliaferro.

- E não quero sua condescendência também. Mandei o testemunhou. Suponho que vocês ouviram falar de Mandei. Bem, ele é o catedrático da Divisão de Astronáutica na Convenção e demonstrei a transferência da massa para ele. Era um projeto primitivo e se queimou após a primeira utilização, mas... Estão escutando?

- Estamos escutando - disse Ryger friamente. - No que interessa.

- Ele me deixará falar a meu modo sobre isto. Aposte que ele deixará. Nenhum aviso. Nenhuma publicidade. Lançá-lo-ei sobre todos como uma bomba. Quando eu lhes der as relações fundamentais envolvidas, será o fim da Convenção. Eles se espalharão pelos seus laboratórios familiares para me testar e construir projetos. E descobrirão que funciona. Fiz um rato vivo desaparecer de um ponto em meu laboratório e aparecer em outro. Mandei o presenciou.

Ele os olhou, encarando primeiro um rosto, depois outro. E disse:

- Vocês não me acreditam, não é?

- Se você não quer publicidade, por que nos conta isto? - disse Ryger.

- Vocês são diferentes. Vocês são meus amigos, meus companheiros de escola. Vocês partiram para o espaço e me deixaram atrás.

- Isto não foi uma questão de escolha - objetou Kaunas com voz fina e alta.

Villiers ignorou aquilo, e disse:

- Assim, quero que vocês saibam agora. O que funciona para um rato, funciona para um homem. Aquilo que move alguma coisa em três metros através de um laboratório, moverá também um milhão de quilômetros através do espaço. Estarei na Lua, e em Mercúrio, e em Ceres, e em qualquer lugar a que eu queira ir. Alcançarei cada um de vocês e ainda mais. E terei feito mais pela astronomia apenas dando aulas e pensando, do que todos vocês com seus observatórios, telescópios, câmaras e espaçonaves.

- Bem - disse Talliaferro - estou contente. Mais poder a você. Posso ver uma cópia da exposição ?

- Ah, não.

A mão de Villiers apertou contra o peito como se estivesse segurando folhas fantasmas e protegendo-as contra a observação.

- Vocês esperam como todo o mundo. Há somente uma cópia e ninguém a verá até que eu esteja pronto. Nem mesmo Mandei.

- Uma cópia! - gritou Talliaferro. - Se você a perder...

- Não a perderei. E, se acontecer, tenho tudo na minha cabeça.

- Se você... - Talliaferro quase terminou esta frase com "morrer", mas parou. Em vez disso, continuou após uma pausa quase imperceptível: - tiver algum senso, você a escrutará, no mínimo. Por motivo de segurança.

- Não - disse Villiers brevemente. - Vocês me ouvirão depois de amanhã. Vocês verão o horizonte humano expandido num só golpe como nunca o foi antes.

Olhou outra vez intensamente para cada rosto.

- Dez anos - disse ele. - Adeus.

- Está louco - disse Ryger explodindo, olhando para a porta como se Villiers ainda estivesse diante dela.

- Está? - disse Talliaferro pensativamente. - Acho que está, de certo modo. Ele nos odeia por motivos irracionais. E, assim, nem mesmo escruta sua exposição como precaução...

Talliaferro tateou seu próprio escrutador quando disse isso. Era apenas um cilindro indistinto, de cor neutra, um pouco mais grosso e mais curto que um lápis comum.

Nos últimos anos, tornara-se o timbre de um cientista, tanto quanto o estetoscópio

era do médico e o microcomputador, do estatístico. O escrutador era usado no bolso do paletó, ou preso à manga, ou escondido atrás da orelha ou pendurado num cordão.

Talliaferro, muitas vezes, em seus momentos mais filosóficos, imaginava como seria nos dias em que os pesquisadores tinham que tomar notas laboriosamente ou registrá-las em grandes impressões. Que incômodo!

Agora era apenas necessário escrutar qualquer coisa impressa ou escrita para se ter um micronegativo que podia ser desenvolvido com calma. Talliaferro já registrara todas as teorias incluídas no programa da Convenção. Os outros dois, supunha, com toda a confiança, haviam feito o mesmo.

- Sob as circunstâncias, recusar-se a escrutar é loucura - disse Talliaferro.

- Espaço! - disse Ryger com calor. - Não há papel. Não há descoberta. Para atingir um de nós, qualquer mentira seria válida para ele.

- Mas então o que é que ele vai fazer depois de amanhã? - perguntou Kaunas.

- Como posso saber? Ele é um louco.

Talliaferro ainda brincava com seu escrutador e pensava despreocupadamente se deveria remover e desenvolver algumas das pequenas tiras de filme armazenadas em seus órgãos vitais. Decidiu em contrário. E disse:

- Não subestime Villiers. Ele é um cérebro.

- Dez anos atrás talvez - disse Ryger. - Agora é um maluco. Proponho que o esqueçamos.

Falou alto, como se quisesse afastar Villiers, e tudo que lhe dizia respeito, simplesmente pela força com que discutisse outras coisas. Falou de Ceres e seu trabalho - a radiocartografia da Via-Láctea com novos radioscopies capazes de analisar simples estrelas.

Kaunas escutava e aquiescia, depois interrompeu com informações referentes às radioemissões de manchas solares e sua própria exposição, na imprensa, na associação de tempestades de prótons com as chamas gigantescas de hidrogênio na superfície do Sol.

Talliaferro contribuiu pouco. O trabalho lunar era pouco fascinante em comparação. As últimas informações na previsão meteorológica em ondas longas, através da observação direta das correntes de jato da Terra, não se comparavam com radioscopias e tempestades de prótons.

Mais do que isto, seus pensamentos não podiam se desligar de Villiers. Villiers era o cérebro. Eles todos sabiam disso. Mesmo Ryger, com toda sua explosão, devia sentir que, se a transferência da massa fosse de alguma forma possível, então Villiers era seu descobridor lógico.

A discussão de seus próprios trabalhos chegou a nada mais do que à desagradável admissão de que nenhum deles conseguira muito. Talliaferro acompanhava a literatura e o sabia. Seus próprios escritos eram menores. Os outros não eram autores de nada de grande importância.

Nenhum deles - encarando os fatos - provocara algum abalo espacial. Os sonhos colossais dos dias de escola não se realizaram, e isto é que era. Eles eram trabalhadores rotineiros competentes. Nada mais, e eles o sabiam.

Villiers teria sido mais. Eles sabiam disso também. Era este conhecimento, tanto

quanto culpa, que os mantinha em antagonismo.

Talliaferro sentia-se mal pelo fato de Villiers, apesar de tudo, ainda ter que ser mais. Os outros deviam estar pensando assim também, e a mediocridade podia tornar-se rapidamente insuportável. A exposição sobre transferência da massa seria apresentada e Villiers seria afinal o grande homem, como sempre estivera destinado a ser aparentemente; enquanto seus companheiros de escola, com todas suas vantagens, seriam esquecidos. Seu papel seria nada mais do que aplaudi-lo no meio da multidão.

Sentiu inveja e tristeza e teve vergonha, mas continuou a senti-la apesar de tudo.

A conversação morreu, e Kaunas falou, com os olhos fugidios:

- Escutem, por que não damos um pulo até o velho Villiers? Havia uma falsa afetividade nisto, um esforço completamente não-convincente de casualidade, e acrescentou:

- Não vale a pena ter maus sentimentos...

Talliaferro pensou. Ele quer ter certeza sobre a transferência da massa. Ele está com a esperança de que seja apenas o pesadelo de um louco, de modo que possa dormir esta noite.

Mas ele também estava curioso e, assim, não fez nenhuma objeção. Ryger levantou os ombros, sem graça, e disse:

- Inferno, por que não?

Era então um pouco antes das onze.

Talliaferro foi acordado pelo toque insistente da campainha da porta. Apoiou-se em um dos cotovelos no escuro e sentiu-se nitidamente ofendido. O brilho suave do indicador no teto mostrou que ainda não eram quatro da manhã.

- Quem é? - gritou.

A campainha continuou a tocar.

Grunhindo, Talliaferro enfiou-se num roupão de banho. Abriu a porta e piscou com a luz do corredor. Ele reconheceu o homem que o fitava pelo aparelho tridimensional, pois o vira freqüentemente.

Não obstante, o homem disse num suspiro abrupto:

- Meu nome é Hubert Mandei.

- Sim, senhor - disse Talliaferro.

Mandei era um dos nomes da astronomia, suficientemente preeminente para ter uma posição executiva importante na Agência Mundial de Astronomia, suficientemente ativo

para ser catedrático da Seção de Astronáutica aqui na Convenção.

Repentinamente, ocorreu a Talliaferro que fora para Mandei que Villiers demonstrara a transferência da massa. O pensamento de Villiers era um tanto sóbrio.

Mandei disse:

- O senhor é o Dr. Edward Talliaferro?

- Sim, senhor.

- Então vista-se e venha comigo. É muito importante. Referese a um conhecido comum.

- Dr. Viffiers?

Os olhos de Mandei cintilaram um pouco. Os cílios e sobrancelhas eram tão ralos que davam a aparência de olhos desguarnecidos e nus. Os cabelos eram fios de seda, a idade, cerca de cinqüenta.

- Por que Villiers ?

- Ele o mencionou na noite passada. Não sei de nenhum outro conhecido comum.

Mandei aquiesceu, esperou que Talliaferro se enfiasse em suas roupas, então virou-se e mostrou o caminho. Ryger e Kaunas estavam esperando num quarto, no andar acima do de Talliaferro. Os olhos de Kaunas estavam vermelhos e preocupados. Ryger fumava um cigarro com baforadas impacientes.

- Estamos todos aqui - disse Talliaferro. - Outra reunião. Não houve repercussão.

Tomou um assento e os três se olharam. Ryger levantou os ombros.

Mandei andava compassadamente, com as mãos enfiadas nos bolsos:

- Peço desculpas por qualquer inconveniência, cavalheiros, e lhes agradeço pela cooperação. Eu gostaria de ter mais. Nosso amigo Romano Villiers está morto. Cerca de uma hora atrás, o corpo foi removido do hotel. O diagnóstico médico foi colapso cardíaco.

Havia um silêncio assustador. O cigarro de Ryger revolveu em seus lábios e depois caiu lentamente sem completar sua volta.

- Pobre-diabo - disse Talliaferro.

- Horrível, sussurrou Kaunas roucamente. - Ele era... A voz sumiu.

Ryger balançou a cabeça.

- Bem, ele tinha o coração ruim. Não há nada a fazer.

- Uma pequena coisa - corrigiu Mandei tranqüilamente. - Recuperação.

- O que quer dizer? - perguntou Ryger agressivamente.

- Quando foi que vocês três o viram pela última vez? - perguntou Mandei.

- Na noite passada - respondeu Talliaferro. - Aconteceu que era uma reunião. Nós todos nos encontramos pela primeira vez depois de dez anos. Não foi um encontro agradável, sinto dizê-lo. Villiers sentia ter motivo de raiva contra nós, e estava zangado.

- Isso foi - quando?

- Por volta das nove, a primeira vez.

- A primeira vez?

- Nós o vimos outra vez mais tarde, durante a noite. Kaunas parecia incomodado.

- Explodira raivosamente. Nós não podíamos deixar assim. Tínhamos que tentar. Não fora como se tivéssemos sido amigos uma vez. Assim fomos para seu quarto e ...

Mandei precipitou-se.

- Vocês estavam todos em seu quarto ?

- Sim - disse Kaunas, surpreso.

- Cerca de que horas ?

- Onze, acho. - Ele olhou para os outros. Talliaferro concor-

- E quanto tempo ficaram?

- Dois minutos - interrompeu Ryger. - Ele nos pôs para fora como se estivéssemos atrás de seu trabalho. - Parou como se esperasse que Mandei perguntasse qual trabalho, mas Mandei não disse nada. Continuou:

- Acho que o guardava debaixo do travesseiro. Pelo menos, estava deitado sobre o

travesseiro enquanto gritava para que saísse-

- Ele podia estar morrendo então - disse Kaunas num sussurro fraco.

- Não então - disse Mandei rapidamente. - Assim vocês todos provavelmente deixaram impressões digitais.

- Provavelmente - disse Talliaferro.

Estava perdendo um pouco do respeito automático por Mandei e a impaciência voltava. Eram quatro da manhã, Mandei ou não. Continuou:

- Agora, o que quer dizer tudo isto?

- Bem cavalheiros, - disse Mandei - há mais na morte de Villiers do que o fato da morte. O trabalho de Villiers, a única cópia dele, tanto quanto eu saiba, estava enfiada na unidade de dispositivo de flash e somente se encontraram fragmentos dela. Nunca vi nem li o trabalho, mas sabia o suficiente sobre o assunto para estar disposto a jurar na corte, se necessário fosse, que os remanescentes do papel não-revelado na unidade de dispositivo eram do trabalho que ele planejava entregar a esta Convenção. O senhor parece em dúvida, Dr. Ryger.

Ryger sorriu amargamente.

- Em dúvida de que ele fosse entregá-lo. Se o senhor quer minha opinião, ele estava louco. Durante dez anos, foi prisioneiro da Terra e fantasiou a transferência da massa como fuga. Era tudo o que o mantinha vivo, provavelmente. Ele montou algum tipo de demonstração fraudulenta. Não digo que fosse uma fraude deliberada. Era, provavelmente, loucamente sincero, e sinceramente louco. A noite passada foi o clímax. Veio ao nosso quarto - ele nos odiava por termos escapado da Terra - e triunfou sobre nós. Era o motivo pelo qual vivera durante dez anos. Pode ter havido um choque de alguma forma de sanidade. Ele sabia que na verdade não poderia entregar o trabalho; não havia nada a entregar. Então ele o queimou e seu coração se foi. Ê muito ruim.

Mandei ouviu o astrônomo de Ceres, mantendo um olhar de aguda desaprovação:

- Muito fluente, Dr. Ryger, mas bem errado. Não me deixo enganar tão facilmente por demonstrações fraudulentas como o senhor pode acreditar. Agora, de acordo com os dados registrados, que fui obrigado a verificar um tanto rapidamente, vocês três foram seus companheiros de estudo na faculdade. Certo? Eles concordaram.

- Há algum outro companheiro de estudos de vocês presente na Convenção ?

- Não - respondeu Kaunas. - Nós éramos apenas quatro na qualificação para um doutorado de astronomia naquele ano. Ao menos, ele teria sido qualificado se...

- Sim, compreendo - disse Mandei. - Bem, então, neste caso, um de vocês três visitou Villiers em seu quarto uma última vez à meia-noite.

Houve curto silêncio. E Ryger disse friamente:

- Não eu.

Kaunas, com os olhos arregalados, balançou a cabeça.

- O que o senhor está insinuando? - perguntou Talliaferro.

- Um de vocês veio até ele à meia-noite e insistiu em ver o trabalho. Não sei a razão. Presumivelmente, era com a intenção deliberada de forçá-lo a um colapso cardíaco. Quando Villiers teve o colapso, o criminoso, se posso chamá-lo assim, estava pronto. Ele apanhou o trabalho, que, devo acrescentar, provavelmente estava guardado sob seu

travesseiro, e o escrutou. Depois, destruiu o próprio trabalho no dispositivo de flash, mas, como estava com pressa, a destruição não foi completa.

Ryger interrompeu.

- Como é que o senhor sabe tudo isso? Foi testemunha?

- Quase - disse Mandei. - Villiers não estava totalmente morto no momento de seu primeiro colapso. Quando o criminoso saiu, ele conseguiu alcançar o telefone e chamar o meu quarto. Ele desabafou algumas frases, o bastante para delinear o que havia ocorrido. Infelizmente, eu não estava no meu quarto; uma conferência tardia me afastara. Entretanto, meu gravador registrou tudo. Sempre ouço a fita do gravador toda vez que volto ao meu quarto ou ao escritório. Hábito burocrático. Chamei-o.

Ele estava morto.

- Bem, então, - disse Ryger - quem foi que ele disse que o fez?

- Ele não disse. Ou, se disse, estava ininteligível. Mas uma palavra permaneceu claramente. Foi um colega de classe.

Talliaferro desprendeu seu escrutador do bolso interno do casaco e ofereceu a Mandei. Calmamente, disse:

- Se o senhor quiser desenvolver o filme em meu escrutador, será bem-vindo. Não encontrará o trabalho de Villiers aí.

Imediatamente Kaunas fez o mesmo, e Ryger o seguiu com mau humor.

Mandei pegou os três escrutadores e disse secamente:

- Presumivelmente, aquele dentre vocês que fez isto já retirou a peça de filme exposto com o trabalho. Entretanto...

Talliaferro levantou as sobrancelhas.

- O senhor pode revistar-me ou revistar meu quarto. Mas Ryger ainda estava carrancudo.

- Agora, espere um minuto, espere um minuto apenas. O senhor é a polícia?

Mandei o fitou.

- O senhor quer a polícia? O senhor quer um escândalo e um inquérito sobre assassinato? O senhor quer a Convenção estragada e o Sistema de imprensa fazendo uma festa sobre astronomia e astrônomos? A morte de Villiers podia bem ser acidental. Ele tinha um coração doente. Qualquer um, dentre vocês, que estava lá pode bem ter agido sob um impulso. Pode não ter sido crime premeditado. Se quem quer que tenha sido devolver o negativo, podemos evitar muita complicação.

- Mesmo para o criminoso ? - perguntou Talliaferro. Mandei deu de ombros.

- Pode haver problemas para ele. Não prometerei imunidade. Mas, qualquer que seja o problema, não será uma desgraça pública nem prisão perpétua, como pode acontecer, se a polícia for chamada.

Silêncio.

- É um de vocês três - disse Mandei. Silêncio.

-- Acho que posso perceber o raciocínio original do culpado. - continuou Mandei. - O trabalho seria destruído. Somente nós quatro sabíamos da transferência da massa e somente eu vi a demonstração. Além do mais, vocês tinham apenas a palavra dele, a palavra de um louco talvez, de que eu o havia visto. com Villiers morto de colapso do

coração e o trabalho desaparecido, seria fácil acreditar na teoria do Dr. Ryger de que não havia transferência da massa nem nunca houvera. Passado um ano ou dois, nosso criminoso, de posse dos dados da transferência da massa, poderia revelá-lo pouco a pouco, montar experiências, publicar trabalhos cuidadosos e terminar, como o aparente descobridor, com tudo o que isto implica em termos de dinheiro e de renome. Mesmo seus próprios colegas de classe não suspeitariam nada. No máximo, acreditariam que o antigo caso com Villiers o havia inspirado a começar investigações no campo. Nada mais.

Mandei olhou firmemente um rosto após outro.

- Mas nada disso funcionará agora. Qualquer um dentre vocês três que aparecer com a transferência da massa estará se proclamando o criminoso. Eu vi a demonstração, sei que é legítima; sei que um de vocês possui um registro do trabalho. A informação é inútil para vooâs. Desistam então.

Silêncio.

Mandei andou até a porta e virou-se outra vez.

- Eu gostaria que vocês estivessem aqui quando eu voltasse. Não Vou demorar. Espero que o culpado aproveite o intervalo para reconsiderar. Se ele estiver com medo de que uma confissão o fará perder o emprego, deixe-me lembrar-lhe que uma sessão com a polícia pode fazê-lo perder a liberdade e custar-lhe uma psicoprova.

Sentiu o peso dos três escrutadores, parecia triste e um tanto precisado de sono.

- Eu desenvolverei estes. Kaunas tentou sorrir.

- O que acha de darmos uma busca enquanto o senhor vai?

- Apenas um de vocês tem motivo para tentá-lo - disse Mandei. - Acho que posso confiar nos dois inocentes para controlar o terceiro, nem que seja como autoproteção.

Ele saiu.

Eram cinco da manhã. Ryger olhou para o relógio indignado.

- Que inferno! Quero dormir.

- Nós podemos nos enroscar por aqui - disse Talliaferro filosòficamente. - Alguém está planejando uma confissão?

Kaunas desviou os olhos e Ryger franziu os lábios.

- Não acredito. - Talliaferro fechou os olhos, encostou a grande cabeça na cadeira, e disse com voz cansada:

- Lá na Lua, eles estão na estação de férias. Tivemos uma noite de duas semanas e, então, sempre ocupados. Depois, há duas semanas de sol e não há nada mais que cálculos, correlações e sessões de correção. Este é que é o tempo duro. Eu o detesto. Se houvesse mais mulheres, se eu pudesse arranjar algo permanente...

Num sussurro, Kaunas falou sobre o fato de que ainda era impossível ter todo o Sol acima do horizonte e sob a mira do telescópio em Mercúrio. Mas, com mais outros três quilômetros de trilha que seriam feitos logo para o observatório - mover toda a coisa, sabe, com forças tremendas envolvidas, com energia solar usada diretamente - poder-se-ia conseguir. Seria conseguido.

Mesmo Ryger consentiu em falar de Ceres, depois de ouvir o longo murmúrio das outras vozes. Havia lá o problema do período de rotação de duas horas, que significava que as estrelas disparavam pelo céu numa velocidade angular doze vezes maior do que na

Terra. Uma rede de três raios de luz, três radioscópios, três de cada coisa captavam os campos de estudo de um em um, à medida que passavam girando.

- Você poderia usar um dos pólos? - perguntou Kaunas.

- Você está pensando em Mercúrio e no Sol - disse Ryger com impaciência. - Mesmo nos pólos o céu ainda gira e a metade dele ficaria escondida para sempre.

Agora se Ceres mostrasse apenas uma face para o Sol, como Mercúrio, teríamos um céu em noite permanente, com as estrelas rodando vagarosamente uma vez em três anos.

O céu clareou e amanheceu lentamente.

Talliaferro estava quase dormindo, mas se mantinha semiconsciente com firmeza. Ele não podia cair no sono e deixar os outros acordados. Cada um dos três, refletiu, estava pensando: "Quem? Quem?"

Exceto o culpado, naturalmente.

Os olhos de Talliaferro se abriram rápidos quando Mandei entrou novamente. O céu, visto pela janela, tinha ficado azul. Talliaferro estava contente pelo fato de a janela estar fechada. O hotel tinha ar condicionado, naturalmente, mas as janelas deviam ser abertas durante as estações frescas do ano pelos terrestres, que amavam a ilusão de ar fresco. Talliaferro, com o vácuo da Lua na cabeça, tremeu de desconforto mesmo à simples idéia.

- Algum de vocês tem algo a dizer? - indagou Mandei. Eles o fitaram firmemente. Ryger balançou a cabeça.

- Revelei o filme de seus escrutadores, cavalheiros, - informou Mandei - e vi os resultados. - Ele sacudiu os escrutadores e tiras de filme revelado sobre a cama.

- Nada! Terão trabalho para retirar o filme, temo. Por isso me desculpo. E, agora, ainda há a questão do filme perdido.

- Se há - disse Ryger, e bocejou pròdigamente.

- Sugiro que desçamos para o quarto de Villiers, cavalheiros - falou Mandei.

Kaunas pareceu assustado.

- Isso é psicologia? Trazer o criminoso ao local do crime e o remorso arrancará uma confissão dele? - disse Talliaferro.

- Uma razão menos melodramática - retrucou Mandei. - É que eu gostaria que os dois inocentes dentre vocês me ajudassem a encontrar o filme perdido do trabalho de Villiers.

- O senhor acha que está aqui? - perguntou Ryger em desafio.

- Possivelmente. É um começo. Nós podemos depois revistar cada um de seus quartos. O simpósio de astronáutica não começa antes de amanhã às dez horas. Temos tempo.

- E depois disso?

- Talvez tenha que ser a polícia.

Entraram cuidadosamente no quarto de Villiers. Ryger estava vermelho, Kaunas pálido. Talliaferro tentava permanecer calmo.

Na noite passada, eles o haviam visto sob uma luz artificial, com Villiers raivoso e desgrenhado, agarrando seu travesseiro, encarando-os e ordenando-lhes que saíssem.

Agora, havia o odor, sem cheiro, da morte.

Mandei ajustou o polarizador da janela para deixar que a luz entrasse, afastando-o bastante, de modo que o sol de leste penetrasse.

Kaunas levantou o braço para cobrir os olhos e gritou:

- O Sol! - de um modo que todos gelaram.

O rosto de Kaunas revelava terror tal, como se tivesse lançado um olhar que o cegasse ao seu Sol de Mercúrio.

Talliaferro pensou em sua própria reação perante a possibilidade de ar puro e seus dentes rangeram. Estavam todos contorcidos pelos seus dez anos de ausência da Terra.

Kaunas correu para a janela, tateando em busca do polarizador, e então se ouviu sua respiração num grande suspiro.

Mandei andou para seu lado.

- Que aconteceu de errado? - e os outros dois o acompanharam.

A cidade se estendia abaixo deles lá fora no horizonte de pedra e tijolo, banhada pelo Sol nascente, com as partes ensombreadas voltadas para eles. Talliaferro lançou-lhe um olhar furtivo e incomodado.

Kaunas, aparentemente contraído além do ponto em que poderia gritar, fitava alguma coisa muito mais próxima. Ali, na amurada externa da janela, estava uma tira de dois centímetros e meio de comprimento de um filme branco-acinzentado, e sobre ele batiam os primeiros raios do Sol nascente.

Mandei, com um grito zangado e incoerente, escancarou a janela e o apanhou. Protegeu-o na concha da mão, com os olhos quentes e vermelhos.

- Esperem aqui! - exclamou.

Não havia nada a dizer. Quando Mandei saiu, sentaram-se e entreolharairnse com ar estúpido.

Mandei voltou em vinte minutos. Falou calmamente - numa voz que dava a impressão, de alguma forma, que estava calma apenas por ter ultrapassado o limite da raiva:

- A tira na fenda não estava superexposta. Descobri algumas palavras. É o trabalho de Villiers. O resto está em ruínas; nada pôde ser salvo. Foi-se.

- E agora? - disse Talliaferro. Mandei deu de ombros, cansado.

- Exatamente agora, não me importo. A transferência da massa se perdeu até que alguém tão brilhante quanto Villiers a descubra outra vez. Vou trabalhar nisso, mas não tenho ilusões quanto à minha própria capacidade. com tudo desaparecido, suponho que vocês três não se importam, culpados ou não. Qual a diferença? - Todo seu corpo parecia estar perdido, mergulhado no desespero. Mas a voz de Talliaferro soou dura:

- Agora, espere. A seus olhos, qualquer um de nós três pode ser o culpado. Eu, por exemplo. O senhor é um grande homem no assunto e nunca terá uma boa referência para dar sobre mim. Pode surgir a idéia generalizada de que sou incompetente ou ainda algo pior. Não serei arruinado pela sombra da dúvida. Vamos agora resolver tudo isto.

- Não sou detetive - disse Mandei cansado.

- Então, por que não chama a polícia?

- Espere um pouco, Tal. Você está querendo dizer que eu sou culpado? - perguntou Ryger.

- Estou apenas dizendo que sou inocente. Kaunas ergueu a voz com medo.

- Isto significa a psicoprova para cada um de nós. Pode haver prejuízos mentais...

Mandei levantou os braços no ar.

- Cavalheiros! Cavalheiros! Por favor! Há uma coisa que podemos fazer sem a polícia; e o senhor está certo, Dr. Talliaferro, seria injusto para o inocente deixar este assunto por aqui.

Voltaram-se para ele com expressão de hostilidade.

- Que é que o senhor sugere? - perguntou Ryger.

- Tenho um amigo chamado Wendell Urth. Vocês devem ter ouvido falar dele, ou não, mas talvez eu consiga vê-lo esta noite.

- E se pudermos ? - perguntou Talliaferro. - A que isto nos leva?

- Ele é um homem estranho - disse Mandei com hesitação. - Muito estranho. E muito brilhante a seu modo. Ele já ajudou a polícia antes e talvez seja capaz de nos ajudar.

Edward Talliaferro não pôde evitar seu espanto ao olhar o quarto e seu ocupante. Pareciam existir em isolamento, e fazer parte de um mundo irreconhecível. Os ruídos da terra estavam ausentes deste ninho acolchoado e sem janelas. A luz e o ar da Terra haviam sido substituídos pela iluminação artificial e o ar condicionado.

Era um quarto grande, sombrio e em desordem. Eles haviam aberto uma trilha no chão até uma poltrona onde arquivos de filmes haviam sido afastados bruscamente e empurrados para um lado numa confusão amorfa.

O ocupante do quarto tinha um rosto grande e redondo num corpo curto e rotundo. Ele se movia rapidamente com as pernas curtas, balançando a cabeça quando falava, até que os grossos óculos quase caíssem de uma protuberância totalmente imperceptível que fazia as vezes de nariz. Os olhos, um tanto esbugalhados, com pálpebras grossas, brilhavam para eles com um jeito míope e alegre, enquanto se sentava em sua combinação de mesa e cadeira, iluminado diretamente pela única luz brilhante no quarto.

- Foram tão gentis em vir, cavalheiros. Por favor, desculpem o estado do quarto. - Acenou com os dedos curtos e grossos num gesto largo. - Estou ocupado em catalogar os muitos objetos de interesse extraterrológico que acumulei. É uma tarefa tremenda. Por exemplo...

Deslizou de seu assento, mergulhou numa pilha de objetos ao lado da cadeira e voltou com um objeto cinzento, meio transparente e ligeiramente cilíndrico.

- Isto - explicou ele - é um objeto calistênico, que pode ser uma relíquia de entidades inteligentes não-humanas. Não está resolvido. Não se encontrou mais do que uma dúzia, e este é o mais perfeito espécime singular que conheço.

Ele o lançou para um lado e Talliaferro pulou. O homem troncudo olhou em sua direção e disse:

- Não é quebrável.

Sentou-se novamente, cruzou os dedos gordos firmemente sobre a barriga, deixando-os subir e descer à medida que respirava.

- E agora, que posso fazer pelos senhores?

Hubert Mandei fazia as introduções e Talliaferro, considerações profundas. Certamente foi um homem chamado Wendell Urth que escrevera um livro recentemente,

intitulado Processos Evolutivos

Comparados em Planetas de Oxigênio Aquoso, e certamente este não podia ser o homem.

- O senhor é o autor dos Processos Evolutivos Comparados, Dr. Urth? - perguntou Talliaferro.

Um sorriso beatífico atravessou o rosto de Urth.

- O senhor o leu?

- Bem, não, não li, mas...

A expressão de Urth ficou instantaneamente severa.

- Então devia. Agora mesmo. Aqui, tenho um exemplar. Ele se lançou da cadeira outra vez, mas Mandei gritou:

- Agora espere, Urth, primeiro as coisas mais importantes. Isto é sério.

Ele virtualmente forçou Urth a voltar para sua cadeira e começou a falar rapidamente, como se quisesse evitar que qualquer outro assunto viesse à tona. Ele contou toda a história com admirável economia de palavras.

Urth ficou vermelho lentamente, enquanto ouvia. Segurou os óculos e os elevou bem acima do nariz.

- Transferência da massa! - gritou ele.

- Eu a vi com meus próprios olhos - disse Mandei.

- E você nunca me disse.

- Eu jurei segredo. O homem era ... esquisito. Expliquei isso. Urth deu um murro na mesa.

- Como pôde deixar que uma descoberta como esta permanecesse propriedade de um excêntrico, Mandei? Deveria ter sido forçado a revelar o conhecimento disso pela psicoprova, caso fosse necessário.

- Isso o mataria - protestou Mandei.

Mas Urth balançava-se para a frente e para trás com as mãos firmes contra o rosto.

- Transferência da massa. A única forma para um homem decente e civilizado poder viajar. A única forma possível. A única forma concebível. Se eu soubesse... Se eu pudesse ter estado lá... Mas, o hotel está a quase cinqüenta quilômetros de distância.

Ryger, que escutava com expressão de aborrecimento, se interpôs:

- Acho que há uma linha de vôo direto para Convention Hall. Poderia tê-lo levado até lá em dez minutos.

Urth se esticou e olhou para Ryger estranhamente. As faces incharam. Deu um salto, ficou de pé e fugiu do quarto.

- Que diabo aconteceu? - perguntou Ryger. Mandei murmurou:

- Maldito, eu devia tê-los avisado... - Deque?

- O Dr. Urth não viaja em nenhum tipo de veículo. É uma fobia. Ele anda somente a pé.

Kaunas pestanejou confuso.

- Mas é um extraterrologista, não é? Um perito em formas de vida de outros planetas ?

Talliaferro havia se levantado e estava agora diante de uma lente galáctica num pedestal. Fitou o brilho profundo dos sistemas de estrelas. Nunca vira lente tão grande e tão trabalhada.

- Ele é extraterrologista, sim, mas nunca visitou nenhum dos planetas nos quais é perito, e nunca o fará - disse Mandei. - Em trinta anos, nunca esteve a mais de poucos quilômetros de seu quarto.

Ryger riu.

Mandei retrucou zangado:

- Você pode achar engraçado, mas eu gostaria que fosse cuidadoso com o que diz quando o Dr. Urth voltar.

Urth apareceu um minuto depois.

- Minhas desculpas, cavalheiros - disse num suspiro. - E agora vamos ao nosso problema. Talvez algum de vocês queira confessar.

Os lábios de Talliaferro torceram-se amargamente. Este extraterrologista troncudo e introvertido era formidável bastante para forçar uma confissão de qualquer um.

Felizmente, não haveria necessidade dele.

- Dr. Urth, o senhor está ligado à polícia? - perguntou Talliaferro.

Um certo ar de presunção pareceu dominar o rosto vermelho de Urth.

- Não tenho qualquer ligação oficial, Dr. Talliaferro, mas minhas relações oficiosas são realmente muito boas.

- Nesse caso, Vou lhe dar algumas informações que o senhor pode levar à polícia.

Urth encolheu a barriga e puxou a fralda da camisa. Ela se soltou e vagarosamente ele limpou os óculos com ela. Quando acabou e os encarapitou precariamente sobre o nariz outra vez, perguntou:

- E qual é?

- Eu lhe direi quem estava presente quando Villiers morreu e quem escrutou seu trabalho.

- O senhor resolveu o mistério?

- Pensei nisso o dia inteiro. Acho que resolvi. Talliaferro estava bem satisfeito com a sensação que criara.

- Bem, então?

Talliaferro respirou fundo. Aquilo não seria fácil de fazer, embora tivesse planejado tudo durante horas.

- O homem culpado - disse ele - é obviamente o Dr. Hubert Mandei.

Mandei encarou Talliaferro com uma indignação repentina e sufocante.

- Olhe aqui, doutor, - começou em voz bem alta - se o senhor tem alguma base...

A voz de tenor* de Urth derramou-se sobre a interrupção.

- Deixe-o falar, Hubert, vamos ouvi-lo. Você suspeitou dele e não há lei que o proíba de suspeitar de você....

Mandei ficou em silêncio e mal-humorado. Talliaferro, não permitindo que sua voz falhasse, disse:

- É mais do que simples suspeição, Dr. Urth. A evidência é perfeitamente clara. Quatro de nós sabíamos da transferência da massa mas somente um de nós, o Dr.

Mandei, tinha realmente visto a demonstração. Ele sabia que era um fato. Ele sabia que existia um trabalho sobre o assunto. Nós três sabíamos apenas que Villiers era mais ou menos desequilibrado. Oh, podíamos ter pensado que havia apenas uma chance. Nós o visitamos às onze, acho, apenas para verificar isso, embora nenhum de nós tenha falado a respeito, mas apenas se comportou da maneira ainda mais louca.

- Verifique então o conhecimento especial e o motivo no lado de Mandei. Agora, Dr. Urth, visualize uma coisa mais. Quem quer que seja que confrontou Villiers à meia-noite, viu-o ter o colapso, e escrutou seu trabalho (vamos mantê-lo anônimo por um momento), deve ter ficado terrivelmente assustado ao ver Villiers aparentemente reviver outra vez e ouvi-lo falar ao telefone. Nosso criminoso, no pânico do momento, percebeu uma coisa: ele precisava livrar-se da única peça de evidência material incriminadora.

- Ele tinha que se livrar do filme não-desenvolvido do trabalho e tinha de fazê-lo de modo tal que seguramente não fosse descoberto, de modo que pudesse recuperá-lo ainda uma vez, caso permanecesse insuspeito. O parapeito exterior da janela era o ideal. Rapidamente, abriu a janela de Villiers, colocou a tira de filme do lado de fora e saiu. Agora, mesmo que Villiers sobrevivesse ou mesmo que seu telefonema trouxesse resultados, seria apenas a palavra de Villiers contra a sua, e seria fácil mostrar que Villiers estava desequilibrado.

Talliaferro fez uma pausa triunfante. Isto seria irrefutável. Wendell Urth piscou para ele e mexeu os polegares das mãos cruzadas, de modo a tocar-lhe a camisa.

- E o significado de tudo isto?

- O significado é que a janela foi aberta e o filme colocado ao ar livre. Agora, Ryger viveu dez anos em Ceres, Kaunas em Mercúrio, eu na Lua - excetuando pequenas saídas, não muitas. Nós comentamos ontem muitas vezes sobre a dificuldade de se aclimatar à Terra.

- Nossos mundos de trabalho são objetos sem ar. Nós nunca saímos ao ar livre sem roupa especial. Expor-nos ao espaço aberto é impensável. Nenhum de nós poderia ter aberto a janela sem uma intensa luta interior. O Dr. Mandei, entretanto, tem vivido exclusivamente na Terra. Abrir uma janela, para ele, é somente questão de esforço muscular. Ele poderia fazê-lo. Nós, não. Ergo, ele o fez.

Talliaferro tornou a sentar-se e sorriu levemente.

- Espaço! É isto! - gritou Ryger com entusiasmo.

- Não é nada disso absolutamente - rosnou Mandei, levantando meio corpo como se estivesse tentado a se lançar sobre Talliaferro. - Nego toda essa trama miserável. O que me dizem da gravação que tenho do chamado telefônico de Villiers? Ele usou as palavras colega de classe. Toda a gravação torna tudo claro...

- Ele estava morrendo - disse Talliaferro. - Muito do que ele disse o senhor admitiu que estava incompreensível. Eu lhe pergunto, Dr. Mandei, sem ter ouvido a gravação, se não é verdade que a voz de Villiers está irreconhecível pela distorção.

- Bem... - balbuciou Mandei, confusamente.

- Tenho certeza de que está. Não há razão para se supor, então, que o senhor não tenha montado a gravação antes e completado com a danada expressão colega de classe.

- Meu Deus, como saberia eu que havia colegas de classe na Convenção? Como

saberia que eles sabiam da transferência da massa? - perguntou Mandei.

- Villiers podia ter-lhe contado. Presumo que o tenha feito.

- Agora, veja, - disse Mandei - vocês três viram Villiers vivo às onze. O examinador médico, vendo o corpo de Villiers pouco depois das três horas da manhã, declarou que estava morto havia duas horas no mínimo. Isso era certo. A hora da morte foi, entretanto, entre onze horas da noite e uma hora da manhã. Eu estava numa conferência tardia na última noite. Posso provar minhas andanças, quilômetros de distância do hotel, entre dez e duas, com uma dúzia de testemunhas, de nenhuma das quais ninguém pode duvidar. Is&o é o bastante para vocês ?

Talliaferro parou um momento. E continuou teimosamente:

- Mesmo assim. Suponho que volte para o hotel às duas e trinta. O senhor foi ao quarto de Villiers para discutir sobre sua palestra. Encontrou a porta aberta, ou tinha uma duplicata. De qualquer modo, o senhor o encontrou morto. Aproveitou-se da oportunidade para escrutar o trabalho...

- E se ele já estava morto e não podia dar telefonemas, por que eu iria esconder o filme ?

- Para evitar suspeitas. O senhor pode ter uma segunda cópia do filme segura sob sua proteção. Quanto a isto, nós temos apenas sua palavra de que o trabalho estava destruído.

- Basta! Basta! - gritou Urth. - É uma hipótese interessante, Dr. Talliaferro, mas cai no chão devido ao próprio peso.

Talliaferro olhou-o com desdém.

- É a sua opinião talvez...

- Seria a opinião de qualquer um. Qualquer um, isto é, com o poder do pensamento humano. Não vê que Hubert Mandei fez demais para ser o criminoso?

- Não - disse Talliaferro. Wendell Urth sorriu benignamente.

- Como um cientista, Dr. Talliaferro, o senhor sabe indubitavelmente como não se apaixonar por suas próprias teorias com o sacrifício de fatos e de raciocínios. Dê-me o prazer de se comportar, de modo semelhante, como um detetive.

- Considerando que o Dr. Mandei tenha provocado a morte de Villiers e fraudado um álibi ou que ele tenha encontrado Villiers morto e tirado vantagem disso, como teria tido pouca coisa que fazer! Por que escrutar o trabalho ou mesmo pretender que alguém o tenha feito? Ele poderia simplesmente apanhar o trabalho. Quem mais sabia de sua existência? Ninguém, na verdade. Não havia nenhuma razão para pensar que Villiers havia contado a alguém mais. Villiers era patològicamente secreto.

Teria havido só razão para pensar que ele não contara a ninguém.

- Ninguém sabia que Villiers faria uma palestra, exceto o Dr. Mandei. Não fora anunciada. Nenhum programa foi publicado. O Dr. Mandei poderia ter saído com o trabalho em completo segredo.

- Mesmo que houvesse descoberto que Villiers falara com seus colegas de classe sobre o assunto, o que é que tem? Qual a evidência que eles teriam, se tinham apenas a palavra de alguém que eles mesmos estavam prontos a considerar louco?

- Em vez disso, ao anunciar que o trabalho de Villiers fora destruído, ao declarar

que sua morte não fora inteiramente natural, ao procurar uma cópia escrutada do filme - em resumo, por tudo que o Dr. Mandei fez, ele levantou uma suspeita que somente ele poderia ter levantado, quando podia ^apenas permanecer quieto para ter cometido um crime perfeito. Se ele fosse o criminoso, seria a pessoa mais estúpida, mais colossalmente obtusa que jamais conheci. E o Dr. Mandei, afinal, não é nada disso.

Talliaferro ficou pensativo, mas não encontrou nada para dizer.

- Então quem o fez? - interrogou Ryger.

- Um de vocês três, é claro.

- Mas qual?

- Oh, é claro também. Eu soube qual de vocês era o culpado desde o momento em que o Dr. Mandei completou o relato dos acontecimentos.

Talliaferro olhou para o gordo extraterrologista com desgosto. O blefe não o amedrontava, mas afetava os outros dois. Os lábios de Ryger estavam salientes e o queixo de Kaunas havia caído imbecilmente. Pareciam dois peixes fora d'água.

- Qual dos dois então? Diga-nos! Urth piscou.

- Primeiramente, quero deixar perfeitamente claro que o importante é a transferência da massa. Ainda se pode recuperá-la.

Mandei, franzindo a testa, perguntou queixosamente:

- Que diabo você está dizendo, Urth?

- O homem que escrutou o trabalho, provavelmente olhou para o que estava escrutando. Duvido que ele tivesse tido tempo ou presença de espírito para lê-lo e, se o fez, duvido que pudesse lembrar-se agora ... conscientemente. Entretanto, há a psicoprova. Se ele ao menos deu uma olhada no trabalho, o que foi impingido à sua retina poderia ser testado.

Houve um movimento de tensão.

- Não é preciso ficar com medo da psicoprova - atalhou Urth prontamente. - Usando-a devidamente, é muito segura, particularmente se a pessoa se oferece voluntariamente.

Há prejuízos usualmente quando há resistência desnecessária, uma espécie de violência mental, sabe. Assim, se a pessoa culpada confessar voluntariamente, colocar-se em minhas mãos...

Talliaferro riu. O barulho repentino soou estridentemente no silêncio do quarto sombrio. A psicologia estava tão transparente e sem artimanhas!

Wendell Urth mostrou-se quase assustado com a reação e encarou Talliaferro firmemente por cima dos óculos.

- Tenho bastante influência na polícia para manter a prova inteiramente secreta.

- Eu não o fiz - disse Ryger selvagemente. Kaunas balançou a cabeça.

Talliaferro desdenhou qualquer resposta. Urth suspirou.

- Então, terei que apontar o homem culpado. Será traumatizante. Fará as coisas mais difíceis.

Apertou o cinto firmemente.

- O Dr. Talliaferro indicou que o filme estava escondido na beirada exterior da janela, de modo que não fosse descoberto e nada sofresse. Concordo com ele.

- Obrigado - disse Talliaferro secamente.

- Entretanto, por que alguém haveria de pensar que o parapeito externo de uma janela seria esconderijo particularmente seguro ? A polícia certamente olharia lá.

- Mesmo na ausência da polícia, seria descoberto. Quem consideraria qualquer coisa fora de um edifício como particularmente segura? Certamente alguém que viveu longo tempo num mundo sem ar e acabou por concluir que ninguém sai de um lugar fechado sem maiores precauções.

- Para alguém na Lua, por exemplo, qualquer coisa escondida fora de uma Casa Lunar estaria comparativamente segura. Os homens se aventuram a sair somente em raras ocasiões e somente para assuntos específicos. Então, ele superaria o incômodo de abrir uma janela e se expor ao que subconscientemente consideraria um vácuo por causa de um esconderijo seguro. O pensamento reflexo, "Fora de uma estrutura habitada, é seguro", faria tudo.

Talliaferro disse entredentes:

- Por que o senhor mencionou a Lua, Dr. Urth? Urth falou brandamente:

- Apenas como exemplo. O que eu disse até agora se aplica a vocês três. Mas, agora, vem o ponto crucial, o assunto do fim da noite.

Talliaferro franziu as sobrancelhas.

- O senhor quer dizer a noite em que Villiers morreu?

- Quero dizer qualquer noite. Vejam agora, mesmo tendo como garantia que o parapeito exterior de uma janela fosse esconderijo seguro, qual de vocês seria maluco bastante para considerá-lo esconderijo seguro de um pedaço de filme não exposto! Filmes escrutados não são muito sensíveis, certamente, e são feitos para serem desenvolvidos sob todos os tipos de condições adversas. A iluminação difusa da noite não os afetaria seriamente, mas a luz difusa do dia os estragaria em poucos minutos, e a luz solar direta os arruinaria imediatamente. Todo o mundo sabe.

- Continue, Urth. Aonde quer chegar? - interrogou Mandei.

- Você está tentando apressar-se - disse Urth fazendo cara feia. - Quero que vocês vejam isto claramente. O criminoso queria, acima de tudo, manter o filme seguro.

Era a única recompensa de supremo valor para ele mesmo e para o mundo. Por que ele o colocaria onde seria inevitavelmente deteriorado quase imediatamente pelo Sol da manhã? Apenas porque não esperava que o Sol da manhã viesse jamais. Pensou que a noite, por assim dizer, era imortal.

- Mas as noites não são imortais. Na Terra, morrem e dão lugar ao dia. Mesmo a noite polar de seis meses é uma noite que morre eventualmente. As noites em Ceres duram apenas duas horas; as noites na Lua duram duas semanas. São também noites que morrem, e os Drs. Talliaferro e Ryger sabem que o dia sempre vem.

Kaunas levantou-se.

- Mas espere...

Wendell Urth o fitou diretamente.

- Não há mais necessidade de esperar, Dr. Kaunas. Mercúrio é o único objeto, considerado no Sistema Solar, que mostra apenas uma face para Sol. Mesmo considerando as oscilações, três oitavos de sua superfície estão no escuro total e nunca vêem o Sol. O

Observatório Polar está na margem deste lado escuro. Durante dez anos, o senhor se acostumou ao fato que as noites são imortais, que uma superfície no escuro permanece eternamente na escuridão, e então o senhor confiou o filme não exposto à noite da Terra, esquecendo-se, na sua agitação, que as noites devem morrer...

Kaunas se adiantou.

- Espere...

Urth estava inexorável.

- Contaram-me que, quando Mandei ajeitou o polarizador no quarto de Villiers, o senhor gritou na luz do Sol. Foi o seu temor enraizado do Sol de Mercúrio, ou a compreensão repentina do que a luz do Sol significava para seus planos? O senhor avançou. Foi para ajeitar o polarizador, ou para olhar o filme estragado?

Kaunas caiu de joelhos.

- Eu não pretendia. Eu queria falar com ele, apenas falar com ele, e ele gritou e teve o colapso. Pensei que estivesse morto, e o trabalho estava sob seu travesseiro, e tudo então se seguiu.

Uma coisa levou à outra e, antes que eu percebesse, não podia mais sair daquilo. Mas eu não pretendia. Juro.

Tinham formado um semicírculo em torno dele, e Wendell Urth olhou para o choroso Kaunas com pena.

Uma ambulância veio e se foi. Talliaferro finalmente conseguiu falar com Mandei duramente.

- Espero, senhor, que não haverá maus sentimentos pelas coisas ditas aqui.

E Mandei respondera também duramente:

- Acho que o melhor a fazer é esquecermos, o máximo possível, tudo que aconteceu durante as últimas vinte e quatro horas.

Eles estavam à saída da porta, prontos para partir. Wendell Urth abaixou o rosto sorridente e disse:

- Há a questão de meus honorários, sabem? Mandei olhou para ele com expressão de espanto.

- Não é dinheiro - explicou Urth. - Mas, quando a primeira estação de transferência da massa para seres humanos for estabelecida, quero uma viagem garantida para mim imediatamente.

Mandei continuou a fitá-lo com espanto.

- Agora, espere. As viagens no espaço cósmico são muito longas.

Urth balançou rapidamente a cabeça.

- Não no espaço cósmico. Absolutamente. Eu gostaria de ir até Lower Falls, New Hampshire.

- Está bem. Mas por quê?

Urth ergueu a cabeça. Para surpresa de Talliaferro, o rosto do extraterrologista apresentava expressão igualmente de timidez e ansiedade.

- Uma vez, há muito tempo atrás, - disse Urth - conheci lá uma garota. Faz muitos anos, mas, às vezes, penso...

POSFÁCIO

Alguns leitores podem achar que esta história, publicada pela primeira vez em 1956, foi superada pelos acontecimentos. Em 1965, os astrônomos descobriram que Mercúrio não mostra sempre apenas um lado para o Sol, mas tem um período de rotação de cerca de 54 dias, de modo que todas as suas partes se expõem à luz do Sol.

Bem, o que mais posso dizer do que esperar que os astrônomos desenvolvam bem o seu trabalho, desde o começo?

E, certamente, eu me recuso a modificar minha história para adaptá-la aos caprichos deles.

PREFÁCIO

Este item não é estritamente um mistério, no sentido habitual da palavra, nem mesmo uma história. Não sei como descrevê-lo, a não ser, talvez, como sátira bem-intencionada da pesquisa científica.

Recebi mais correspondência depois desta publicação do que qualquer outra do mesmo porte. Uma lembrança particularmente agradável é a de um telefonema de um homem que falava com sotaque forte da Europa Central. Ele disse que estava em Boston para uma convenção e queria agradecer pelo prazer que eu lhe havia proporcionado com pâté de foie gras à medida em que inseria, de modo divertido e eficiente, tanta graça no conhecimento científico.

Tentei obter-lhe o nome, mas não o quis dar. Ele tinha medo, acho, de que lhe abalassem a reputação se descobrissem que Ha ficção científica. Se ele estiver lendo este livro secretamente, © se reconhecer aqui, eu gostaria de lhe assegurar que tem muitos companheiros e que pode tirar esta simples capa.

Sério!

PATÉ DE FOIE GRAS

Eu não lhes poderia dizer o meu nome verdadeiro se o quisesse, e, nestas circunstâncias, não o quero.

Não sou bem um escritor, por isso pedi a Isaac Asimov que escrevesse isto para mim. Eu o escolhi por várias razões. Primeira, é um bioquímico, e entende, então, o que lhe digo; alguma coisa, pelo menos. Em segundo lugar, sabe escrever; ou, pelo menos, já publicou várias histórias de ficção, embora, naturalmente, possa não ser a mesma coisa.

Eu não era a primeira pessoa a ter a honra de encontrar a Gansa. Pertencia a um fazendeiro de algodão do Texas chamado Ian Angus MacGregor, que era seu dono antes de se tornar propriedade do governo.

No verão de 1955, ele enviara, simplesmente, uma dúzia de cartas para o Departamento de Agricultura, pedindo informação sobre como chocar ovos de gansa. O departamento lhe enviou todos os panfletos que tinha à mão que tratassem do assunto, mas suas cartas se tornaram simplesmente mais apaixonadas e livres em suas referências ao seu "amigo", um congressista local.

Minha relação com tudo isto se deve ao fato de eu ser empregado do Departamento de Agricultura. Como eu iria comparecer a uma convenção em Santo Antônio, em julho de 1955, meu chefe pediu-me que parasse na fazenda de MacGregor e visse o que poderia fazer para ajudá-lo. Somos empregados do público e, além disso, tínhamos finalmente recebido uma carta do congressista de MacGregor.

Em 17 de julho de 1955, encontrei a Gansa.

Encontrei MacGregor em primeiro lugar. Tinha seus cinqüenta anos, homem alto, rosto comprido, cheio de desconfiança. Falei sobre toda a informação que ele recebera e, depois, perguntei polidamente se podia ver os gansos.

- Não são gansos, senhor; é uma gansa.

- Posso vê-la?

- Claro que não.

- Bem, então, não posso ajudá-lo em mais nada. Se é apenas uma gansa, então deve haver algo de errado com ela. Por que se preocupar com uma gansa? Coma-a.

Levantei-me e peguei o chapéu.

- Espere!

Permaneci ali, enquanto os lábios dele se apertavam e os olhos se franziam, revelando luta interior.

- Venha comigo.

Saí com ele até uma gaiola perto da casa, cercada de arame farpado, com cadeado no portão e guardando uma gansa - a Gansa.

- Esta é a Gansa. - Falou de um modo que cheguei até a ouvir a inicial maiúscula.

Fitei-a. Parecia-se com qualquer outra gansa, gorda, bem satisfeita e temperamental.

- E aqui está um de seus ovos. Esteve na incubadeira. Nada aconteceu - disse MacGregor.

Tirou-o de um grande bolso superior. Havia um jeito estranho em seu modo de segurá-lo.

Franzi as sobrancelhas. Havia algo de errado com o ovo. Era menor e menos esférico do que o normal.

- Pegue-o - falou MacGregor.

Estiquei-me para pegá-lo. Ou tentei. Fiz o esforço que um ovo daquele tamanho merecia, e ele permaneceu no mesmo lugar. Tive que tentar com mais força, e então veio.

Agora eu sabia o que havia de estranho na maneira pela qual MacGregor o segurava. Ele pesava quase um quilo.

Fitei-o ali pousado, pressionando a palma de minha mão para baixo, e MacGregor murmurou amargamente:

- Largue-o.

Apenas olhei para ele, que o tirou de minha mão e jogou-o no chão.

Bateu pesadamente. Não se despedaçou. Não espalhou a clara e a gema. Apenas ficou onde caiu, com a extremidade inferior afundada.

Apanhei-o de novo. A casca branca havia se fragmentado no ponto em que batera no chão. Pedaços dela haviam se espalhado e o que se via era de uma cor amarelada, esmaecida.

Minhas mãos tremiam. Era a única coisa que eu conseguia fazer ao mexer os dedos, mas arranquei o resto da casca quebrada, e fitei o amarelo.

Eu não tinha que fazer nenhuma análise. Meu coração o dizia.

Estava cara a cara com a Gansa!

A Gansa Que Punha Os Ovos de Ouro! Meu primeiro problema era conseguir que

MacGregor desistisse daquele ovo de ouro. Estava quase histérico quanto a isto.

- Dar-lhe-ei um recibo - declarei. - Garanto-lhe o pagamento. Farei qualquer coisa em questão.

- Não quero que o governo se intrometa - disse ele teimosamente.

Mas eu era duas vezes mais teimoso e, no fim, assinei um recibo; ele me acompanhou até o carro e ficou na estrada enquanto eu partia, seguindo-me com os olhos.

O chefe de minha seção no Departamento de Agricultura é Louis P. Bronstein. Temos boas relações, e pensei que poderia explicar-lhe as coisas sem ser colocado sob imediata observação. Mesmo assim, não me arrisquei. Eu tinha o ovo comigo e, quando cheguei ao ponto sutil, coloquei-o na mesa entre nós dois.

- É um metal amarelo e poderia ser latão, mas não é, pois é inerte ao ácido nítrico concentrado.

- É algum truque. Deve ser - retrucou Bronstein.

- Um truque que usa ouro de verdade? Lembre-se, quando vi esta coisa pela primeira vez, estava inteiramente coberta de uma autêntica casca de ovo inteiriça. Foi fácil verificar um pedaço da casca de ovo. Carbonato de cálcio.

O Projeto Gansa começara. Era 20 de julho de 1955.

Eu era o investigador responsável para começar e permaneci no cargo titular até o fim, embora os problemas rapidamente me ultrapassassem.

Começamos com o único ovo. Seu raio médio era de 35 milímetros (eixo maior, 72 mm; eixo menor, 68 mm). A capa de ouro tinha 2,45 mm de espessura. Estudando outros ovos mais tarde, descobrimos que o valor deste era bem alto. A espessura média revelou-se em torno de 2,1 mm.

No interior, era ovo. Parecia um ovo e cheirava a ovo.

As alíquotas foram examinadas, e os constitutivos orgânicos eram razoavelmente normais. A clara era 9,7 por cento de albumina. A gema tinha o complemento normal de vitelina, colesterol, fosfolipídio e carotenóide. Faltava-nos material suficiente para testar os constitutivos específicos; mais tarde, com mais ovos a nossa disposição, nós o fizemos e nada de estranho foi encontrado, apenas conteúdos de vitaminas, coenzimas, nucleínas, grupos sulfídricos etc., e o etc. foi considerado.

A única anormalidade grave importante encontrada foi o comportamento do ovo no calor. Uma pequena porção da gema, aquecida, "fervia forte" quase imediatamente. Demos uma porção do ovo bem fervido a um rato, que sobreviveu.

Mordisquei outro pedaço. Uma quantidade pequena demais para sentir o gosto, na verdade, mas me fez mal. Puramente psicossomático, tenho certeza.

Boris W. Finley, do Departamento de Bioquímica da Universidade de Temple - departamento consultivo - supervisionou estes testes.

Ele disse, referindo-se à grande fervura:

- A facilidade com que as proteínas do ovo são desnaturadas de calor indica, para começar, uma desnaturação parcial e, considerando a natureza da casca, a culpa óbvia seria levada à contaminação do metal pesado.

Assim, uma porção da gema foi analisada quanto aos componentes inorgânicos, e descobriu-se que era rico em íon auricloreto, que é um íon com carga unitária, contendo

um átomo de ouro e quatro de cloro, cujo símbolo é AuCU -. (O símbolo do ouro, Au, vem do fato de que em latim a palavra ouro é aurum. Quando digo que o teor em íon auricloreto era alto, quero dizer que era de 3,2 partes por milhar, ou 0,32 por cento. É suficientemente forte para formar complexos insolúveis de "proteína de ouro" que coagulariam facilmente.

- É claro que este ovo não pode ser chocado - disse Finley. - Nem qualquer outro ovo como este. Está envenenado com grande teor de metal. O ouro pode ser mais fascinante do que o chumbo, mas é tão venenoso quanto ele para as proteínas.

Concordei timidamente.

- Ao menos, está garantido contra o apodrecimento também ...

- Exatamente. Nenhum inseto que se respeite viveria nesta sopa clorauriferrosa.

A análise espectrográfica final do ouro da casca foi feita. Virtualmente pura. A única impureza detectada era ferro, cujo montante era de 0,23 por cento do total.

O conteúdo de ferro da gema do ovo tinha sido o dobro do normal, também. No momento, entretanto, o assunto do ferro foi negligenciado.

Uma semana depois de começar o Projeto Gansa, uma expedição foi enviada ao Texas. Cinco bioquímicos foram - vejam que a ênfase ainda era na bioquímica - com três caminhões carregados de equipamento e um esquadrão do exército. Eu fui junto, é claro.

Logo que chegamos, isolamos a fazenda de MacGregor do resto do mundo.

Esta era uma coisa propícia, sabem - as medidas de segurança que tomamos desde o começo. O raciocínio estava errado, no princípio, mas os resultados foram bons.

O Departamento queria manter o Projeto Gansa em segredo no início, simplesmente porque havia, sempre, a suspeita de que ainda poderia ser um truque elaborado e não poderíamos arriscamos numa contra publicidade. E, se não fosse um truque, não poderíamos sujeitar-nos à perseguição dos jornais, definitivamente provocada por uma história de gansa com ovos de ouro.

Foi apenas bem depois do início do Projeto Gansa, bem depois de nossa chegada à fazenda de MacGregor, que as implicações reais do assunto se esclareceram.

Naturalmente, MacGregor não gostou que homens e equipamentos se estabelecessem em torno dele. Não gostou de saber que a Gansa era propriedade do governo. Não gostou de ver os ovos recolhidos.

Não gostou de nada disto, mas concordou - se se pode considerar acordo, quando as negociações são desenvolvidas enquanto uma metralhadora é montada no quintal de um homem, e dez homens, com baionetas, marcham perante o local das conversações. Ele foi recompensado, naturalmente. O que é dinheiro para o governo?

A Gansa não gostava de algumas coisas - como fazer exame de sangue. Nós não ousamos anestesiá-la, com medo de lhe alterar o metabolismo, e foram precisos dois homens para segurá-la cada vez. Já tentou segurar um ganso bravo?

A Gansa foi posta sob guarda de vinte e quatro horas, com a ameaça de corte marcial sumária para qualquer homem que lhe deixasse acontecer alguma coisa. Se algum daqueles soldados leu este artigo, pode ter tido uma idéia rápida do que estava acontecendo. Se isto aconteceu, terão provavelmente senso bastante para manter o segredo. Pelo menos, se sabem o que é bom para eles, eles o farão.

O sangue da Gansa passou por todos os testes concebíveis. Continha duas partes por centena de milhar (0,002 por cento) de íon auricloreto. O sangue tirado da veia hepática era mais rico do que o resto, quase 4 partes por centena de milhar.

- O fígado - grunhiu Finley.

Tiramos raios X. No negativo dos raios X, o fígado era uma massa esfumaçada cinza-clara, mais clara do que as vísceras ao seu redor, pois bloqueava mais os raios X, porque continha mais ouro. Os vasos sangüíneos mostravam-se mais claros do que o próprio fígado, e os ovários eram branco puro. Nenhum raios X atravessou os ovários.

Fazia sentido, e, num primeiro relatório, Finley o afirmou francamente. Parafraseando o relatório, seguia, em parte:

"O íon auricloreto é secretado pelo fígado dentro da corrente sangüínea. Os ovários agem como uma armadilha para o íon, que é aí reduzido a ouro metálico e depositado como uma casca em torno do ovo em desenvolvimento. Concentrações relativamente altas de íon auricloreto não-reduzido penetram no conteúdo do ovo em desenvolvimento.

Há poucas dúvidas de que a Gansa ache este processo útil como meio de eliminar os átomos de ouro que, se pudessem acumular-se, indubitavelmente o envenenariam. Excreção através da casca do ovo pode ser novidade no reino animal, talvez inédita, mas não há contestação quanto ao fato de que isto mantém a Gansa viva.

Infelizmente, entretanto, o ovário está sendo envenenado numa tal extensão que poucos ovos são postos; provavelmente, não mais do que o necessário para eliminar o ouro acumulado, e estes poucos ovos são definitivamente não-chocáveis.

Isto foi tudo o que escreveu, mas, para nós, ele disse:

- Isto deixa uma única questão particularmente embaraçosa.

Eu sabia o que era. Todos nós sabíamos.

De onde vinha o ouro?

Por enquanto, não havia resposta, apenas algumas provas negativas. Não havia ouro perceptível na alimentação da Gansa nem seixos que contivessem ouro que pudesse ter engolido. Não havia traço de ouro em nenhuma parte do solo, e uma busca na casa e no terreno não revelou nada. Não havia moedas de ouro, nem jóias de ouro, nem prato de ouro, nem relógios de ouro ou qualquer coisa de ouro. Havia naturalmente o anel de casamento da Sra. MacGregor, mas só tivera um em sua vida e o estava usando.

Então de onde vinha o ouro?

O começo da resposta veio em 16 de agosto de 1955.

Albert Nevis, de Purdue, estava forçando uns tubos gástricos na Gansa - outro procedimento ao qual a ave reagia tenazmente - com a idéia de testar o conteúdo de seu canal alimentar. Era uma de nossas buscas rotineiras de ouro exógeno.

Encontrou-se ouro, mas apenas traços, e havia toda a razão para se pensar que estes traços haviam acompanhado as secreções digestivas e eram, por conseguinte, endógenas - isto é, de dentro - na origem.

Entretanto, apareceu uma outra coisa, ou a ausência de uma coisa, pelo menos.

Eu estava lá, quando Nevis entrou no escritório de Finley na construção provisória que havíamos feito em uma noite - quase - perto da gaiola da Gansa.

- A Gansa é fraca em pigmento de bile. - Informou Nevis. - O conteúdo duodenal

não revelou nenhum.

Finley franziu a testa e comentou:

- A função do fígado está provavelmente bloqueada por causa da concentração de ouro. Ela talvez não esteja segregando nenhuma bile.

- Ela está segregando bile - disse Nevis. - Os ácidos da bile estão presentes em quantidade normal. Quase normal, pelo menos. Faltam apenas os pigmentos de bile.

Eu fiz uma análise fecal e isto foi confirmado. Nada de pigmentos de bile.

Deixe-me explicar uma coisa neste momento. Os ácidos da bile são esteróides segregados pelo fígado na bile e, através desta, são despejados na extremidade superior do intestino reto. Estes ácidos são moléculas parecidas com detergentes que ajudam a emulsionar a gordura em nossa alimentação - ou na da Gansa - e distribuí-la sob a forma de pequenas bolhas através do conteúdo intestinal aquoso. Esta distribuição, ou homogeneização, se preferirmos, facilita a digestão da gordura.

Os pigmentos de bile, as substâncias que faltavam na Gansa, são algo inteiramente diferente. O fígado os produz a partir da hemoglobina, a proteína vermelha cheia de oxigênio do sangue. A hemoglobina gasta é rompida no fígado, a parte hema sendo eliminada.(*) O hema é feito de uma molécula quadrada - chamada porfirina - com um átomo de ferro no centro. O fígado retira o ferro e o armazena para uso futuro, depois rompe a molécula quadrada que sobrou. Esta porfirina rompida é o pigmento de bile. Sua cor varia entre o marrom e o verde - dependendo de outras transformações químicas - e é segregada na bile.

Os pigmentos de bile não têm qualquer utilidade para o corpo. São lançados na bile como produtos gastos. Passam pelos intestinos e saem com as fezes. De fato, os pigmentos de bile são responsáveis pela cor das fezes.

Os olhos de Finley começaram a brilhar.

Parece que o catabolismo da porfirina não se está desenvolvendo devidamente no fígado. Não lhe parece? - atalhou Nevis.

Certamente parecia. Para mim também.

Houve enorme agitação depois disto. Esta era a primeira anomalia metabólica, não envolvendo diretamente o ouro, que havia sido encontrado na Gansa!

Fizemos uma biopsia do fígado (que significa que abrimos uma fenda cilíndrica na Gansa até chegar ao fígado). Doía, mas não causava maior mal à Gansa. Tiramos mais amostras de sangue, também são enzimas oxidadas que contêm também hema). Separamos o hema e precipitamos parte dele numa solução ácida, na forma de substância alaranjada brilhante. Em 22 de agosto de 1955 tínhamos 5 microgramas do composto.

O composto laranja era semelhante ao hema mas não era hema. O ferro no hema pode estar sob a forma de íon ferroso duplamente carregado (Fe++) ou de um íon férrico com carga tripla (Fe+++), e, neste último caso, o composto é chamado hematina. (Ferroso e férrico, a propósito, vêm da palavra latina jerrum, que significa ferro.

O composto laranja que havíamos separado do hema tinha a porção de porfirina da molécula perfeita, mas o metal no centro era ouro, para ser específico, um íon de ouro com carga tripla (Au+++). Chamamos este composto de aurema, que é apenas uma abreviação de hema áurico.

O aurema era o primeiro composto orgânico contendo ouro, ocorrido naturalmente, que já fora descoberto. Normalmente alcançaria as manchetes dos jornais do mundo da bioquímica. Mas agora não era nada; nada em comparação com a extensão dos horizontes que sua simples existência abria para nós.

Parecia que o fígado não estava rompendo o hema, deixando de lado o pigmento de bile. Pelo contrário ele o convertia em aurema; substituía ferro por ouro. O aurema, em equilíbrio com o íon auricloreto, entrava na corrente sangüínea, e era levado para os ovários, onde o ouro era separado e a porção de porfirina da molécula ficava à disposição de algum mecanismo ainda não identificado.

Análises posteriores mostraram que 29 por cento do ouro no sangue da Gansa era carregado no plasma sob a forma de íon auricloreto. Os 71 por cento restantes eram levados nos glóbulos vermelhos do sangue sob a forma de auremoglobina. Foi feita uma tentativa de alimentar a Gansa com partículas de ouro radioativo, de modo que poderíamos acompanhar a radioatividade no plasma e nos glóbulos, e ver a rapidez com que as moléculas de auremoglobina eram entregues aos ovários. Pareceu-nos que a auremoglobina deveria ser posta à disposição muito mais lentamente do que o íon auricloreto se dissolvia no plasma.

A experiência falhou, entretanto, pois não detectamos nenhuma radioatividade. Atribuímos isto à nossa inexperiência, na medida em que nenhum de nós entendia de isótopos, o que era muito ruim, pois esta falha era bastante significativa realmente e por causa disso perdemos várias semanas.

A auremoglobina era inútil naturalmente quanto à questão de carregamento de oxigênio mas compunha apenas 0,1 por cento da hemoglobina total das células vermelhas do sangue, de modo que não havia interferência na respiração da Gansa.

Isto tudo ainda nos deixava com o problema de onde vinha o ouro, e foi Nevis quem fez a primeira sugestão crucial.

- Talvez - disse num encontro do grupo feito na noite de 25 de agosto de 1955 - a Gansa não substitua o ferro pelo ouro. Talvez transforme o ferro em ouro.

Antes de falar com Nevis pessoalmente naquele verão, eu o conhecia pelas suas publicações - seu campo é a química biliar e a função do fígado - e sempre o consideraram uma pessoa cautelosa e de idéias claras. Quase cauteloso demais. Ninguém o consideraria capaz, nem por um instante, de fazer afirmação tão ridícula.

Isto apenas revela o desespero e a desmoralização que envolvia o Projeto Gansa.

O desespero vinha do fato de que não havia nenhum lugar, literalmente nenhum, de onde o ouro pudesse vir. A Gansa estava eliminando ouro na base de 38,9 gramas por dia, e vinha fazendo isto há vários meses. Este ouro tinha que vir de algum lugar e, caso não viesse - caso não viesse absolutamente - tinha que ser feito de alguma coisa.

A desmoralização que nos levava a considerar a segunda alternativa era devida ao simples fato de que estávamos cara a cara com a Gansa Que Punha Ovos de Ouro; a inegável GANSA. com isto, tudo era possível. Todos nós estávamos vivendo num mundo encantado da fantasia, e todos nós reagíamos a ele perdendo todo o sentido da realidade.

Finley considerou a possibilidade seriamente.

- Hemoglobina entra no fígado, - disse ele - entra no fígado, e um pouco de

auremoglobina sai. A casca de ouro dos ovos tem como impureza apenas o ferro. A gema do ovo é rica apenas em duas coisas: em ouro, claro, e também, de alguma forma, em ferro. Isto tudo provoca uma distorção terrível dos sentidos. Vamos precisar de ajuda, senhores.

Precisávamos, e isto significava o terceiro estágio da investigação. O primeiro estágio contava comigo apenas. O segundo fora tarefa da força bioquímica. O terceiro, o maior, o mais importante de todos, envolvia a invasão dos físicos nucleares.

Em 5 de setembro de 1955, John L. Billings, da Universidade da Califórnia, chegou. Trouxe algum equipamento e veio mais nas semanas seguintes. Elevaram-se mais outras estruturas provisórias. Eu percebia que, dentro de um ano, teríamos toda uma instituição de pesquisa montada em torno da Gansa.

Billings reuniu-se a nós na noite do dia cinco.

Fmley colocou-o ao corrente e disse:

- Há muitos problemas sérios envolvidos nesta idéia de mudança do ferro em ouro. Para começar, a quantidade total de ferro na Gansa pode ser apenas da ordem de meio grama, enquanto cerca de 40 gramas de ouro têm sido produzidos por dia.

Billings tinha voz clara e aguda.

- Há um problema pior do que este. O ferro está no fundo da curva de fissão. O ouro está muito acima. Para converter um grama de ferro em um grama de ouro, precisa-se de quantidade de energia semelhante à produzida pela fissão de um grama de U-235.

Finley estremeceu.

- Deixo o problema com você.

- Deixe-me pensar sobre isto - disse Billings.

Fez mais do que pensar. Uma das coisas feitas foi isolar amostras frescas de hema da Gansa, transformá-las em cinza e enviar o oxido de ferro para Brookhaven, para uma análise isotópica. Não havia razão especial para se fazer esta coisa particular. Era apenas uma dentre inúmeras investigações individuais, mas foi a que deu resultados.

Quando os cálculos chegaram, Billings ficou chocado.

- Não há Fe50.

- O que há sobre os outros isótopos? - perguntou Finley imediatamente.

- Todos presentes, - afirmou Billings - nas razões relativas apropriadas, mas nenhum Fe56 detectável.

Terei que explicar outra vez: o ferro, como existe naturalmente, é feito de quatro isótopos diferentes. Estes isótopos são variedades de átomos diferentes entre si pelo peso atômico. Átomos de ferro com o peso atômico 56, ou Fe, fazem 91,6 por cento de todos os átomos no ferro. Os outros átomos têm os pesos atômicos de 54, 57 e 58.

O ferro do hema da Gansa era feito apenas de Fe54, Fe r e Fe58. A implicação era clara. Fe56 estava desaparecendo, enquanto os outros isótopos não o estavam, e isto significava a realização de uma reação nuclear. Uma reação nuclear podia separar um isótopo, deixando os outros. Uma reação química comum, qualquer reação química, teria que dispor de todos os isótopos, igualmente.

- Mas é impossível energèticamente - frisou Finley.

Dizia isso apenas como leve ironia à afirmação inicial de Billings. Como

bioquímicos, sabíamos muito bem que muitas reações se realizavam no corpo, exigindo uma demanda de energia, e que isto era resolvido pela combinação de uma reação de demanda de energia com uma reação de produção de energia.

Entretanto, as reações químicas produziam ou consumiam algumas quilo-calorias por molécula-grama. As reações nucleares produziam ou consumiam milhões. Fornecer energia para uma reação nuclear endotérmica exigia, não obstante, uma segunda, esta exotérmica, reação nuclear.

Não vimos Billings durante dois dias.

Quando apareceu, foi para dizer:

- Vejam aqui. A reação exotérmica tem que produzir tanta energia por núcleo envolvido quanta é exigida pela reação endotérmica. Se for produzida mesmo ligeiramente menos energia, a reação total não se fará. Se for produzida mesmo ligeiramente mais, considerando-se então o número astronômico de núcleos envolvidos, o excesso de energia produzida vaporizaria a Gansa numa fração de segundo.

- Então? - indagou Finley.

- Então, o número de reações possíveis é muito limitado. Eu consegui encontrar apenas um sistema plausível. O oxigênio-18, se convertido em ferro-56, produzirá energia suficiente para transformar o ferro-56 em ouro-197. É como descer por um lado de uma ribanceira e subir pelo outro. Teremos de o verificar.

- Como?

- Primeiramente, suponhamos que verifiquemos a composição isotópica do oxigênio da Gansa.

O oxigênio é composto de três isótopos estáveis, quase inteiramente de O1G. O O18 representa apenas um átomo de oxigênio no meio de 250.

Outra amostra de sangue. O conteúdo de água foi destilado no vácuo e parte dele passado num espectrógrafo de massa. Havia O18 lá, mas apenas um único átomo de oxigênio em 1.300. Os 80 por cento de O18 que esperávamos não estavam ali.

- É uma evidência comprovadora - disse Billings. - O oxigênio -18 está sendo gasto. Tem sido fornecido constantemente na comida e na água que alimentam a Gansa, mas ainda está sendo gasto. O ouro-197 está sendo produzido. O ferro-56 é um intermediário e, desde que a reação que usa o ferro-56 é mais rápida do que aquela que o produz, não há chance de se conseguir uma concentração significativa, e as análises isoíópicas revelam sua ausência.

Não estávamos satisfeitos, e assim tentamos outra vez. Mantivemos a Gansa dentro da água enriquecida com O18 durante uma semana. A produção de ouro se fez quase imediatamente. No fim de uma semana, estava produzindo 45,8 gramas, enquanto o conteúdo de O18 da água de seu corpo não era maior do que antes.

- Não há dúvida sobre isto - disse Billings. Apanhou o lápis e levantou-se.

- Esta Gansa é um reator nuclear vivo. A Gansa era obviamente uma mutação.

Uma mutação sugeria radiação entre outras coisas, e radiação lembrava os testes nucleares realizados em 1952 e 1953 muitas centenas de milhas distante da fazenda de MacGregor. (Se lhe ocorrer que nenhum teste nuclear foi realizado no Texas, isto mostra apenas duas coisas: não lhe estou contando tudo e você não sabe tudo.)

Eu duvido que, em qualquer momento da história da era atômica, a radiação do ambiente tivesse sido tão completamente analisada e o conteúdo radioativo do solo tão rigidamente sondado.

Os recordes anteriores foram estudados. Não importava quão secretos fossem. Neste momento, o projeto Gansa tinha a máxima prioridade que podia existir.

Mesmo os recordes da meteorologia foram verificados, a fim de acompanhar o comportamento dos ventos no momento dos testes nucleares.

Duas coisas apareceram:

Primeira: a radiação do ambiente da fazenda era pouco mais alta do que o normal. Nada que pudesse fazer algum mal, apressome a dizer. Não havia indicações, entretanto, se, no momento do nascimento da Gansa, a fazenda tinha sido submetida à influência de, pelo menos, duas explosões. Nada realmente perigoso, novamente volto a acrescentar.

Segunda: a Gansa, única entre todas as gansas da fazenda, na verdade, única entre todas as criaturas vivas da fazenda que podiam ser testadas, inclusive os seres humanos, não apresentava nenhuma radioatividade. Raciocinemos da seguinte forma: tudo apresenta traços de radioatividade; isto é, o que queremos dizer com radiação do ambiente. Mas a Gansa não apresentava nenhum.

Finley enviou um relatório em 6 de dezembro de 1955, que posso parafrasear assim:

A Gansa tem sistemas de enzima capazes de catalisar várias reações nucleares. Se o sistema de enzima consiste em uma enzima ou mais de uma, não se sabe. Nem se sabe nada sobre a natureza das enzimas em foco. Nem se pode adiantar ainda uma teoria sobre como uma enzima pode catalisar uma reação nuclear, na medida em que envolve interações particulares com forças cinco vezes maiores do que as ocorrentes nas reações químicas ordinárias comumente catalisadas por enzimas.

A transformação nuclear total é do oxigênio-18 para o ouro-197. O oxigênio-18 é abundante no seu ambiente, está presente em grande quantidade na água e em todos os alimentos orgânicos. O ouro-197 é secretado pelos ovários. Um intermediário conhecido é o ferro-56, e o fato de que a auremoglobina é formada no processo leva-nos a suspeitar de que a enzima ou enzimas envolvidas podem ter o hema como um grupo protético.

Houve considerável preocupação quanto ao valor que esta transformação nuclear total teria para a Gansa. O oxigênio-18 não lhe faz nenhum mal, e o ouro-197 causa-lhe suficiente problema para ser eliminado, potencialmente venenoso e causa de sua esterilidade. Sua formação pode ser possivelmente um meio de evitar perigo maior.

Este perigo...

Mas, lendo apenas no relatório, amigo, parece que tudo era calmo, quase melancólico. Na verdade, eu nunca vira um homem chegar quase à apoplexia e sobreviver, como acontecera com Billings, quando ele descobriu nossas próprias experiências de ouro radioativo de que lhes falei anteriormente - aquelas nas quais detectamos ausência total de radioatividade na Gansa e conseqüente desprezo pelos resultados considerados sem significação.

Muitas vezes, perguntou como pudemos considerar sem importância o fato de perdermos radioatividade.

- Vocês são como o repórter - disse ele - que foi enviado para cobrir um casamento da sociedade e, ao voltar, informou que não havia reportagem, pois o noivo não aparecera.

- Vocês alimentaram a Gansa com ouro radioativo e o perderam. Não apenas isto, não conseguiram detectar nenhuma radioatividade natural na Gansa. Nenhum carbono-14.

Nenhum potássio-40. E chamam isto de fracasso.

Começamos a alimentar a Gansa com isótopos radioativos. Cautelosamente, no princípio, mas antes do fim de janeiro de 1956, estávamos a entulhá-la.

A Gansa permaneceu não-radioativa.

- Isto revela que - explicou Billings - este processo nuclear, com enzima catalisador da Gansa, consegue converter qualquer isótopo instável em isótopo estável.

- Útil - disse eu.

- Útil? É uma beleza. É a defesa perfeita contra a era atômica. Ouça, a conversão do oxigênio-18 em ouro-197 deveria liberar oito e fração de positrons por átomo de oxigênio. Isto significa oito e fração de raios gama logo que cada positron combine com um electron. Nenhum raio gama, também. A Gansa deve ser capaz de absorver os raios gama, sem maiores problemas.

Nós irradiamos a Gansa com raios gama. Quando o nível se elevou, a Gansa apresentou febre ligeira e ficamos em pânico. Era apenas febre, entretanto, não doença radioativa.

Passou-se um dia, a febre cedeu e a Gansa estava novinha em folha.

- Vêem o que conseguimos? - perguntou Billings.

- Uma maravilha científica - disse Finley.

- Homem, você não vê as aplicações práticas? Se pudéssemos descobrir o mecanismo e duplicá-lo num tubo de ensaio, conseguiríamos um método perfeito de eliminação da poeira radioativa. A desvantagem mais importante de prosseguirmos numa economia atômica em larga escala é o problema do que fazer com os isótopos radioativos produzidos no processo. Inserindo-os numa preparação de enzimas em grandes reservatórios, estará resolvido.

Descubram o mecanismo, cavalheiros, e podemos deixar de nos preocupar com as explosões. Encontraríamos proteção contra a doença radioativa.

Alterem o mecanismo de alguma forma e poderemos ter gansos secretando qualquer elemento necessário. Que tal cascas de ovo de urânio-235?

- O mecanismo! O mecanismo! Sentamo-nos ali, todos nós, olhando para a Gansa.

Se ao menos os ovos fossem chocaveis! Se ao menos pudéssemos conseguir uma tribo de gansos reatores-nucleares!

- Isto deve ter acontecido antes - disse Finley. - As lendas de tais gansos começaram de alguma forma.

- Vocês querem esperar? - perguntou Billings.

Se tivéssemos alguns de tais gansos, poderíamos começar a separar uns tantos. Poderíamos estudar os ovários e preparar lâminas de tecido e tecidos homogeneizados.

Isto talvez não adiantasse nada. O tecido de uma biópsia de fígado não reagia com o oxigênio-18 sob nenhuma das condições que tentamos.

Mas, então, poderíamos perfurar um fígado intato. Estudaríamos embriões intatos, observaríamos um no desenvolvimento do mecanismo.

Mas, com apenas uma Gansa, não podíamos fazer nada disto.

Não ousamos matar a Gansa Que Põe Ovos de Ouro.

O segredo estava no fígado daquela Gansa gorda.

Fígado de gansa gorda! Pâté de foie gras! Nada delicado para nós!

Nevis disse pens ativamente:

- Precisamos de uma idéia. Alguma medida radical. Algum pensamento crucial.

- Dizer isto não o produz - disse Billings desanimadamente.

E, em, fraca tentativa de fazer piada, eu disse:

- Poderíamos anunciar nos jornais - e isto deu uma idéia para mim.

- Ficção científica! - continuei.

- O quê? - perguntou Finley.

- Vejam, as revistas de ficção científica publicam artigos engraçados. Os leitores os consideram divertidos. Estão interessados.

Falei-lhes sobre os artigos mirabolantes que Asimov escrevia e que eu lera uma vez.

A atmosfera estava fria de desaprovação.

- Não estaremos nem mesmo rompendo os regulamentos de segurança, - disse eu - pois ninguém acreditará nisto.

Contei-lhes sobre uma época, em 1944, em que Cleve Cartmill escrevera uma história sobre a bomba atômica um ano antes, e o FBI controlou-se.

E os leitores de ficção científica têm idéias. Não os subestimem. Mesmo que eles pensem que é um artigo engraçado, enviarão sugestões ao editor. E desde que não temos mais idéias, desde que estamos num beco sem saída, que podemos perder com isto?

Eles ainda não a aceitavam.

Então eu disse:

- E vocês sabem... A Gansa não viverá para sempre. Isto decidiu-os, de algum modo.

Tivemos que convencer Washington; depois, entrei em contato com John Campbel, redator-chefe da revista e comuniquei-me com Asimov.

Agora o artigo está feito. Eu o li, aprovo-o e convoco-os todos a não acreditar nele. Por favor, não acreditem.

Apenas...

Alguma idéia?

PREFÁCIO

Originariamente, eu havia planejado fazer com que esta fosse uma história de Wendell Urth, mas uma nova revista ia ser publicada e eu queria ser representado com alguma coisa que não fosse muito claramente uma continuação de outra revista. Arrumei tudo convenientemente. Estou agora um pouco arrependido e alimentei a idéia de reescrever a história para este volume, reintegrando o Dr. Urth, mas a inércia triunfou no final das contas.

A POEIRA DA MORTE

Com todos os homens que trabalhavam com o grande Llewes, Edmund Farley atingira o ponto em que ansiava pelo prazer que teria de matar este mesmo grande Llewes.

Nenhum homem que não tivesse trabalhado para Llewes entenderia este sentimento. Llewes (os homens esqueciam-se de seu primeiro nome ou chegavam, quase inconscientemente, a pensar que era Grande, com G maiúsculo) resumia a idéia que Todos tinham do grande explorador do desconhecido: tanto incansável quanto brilhante, nunca desistia diante de um fracasso, nem vacilava perante um novo ataque mais engenhoso.

Llewes era um químico orgânico que colocara o Sistema Solar a serviço de sua ciência. Foi ele o primeiro a utilizar a Lua em reações de larga escala desenvolvidas no vácuo, à temperatura da fervura da água ou do ar líquido, dependendo da época do mês. A fotoquímica tornou-se algo novo e maravilhoso, quando aparelhos cuidadosamente projetados foram colocados em órbitas livres em torno de estações espaciais.

Mas, para dizer a verdade, Llewes era um ladrão de créditos, um pecado quase impossível de ser perdoado. Algum estudante desconhecido fora o primeiro a pensar no estabelecimento de aparelhos na superfície lunar; um técnico esquecido havia projetado o primeiro reator espacial auto-suficiente. De algum modo, ambas as descobertas tinham ficado associadas ao nome de Llewes.

E nada podia ser feito. Um empregado, que se despedisse zangado, perdia a recomendação e encontrava dificuldade em obter outro emprego. Sua palavra sem proteção contra a de Llewes não valia nada. Por outro lado, aqueles que permaneciam com ele duravam, e finalmente partiam em boas graças, com uma recomendação certa de sucesso futuro.

Mas, enquanto lá estavam, pelo menos gozavam do prazer dúbio de comentarem seus ódios entre si.

E Edmund Farley tinha toda razão para se juntar a eles. Ele viera de Titã, o maior satélite de Saturno, onde tinha instalado sozinho, auxiliado apenas por robôs, equipamentos que fizessem uso completo da atmosfera reduzida de Titã. Os planetas maiores tinham

atmosferas, compostas principalmente de hidrogênio e metano, mas Júpiter e Saturno eram grandes demais para serem utilizados, e Urânio e Netuno ainda estavam a uma distância dispendiosa demais. Titã, entretanto, era do tamanho de Marte, suficientemente pequeno para ser operado e suficientemente grande e frio para reter uma atmosfera medianamente fria de hidrogênio e metano.

As reações em larga escala podiam ser desenvolvidas lá facilmente na atmosfera de hidrogênio, quando na Terra estas mesmas reações seriam problemáticas cinèticamente.

Farley havia projetado e reprojetado, suportando Titã durante meio ano, e voltara com dados razoáveis. De algum modo, entretanto, Farley via que, quase imediatamente, tudo se fragmentava e começava a se reconstituir como uma descoberta de Llewes.

Os outros mostravam simpatia, davam de ombros e desejavam-lhe boas-vindas à fraternidade. Farley retesava o rosto com cicatrizes de acne, apertava os lábios finos e escutava os demais enquanto pregavam a violência.

Jim Gorham era o mais falante. Farley desprezava-o um pouco, pois era um "homem do vácuo", sem nunca ter deixado a Terra.

Gorham dizia:

- Llewes é um homem fácil de se matar por causa de seus hábitos regulares, entendem. Pode-se confiar nele. Por exemplo, reparem no modo pelo qual ele insiste em comer sozinho. Ele fecha seu escritório às 12 em ponto e o abre à uma em ponto. Certo? Ninguém entra em seu escritório neste intervalo, assim o veneno tem tempo bastante para atuar.

- Veneno? - perguntou Belinsky dubiamente.

- Fácil. Bastante veneno por todo o ambiente. Dê um nome, nós o temos. Está bem, então. Llewes come um queijo suíço com pão de centeio e um condimento forte

em cebolas. Todos nós sabemos disto, certo? Afinal, podemos sentir o cheiro durante toda a tarde, e todos nós nos lembramos do alarido que ele fez quando

uma vez desapareceu o condimento da sala de almoço na última primavera. Ninguém mais tocará no condimento, nunca de modo que um pouco de veneno colocado nele atingirá

Llewes somente e a ninguém mais...

Era uma espécie de brincadeira de hora de almoço, mas não para Farley.

Cruelmente, e com seriedade, decidiu assassinar Llewes.

Tornou-se uma obsessão para ele. O sangue fervia-lhe ao pensar em Llewes morto, e em ele ser capaz de ganhar os créditos que, de direito, eram deles, por aqueles meses vividos numa pequena bolha de oxigênio, vagando através de amônia gelada para retirar os produtos e promover novas reações nos ventos frios e cortantes de hidrogênio e metano.

Mas, teria que ser alguma coisa que não pudesse fazer mal a outra pessoa que não Llewes. Isto aguçava o assunto e focalizava tudo sobre a atmosfera do quarto de

Llewes. Era um quarto comprido e baixo, isolado do resto dos laboratórios por blocos de cimento e portas à prova de fogo. Ninguém a não ser Llewes jamais entrara ali, exceto na presença dele e com permissão. Não que o quarto estivesse sempre trancado. A tirania efetiva que Llewes havia estabelecido fazia com que a tira de papel desbotado

pregada na porta do laboratório, dizendo "Não entre" e assinada com suas iniciais, fosse uma barreira mais convincente do que qualquer tranca... a não ser que o desejo de assassinar superasse tudo.

Então, que tal a atmosfera do quarto? Os testes rotineiros de Llewes, sua precaução quase infinita, não ofereciam nenhuma garantia. Qualquer manuseio do equipamento mesmo, a não ser que fosse extraordinariamente sutil, seria certamente detectado.

Fogo então? A atmosfera do quarto continha materiais inflamáveis e em quantidade, mas Llewes não fumava e estava perfeitamente atento ao perigo de fogo. Ninguém tomava maiores cuidados.

Farley pensava impacientemente no homem a quem parecia tão difícil aplicar uma justa vingança; o ladrão brincando com seus pequenos tanques de metano e hidrogênio, enquanto Farley o havia usado em quantidades astronômicas. Llewes para os pequenos tanques e a fama; Farley para as quantidades astronômicas e o esquecimento.

Todos aqueles pequenos tanques de gás; cada um com sua própria cor; cada um, uma atmosfera sintética. Gás de hidrogênio em cilindros vermelhos e metano em listas vermelhas e brancas, uma mistura dos dois representando a atmosfera dos planetas exteriores. Nitrogênio em cilindros marrons e bióxido de carbono em prateado para a atmosfera de Vênus. Os cilindros amarelos de ar comprimido e os cilindros verdes de oxigênio, onde a química terrestre era suficientemente boa. Uma amostra do arco-íris, cada cor contendo séculos de convenção.

Então ele teve uma idéia. Não nasceu dolorosamente, mas surgiu de repente. Num só momento ela se cristalizara toda na mente de Farley e ele sabia o que tinha que fazer.

Farley esperou durante todo um doloroso mês pelo dia 18 de setembro, que era o Dia do Espaço. Era o aniversário do primeiro vôo espacial do homem bem sucedido, e ninguém trabalharia naquela noite. O Dia do Espaço era, entre todos os feriados, o mais significativo para o cientista em particular e mesmo o dedicado Llewes estaria a festejá-lo então.

Farley entrou nos Laboratórios Orgânicos Centrais - para usar o título oficial -, naquela noite, certo de que não estava sendo observado. Os laboratórios não eram bancos nem museus. Não eram sujeitos a roubo, e os vigias noturnos tinham geralmente uma atitude folgada em relação a seus empregos.

Farley fechou a porta principal cuidadosamente atrás de si, e caminhou lentamente pelos corredores escuros em direção ao quarto de atmosfera. Seu equipamento consistia numa lanterna, um pequeno frasco de pó preto e uma escova fina que ele comprara numa loja de artigos artísticos, no outro lado da cidade, três semanas atrás. Usava luvas.

Sua maior dificuldade apareceu, na verdade, ao entrar no quarto da atmosfera. A "proibição" embaraçava-o mais do que as proibições gerais contra assassinato. Uma vez lá dentro, entretanto, uma vez passado o perigo mental, o resto era fácil.

Apertou a lanterna e encontrou o cilindro sem hesitação. O coração batia tanto que quase o ensurdecia, enquanto a respiração era rápida e a mão tremia.

Comprimiu a lanterna debaixo do braço, depois enfiou a ponta da escova de artista no pó preto. Os grãos aderiram à escova e Farley a apontou para a embocadura do

medidor preso ao cilindro. Levou segundos intermináveis, para introduzir a ponta trêmula na embocadura.

Farley movia-se delicadamente, enfiava-a no pó preto outra vez e inseria-a ainda uma vez na embocadura. Repetiu isto várias vezes, quase hipnotizado pela intensidade de sua própria concentração. Finalmente, usando um pedaço de tecido molhado com saliva, começou a limpar o lado de fora do tubo, grandemente aliviado porque o trabalho tinha sido feito e porque sairia logo.

Foi então que a mão gelou e a incerteza doentia do medo o dominou. A lanterna caiu no chão, fazendo barulho.

Idiota! Incrível e infeliz idiota! Ele não pensara!

Sob o peso da emoção e da ansiedade, acabara no cilindro errado!

Apanhou a lanterna, apagou-a e, com o coração batendo de forma alucinante, escutou se havia algum barulho.

No silêncio sepulcral reinante, reconquistou um pouco de seu autocontrôle e apegou-se à compreensão de que o que podia ser feito uma vez podia ser feito novamente.

Se o cilindro errado fora adulterado, então o cilindro certo levaria dois minutos a mais.

Mais uma vez, a escova e o pó preto entraram em função. Ao menos, não jogara fora o frasco de pó, o ardente pó mortal. Desta vez o cilindro estava certo.

Acabou limpando o tubo novamente, com a mão trêmula. Movimentou, então, a lanterna rapidamente, e deparou com uma garrafa de reagente de tolueno. Aquilo servia. Destampou a rolha de plástico, espalhou um pouco de tolueno no chão e deixou a garrafa aberta.

Então, saiu tropeçando do edifício como num sonho, encaminhou-se para sua casa acolhedora e para a segurança de seu próprio quarto. Tanto quanto sabia, não fora observado durante toda a operação.

Apanhou o tecido que usara para limpar os tubos de gás, lançando-o na unidade de dispositivo de flash e logo desapareceu numa dispersão molecular. Da mesma forma fez com a escova de artista.

O frasco de pó não podia ser eliminado assim sem ajustamentos da unidade dispositiva, que ele não achava seguro fazer. Caminharia para o trabalho, como sempre fazia, e lançá-lo-ia da ponte Grand Street.

Farley olhou-se no espelho na manhã seguinte e imaginou se teria coragem de ir trabalhar. Era um pensamento inútil; não ousava não ir ao trabalho. Precisava não fazer nada que chamasse a atenção sobre si - nesse dia entre todos os dias.

Com frio desespero, procurou reproduzir os atos normais sem significação que enchiam tanto o dia. Era uma manhã quente e agradável, e caminhou para o trabalho. Era preciso apenas um movimento rápido do pulso para se livrar do frasco. Fez um barulho suave no rio, encheu-se de água e afundou.

Sentou a sua mesa, mais tarde, naquela manhã, fitando o seu computador de mão. Agora que tudo fora feito, funcionaria? Llewes não devia ligar ao cheiro de tolueno.

Por que não? O odor era desagradável, mas não repugnante. Os químicos orgânicos estavam acostumados com ele.

Então, se Llewes ainda estava quente na pista dos processos de hidrogenização que Farley trouxera de Titã, o gás do cilindro seria posto em uso imediatamente. Tinha que ser. com um dia de férias atrás dele, Llewes estaria mais ansioso do que normalmente para voltar ao trabalho.

Então, assim que a válvula fosse virada, um pouco de gás escaparia e ocasionaria um lençol de chamas. Se houvesse a quantidade devida de tolueno no ar, provocaria rapidamente explosão...

Tão concentrado estava Farley em seus sonhos que sentiu o estouro seco a distância como uma criação de sua própria mente, um contraponto aos seus próprios pensamentos, até que soassem pisadas próximas.

Farley levantou os olhos e, com a garganta seca, gritou:

- O que... o que...

- Não sei - gritou o outro de volta. - Alguma coisa de errado na sala de atmosfera. Explosão. Uma confusão dos infernos.

Os extintores estavam ligados e os homens combatiam as chamas. Llewes foi retirado gravemente queimado dos destroços. Ainda tinha um fio de vida e morreu antes de o médico ter tempo para prever que morreria.

Na periferia do grupo que acompanhava a cena com uma curiosidade cruel e assustadora, estava Edmund Farley. A palidez e o brilho de suor do rosto não o diferenciavam, nesse momento, do resto. Cambaleou de volta à sua mesa. Podia passar mal agora. Ninguém repararia.

Mas, de algum modo, não estava. Terminou o dia e, à noite, o peso começou a diminuir. Acidente era acidente, não era? Havia riscos profissionais que todos os químicos corriam, especialmente os que trabalhavam com compostos inflamáveis. Ninguém criaria questões sobre o assunto.

E, se alguém o fizesse, como seria possível ligar alguma coisa a Edmund Farley? Tinha apenas que continuar a sua vida como se nada tivesse acontecido.

Nada? Meus Deus, o crédito para Titã seria agora dele. Seria um grande homem.

O peso diminuiu realmente, e nessa noite dormiu.

Jim Gorham havia murchado um pouco em vinte e quatro horas. O cabelo, amarelo, estava seco e apenas a cor clara da barba disfarçava o fato de que precisava barbear-se.

- Todos nós falamos sobre assassinato - disse ele.

H. Seton Davenport, da Agência Terrestre de Investigação, batia com o dedo sobre a mesa metòdicamente, e tão de leve, que ninguém ouvia. Era um homem parrudo, de rosto firme, cabelos pretos, nariz fino e proeminente, feito para uso mais do que para ornamento, e uma cicatriz em forma de estrela em uma das faces.

- Seriamente ? - perguntou.

- Não - respondeu Gorham, abanando a cabeça violentamente. - Pelo menos, não creio que fosse sério. Os esquemas eram ferozes: sanduíches com veneno e ácido no helicóptero, entende? No entanto, alguém deve ter levado o negócio a sério no final das contas... O louco! Por que razão?

- Pelo que você disse, julgo que foi porque o louco se apropriava do trabalho de outras pessoas - afirmou Davenport.

- E daí? - gritou Gorham. - Era o preço que pagava pelo que fazia. Ele mantinha todo o time reunido. Ele era seus músculos e seus intestinos. Llewes era quem tinha contato com o Congresso e conseguia as concessões. Era ele que conseguia permissão para fazer projetos no espaço e enviar homens à Lua ou qualquer outro lugar.

Ele convencia linhas de espaçonave e industriais a fazer milhões de dólares de trabalho para nós. Organizou a Central Orgânica.

- Você compreendeu tudo isso durante a noite?

- Na verdade, não. Eu sempre soube disso, mas o que é que eu podia fazer? Eu fugira de viagens espaciais, encontrava desculpas para evitá-las. Eu era um homem do vácuo, que nunca

visitara nem mesmo a Lua. A verdade era que eu tinha medo, e tinha ainda mais medo de que os outros pensassem que eu tinha. - Virtualmente, revelava autodesprezo.

- E agora você quer encontrar alguém para punir? - disse Davenport. - Você deseja recompensar-se perante Llewes morto, de seu crime perante Llewes vivo ?

- Não! Deixe a psiquiatria de fora. Digo-lhe que foi assassinato. Tem que ser. O senhor não conhecia Llewes. O homem era um maníaco da segurança. Nenhuma explosão poderia jamais ocorrer em lugar perto dele, a não ser que fosse cuidadosamente preparada.

Davenport deu de ombros.

- O que foi que explodiu, Dr. Gorham?

- Pode ter sido qualquer coisa. Ele lidava com compostos orgânicos de todos os tipos - benzeno, éter, piridino - todos inflamáveis.

- Estudei química uma vez, Dr. Gorham, e, segundo me lembro, nenhum destes líquidos é explosivo à temperatura ambiente. Tem que haver alguma forma de aquecimento, uma faísca, uma chama.

- Havia mesmo fogo.

- Como foi que aconteceu?

- Não posso imaginar. Não havia nenhum acendedor no local, nem fósforos. Todos os tipos de equipamento elétrico estavam fortemente protegidos. Mesmo os pequenos objetos ordinários, como pinças, eram especialmente feitos de cobre-berilo e outros materiais não-chamejantes. Llewes não fumava e teria fuzilado qualquer um que se aproximasse da sala, à distância de 30 metros, com um cigarro aceso.

- Qual foi a última coisa em que mexeu, então ?

- É difícil dizer. O lugar estava, em ruínas.

- Suponho que tenha sido arrumado agora. O químico falou com repentina agitação.

- Não, não foi. Eu cuidei disso. Eu disse que tínhamos que investigar a causa do acidente para provar que não foi negligência. Sabe, para evitar má publicidade.

Assim, a sala não foi tocada.

Davenport aquiesceu.

- Está certo. Vamos dar uma olhada lá.

Na sala enegrecida e destroçada, Davenport falou:

- Qual a peça de equipamento mais perigosa neste lugar? Gorham olhou em volta.

- Os tanques de oxigênio comprimido - disse ele, apontando.

Davenport olhou para a variedade de cilindros coloridos colocados contra a parede, presos por uma corrente. Alguns caíam pesadamente da corrente, virados pela força da explosão.

- Que tal este aqui? - perguntou Davenport. Tocou num cilindro vermelho que estava caído no chão, no meio da sala. Era pesado e não se mexia.

- Isto era hidrogênio - disse Gorham.

- Hidrogênio é explosivo, não é?

- Certo - quando aquecido.

- Então por que você diz que o oxigênio comprimido é o mais perigoso? Oxigênio não explode, não é? - retrucou Davenport.

- Não. Nem mesmo queima, mas promove a combustão, vê. As coisas queimam nele.

- Então?

- Bem, olhe aqui. - Certa vivacidade apareceu na voz de Gorham; era o cientista explicando alguma coisa simples para o leigo inteligente.

- Algumas vezes, pode-se acidentalmente colocar um lubrificante na válvula antes de apertá-la no cilindro, para fechar melhor, sabe. Ou alguma coisa inflamável por engano. Quando se abre a válvula, então, o oxigênio escapa, e o que quer que esteja na válvula explode, arrebentando-a. Então, o resto de oxigênio escapa do cilindro, como se fosse um jato em miniatura, e rompe a parede; o calor da explosão incendiaria outros líquidos inflamáveis por perto.

- Os tanques de oxigênio neste lugar estão intactos ?

- Sim, estão.

Davenport chutou o cilindro de hidrogênio.

- O medidor deste cilindro está marcando zero. Suponho que isto significa que esteve em uso na hora da explosão e se foi esvaziando desde então.

- Suponho que sim - concordou Gorham.

- Poder-se-ia explodir o hidrogênio passando óleo no medidor?

- Definitivamente, não. Davenport cocou o queixo.

- Há alguma coisa que faria queimar o hidrogênio através de uma faísca de algum tipo?

- Um catalisador, suponho - murmurou Gorham. - Platina negra é o melhor. É pó de platina.

Davenport pareceu surpreso.

- Vocês têm isso?

- Claro. É caro, mas não há nada melhor para catalisar hidrogenizações. - Ficou em silêncio e fitou o cilindro de hidrogênio por um longo momento. - Platina negra - ele sussurrou finalmente. - Imagino...

- Platina negra faria o hidrogênio queimar, então? - indagou Davenport.

- Oh, sim. Ela provoca a combinação do hidrogênio com o oxigênio à temperatura ambiente. Não há necessidade de calor. A explosão seria igual à causada por aquecimento, exatamente a mesma.

A excitação tomava conta da voz de Gorham e ele se ajoelhou ao lado do cilindro de

hidrogênio. Passou o dedo sobre a extremidade enegrecida. Podia ser apenas fuligem e podia ser...

Levantou-se.

- Senhor, esta deve ter sido a forma como foi feito. Vou apanhar todas as partículas de material estranho neste tubo e fazer uma análise espectrográfica.

- Quanto tempo levará?

- Dê-me quinze minutos.

Gorham voltou em vinte. Davenport havia feito uma ronda meticulosa do laboratório queimado. Olhou para cima.

- Bem?

- Está lá. Não muito, mas está - disse Gorham triunfalmente.

Levantou uma tira de negativo fotográfico no qual havia pequenas linhas paralelas brancas, com espaços irregulares entre si e com diferentes intensidades de brilho.

- Material muito estranho, mas veja estas linhas... Davenport espiou de perto.

- Muito fracas. Você juraria num tribunal que a platina estava presente?

- Sim - disse Gorham imediatamente.

- Algum outro químico o faria? Se esta foto fosse mostrada a um químico pago pela defesa, poderia ele reclamar que estava muito fraca para ser comprovada?

Gorham ficou em silêncio. Davenport deu de ombros. O químico gritou:

- Mas ela está lá. A corrente de gás e a explosão devem ter gasto a maior parte dela. Não se poderia esperar que sobrasse muito. Vê isto, não?

Davenport olhou em volta pensativamente.

- Vejo. Admito que há uma possibilidade razoável de que tenha sido assassinato. Então vamos procurar mais e melhores provas. Supõe que este foi o único cilindro a ser adulterado?

- Não sei.

- Então, a primeira coisa que vamos fazer é verificar todos os outros cilindros na sala. Tudo mais, também. Se há um assassino, deve ter deixado outras armadilhas idiotas no local. Temos que verificar.

- Vou começar... falou Gorham agitado.

- Uh... não você - disse Davenport. - Vou arranjar um homem de nosso laboratório para fazê-lo.

Na manhã seguinte, Gorham estava no escritório de Davenport outra vez. Agora havia sido chamado.

- Foi assassinato, certo. Um segundo cilindro foi adulterado - disse Davenport.

- Veja!

- Um cilindro de oxigênio. Havia platina negra dentro da embocadura do tubo. Bastante mesmo.

- Platina negra? No cilindro de oxigênio"? Davenport concordou.

- Certo. Agora por que você acha que estaria lá? Gorham balançou a cabeça.

- Oxigênio não queima e nada o fará queimar, Nem mesmo platina negra.

Então o assassino deve tê-la colocado no cilindro de oxigênio por engano na tensão do momento. Presumivelmente, ele se corrigiu e adulterou o cilindro certo, mas,

entrementes, deixou uma prova final de que foi assassinato e não acidente.

- Sim. Agora é apenas uma questão de se encontrar a pessoa. A cicatriz na face de Davenport enrugou-se de forma alarmante quando sorriu.

- Apenas, Dr. Gorham? Como vamos fazer isso? Nossa presa não deixou cartão de visita. Há grande número de pessoas no laboratório com motivos; número ainda maior com conhecimento químico suficiente para cometer o crime e com a oportunidade de fazê-lo. Há alguma forma de fazermos a pista da platina negra?

- Não - disse Gorham com hesitação. - Qualquer uma, entre 20 pessoas, poderia apanhá-la na sala especial sem maiores problemas. Que tal os álibis?

- De quando ?

- Da noite anterior. Davenport recostou-se na mesa.

- Quando foi a última vez, antes do momento fatal, que o Dr. Llewes usou o cilindro de hidrogênio ?

- Eu... eu não sei. Ele trabalhava sozinho. Muito secretamente. Fazia parte de seu modo garantir o crédito só para si.

- Sim, eu sei. Nós andamos fazendo nossas próprias investigações. Então, pelo que sabemos, a platina negra podia ter sido colocada no cilindro uma semana atrás.

Gorham sussurrou desconsoladamente.

- Então, que faremos?

- O único ponto de ataque, me parece, - afirmou Davenport - é a platina negra no cilindro de oxigênio. É um ponto irracional e a explicação pode trazer a solução. Mas não sou químico e o senhor é; assim, se há alguma resposta, está consigo. Pode ter sido um erro... o assassino poderia ter confundido o oxigênio com o hidrogênio ?

Gorham balançou a cabeça.

- Não. O senhor sabe sobre as cores. Um tanque verde é oxigênio; um tanque vermelho é hidrogênio.

- E se ele fosse indiferente às cores? - perguntou Davenport.

Desta vez, Gorham levou mais tempo. Finalmente, disse:

- Não. Tais pessoas não se dedicam geralmente, à química. A detecção da cor nas reações químicas é importante demais. E se alguém nesta organização fosse daltônico, teria tido problemas com alguma coisa ou outra, de modo que todos nós o saberíamos.

Davenport aquiesceu. Passou o dedo pela cicatriz distraidamente.

- Está bem. Se o cilindro de oxigênio não foi untado por ignorância nem por acidente, poderia ter sido feito de propósito?

- Não o compreendo.

- Talvez o assassino tivesse um plano lógico em mente quando untou o cilindro de oxigênio, e depois mudou de idéia. Há alguma condição em que a platina negra seria perigosa na presença do oxigênio? Qualquer condição? O senhor é o químico, Dr. Gorham.

Este franziu a testa confusamente. Meneou a cabeça.

- Não, nenhuma. Não pode haver. A menos que...

- A menos quê?...

- Bem, é ridículo, mas, se injetarmos um jato de oxigênio num recipiente com gás de hidrogênio, a platina negra no cilindro de gás poderia ser perigosa.

Naturalmente, seria preciso um recipiente grande para causar explosão satisfatória.

- Suponha - disse Davenport - que nosso assassino contasse encher a sala de hidrogênio e depois derramasse o tanque de oxigênio.

Gorham disse, com meio sorriso:

- Mas, por que se preocupar com a atmosfera de hidrogênio quando... - O meio sorriso desapareceu completamente enquanto era substituído por palidez total. Ele gritou:

- Farley! Edmund Farley!

- O que é ?

- Farley acabou de retornar de seis meses de Titã - disse Gorham, com agitação crescente. - Titã tem atmosfera de hidrogênio-metano. Ele é o único homem aqui a ter tido experiência em tal atmosfera, e tudo agora faz sentido. Em Titã, um jato de oxigênio combina com o hidrogênio circundante, se aquecido ou tratado com platina negra. Um jato de hidrogênio, não. A situação é exatamente contrária à daqui da Terra. Tem que ter sido Farley. Quando ele entrou no laboratório de Llewes para preparar a explosão, colocou a platina negra no oxigênio, por causa de seus hábitos recentes. Quando se lembrou que a situação na Terra era ao contrário, o estrago estava feito.

Davenport concordou com cruel satisfação.

- Isso, sim, creio eu.

Apanhou um intercomunicador e falou para o recipiente invisível na outra extremidade:

- Mande um homem apanhar o Dr. Edmundo Farley na Central Orgânica.

Não havia dúvidas de que Montie Stein roubara, numa fraude inteligente, mais de 100.000 dólares. Também não havia dúvidas de que seria agarrado no dia seguinte ao da expiração do estatuto de limitações.

Foi a sua maneira de evitar a prisão durante aquele intervalo que provocou o caso, que fez época, do Estado de Nova York versus Montgomery Harlow Stein, com todas as suas conseqüências. Levava a lei à quarta dimensão.

Pois vejam, após ter cometido a fraude e tomado posse da fortuna, Stein entrara calmamente numa máquina de tempo, que ele possuía ilegalmente, e dirigiu os controles para sete anos e um dia no futuro.

O advogado de Stein colocou a questão com simplicidade. Esconder-se no tempo não era fundamentalmente diferente de esconder-se no espaço. Se os representantes da lei não tivessem descoberto Stein no intervalo de tempo de sete anos, o azar era deles.

O procurador público assinalou que o estatuto de limitações não pretendia ser um jogo entre a lei e o criminoso. Era uma medida complacente destinada a proteger um réu do medo indefinidamente prolongado de ser preso. Para alguns crimes, um período definido de apreensão da apreensão - por assim dizer - já era considerado punição suficiente. Mas Stein, insistiu o procurador, não havia experimentado nenhum período de apreensão.

O advogado de Stein permanecia irremovível. A lei nada dizia sobre como medir a extensão do medo e da angústia de um réu. Apenas estabelecia um limite de tempo.

O procurador disse que Stein não vivera além do limite.

A defesa afirmou que Stein era agora sete anos mais velho do que no momento do crime, e tinha, portanto, vivido além do limite.

O procurador duvidou de tal afirmação e a defesa apresentou a certidão de nascimento de Stein. Nascera em 2973. No momento do crime, em 3004, tinha 31 anos. Agora, em 3011, tinha 38.

O procurador gritou que Stein não tinha 38 anos fisiològicamente, mas apenas 31.

A defesa apontou glacialmente que a lei, desde que se comprovasse que o indivíduo era mentalmente competente, reconhecia unicamente a idade cronológica, que só poderia ser obtida subtraindo-se a data de nascimento da data atual.

O procurador, cada vez mais veemente, jurou que, se Stein fosse deixado livre, a metade das leis nos livros seria inútil.

- Então, modifiquem-se as leis, - disse a defesa - para se levar em conta a viagem no tempo. Mas, até que sejam modificadas as leis, temos que interpretar-lhes a letra.

O Juiz Neville Preston levou uma semana para considerar o caso e apresentou depois sua decisão. Foi um ponto crucial na história jurídica. É, pois, uma pena que algumas pessoas suspeitem de que o Juiz Preston tenha vacilado num impulso irresistível de sentenciar sua decisão da forma como o fez.

Pois essa decisão foi assim, na íntegra:

- Um nicho no tempo salva Stein.

POSFÁCIO

Se esperam que eu me desculpe por isto, pouco sabem de mim. Considero um jogo de palavras a forma mais nobre de espirituosidade de origem dúbia.

PREFÁCIO

Esta é uma história do tipo James Bond, escrita muito antes de eu ter ouvido falar em James Bond.

Na verdade, aqueles que conhecem minhas histórias sabem que nunca introduzo motivos maus nelas. Pode-se ver isto pelas outras histórias deste volume.

Entretanto, um redator - não Vou dizer o nome - disse-me uma vez que eu nunca apresentava cenas de amor nas minhas histórias porque eu era incapaz de escrevê-las.

Naturalmente, repudiei esta sugestão cora todo desprezo e afirmei com veemência que era simplesmente minha pureza natural e minha integridade que o impediam.

Na medida em que sua expressão foi de total descrença, eu disse:

- Vou-lhe mostrar. Vou escrever uma história de amor de ficção científica, mas não será para publicar.

Mas acabou sendo também um mistério e, contente com isto, deixei que a publicassem.

De qualquer forma, mostra que posso fazê-lo, se o quiser. É apenas que eu não o quero, normalmente.

ESTOU NO PORTO DE MARTE SEM HILDA

No começo, tudo funcionava sozinho, como num sonho. Eu não tinha que fazer nenhum ajustamento. Eu não tinha que tocá-lo. Apenas via funcionar as coisas. Talvez, então, eu devesse ter pressentido uma catástrofe.

Começou no mês das minhas férias habituais entre duas tarefas. Um mês de folga e um mês de serviço fazem parte da rotina do Serviço Galáctico. Alcancei o Porto de Marte para a estadia usual de três dias. Antes do pequeno salto até a Terra.

Normalmente, Hilda, Deus a abençoe, a mais doce das esposas, estaria lá esperando-me, e nós passaríamos bons momentos - um pequeno interlúdio gostoso para nós dois.

O único problema era que o Porto de Marte constituía o buraco mais turbulento do sistema, e um pequeno interlúdio gostoso não combina exatamente com ele. Apenas, como explicar isto a Hilda, hem?

Bem, desta vez minha sogra - Deus a abençoe para variar - ficou doente dois dias antes de eu chegar a Porto de Marte e, na noite anterior à aterrissagem, eu recebi um espaçograma de Hilda dizendo que ficaria na Terra com sua mãe e não viria encontrar-me desta vez.

Devolvi-lhe as saudações amorosas e desejei, instantemente, melhoras a sua mãe, e, quando aterrissei:

Estava no Porto de Marte sem Hilda!

Isso ainda não era nada. Era apenas o quadro de uma situação. Faltava preencher o quadro com vida.

Então, chamei Flora - Flora de alguns casos no passado - e para isso usei um

aparelho de vídeo. Azar das despesas, vamos em frente!

Eu estava apostando dez contra um que ela teria saído, que estaria ocupada, com o vídeo desligado, que estaria morta mesmo.

Mas estava lá, com seu vídeo ligado, e estava tudo, menos morta.

Parecia melhor do que nunca. A idade não conseguira esmaecer nem desgastar, como alguém já dissera uma vez, todas as suas possibilidades. E o vestido que usava - o melhor, quase não usava - ajudava muito.

Ela estava contente em me ver e gritou:

- Max! Faz anos.

- Eu sei, Hora, mas é isto, se você puder sair. Pois adivinhe! Eu estou no Porto de Marte sem Hilda!

Ela gritou outra vez:

- Que bom! Então venha.

Eu arregalei os olhos. Era demais.

- Você quer dizer que você pode sair?

Temos que entender que Flora nunca deixava de ter muitas notícias. Bem, ela era deste tipo.

- Oh, eu tenho alguns pequenos arranjos a fazer, Max, mas darei um jeito. Você pode vir.

- Eu Vou - respondi contente.

Flora era o tipo da mulher. - Bem, eu lhe digo, ela tinha suas salas sob a gravidade marciana, 0,4 em relação à Terra. O orçamento para ter sua casa fora do pseudocampo de gravidade do Porto de Marte era grande, naturalmente, mas eu lhe digo que valia a pena, e ela não tinha nenhum problema em pagá-lo. Se você já segurou uma garota nos braços a 0,4, não precisa de explicações. Se não o fez, as explicações não adiantariam nada. Também tenho pena de você.

Falar de flutuação nas nuvens...

E repare, a garota tem que saber como funcionar em baixa gravidade. Flora sabia. Não Vou falar de mim; mas Flora não gemera para eu ir e começara a romper compromissos prévios, apenas porque não tinha outros objetivos. Seus objetivos eram sempre claros.

Eu desliguei a conexão, e apenas a perspectiva de vê-la em carne e osso - que carne! - me permitiu apagar a imagem com tanta vivacidade. Saí do aparelho.

Neste ponto, neste ponto preciso, naquele exato instante do tempo, o primeiro sopro da catástrofe tocou-me.

O primeiro sopro foi a cabeça calva daquele sórdido Rog Crinton dos escritórios de Marte brilhando sobre uns pálidos olhos azuis, uma feição amarelo-pálido e um bigode marrom-pálido. Ele era o mesmo Rog Crinton com um toque eslavo em sua ascendência que se traduzia por um sobrenome intermediário que se parecia com "sunnuvabich".

Eu não me importava de levantar às quatro, nem saltava de alegria porque minhas férias tinham começado no minuto em que saí da nave.

Eu apenas disse, com a polidez normal:

- Que diabo você quer, eu estou com pressa. Tenho um compromisso.

- Você tem um compromisso comigo - retrucou ele. - Tenho um pequeno trabalho para você.

Eu ri e lhe disse com todos os detalhes anatômicos onde ele poderia colocar o trabalho. E acrescentei:

- É o meu mês de folga, amigo. Ele retrucou:

- A luz vermelha de emergência, amigo.

O que significava que não haveria férias, apenas isto. Eu não podia acreditar.

- Está louco, Rog. Seja bonzinho. Eu tenho um alerta de emergência para mim mesmo.

- Nada disso.

- Rog, implorei - você não pode arranjar algum outro? Qualquer outro ?

- Você é o único agente Classe A em Marte.

- Chame a Terra então. Eles estocam agentes como micropilhas nos quartéis-generais.

- Isso tem que ser feito antes das onze horas da noite. O que é que há? Você não pode perder três horas?

Cocei a cabeça! O rapaz apenas não sabia.

- Deixe-me fazer uma ligação, está bem?

Eu voltei para o aparelho, olhei para ele e falei:

- Particular!

Flora brilhou na tela outra vez, qual miragem de asteróide.

- Alguma coisa de errado, Max? Não me diga que há algo de errado. Eu cancelei meu outro compromisso - disse ela.

- Flora, querida, eu estarei aí. Eu estarei aí. Mas alguma coisa aconteceu.

Ela fez a pergunta natural num torn de voz magoado e eu disse:

- Não. Nenhuma outra garota. Com você na mesma cidade, ninguém vê outra garota. Fêmeas talvez. Não garotas. Querida! Meu bem! É trabalho. Espere um pouco. Não vai demorar.

- Está bem - disse ela num torn que mostrava bem que não estava bem, de modo que estremeci.

Saí do aparelho e disse:

- Está bem, Rog Sunnuvabich, que confusão foi que você armou para mim?

Fomos para um bar do porto espacial e arranjamos um canto isolado. Ele disse:

- O Gigante Antares estará chegando de Sírio em exatamente meia hora, às 8 da noite, hora local.

- Está bem.

- Três homens vão sair, entre outros, e vão esperar pelo Space Eater, que chega da Terra às 11 horas da noite e parte para Capela pouco tempo depois. Os três homens tomarão o Space Eater e estarão então fora de nossa jurisdição.

- Então...

- Então, entre Sell, estarão numa sala especial de espera e você estará com eles. Eu tenho uma imagem tridimensional de cada um para você ver quem são eles. Você tem tempo, das 8 às 11, para decidir qual deles está levando contrabando.

- Que tipo de contrabando ?

- O pior tipo. Espaçolina Alterada.

- Espaçolina Alterada?

Ele me havia apanhado. Eu sabia o que era Espaçolina. Se você tivesse estado no espaço também o saberia. E, no caso de você estar ligado à Terra a verdade simples é que todo o mundo precisa dela na primeira viagem espacial; quase todo o mundo precisa nas primeiras doze viagens; muitos precisam em todas as viagens. Sem ela, há vertigem associada com queda livre, terrores histéricos, psicoses semipermanentes. com ela, não há nada; você não sente nada. E não é uma questão de hábito; não há efeitos adversos. Espaçolina é ideal, essencial, insubstituível. Qualquer dúvida, tome Espaçolina.

- Isso mesmo, - frisou Rog - Espaçolina Alterada. Ela pode ser modificada quimicamente, por uma reação simples que pode ser realizada em qualquer laboratório, em uma droga que dará uma carga tamanho gigante, e se tornará um doce hábito logo após a primeira experiência. Eqüivale aos alcalóides mais perigosos que conhecemos.

- E só o descobrimos agora?

- Não. O Serviço sabe disso há anos... Nós evitamos que se saiba, abafando todas as descobertas. Agora, entretanto, a descoberta foi longe demais...

- De que modo ?

- Um dos homens que vai para este porto espacial está levando um pouco de Espaçolina Alterada consigo. Químicos no sistema Capeliano, que está fora da Federação, vão analisá-la e buscar maneiras de sintetizar mais. Depois disto, será combater a pior ameaça de droga que jamais se viu, ou eliminá-la na fonte eliminando a própria fonte.

- Você quer dizer Espaçolina.

- Certo. E, se suprimirmos a Espaçolina, suprimimos as viagens espaciais.

Decidi ir direto à questão.

- Qual dos três está com ela? Rog sorriu vilmente:

- Se o soubéssemos, precisaríamos de você? Você é que tem que descobrir qual dos três.

- Você está me chamando para um trabalho sórdido?

- Aponte o homem errado e correrá o risco de ter o cabelo cortado até a laringe. Todos os três são homens importantes em seus próprios planetas. Um é Edward Harponaster; um é Jaochin Lipsky, e o outro é Andiamo Ferruci. Claro?

Ele estava certo. Eu ouvira falar de cada um deles. Espero que vocês também. Importantes, pessoas muito importantes, e nenhum deles poderia ser acusado sem provas sólidas.

- Algum deles faria um negócio sujo como... - disse eu.

- Há trilhões envolvidos, - disse Rog - o que significa que qualquer um deles o faria. E um deles o faz, pois Jack Hawk chegou até, antes de ser morto...

- Jack Hawk está morto?

- Certo, e um destes tipos arrumou a morte. Agora você descubra qual. Ponha o dedo no homem certo antes das onze e haverá uma promoção, um aumento de ordenado, uma vingança do pobre Jack Hawk e um salvamento da Galáxia. Ponha o dedo no homem errado e haverá uma situação interestelar horrível, e você estará fora de seu juízo e

também em todas as listas negras daqui até Antares.

- Suponha que eu não aponte ninguém? - retruquei eu.

- Será a mesma coisa que apontar o homem errado na medida em que o Serviço está envolvido.

- Eu tenho que apontar algum, mas apenas o certo, ou terei de entregar a cabeça?

- Em pedacinhos. Você está começando a entender-me, Max.

Durante uma longa vida de feiúra, Rog Crinton nunca parecera tão feio. O único consolo que eu tinha ao olhá-lo era o de saber que ele também era casado e que vivia com a mulher no Porto de Marte durante todo o ano. E ele merece isto! Talvez eu esteja sendo duro com ele, mas ele o merece.

Fiz uma rápida chamada para Flora, logo que Rog ficou fora de minha vista.

- Bem? - disse ela.

As costuras magnéticas de seu vestido estavam bem abertas e a voz soava tão macia e excitante quanto ela parecia.

- Meu bem, - retruquei - é algo sobre o qual não posso falar, mas tenho que fazê-lo, vê? Agora você espera, Vou resolver logo como se tivesse que nadar pelo Grande Canal com minha roupa de baixo, entende? Se eu tivesse que arrancar Phobos do céu. Se eu tivesse que me cortar em pedaços e me enviar pelo correio.

- Ei, - disse ela - se eu soubesse que teria que esperar...

Pisquei. Ela não era exatamente do tipo que entendesse poesia. Na verdade, era apenas uma criatura de ação... mas, afinal, se eu ia ser levado, pela baixa gravidade, num mar de perfume de jasmim com Flora, entender de poesia não era a qualificação que consideraria mais indispensável.

- Apenas espere, Flora, não demorarei nada. Eu o farei por você - disse ansioso.

Eu estava aborrecido, é claro, mas não preocupado. Rog mal me deixara e eu já me figurava exatamente como eu descobriria qual dos homens era o culpado.

Era fácil. Deveria ter chamado Rog de volta para contar-lhe, mas preferi não fazê-lo. Eu levaria apenas cinco minutos e então partiria para encontrar Flora; um pouco mais, talvez, mas com uma promoção, um aumento e um beijo do Serviço estalado em cada face.

A coisa é simples. Grandes industriais não viajam no espaço com muita freqüência; eles usam o receptor transvídeo. Quando eles têm que ir a alguma conferência interestelar muito distante, como estes três provavelmente iam, tomavam Espaçolina. Por um lado, não tinham experiência suficiente para se arriscarem a fazê-lo sem ela. Por outro lado, a Espaçolina é a maneira mais cara de fazê-lo, e os industriais fazem tudo da maneira mais cara. Conheço-lhes a psicologia.

Isto valia para dois deles. Aquele que transportava o contrabando, entretanto, não podia arriscar a Espaçolina - mesmo sob o preço de arriscar-se a ter doenças espaciais.

Sob a influência da Espaçolina, poderia jogar a droga fora, ou abandoná-la, ou ainda falar descontroladamente sobre ela. Teria que se manter controlado.

Era, assim, bem simples.

O Gigante Antares estava na hora. Eles trouxeram Lipsky em primeiro lugar. Tinha lábios grossos e rubros, rosto redondo, sobrancelhas muito escuras e os cabelos apenas

começando a ficar grisalhos. Apenas me olhou, sentou-se. Nada. Ele estava sob o efeito da Espaçolina.

- Boa noite, senhor - comecei eu. Ele disse, em voz sonhadora:

- Surrealismus de coração panamês em três quartas partes por uma xícara de café.

Era bem a Espaçolina. Os botões da mente humana eram liberados inteiramente. Cada sílaba sugeria a próxima numa associação livre.

Andiamo Ferruci veio em seguida. Bigode preto, feição longa, cor de cera, rosto marcado pela varíola. Sentou-se.

- Boa viagem ? - indaguei.

- Viagem luz fantástica tucano do cano está cantando para o pássaro.

- Pássaro para o sábio livro guia para todos os lugares todo mundo - disse Lipsky.

Sorri. Isto deixava Harponaster. Eu tinha minha arma bussolar pronta e fora da vista, e o rolo magnético pronto para apanhá-lo.

Então Harponaster entrou. Ele era magro, coriáceo e, embora quase calvo, consideravelmente mais jovem do que parecia a sua imagem tridimensional. E estava entupido de Espaçolina.

- Diabo! - exclamei.

- Diabo ianque nota discurso no último tempo que vi você dizer isto - declarou Harponaster.

- Quisto semente do território sob disputa faz bem em vir ao longo da longa estrada - falou Ferruci.

- Estranhos rindo no ping pong bolas - disse Lipsky.

Eu olhei de um para outro, enquanto o nonsense se desenvolvia em estímulos cada vez mais curtos até chegar ao silêncio.

Vi o quadro direitinho. Um deles estava mentindo. Ele havia percebido antes que omitir a Espaçolina seria dar uma pista. Ele devia ter subornado algum oficial para injetar-lhe salina ou burlou-o de alguma outra forma.

Um deles estava mentindo. Não era difícil fazê-lo. Os comediantes tomavam um toque de Espaçolina regularmente. Era divertido como eles se libertavam do código moral neste estado. Você os ouviu.

Eu olhei para eles e senti a primeira agulhada na base do crânio, que me disse: " "E se você não apontar o homem certo? "

Eram oito e meia e lá estavam meu trabalho, minha reputação e minha cabeça, quase raquítica, sobre meu pescoço, para serem considerados. Eu deixei tudo para mais tarde e pensei em Flora. Ela não iria esperar-me para sempre. Nesse caso, havia pouca chance de ela ter que esperar apenas meia hora.

Tinha minhas dúvidas. Poderia o mentiroso manter a associação livre, se fosse levado gentilmente para um território perigoso?

- Se sentes uma dor, roga - e falei as duas últimas palavras juntas de modo a ficar "droga".

Lipsky:

- Droga de sob a dor ré mi fã sol para ser salva. Ferruci:

- Salva e um corte de cabelo acima da multidão como algo sobre unicórnio como

Kansas tão alto que nem vem.

Harponaster:

- Nem vento nem neve costumam tentar por quatro sempre e efervescência e vacilação sensibilizadora.

- Adornos e aparatos - disse Lipsky.

- Exatamente - respondeu Ferruci.

- Entidade - falou Harponaster. Alguns estímulos ainda e eles apagaram,.

Tentei novamente e não me esqueci de estar atento. Eles se lembrariam depois de tudo que eu dissesse, e o que eu dizia tinha que ser inofensivo.

- Esta é uma boa e cerzida espaçolinha - falei eu.

- Linhas e tigres e montes de elefantes na pradaria cachorros latem mesmo... - retrucou Ferruci.

Interrompi, olhando para Harponaster:

- Uma boa espaçolinha.

- Alinhe a cama e descanse um pouco de carneirice negra de modo errado para soar as roupas de um dia perfeito.

Interrompi outra vez, fixando Lipsky:

- Boa espaçolinha.

- Zinha é chocolate quente gente não vou ser o mesmo dobra a parada vira.

Alguém mais disse:

- Gira a doençaridade e escreve vontade de recuamento.

- Mento com hora de refeição.

- Vão vindo.

- Inglês.

- Fez carimbos.

- Zimbos.

Tentei algumas vezes mais e não cheguei a lugar nenhum. O mentiroso, qualquer que fosse, tinha praticado ou tinha talento natural para fazer associação livre. Ele desconectava o cérebro e deixava sair as palavras de qualquer modo. E devia estar inspirado, sabendo exatamente o que eu procurava. Se "droga" não o traíra, "espaçolinha" repetida três vezes deveria tê-lo feito. Eu estava seguro com os outros dois, mas ele saberia.

E estava-se divertindo comigo. Os três estavam dizendo frases que deveriam indicar culpas interiores mais profundas - "sol para ser salva", "um pouco de carneirice negra de erro", "droga de sob", e assim por diante. Dois estavam dizendo estas coisas sem querer, ao acaso. O terceiro divertia-se comigo.

Então, como podia encontrar o terceiro? Eu sentia fervorosa emoção de ódio contra ele e meus dedos se apertavam. O bastardo estava subvertendo a Galáxia. Mais do que isso, estava-me afastando de Flora.

Poderia dirigir-me a cada um e começar a procurar. Os dois que estavam realmente sob a Espaçolina não fariam nenhum movimento para me impedir. Eles não podiam sentir nenhuma emoção, nenhum medo, nenhuma ansiedade, nenhum ódio, nenhuma paixão, nenhum desejo de autodefesa. E se um fizesse o menor gesto de resistência, eu teria o

meu homem.

Mas os inocentes se lembrariam posteriormente. Suspirei. Se o tentasse, conseguiria o criminoso, porém, mais tarde eu seria a coisa mais parecida com um fígado picado.

Haveria uma perturbação no Serviço, um grande protesto em toda a Galáxia, e, na excitação e desorganização, o segredo da Espaçolina Alterada se revelaria de todo modo e seria o diabo.

Naturalmente, o homem que eu queria deveria ser o primeiro que eu tocasse. Uma chance em três. Eu teria uma apenas e somente Deus poderia fazer três...

Maldição, alguma coisa se tinha passado enquanto eu murmurava para mim mesmo e a Espaçolina é contagiosa um gigolô meu, oh...

Olhei desesperadamente para meu relógio e minha vista focalizou nove e quinze.

Com que diabos as horas tinham passado? Oh, raios; oh, Flora!

Eu não tinha escolha. Dirigi-me para o aparelho, para um outro chamado rápido para Flora. Apenas um bem rápido, entende, para manter as coisas vivas, supondo que já não estivessem mortas.

Fiquei dizendo para mim mesmo: "Ela não responderá". Tentei preparar-me para isso. Havia outras garotas, havia outras...

Diabo, não havia outras garotas.

Se Hilda estivesse no Porto de Marte, eu jamais teria tido Flora na minha cabeça em primeiro lugar, e isso não importaria. Mas eu estava no Porto de Marte sem Hilda e eu havia marcado um encontro com Flora; Flora e um corpo que havia sido feito amontoando-se tudo que era macio, cheiroso e firme; Flora e uma sala de baixa gravidade e um jeito dela que fazia parecer uma queda livre através de um oceano morno, respirável, de suspiro com aroma de champanha...

O sinal estava chamando e chamando e eu não ousava interrompê-lo.

Responda! Responda!

- É você! - respondeu ela.
- Naturalmente, coração, quem mais poderia ser?
- Muitas pessoas. Alguém que viesse.
- Há apenas um pequeno detalhe deste negócio, querida.
- Que negócio? Plásticons por quem?

Quase lhe corrigi a gramática, mas me perguntava o que era este plásticon.

Então me lembrei. Dissê-lhe, certa vez, que eu era um vendedor de plásticons. Foi na época em que lhe trouxera uma camisola de plásticon que era uma delícia. Só de pensar nisso, senti uma dor onde não precisava mais sentir.

- Olhe. Dê-me apenas mais meia hora... - falei. Seus olhos ficaram úmidos.
- Estou sentada aqui, inteiramente só.
- Eu irei por você.

Para mostrar-lhe como eu estava ficando desesperado, já estava começando a pensar em longas calçadas que pudessem levar-me apenas para joalherias, muito embora uma cavidade considerável na minha conta bancária se mostrasse aos olhos perspicazes de Hilda como a nebulosa Cabeça de Cavalo, interrompendo a Via Láctea.

- Eu tinha um encontro maravilhoso e o desmarquei.

- Você disse que era um pequeno arranjo - protestei. Isso foi um erro. Eu o soube no minuto em que o disse.

- Um pequeno arranjo! - berrou ela.

Fora o que ela dissera. Mas ter a verdade do seu lado, numa discussão com mulher, apenas piora a situação. Eu devia sabê-lo.

- Você chama um homem que me prometeu uma posição na Terra...

Ela continuou e continuou sobre a posição na Terra. Não havia ninguém no Porto de Marte que não estivesse louco por uma situação na Terra e podia-se contar nos dedos da mão o número daqueles que o conseguiam. Mas a esperança vive eternamente no coração dos homens, e Flora tinha muito espaço no coração para isso.

Tentei pará-la. Lancei querida e meu bem até quase não poder mais.

Não adiantou.

Ela disse finalmente:

- E aqui estou eu sozinha, sem ninguém, e o que é que você acha que isto fará para minha reputação? - E desligou o contato.

Bem, ela estava certa. Senti-me como o último dos homens da Galáxia. Se o disse-me-disse espalhasse que ela tinha estado à espera, o disse-me-disse também espalharia que ela era esperável, que ela estava perdendo a velha forma. Uma coisa dessas pode arrumar uma garota.

Voltei para o salão de recepção.

Um lacaio do lado de fora da porta deixou-me entrar.

Olhei para os três industriais e especulei em que ordem eu iria sufocar cada um vagarosamente até morrer, se eu pudesse e recebesse ordens de sufocá-los. Harponaster primeiro, talvez. Ele tinha um pescoço fino e fibroso que os dedos podiam envolver facilmente e um pomo-de-adão convidativo aos polegares.

Isto me alegrou infinitamente até o ponto em que murmurei:

- Rapaz! - de pura ansiedade.

Isto os despertou imediatamente. Ferruci disse:

- Apraz ferver a água do carro você vai na neve sóbrio. Harponaster, com seu pescoço fino, acrescentou:

- Sobrinho não gosta do gato.

- Gado para navegar a casa esticando boa isca e bebeu bêbedo - acrescentou Lipsky.

- Bardo anterior passageiro espanto.

- Enquanto bestas oh reza.

- Prezas para Chicago.

- Agonia.

- Hiato.

- Ato. Depois, nada.

Eles olhavam para mim. Eu olhava para eles. Estavam vazios de emoção - ou dois estavam - e eu estava vazio de idéias. E o tempo passava.

Olhei um pouco mais para eles e pensei em Flora. Ocorreu-me que eu não tinha

mais nada a perder que não tivesse perdido já. Eu poderia mesmo falar dela.

- Cavalheiros, há uma garota nesta cidade cujo nome eu não Vou mencionar para não comprometê-la. Deixem-me descrevê-la para os cavalheiros - disse eu.

E eu o fiz. As duas últimas horas me afligiram a tal ponto que a descrição de Flora assumiu um tipo de poesia que parecia vir de alguma fonte de força masculina profunda no meu inconsciente.

E eles ficaram estáticos, quase como se estivessem ouvindo, e quase nunca interrompendo. As pessoas sob a Espaçolina têm um tipo de polidez no comportamento. Eles não falam quando alguém está falando. É por isso que falam um de cada vez.

Ocasionalmente, é claro, eu pausava um pouco, pois a pujança do assunto me dava vontade de prolongá-lo e, então, um deles podia mencionar algumas palavras antes que eu me recuperasse e continuasse.

- Piquenique de champanha e dores e amargura da caixa do século.

- Redondo que e/ou praias.

- Assalto e mostarda e leopardo. Eu os abafava e continuava a falar.

- Esta jovem, cavalheiros, - dizia eu - tem um apartamento adaptado à baixa gravidade. Agora os senhores podem perguntar para que serve a baixa gravidade? Eu pretendo dizer-lhes, cavalheiros, pois se os senhores nunca tiveram ocasião de passar uma noite sossegada com uma prima donna do Porto de Marte na intimidade, os senhores não podem imaginar...

Mas eu tentava fazer desnecessário que eles imaginassem - contando de modo que eles se sentissem lá. Eles iriam lembrar-se de tudo isto depois, mas eu duvido que qualquer um dos dois inocentes fosse reclamar disto numa retrospectiva. Haveria possibilidade de eles me procurarem para pedir um número de telefone.

Continuei, com detalhes cuidadosos e amorosos e uma certa tristeza na voz, até que o alto-falante anunciasse a chegada do Space Eater.

- Levantem-se, cavalheiros! - falei alto.

Eles se levantaram em uníssono, olharam para a porta, começaram a andar e, quando Ferruci passou por mim, bati-lhe no ombro:

- Você não, porco assassino - e meu rolo magnético estava no pulso dele antes que ele pudesse respirar duas vezes.

Ferruci lutou como um demônio. Ele não estava sob a influência da Espaçolina. Encontraram a Espaçolina Alterada em pequenas almofadas de plástico da cor da pele, presas na superfície interior das coxas, com cabelos por cima parecendo a pele normal. Não se podia ver nada absolutamente; podia-se apenas senti-lo, e mesmo assim foi preciso uma faca para se ter certeza.

Mais tarde, Rog Crinton, sorrindo e quase doente de alívio, segurou-me pela lapela com uma força brutal.

- Como foi que você fez ? Qual foi a pista ? Retruquei tentando livrar-me:

- Um deles estava fingindo ter tomado Espaçolina. Então eu lhes disse... - Eu tomei precauções. Ninguém revela seus negócios nos detalhes, entende. - Uh, histórias da ribalta, sabe, e dois deles não reagiam, então estavam com Espaçolina. Mas a respiração de Ferruci se acelerou e gotas de suor apareceram-lhe na testa. Eu dei um fim bem

dramático e ele reagiu, então não estava sob a Espaçolina. E, quando todos se levantaram para tomar a nave, eu tinha certeza do meu homem e o detive.

Agora você me deixa ir?

Ele me largou e eu quase caí para trás.

Eu estava pronto para partir. Meus pés se encontravam presos ao chão, sem qualquer instrução para mim, mas voltei.

- Ei, Rog, - disse eu - você pode assinar uma nota de mil créditos, sem que seja registrado, por trabalhos prestados ao Serviço?

Foi quando percebi que ele se sentia bastante aliviado e parecia muito grato, pois disse:

- Claro, claro. Dez mil créditos, se você quiser.

- Eu quero - disse eu. - Eu quero. Eu quero.

Ele preencheu uma nota oficial do Serviço com 10.000 créditos, válida em quase a metade da Galáxia. Estava rindo, na verdade, quando me deu o papel e, pode-se adivinhar, eu estava rindo também quando o recebi.

Como ele pretendia prestar contas daquilo, era assunto dele. A questão era que eu não teria que prestar contas a Hilda.

Fiquei no aparelho, uma última vez, ligando para Flora. Eu não ousava fazer nada antes de ligar para lá. A meia hora adicional podia ter-lhe dado tempo exatamente para arranjar alguém mais, se já não tivesse arranjado.

Faça com que ela atenda. Faça com que ela atenda. Faça com que ela...

Ela respondeu, mas estava em roupas formais. Ia sair e mais dois minutos eu não a teria alcançado obviamente.

- Vou sair - anunciou ela. - Algum homem pode ser decente. Eu não quero vê-lo daqui por diante. Eu não quero mais pôr os olhos em você. Você me fará um grande favor,

Sr. Quemquerqueseja, se largar meu sinal e nunca mais poluí-lo com...

Eu não dizia nada. Apenas estava lá segurando a respiração e também segurando a nota, de forma que ela pudesse vê-la. Apenas lá. Apenas segurando a nota.

Certamente, na palavra "poluir", ela se aproximou para olhar melhor. Não tinha muita educação aquela moça, mas podia ler "10.000 créditos" mais depressa do que qualquer formando no Sistema Solar.

- Max! Para mim?

- Tudo para você, querida. Eu lhe disse que eu tinha um pequeno negócio para fazer. Queria surpreendê-la.

- Oh, Max, tão gentil que você é. Eu não me importo realmente. Eu estava brincando. Agora venha diretamente para cá.

Ela tirou o casaco, que é uma ação muito interessante de se observar em Flora.

- E o seu encontro ?

- Eu disse que estava brincando - retrucou ela.

Ela deixou o casaco cair suavemente no chão, e brincou com um broche que parecia segurar todo o vestido.

- Eu Vou indo - disse eu fracamente.

- Com todos estes créditos agora? - perguntou ela travessamente.

- Com todos eles - redargui.

Cortei o contato, saí do aparelho, e agora, finalmente, estava pronto, realmente pronto.

Ouvi chamar o meu nome.

- Max! Max! - alguém corria em direção a mim. - Rog Crinton disse-me que eu o encontraria aqui. Mamãe já está bem, então eu consegui uma passagem especial no Space Eater, e o que é isto de 10.000 créditos?

Não me virei. Disse:

- Alô, Hilda!

Fiquei duro como pedra.

E então eu me virei e fiz a coisa mais difícil que jamais conseguira fazer em toda minha maldita vida imprestável de esperança espacial:

Sorri.

PREFÁCIO

Esta história exige alguma explicação. "Perdido em Vesta", a primeira desta dupla de histórias, não é um mistério d© modo algum. Entretanto, acontece que é a primeira história que publiquei. Quando se aproximava o vigésimo aniversário desta primeira publicação, os editores da revista na qual ela fora publicada pediram-me para escrever uma história que marcasse este aniversário. Eu fiz, por tolice premeditada, esta segunda história, "Aniversário", que trata do encontro dos personagens da primeira história no vigésimo aniversário dos acontecimentos daquela primeira história. E a dupla de histórias, em conjunto, faz um mistério.

Acho justo contar ao gentil leitor que muito pouco foi mudado nesta história publicada em primeiro lugar. Se a minha inexperiência se revela - eu estava na adolescência quando foi publicada - perdoe-me. Ainda mais, para atender à suspeita de alguns leitores que nunca a leram na sua primeira aparição - não sendo nascidos então - não mudei uma palavra sequer da primeira história, a fim de facilitar a organização do mistério na segunda. É bom lembrar que, quando este livro aparecer, o trigésimo aniversário daquela primeira publicação estará apenas a um ano de distância.

PERDIDO EM VESTA

- Podia fazer o favor de parar de andar para cima e para baixo assim? - disse Warner Moore sentado no sofá. - Não fará bem a nenhum de nós dois. Pense em nossas bênçãos, continuamos com ar, não continuamos ?

Mark Brandon girou rapidamente e arreganhou os dentes para ele.

- Naturalmente, você não sabe que nosso suprimento de ar durará apenas três dias. - Ele voltou a seu passeio com um ar desafiador.

Moore bocejou e se esticou, assumindo uma posição mais confortável, e retrucou:

- Despendendo toda esta energia, apenas vai gastá-lo mais depressa. Por que não aprende com Mike aqui? Ele está à vontade.

"Mike" era Michael Shea, último membro da tripulação do Silver Queen. Seu corpo curto e atarracado descansava na única cadeira do quarto e seus pés estavam sobre a única mesa. Ele olhou para cima quando lhe mencionaram o nome, e a boca se abriu num sorriso torcido.

- Vôos tem que esperar que coisas como esta aconteçam às vezes - disse ele. - Enfrentar os asteróides é negócio perigoso. Nós devíamos ter dado o salto.

Demora mais, mas é o único meio seguro. Mas não, o capitão queria cumprir o horário, ele iria ... - Mike deu umas pancadinhas desgostosamente - e aqui estamos nós.

- Que é o "salto"? - perguntou Brandon.

- Oh, eu entendi que o amigo Mike quer dizer que deveríamos ter evitado o cinto de asteróides construindo um curso fora do plano da elipse - respondeu Moore. - É isto, não é, Mike?

Mike hesitou e depois respondeu cautelosamente:

- Sim ... acho que é.

Moore sorriu brandamente e continuou.

- Bem, eu não culparia muito o Capitão Crane. A tela de repulsão deve ter falhado cinco minutos antes que aquele pedaço grande de granito batesse em nós. Isto não é culpa dele, embora, naturalmente, nós devêssemos ter desviado em vez de contar com a tela. - Ele balançou a cabeça meditativamente. - O Silver Queen despedaçou-se apenas. É realmente um milagre que esta parte da nave tenha ficado intata e, mais ainda, pressurizada.

- Você tem uma idéia engraçada da sorte, Warren, - disse Brandon. - Sempre teve, desde que o conheço. Aqui estamos nós numa décima parte de uma espaçonave, compreendendo apenas três quartos completos, com ar para três dias, e nenhuma perspectiva de ficarmos vivos após isto, e você tem o atrevimento infernal de falar sobre sorte.

- Comparando com os outros que morreram instantaneamente quando o asteróide bateu, sim - foi a resposta de Moore.

- Você pensa assim, hem? Bem, deixe-me dizer-lhe que a morte instantânea não é tão ruim comparada com o que teremos que passar. A sufocação é uma forma de morrer desgraçada.

- Poderemos arranjar alguma saída - sugeriu Moore com esperança.

- Por que não encarar os fatos? - O rosto de Brandon estava rubro e a voz tremia. - Chegamos ao fim, eu lhe digo! Fim!

Mike olhou de um para outro, em dúvida, e tossiu para chamar a atenção.

- Então, senhores, vendo que estamos todos no mesmo aperto, acho que não há necessidade de se fazerem coisas torpes. - Ele apanhou uma pequena garrafa no bolso, cheia de líquido verde. - isto é Grade A Jabra. Não estou muito orgulhoso de dividi-lo e o divido assim mesmo.

Brandon revelou os primeiros sinais de prazer depois de todo o dia.

- Jabra, água marciana. Por que você não disse isto antes? Mas, quando ele se esticou para apanhá-la, uma mão firme caiu-lhe sobre o pulso. Olhou para cima, nos olhos azuis e calmos de Warren Moore.

- Não seja imbecil, - tornou Moore - não há o bastante para nos embriagar durante os três dias. O que é que você quer fazer? Dê um gole agora e depois morra bem sóbrio. Vamos guardar isto para as últimas seis horas quando o ar ficar pesado e a respiração doer - então acabaremos com a garrafa e nunca saberemos quando o fim chegar, ou não nos importaremos.

A mão de Brandon caiu com relutância.

- Maldito, Warren, você sangraria gelo se fosse ferido. Como é que você pode pensar num momento como este?

Ele se moveu em direção a Mike e a garrafa foi guardada outra vez. Brandon encaminhou-se para a clarabóia e olhou para fora.

Moore se aproximou e colocou um braço gentilmente sobre os ombros do mais jovem.

- Por que tornar tudo mais difícil, homem? - perguntou. -- Você não durará muito

neste ritmo. Dentro de 24 horas, você estará louco, se continuar assim.

Não houve resposta. Brandon olhava amargamente para o globo que enchia a clarabóia quase que inteiramente, e Moore continuou:

- Observar Vesta também não lhe fará nenhum bem. Mike Shea arrastou-se até a clarabóia.

- Estaríamos a salvo se, ao menos, estivéssemos lá em Vesta. Há pessoas lá. A que distância estamos?

- Não mais de 400 ou 500 quilômetros, julgando pelo seu tamanho aparente - respondeu Moore. - Lembre-se que tem apenas 300 quilômetros de diâmetro.

- A 400 quilômetros da salvação, - murmurou Brandon - poderíamos estar a um milhão, da mesma forma. Se houvesse meio de sairmos da órbita que este fragmento estragado adotou. Sabe, se conseguirmos dar-nos um empurrão para começarmos a cair. Não haveria perigo de nos espatifarmos, pois este mosquitinho não tem gravidade suficiente para se espatifar num creme.

- Tem o bastante para nos manter em órbita - retrucou Brandon. - Ele deve ter-nos apanhado quando estávamos caídos inconscientes depois da batida. Queria que tivesse chegado mais perto; poderíamos ser capazes de aterrissar com ele.

- Lugar engraçado, Vesta, - observou Mike Shea. - Eu estive lá embaixo duas ou três vezes. Que droga! É todo coberto de uma matéria que parece neve, apenas não é neve. Eu me esqueci como é que lhe chamam.

- Bióxido de carbono gelado? - prontificou-se Moore.

- Sim, gelo seco, aquele carbono, é isso. Dizem que é o que faz Vesta ser tão brilhante.

- Naturalmente! Isso a, faz muito branca.

Mike lançou um olhar suspeito para Moore e deixou passar.

- É difícil ver qualquer coisa lá embaixo por causa da neve, mas, se se olhar de mais perto - apontou - pode-se ver uma espécie de mancha cinza. Acho que é a cúpula de Bennett. É onde mantêm um observatório. E há a cúpula de Calorn mais adiante. É uma estação de combustível, é isso. Há muitas mais, também, apenas eu não as vejo.

Ele hesitou e depois virou-se para Moore.

- Escute, chefe, eu estive pensando. Eles não estariam procurando por nós desde que souberam da batida? E não seria fácil encontrarem-nos a partir de Vesta, vendo que estamos tão próximos ?

Moore balançou a cabeça.

- Não, Mike, eles não nos estarão procurando. Ninguém descobrirá nada sobre a batida até que o Silver Queen revele sua falha no plano. Vê, quando o asteróide bateu, nós não tivemos tempo de enviar um SOS - suspirou - e não nos encontrarão em Vesta também. Nós somos tão pequenos que, mesmo à nossa distância, não poderiam ver-nos, a menos que soubessem o que estão procurando, e exatamente onde.

- Hum! - A testa de Mike franziu-se com pensamentos profundos. - Então nós temos que chegar a Vesta antes de três dias.

- Nós temos o fundamento da questão, Mike. Agora, se apenas soubéssemos como consegui-lo, hem?

Brandon explodiu de repente:

- Vocês dois querem parar com esse bate-boca infernal e fazer alguma coisa? Por Deus do Céu, façam alguma coisa.

Moore levantou os ombros e, sem responder, voltou para a poltrona. Deitou-se à vontade, aparentemente despreocupado, mas havia uma ligeira ruga entre os olhos, que revelava concentração.

Não havia dúvida quanto a isso; eles estavam numa situação ruim. Reviu os acontecimentos do dia precedente, talvez pela vigésima vez.

Depois que o asteróide tinha batido, rompendo a nave, havia apagado como uma luz; por quanto tempo, não sabia, seu próprio relógio se quebrara e não havia nenhum outro aparelho de tempo prestável. Quando ele voltou a si, encontrou-se junto com Mark Brandon que compartilhava seu quarto, e Mike Shea, um membro da tripulação, únicos ocupantes de tudo que restara do Silver Queen.

Este remanescente estava agora realizando uma órbita em torno de Vesta. No momento, as coisas estavam mesmo confortáveis. Havia suprimento de comida que duraria uma semana. Da mesma forma, havia um Gravitador regional sob a sala que os mantinha no peso normal e continuaria a fazê-lo por tempo indeterminado, certamente por mais tempo do que duraria o ar. O sistema de iluminação estava menos satisfatório, mas mantinha-se até então.

Não havia dúvida, entretanto, onde é que estava ^o galho. Três dias de ar! Não que não houvesse outros fatores desconcertantes. Não havia sistema de aquecimento - embora fosse necessário muito tempo para que a nave despendesse o calor suficiente no vácuo do espaço para tornar-lhes a situação por demais desagradável. Muito mais importante era o fato de que a sua parte da nave não tinha nem meio de comunicação, nem mecanismo propulsor. Moore suspirou. Um jato com combustível em funcionamento arrumaria tudo, pois um empurrão na direção certa os enviaria seguramente para Vesta.

A ruga entre os olhos aprofundou-se. Que se podia fazer? Eles tinham apenas uma roupa espacial entre eles, um raio térmico e um detonador. Este era o balanço total dos instrumentos espaciais após uma busca completa nas partes acessíveis da nave. Uma confusão que não servia para nada.

Moore deu de ombros, levantou-se e apanhou um copo d'água. Bebeu mecanicamente, ainda mergulhado em pensamentos, quando lhe ocorreu uma idéia. Olhou curiosamente para a xícara vazia que tinha na mão.

- Diga, Mike, - que tipo de suprimento de água temos nós? Engraçado como eu ainda não tinha pensado nisto.

Os olhos de Mike se abriram em toda a extensão, com expressão de lúdica surpresa.

- Não sabia, chefe?

- Sabia o quê! - perguntou Moore impacientemente.

- Temos toda a água que tínhamos. - Fez um gesto com a mão, abarcando tudo em volta. Fez uma pausa, mas, como a expressão de Moore só revelava total mistificação, continuou:

- Não vê? Temos o tanque principal, o lugar onde toda a água para a nave inteira

era guardada. - Ele apontou para uma das paredes.

- Você quer dizer que há um tanque cheio de água aqui junto de nós ?

Mike aquiesceu vigorosamente:

- Sim! Um reservatório cúbico de trinta metros de lado. E está com três-quartos cheio.

Moore estava espantado.

- Trinta metros cúbicos de água. - Depois, repentinamente: - Por que ela não escorreu pelas pipas quebradas ?

- Há apenas uma saída, que corre pelo corredor logo do lado de fora desta sala. Eu estava arrumando isto quando o asteróide bateu e tive que fechá-la. Quando acordei, abri a pipa que dava para nossa torneira, mas é a única saída aberta agora.

- Oh! - Moore teve uma sensação curiosa descendo dentro dele. Uma idéia tinha-se quase formado na cabeça dele, mas não conseguia trazê-la à luz do dia por nada deste mundo. Sabia apenas que havia alguma coisa naquilo que ouvira que tinha uma significação importante, mas simplesmente não conseguia pôr-lhe as mãos em cima.

Enquanto isto, Brandon escutara Shea em silêncio, e agora emitiu uma risada curta e sem graça.

- O destino parece estar-se divertindo conosco, acho. Primeiro, coloca-nos bem à mão de um lugar seguro e depois dá um jeito para que não tenhamos meio de alcançá-lo.

- Depois nos prove com comida para uma semana, com ar para três dias e com água para um ano. Para um ano, estão me ouvindo? Bastante água para beber, para gargarejar, para lavar, para tomar banho... e para fazer qualquer coisa que queiramos. Água ... maldita água!

- Oh, seja menos sério, Mark - disse Moore, numa tentativa de quebrar a melancolia do jovem. - Finjamos que somos um satélite de Vesta - o que somos. Temos nosso próprio período de revolução e de rotação. Temos um equador e um eixo. Nosso "pólo norte" está localizado em algum lugar no alto da clarabóia, apontando para Vesta, e nosso "sul" está apontado para o outro lado de Vesía em algum lugar dentro do tanque de água. Bem, como um satélite, temos uma atmosfera, e agora, veja, temos um oceano recentemente descoberto.

- E, seriamente, não estamos tão mal assim. Durante três dias, nossa atmosfera durará, podemos comer rações duplas e encharcar-nos de água. Inferno, temos água bastante para jogar fora...

A idéia, que tinha sido quase formada antes, de repente atingiu a maturidade e foi apanhada. O gesto descuidado com o qual ele acompanhara a sua última afirmação ficou parado no ar. A boca fechou-se com um estalo e teve um sobressalto.

Mas Brandon, imerso em seus próprios pensamentos, não notou nada de estranho nas ações de Moore.

- Por que você não completa as analogias com um satélite - guinchou - ou você, como um Otimista Profissional, ignora todos os fatos desagradáveis? Se eu fosse você, continuaria assim. - Aqui ele imitou a voz de Moore: - O satélite é, no momento, habitável e habitado, mas, devido à depressão crescente de sua atmosfera em três dias, espera-se que se torne um mundo morto.

- Bem, por que não responde? Por que persiste em fazer piada com tudo isto? Você não pode ver... O que é que há?

A última frase foi uma exclamação de surpresa, pois certamente as ações de Moore mereciam surpresa. Ele se levantara de repente e, após ter-se dado um tapinha na testa, permaneceu duro e silencioso, olhando a distância, com as pálpebras fechando-se gradualmente. Brandon e Mike Shea o observavam com espanto mudo.

De repente, Moore explodiu:

- Ah! Consegui. Por que não pensei nisto? - Suas exclamações foram-se degenerando, até ficarem ininteligíveis.

Mike apanhou a garrafa de Jabra com olhar significativo, mas Moore a afastou com impaciência. Enquanto isto, Brandon, sem nenhum aviso, estendeu a direita, atingindo o surpreso Moore bem no queixo, derrubando-o.

Moore rosnou e esfregou o queixo. Um tanto indignado, perguntou:

- Qual a razão disso?

- Levante-se e eu farei outra vez! - gritou Brandon. -- Não posso mais suportá-lo! Estou doente e cansado de ouvir pregações, e ter que ouvir sua conversa de Poliana. Você é o que está ficando louco.

- Louco, nada! Apenas um pouco super excitado, é tudo. Escute, pelo amor de Deus. Eu acho que sei um jeito...

Brandon olhou para ele com maldade.

- Você sabe, é? Alimenta nossas esperanças com um esquema idiota e depois descobre que não funciona. Eu não o quero, está me ouvindo? Vou encontrar uma utilização real para a água - afogá-lo - e economizar um pouco do ar, além do mais.

Moore perdeu a paciência.

- Escute, Mark, você está fora disto. Eu Vou fazer tudo sozinho. Eu não preciso de sua ajuda e não a quero. Se você está tão certo assim de morrer e com tanto medo, por que não acaba com a agonia? Nós temos um raio térmico e um detonador, ambas as armas em bom estado. Aproveite e mate-se. Shea e eu não vamos interferir.

- Os lábios de Brandon se torceram num último gesto fraco de desafio e, então, repentinamente, capitulou, completa e abjetamente.

- Está bem, Warren, estou com você. Eu... eu acho que não sabia o que estava fazendo. Não me sinto bem, Warren. Eu...

- Ah, está bem, rapaz. - Moore estava realmente com pena dele. - Tenha calma. Eu sei como você se sente. Acontece comigo também. Mas você não deve ceder. Lute, ou você ficará louco completamente. Agora, tente apenas, durma um pouco e deixe tudo comigo. As coisas ainda darão certo.

Brandon, apertando a mão contra a testa dolorida, cambaleou até a poltrona e caiu. Soluços silenciosos balançavam-lhe o corpo, enquanto Moore e Shea permaneciam em silêncio embaraçoso ao lado.

Finalmente, Moore acotovelou Mike.

- Venha, - sussurrou - vamos trabalhar. Vamos aos lugares. A cabina pressurizada cinco é no fim do corredor, não é? - Shea concordou e Moore continuou: - É impermeável ao ar ?

- Bem, - disse Shea após pensar um pouco - a porta de dentro é, naturalmente, mas eu não sei nada sobre a de fora. Tudo que eu sei é que deve ser uma peneira.

Sabe, quando testei a parede quanto à impermeabilidade do ar, não ousei abrir a porta interna, pois se houvesse alguma coisa de errado com a externa - bum!

O gesto que se seguiu foi bem expressivo.

- Então, nos cabe descobrir o que há com a porta externa agora mesmo. Eu tenho que sair lá para fora de algum modo e simplesmente temos que nos arriscar. Onde é que está a roupa espacial?

Ele arrebatou a única roupa de seu lugar no armário, jogou-a sobre os ombros e tomou o caminho no longo corredor que ia até o lado da porta. Passou por portas fechadas que continham, atrás de barreiras impermeáveis de ar, quartos de passageiros anteriormente, mas que eram agora meras cavidades, abertas para o espaço. No fim do corredor estava a porta bem fechada da cabina pressurizada.

Moore parou e observou, avaliando-a.

- Parece tudo bem, - disse ele - mas naturalmente não se pode dizer como está lá fora. Meu Deus, espero que funcione. - Franziu a testa. - Naturalmente, poderíamos usar todo o corredor como cabina pressurizada, com a porta de nossa sala como porta interna e esta como porta externa, mas isto significaria a perda da metade de nosso suprimento de ar. Não podemos suportar isto ainda.

Virou-se para Shea.

- Está bem, agora. O indicador mostra que a fechadura foi usada pela última vez para se entrar, então deve estar cheia de ar. Abra a porta ligeiramente e, se houver um assobio fino, feche-a rapidamente.

- Aqui vai - e a manivela girou sobre um dente. O mecanismo havia sido severamente abalado durante o choque da batida e seu funcionamento silencioso anterior tinha dado lugar a um som duro e rangente, mas ainda estava em serviço. Uma linha preta fina apareceu no lado esquerdo da fechadura, marcando onde a porta tinha deslizado, uma fração de milímetro, nos seus encaixes.

Não havia assobio! O olhar de ansiedade de Moore diminuiu um pouco. Apanhou um cartão do bolso e colocou-o na fenda. Se o ar estivesse escapando, o cartão teria ficado lá empurrado pelo escape de gás. Caiu no chão.

Mike Shea passou o dedo indicador na boca e depois o colocou contra a fenda.

- Graças a Deus, - suspirou - nenhum sinal de corrente de ar.

- Bem, bem. Abra-a bem. Vá em frente.

Um outro dente e a fenda se abriu mais. E ainda nenhuma corrente de ar. Vagarosamente, sempre vagarosamente, dente por dente, ele abriu a passagem cada vez mais.

Os dois homens seguraram a respiração, com medo de que, embotfa não estivesse realmente perfurada, a porta externa tivesse sido tão enfraquecida que cederia a qualquer momento. Mas ela se mantinha! Moore estava jubilante, enquanto se enfiava na roupa espacial.

- As coisas estão indo bem, Mike. Você sente-se aqui e espere por mim. Eu não sei quanto tempo demorarei, mas Vou voltar. Onde é que está o raio térmico? Você está com

ele?

Shea mostrou o raio e perguntou:

- Mas, o que é que você vai fazer? Eu gostaria de saber. Moore parou quando ele já ia afivelar o capacete.

- Você me ouviu dizer lá dentro que tínhamos água bastante para jogarmos fora? Bem, eu estive pensando muito e esta não é má idéia. Vou jogá-la fora.

Sem nenhuma outra explicação, pisou dentro da cabina, deixando atrás de si um Mike Shea muito confuso.

Foi com o coração pesado que Moore esperou que a porta externa abrisse. Seu plano era extraordinariamente simples, mas podia não ser fácil executá-lo.

Havia um som de encaixes chiando e engrenagens arranhando. O ar afastado pelo nada. A porta diante dele abriu-se alguns milímetros e emperrou. O coração de Moore gelou ao pensar por um momento que ela não abriria, mas, após alguns empurrões preliminares, a barreira cedeu no resto.

Ele ligou o gancho magnético e muito cautelosamente colocou um pé no espaço. Desajeitadamente, procurou seu caminho ao lado da nave. Nunca estivera do lado de fora de uma nave no espaço aberto assim, e um pavor imenso o tomou enquanto se pendurava lá, como uma mosca, no seu poleiro precário.

Fechou os olhos e durante cinco minutos permaneceu ali, agarrando-se às faces macias do que fora uma vez o Silver Queen. O gancho magnético mantinha-o firme e, quando abriu os olhos outra vez, encontrou sua autoconfiança numa certa medida.

Olhou em torno de si. Pela primeira vez, depois da batida, via as estrelas em lugar da visão de Vesta permitida pela clarabóia. Ansiosamente, buscou nos céus o pequeno ponto azul e branco que era a Terra. Ele sempre se divertira com o fato de que a Terra era sempre o primeio objeto procurado pelos viajantes espaciais quando olhavam as estrelas, mas agora não lhe ocorria o humor da situação. Entretanto, sua busca foi em vão. De onde ele estava, a Terra era invisível. Tanto ela quanto o Sol deviam estar escondidos atrás de Vesta.

Além disto, havia muito mais coisas que ele não podia deixar de notar. Júpiter estava do lado esquerdo, um globo brilhante do tamanho de uma pequena ervilha a olho nu. Moore observou dois de seus satélites assistentes. Saturno também era visível, como um planeta brilhante, com uma magnitude negativa, rivalizando com Vênus como era vista lá da Terra. Moore esperara que um grande número de asteróides seria visível - perdidos como estavam no cinto dos asteróides - mas o espaço parecia surpreendentemente vazio.

Certa vez, achou que via um corpo lançado passando a poucas milhas, mas a impressão viera e partira tão repentinamente que não podia jurar que não fosse fantasia sua.

E então, naturalmente, havia Vesta. Quase diretamente abaixo dele, ela luzia como um balão enchendo um quarto do céu. Flutuava firmemente, branca como neve, e Moore olhou para ela com um desejo ansioso. Um pontapé bem forte contra a face da nave, pensou ele, poderia iniciar sua queda em direção a Vesta. Ele precisava aterrissar seguramente e arranjar auxílio para os outros. Mas, o risco de que ele simplesmente caísse numa nova órbita de Vesta era grande demais. Não, tinha que ser melhor do que

isso.

Tal coisa lembrou-lhe que não tinha muito tempo a perder. Examinou a face da nave, procurando o tanque de água, mas tudo que podia ver era uma selva de paredes recortadas, despedaçadas e cheias de pontas. Hesitou. Evidentemente, a única coisa a fazer era dirigir-se para a clarabóia iluminada e procurar o tanque de lá. Cuidadosamente, arrastou-se ao longo da parede da nave. Não mais que a quatro metros da cabina, a regularidade terminava abruptamente. Havia uma cavidade escancarada que Moore reconheceu como tendo sido antes o quarto junto do corredor no outro extremo. Arrepiou. Suponha-se que ele encontrasse um corpo morto em um destes quartos.

Ele conhecera a maioria dos passageiros, muitos deles pessoalmente. Mas superou sua melindrosidade e forçou-se a continuar a precária viagem até o objetivo.

E aqui encontrou a primeira dificuldade prática. O quarto era feito de material não-ferroso em muitas partes. O gancho magnético era destinado ao uso sobre películas externas, somente, e não tinha nenhuma serventia através de todo o interior da nave. Moore esquecera-se disto, quando repentinamente começou a flutuar, com seu gancho desligado. Esticou-se e agarrou-se numa ponta próxima. Vagarosamente, arrastou-se até um lugar seguro.

Deitou-se por um momento, quase sem fôlego. Teoricamente, ele deveria não ter peso aqui fora no espaço - a influência de Vesta era negligenciável - mas o Gravitador regional sob seu quarto estava funcionando. Sem o equilíbrio dos outros gravitadores, tendia a colocar-se sob forças variáveis e repentinamente mutáveis, à medida que mudava sua posição. Para seu gancho magnético, liberá-lo repentinamente podia significar lançá-lo fora da nave de uma vez. E então ?

Evidentemente, isto ainda seria mais difícil do que pensara.

Apalpou o caminho para a frente, testando cada ponto para ver se o gancho agarraria. Algumas vezes tinha de fazer trajetos longos e circulares para ganhar alguns centímetros à frente, e outras vezes era forçado a correr e deslizar entre peças de material não-ferroso. E havia sempre aquele puxão cansativo do Gravitador, continuamente mudando as direções à medida que ele progredia, estabelecendo chãos horizontais e paredes verticais em ângulos estranhos e quase por acaso.

Cuidadosamente, investigava todos os objetos que encontrava. Mas era uma busca estéril. Artigos soltos, cadeiras, mesas, tinham sido lançados no primeiro choque, provavelmente, e agora eram corpos independentes do sistema solar. Conseguiu, entretanto, apanhar um pequeno telescópio e uma caneta-tinteiro. Colocou-os no bolso.

Não tinham valor nas condições atuais, mas pareciam tornar mais real, de alguma forma, esta viagem marcava em torno da nave morta.

Durante quinze minutos, vinte, meia hora, trabalhou vagarosamente em direção ao ponto em que achava estar a clarabóia. O suor escorria-lhe por sobre os olhos e tornava-lhe os cabelos uma espécie de massa molhada. Os músculos começavam a doer sob um esforço desusado. A cabeça, já esgotada pela prova do dia anterior, começava a vacilar, a pregar-lhe peças.

O rastejo começava a parecer eterno, alguma coisa que sempre existira e que existiria para sempre. O objetivo da viagem, aquilo pelo qual ele estava lutando, parecia

sem importância; sabia apenas que era necessário mover-se. O tempo, uma hora atrás, quando estivera com Brandon e Shea, parecera confuso e perdido no passado distante.

Aquele tempo mais normal, dois dias atrás, completamente esquecido.

Apenas as paredes recortadas diante dele, apenas a necessidade vital de chegar a uma destinação incerta existia na sua cabeça em giro. Agarrar, esticar, puxar. Procurar as ligas de ferro. Para cima e para dentro de buracos que foram quartos e fora outra vez. Sentir e puxar - sentir e puxar - e - uma luz.

Moore parou. Se não estivesse preso à parede, teria caído. De algum modo, esta luz parecia esclarecer as coisas. Era a clarabóia; não aquelas escuras pelas quais passara, mas viva e acesa. Atrás dela estava Brandon. Respirou fundo e sentiu-se melhor, com a cabeça leve.

E agora o caminho estava limpo para ele. Diante da centelha de vida, ele se apegou. Mais próximo, e mais próximo, e mais próximo até que pudesse tocá-la. Ele estava lá!

Os olhos mergulharam no quarto familiar. Deus sabe como não tinha associações felizes em mente, mas era algo de real, algo quase natural. Brandon dormia na poltrona.

O rosto estava cansado e pálido, mas um sorriso se esboçava uma vez ou outra.

Moore levantou o punho para bater. Sentiu o desejo urgente de falar com alguém, mesmo apenas por sinais; entretanto, no último momento, refreou-se. Talvez o rapaz estivesse sonhando com o lar. Ele era jovem e sensível, tinha sofrido muito. Deixe-o dormir. Tinha tempo bastante para acordá-lo quando - e se - sua idéia tivesse sido realizada.

Ele localizou a parede dentro do quarto atrás da qual estava o tanque de água, e então tentou apontá-la do lado de fora. Agora, não era difícil; a parede posterior aparecia com proeminência. Moore ficou maravilhado, pois parecia um milagre que ela tivesse escapado de ser perfurada. Talvez o destino não tivesse sido tão irônico, no final das contas.

A passagem para lá era fácil, embora estivesse do outro lado do fragmento. O que fora antes um corredor dava quase diretamente até lá. Antes, quando o Silver Queen estava inteiro, este corredor tinha sido plano e horizontal, mas agora, sob a pressão não balanceada do gravitador regional, parecia mais uma ladeira inclinada do que qualquer outra coisa. E, mesmo assim, o trajeto era simples. Na medida em que era de aço-berilo uniforme, Moore não encontrou dificuldade em percorrer ainda os seis metros até o suprimento de água.

E agora a crise - a última etapa - tinha sido alcançada. Ele sentiu que tinha que descansar antes, mas sua excitação cresceu rapidamente de intensidade. Era agora ou nunca. Ele se arrastou até o centro do tanque. Lá, sobre a pequena saliência formada pelo chão do corredor, que antes se estendia neste lado do tanque, começou as operações.

- É uma pena que a pipa principal esteja apontada para a direção errada - murmurou. - Ter-me-ia poupado muito esforço se estivesse do lado certo. Como está...

Ele suspirou e continuou o trabalho. O raio térmico foi ajustado para o máximo de concentração e as emanações invisíveis focalizadas para um ponto talvez 25 centímetros acima do chão do tanque.

Gradualmente, o efeito do raio excitante sobre as moléculas da parede tornou-se

perceptível. Um ponto do tamanho de uma moeda começou a brilhar fracamente no local do foco do raio térmico. Vacilava um pouco, diminuindo agora, brilhando depois, enquanto Moore lutava para firmá-lo com o braço cansado. Escorou-o na saliência e conseguiu melhores resultados à medida que o círculo de radiação brilhava.

Lentamente, a cor ascendeu o espectro. O vermelho-escuro, que aparecera primeiro, se iluminou numa cor de cereja. Enquanto o calor continuava a jorrar, o brilho parecia espalhar-se em áreas cada vez maiores, como um alvo feito de tintas vermelhas sucessivamente mais escuras. A parede situada à distância de alguns centímetros do ponto focai estava ficando desagradàvelmente quente, embora não brilhasse, e Moore achou conveniente evitar tocá-la com o metal de sua roupa.

Moore praguejou, pois a própria saliência estava ficando quente. Parecia que apenas algumas imprecações poderiam abrandá-lo. E, quando a parede, derretida, começou a irradiar calor à sua direita, o principal alvo de suas maldições eram os materiais de sua roupa espacial. Por que não faziam uma roupa que pudesse manter o calor fora, da mesma forma que o mantinha dentro.

Mas, o que Brandon chamava de otimismo profissional apareceu. com o gosto salgado de suor na boca ele se consolava: "Podia ser pior, suponho. Pelo menos, os cinco centímetros de parede aqui não constituem propriamente uma barreira. Suponhamos que o tanque tivesse sido construído do lado de fora da película. Urra! Imagine-me tentar derreter através disto". Cerrou os dentes e continuou.

O ponto brilhante estava agora cintilando um amarelo-alaranjado e Moore sabia que o ponto de derretimento da liga de aço-berilo seria logo atingido. Foi forçado a observar o ponto apenas dentro de longos intervalos e depois apenas em rápidos momentos.

Evidentemente, tudo teria que ser feito rapidamente, se tivesse que ser feito. O raio térmico não tinha sido enchido totalmente em primeiro lugar, e, lançando energia ao máximo como vinha fazendo há quase dez minutos agora, devia estar chegando ao fim. Entretanto, a parede apenas rompera a camada plástica. Numa febre de impaciência, Moore apertou a boca da arma diretamente sobre o centro do ponto, puxando-o de volta rapidamente.

Uma depressão profunda se formou no metal macio, mas a perfuração ainda não se fizera. Entretanto, Moore estava satisfeito. Estava quase lá agora. Se tivesse ar entre ele e a parede, estaria indubitavelmente ouvindo o borbulhar da água dentro do tanque. A pressão estava aumentando. Quanto tempo ainda a parede enfraquecida duraria?

Então, tão repentinamente que Moore não o percebera por alguns momentos, estava feito. Uma fissura no fundo do pequeno buraco feito pelo raio térmico, e, em menos tempo do que se leva para se imaginar, a água agitada irrompeu.

O metal líquido e macio naquele ponto se rompeu, abrindo violentamente um buraco do tamanho de um feijão. E deste buraco saíram um assobio e um ronco. Uma nuvem de espuma emergiu e envolveu Moore.

Através da névoa, via a espuma condensar-se quase imediatamente em gotas de gelo, e as bolas geladas derreterem-se rapidamente no nada.

Durante quinze minutos, observou a saída do jato.

Então, tomou consciência de uma leve pressão que o empurrava da nave. Uma

alegria selvagem estourou dentro dele quando compreendeu que aquilo era o efeito da aceleração por parte da nave. Sua própria inércia o estava deixando para trás.

Isso significava que seu trabalho tinha terminado - e com sucesso. Aquele jato de água estava substituindo a explosão do foguete.

Começou a volta.

Se os horrores e perigos da viagem até o tanque tinham sido grandes, os da viagem de volta deviam ser maiores. Ele estava infinitamente mais cansado, os olhos, doloridos, quase cegos, e, acrescida ao puxão louco do Gravitador, havia agora a força induzida pela aceleração variada da nave. Mas, quaisquer que fossem os esforços para voltar, não o preocupavam. Mais tarde, ele nem mesmo se lembraria, da viagem dolorosa.

Como conseguira conquistar aquela distância com segurança, não sabia. Na maior parte do tempo, estava perdido de felicidade, dificilmente compreendendo a realidade da situação. A cabeça estava dominada por um pensamento apenas - voltar rapidamente, para contar as boas novas da escapada.

Repentinamente, encontrou-se diante da cabina. Quase não se deu conta do fato de que era a cabina. Quase não compreendera por que apertara o botão sinalizador. Algum instinto lhe ordenou que o fizesse.

Mike Shea estava esperando. Houve um estalo e um ronco, e a porta externa começou a abrir, prendeu-se e parou no mesmo lugar que antes, mas ainda uma vez conseguiu abrir o resto. Fechou-se atrás de Moore; então a porta interna se abriu e ele caiu nos braços de Shea.

Como num sonho, sentiu-se meio puxado, meio carregado pelo corredor até o quarto. A roupa estava rasgada. Um líquido quente ardeu-lhe na garganta. Moore engasgou, engoliu e se sentiu melhor. Shea guardou a garrafa de Jabra mais uma vez.

As imagens confusas e manchadas de Brandon e de Shea diante dele se firmaram e tornaram-se sólidas. Moore limpou o suor de seu rosto com a mão trêmula e ensaiou um sorriso fraco.

- Espere, - protestou Brandon - não diga nada. Você parece semimorto. Descanse, está bem!

Mas Moore balançou a cabeça. Numa voz rouca e arranhada, narrou da melhor maneira que pôde os acontecimentos das últimas duas horas. O conto estava incoerente, dificilmente inteligível, mas maravilhosamente impressionante. Os dois ouvintes mal respiravam durante a narrativa.

- Você quer dizer - gaguejou Brandon - que o repuxo de água nos está empurrando para Vesta, como uma descarga de foguete?

- Exatamente - a mesma coisa que uma descarga de foguete - arquejou Moore. - Ação e reação. Está localizado - no lado oposto de Vesta - assim nos empurrando em direção a Vesta.

Shea estava dançando diante da clarabóia.

- Ele está certo, Brandon, meu rapaz. Você pode ver a cúpula de Bennett clara como o dia. Estamos chegando lá, estamos chegando lá.

Moore sentiu-se recuperar.

- Estamos nos aproximando numa trilha espiralada por causa da órbita original.

Aterrissaremos em cinco ou seis horas provavelmente. A água durará por muito tempo e a pressão é ainda grande, na medida em que a água jorra como vapor.

- Vapor... na temperatura baixa do espaço? - Brandon estava surpreso.

- Vapor... na baixa pressão do espaço! - corrigiu Moore.

- O ponto de ebulição da água cai com a pressão. É mesmo muito baixo no vácuo. Mesmo o gelo tem uma pressão de vapor suficiente para sublimar.

Sorriu.

- Na verdade, ela gela e ferve ao mesmo tempo - observei. - Uma pequena pausa então. - Bem, como se sente agora, Brandon? Muito melhor, hem?

Brandon corou e abaixou o rosto. Procurou palavras durante alguns momentos. Finalmente, disse quase num suspiro:

- Sabe, eu devo ter agido como um idiota e um covarde no início. Eu - eu acho que não mereço tudo isto depois de desmontar e deixar todo o peso de nossa escapada sobre os seus ombros.

E prosseguiu:

- Eu gostaria que você me tivesse batido, ou alguma coisa assim, por derrubá-lo antes. Eu me sentiria melhor. Verdade. - E ele parecia estar sendo mesmo sincero.

Moore lhe deu um empurrão afetivo.

- Esqueça-o. Vôos nunca saberá como eu estive perto de desmoronar. - Elevou a voz para abafar outras desculpas da parte de Brandon. - Ei, Mike, pare de olhar através desta clarabóia e traga a garrafa de Jabra.

Mike obedeceu com alegria, trazendo também três unidades de Plexatron para serem usadas como xícaras. Moore encheu cada uma precisamente até a borda. Ele ia ficar bêbedo como vingança.

- Cavalheiros, - disse ele solenemente - um brinde. - Os três elevaram as canecas juntos. - Cavalheiros, eu lhes dou o suprimento de um ano da H2O boa e velha que costumávamos ter.

ANIVERSÁRIO

O ritual anual estava pronto.

Era a vez da casa de Moore este ano, naturalmente, e a Sra. Moore e as crianças tinham ido resignadamente passar a noite na casa de sua mãe.

Warren Moore examinava a sala com um leve sorriso. Apenas o entusiasmo de Mark Brandon mantinha esta continuação no princípio, mas ele mesmo acabou por gostar desta lembrança simpática. Veio com a idade, supunha; 20 anos a mais. Ficara barrigudo, com pouco cabelo, bochechudo e - pior de tudo - sentimental.

Assim, todas as janelas estavam na mais completa escuridão e as cortinas abaixadas. Apenas alguns pontos de luz na parede, celebrando desse modo a falta de luminosidade e o terrível isolamento daquele dia do naufrágio, tempos atrás.

Havia rações como as da espaçonave, em varetas e em tubos sobre a mesa e, naturalmente, no centro, uma garrafa fechada de água verde Jabra cintilante, a mistura potente que apenas a atividade química dos cogumelos marcianos podia fornecer.

Moore olhou para o relógio. Brandon deveria chegar logo; ele nunca chegava atrasado nessas ocasiões. A única coisa que o perturbava era a lembrança da voz de Brandon através do fone:

- Warren, eu tenho uma surpresa para você desta vez. Espere e verá. Espere e verá...

Brandon, Moore sempre o achara, pouco amadurecera. O mais jovem tinha mantido sua magreza e a intensidade com que recebia tudo na vida, até o momento de seu quadragésimo aniversário. Ele mantivera a habilidade de ficar superexcitado com as coisas boas e em profundo desespero com as rums. O cabelo estava ficando grisalho, mas, além disto, quando andava para cima e para baixo, falando rapidamente do alto de sua voz sobre qualquer coisa, Moore nem precisava fechar os olhos para ver o jovem apavorado no desastre do Silver Queen.

A campainha da porta soou e Moore soltou o trinco sem se voltar.

- Entre, Mark.

Foi uma voz estranha que respondeu, entretanto; suavemente, tentadoramente:

- Sr. Moore?

Moore virou-se rapidamente. Brandon realmente estava lá, mas apenas no fundo, rindo com excitação. Alguém estava na sua frente; baixo, atarracado, bem calvo, bem moreno e com um ar espacial em torno de si.

Moore disse dübiamente:

- Mike Shea... Mike Shea, por todos os espaços! Eles se apertaram as mãos, rindo.

- Ele me contatou através do escritório - disse Brandon. - Ele se lembrou de que eu estava com os Produtos Atômicos...

- Faz anos, disse Moore. - Vamos ver, você estava na Terra 12 anos atrás...

- Ele nunca esteve aqui em um aniversário - disse Brandon. - Que tal isto? Está se aposentando agora. Saindo do espaço para um lugar que está comprando no Arizona.

Ele veio para dizer a/ô! antes de partir... parou na cidade apenas para isto - e eu

estava certo que ele viera por causa do aniversário. "Que aniversário?", disse este gajo velho.

Shea concordou, sorrindo.

- Ele disse que vocês fazem um tipo de celebração todos os anos.

- Certamente, - disse Brandon com entusiasmo - e este será o primeiro com os três aqui, o primeiro aniversário real. São 20 anos, Mike; 20 anos desde que Warren escalou o que sobrara do desastre e nos trouxe para Vesta.

Shea olhou em volta.

- Ração espacial, hem? Esta é uma semana de recordações caseiras para mim. E Jabra. Oh, claro, eu me lembro... 20 anos. Eu nunca pensei nisso e agora, de repente, foi ontem. Lembram-se quando voltamos para a Terra finalmente?

- Se lembro! - disse Brandon. - As paradas, os discursos. Warren era o único herói real da ocasião e nós sempre o dissemos, e eles não prestavam atenção. Lembram-se?

- Oh, bem - disse Moore. - Fomos os três primeiros homens que sobreviveram à destruição de uma espaçonave. Foi um acontecimento raro, e qualquer coisa rara merece uma celebração. Estas coisas são irracionais.

- Ei, - disse Shea - algum de vocês se lembra das canções que escreveram? Aquela marcha? "Pode-se cantar as rotas do espaço e o passo enlouquecido e gasto de..."

Brandon se juntou a ele com sua voz clara de tenor e também Moore aderiu ao coro, de modo que a última frase foi forte bastante para balançar as cortinas.

- No desastre do Silver Que-e-en - roncaram, e terminaram rindo ferozmente.

Brandon disse:

- Vamos abrir a garrafa de Jabra para o primeiro pequeno gole. Esta única garrafa tem que dar para nós três durante toda a noite.

Moore disse:

- Mark insiste na autenticidade completa. Estou surpreso que ele não queira que eu escale a janela e faça um vôo em torno do edifício.

- Bem, agora, isto é uma idéia - disse Brandon.

- Lembra-se do último brinde que fizemos? - Shea levantou o copo vazio e entoou: - "Cavalheiros, eu lhes dou o suprimento de H2O bom e velho que costumávamos ter".

Três bêbedos quando aterrissamos. Bem, éramos crianças. Eu tinha 30 e achava quererá velho. E agora - sua voz ficou ansiosa repentinamente - eles me aposentaram.

- Beba! - disse Brandon. - Hoje você tem 30 outra vez, e nós lembramos o dia no Silver Queen, mesmo que ninguém mais se lembre. Público sujo e volúvel.

Moore riu.

- O que é que você esperava? Um feriado nacional todos os anos com ração espacial e J abra, a comida ritual e a bebida?

- Ouçam, ainda somos os únicos homens a sobreviver à destruição de uma espaçonave e agora olhem para nós. Estamos no esquecimento.

- É um esquecimento muito bom. Tivemos muito tempo para recomeçar, e a publicidade nos deu um saudável empurrão escada acima. Estamos indo bem, Mark. E Mike Shea também estaria se não tivesse querido voltar para o espaço.

Shea sorriu e levantou os ombros.

- É onde eu gosto de estar. Não estou arrependido, também. com a compensação do seguro que consegui, tenho bom dinheiro agora para me aposentar.

Brandon disse rememorando:

- O desastre restabeleceu o Seguro Transespacial muito bem. Mesmo assim, ainda falta alguma coisa. Se você disser Silver Queen para qualquer um nestes dias, só pensam em Quentin, se conseguirem pensar em alguém.

- Quem? - perguntou Shea.

- Quentin. Dr. Horace Quentin. Ele foi um dos não-sobreviventes da nave. Você diz para qualquer um: "E os três homens que sobreviveram?" e as pessoas apenas olham para você. "Hum?" dirão elas.

Moore disse calmamente.

- Venha, Mark, encare a realidade. O Dr. Quentin era um dos maiores cientistas mundiais e nós três somos apenas três nadas mundiais.

- Nós sobrevivemos. Ainda somos os únicos homens a sobreviver.

- E daí? Veja, John Hester estava na nave, e ele era um cientista importante também. Não ao nível de Quentin, mas importante. Por acaso, eu estava sentado ao lado dele no último jantar antes de a rocha nos atingir. Bem, só porque Quentin morreu no mesmo desastre, a morte de Hester ficou apagada. Ninguém se lembra que Hester morreu no Silver Queen. Podemos também ter sido esquecidos, mas ao menos estamos vivos.

- Eu lhes digo uma coisa, - disse Brandon, após um período de silêncio durante o qual a racionalidade de Moore não havia conseguido conquistar obviamente - estamos perdidos outra vez. Vinte anos atrás, estávamos perdidos em Vesta. Hoje, estamos perdidos no esquecimento. Agora, aqui estamos nós três juntos outra vez enfim, e o que aconteceu antes pode acontecer outra vez. Vinte anos atrás, Warren empurrou-nos para Vesta. Agora, vamos resolver este novo problema.

- Acabar com o esquecimento, você quer dizer? - indagou Moore. - Fazer-nos famosos ?

- Claro. Por que não? Você conhece outra maneira melhor de celebrarmos o vigésimo aniversário?

- Não, mas estou interessado em saber onde é que você pensa começar. Eu não creio que as pessoas nem se lembrem do Silver Queen, a não ser de Quentin; então você tem que pensar num jeito de relembrar o desastre. Isto é apenas para começar. Shea mexeu-se desconfortàvelmente e uma expressão pensativa atravessou-lhe o semblante duro.

- Algumas pessoas se lembram de Silver Queen. A companhia de seguros; e vocês sabem de uma coisa engraçada, agora que vocês levantaram o assunto. Eu estava em Vesta cerca de 10 ou 11 anos atrás, e perguntei se os destroços do desastre que trouxemos para baixo ainda estavam lá, e eles disseram que era óbvio, quem os jogaria fora?

Então eu pensei em ir vê-los e parti com um motor reacional preso às costas. com a gravidade de Vesta, vocês sabem, um motor reacional é tudo o que se precisa. De qualquer forma, só consegui vê-los a distância. Estavam cercados por um campo de força.

As sobrancelhas de Brandon se elevaram.

- Nosso Silver Queen? Por que razão?

- Eu voltei e perguntei por quê. Eles não me disseram e afirmaram que não sabiam que eu iria lá. Disseram que pertencia à companhia de seguros.

Moore concordou.

- Claro. Eles o apanharam quando pagaram. Eu assinei uma desobrigação, desistindo de meus direitos de salvamento quando aceitei o cheque de compensação. Vocês o fizeram também, estou certo.

- Mas por que o campo de força? - perguntou Brandon. - Por que todo o isolamento ?

- Eu não sei.

- Os destroços não valem nada, nem como ferro-velho. Custaria muito transportá-los.

Shea disse:

- Certo. Coisa engraçada, entretanto; eles estavam recolhendo as peças do espaço. Havia uma pilha delas lá. Eu pude vê-las e parecia mesmo sucata, peças retorcidas de armação, sabem. Eu perguntei-lhes sobre isto e disseram que as naves estavam sempre aterrissando e descarregando mais, e que a companhia de seguros tinha um preço padrão para qualquer peça do Silver Queen trazida de volta, de modo que as naves nas vizinhanças de Vesta estavam sempre procurando. Então, na minha última viagem, eu fui ver o Silver Queen outra vez e aquela pilha estava muito maior.

- Você quer dizer que ainda estão procurando? - os olhos de Brandon brilharam.

- Eu não sei. Talvez tenham parado. Porém a pilha estava maior do que há 10 ou 11 anos atrás, de modo que estavam ainda procurando naquele tempo.

Brandon recostou-se na cadeira e cruzou as pernas.

- Bem, agora isto é muito esquisito. Uma companhia de seguros teimosa está gastando um dinheirão, varrendo o espaço perto de Vesta, tentando achar peças de um desastre de 20 anos atrás.

- Talvez eles estejam tentando provar que houve sabotagem - disse Moore.

- Após 20 anos? Eles não conseguirão o dinheiro deles de volta nem que o provem. É um assunto morto.

- Eles podem ter deixado de procurar anos atrás. Brandon levantou-se com decisão.

- Vamos perguntar. Há alguma coisa engraçada aqui e eu estou suficientemente "jabrificado" e suficientemente aniversariado para querer descobri-la.

- Claro, - disse Shea - mas perguntar a quem?

- Perguntar a Multivac - disse Brandon. Os olhos de Shea se escancararam.

- Multivac! Diga, Moore, você tem um canal Multivac aqui?

- Sim.

- Eu nunca vi e sempre quis ver.

- Não há nada que ver, Mike. Parece apenas uma máquina de escrever. Não confunda um canal Multivac com o próprio Multivac. Não conheço ninguém que tenha visto o Multivac.

Moore sorriu ao pensar nisto. Duvidava que alguma vez na vida encontrasse algum dos inúmeros técnicos que passavam a maior parte de seus dias num ponto escondido nas

entranhas da Terra, cuidando se um supercomputador de um quilômetro e meio de comprimento, que era o repositório de todos os fatos conhecidos pelo homem, que guiava a economia humana, dirigia sua pesquisa científica, ajudava-o a tomar suas decisões políticas e tinha milhões de circuitos abertos para responder a questões individuais que não violassem a ética privada.

Brandon disse enquanto eles moviam a rampa elétrica para o segundo andar:

- Eu estive pensando em instalar um Multivac júnior, canal para as crianças. Trabalhos caseiros e outras coisas, sabem. E, no entanto, eu não quero fazer disto um divertimento e uma muleta cara para eles. Como é que você o opera, Warren? Moore disse sucintamente:

- Eles me mostram as questões primeiro. Se eu não as passo, o Multivac não as vê.

O canal Multivac era realmente um simples mecanismo de máquina de escrever e pouco mais.

Moore estabeleceu as coordenadas que abriam sua porção da rede planetária de circuitos e disse:

- Agora ouçam. Para constar, eu sou contra isto e eu só estou continuando porque é o aniversário, e porque sou bastante tolo para ficar curioso. Agora, como é que eu escrevo a questão?

Brandon disse:

- Apenas a pergunta: Os destroços do desastre do Silver Queen ainda estão sendo procurados na vizinhança de Vesta pelos Seguros Transespaciais ? Requer apenas um simples sim ou não.

Moore levantou os ombros e datilografou-a, enquanto Shea observava com medo.

- Como é que ele responde? Ele fala? - perguntou o homem do espaço.

Moore riu gentilmente:

- Oh, não. Eu não gasto este tipo de dinheiro. Este modelo apenas imprime a resposta numa tira de papel que sai desta abertura.

Uma pequena tira de papel realmente saiu quando ele falou. Moore a apanhou e, após uma olhada, disse:

- Bem, o Multivac disse sim.

- Ah! - gritou Brandon. - Eu não disse. Agora pergunte por quê.

- Ora, isso é tolice. Uma questão como esta seria obviamente contra a ética privada. Teremos apenas um afirme-sua-razão amarelo.

- Pergunte e veja. Eles não fizeram segredo da busca das peças. Talvez não estejam fazendo segredo da razão.

Moore deu de ombros. Datilografou: Por que os Seguros Transespaciais estão conduzindo este projeto de busca do Silver Queen ao qual foi feita referência na pergunta anterior?

Uma tira amarela apareceu quase imediatamente: Afirme Sua Razão Para Solicitar A Informação Desejada.

- Está bem - disse Brandon, sem se embaraçar. - Diga-lhe que somos os três sobreviventes e que temos o direito de saber. Vá em frente. Diga-lhe.

Moore datilografou isto numa frase não-emocional e outra tira amarela foi

empurrada para eles: Sua Razão é Insuficiente. Nenhuma Resposta Pode Ser Dada.

- Eu não compreendo que eles tenham o direito de manter este segredo - declarou Brandon.

- Isto é com o Multivac - disse Moore. - Ele julga as razões dadas e, se decide que a ética privada é contra a resposta, é isto. O próprio governo não pode quebrar esta ética sem ordem do tribunal, e os tribunais não vão contra o Multivac há dez anos. Então, o que é que se vai fazer?

Brandon pulou e começou a andar rapidamente para cá e para lá pelo quarto, o que era muito típico dele.

- Está bem. Então vamos ver por nós mesmos. É algo de importante para justificar todo este trabalho. Nós concordamos que eles não estão tentando encontrar prova de sabotagem após 20 anos. Mas a Transespacial deve estar procurando alguma coisa, alguma coisa tão valiosa que compensa uma procura durante todo este tempo. Agora, o que é que pode ser tão valioso?

- Mark, você é um sonhador - disse Moore. Brandon naturalmente não o ouviu.

- Não podem ser jóias, nem dinheiro, nem títulos. Não podia haver o suficiente para pagá-los no que a busca já lhes custou. Nem se o Silver Queen fosse de ouro puro. O que teria mais valor?

- Você não pode julgar o valor, Mark - afirmou Moore. - Uma carta pode valer um centésimo de centavo numa cesta de papel e, no entanto, ter uma diferença de 100 milhões de dólares para uma corporação, dependendo do que está na carta.

Brandon balançou a cabeça vigorosamente:

- Certo. Documentos. Papéis importantes. Agora quem é que teria mais chance de ter consigo papéis que valessem bilhões nesta viagem?

- Como é que alguém pode dizer?

- Que tal o Dr. Horace Quentin, hem, Warren? Ele é a única pessoa a ser lembrada porque era tão importante. Que tal os papéis que ele deveria ter1 consigo?

Detalhes de uma nova descoberta, talvez. Diabos, se ao menos eu o tivesse visto na viagem, ele poderia ter-me dito algo, numa conversação casual, sabe. Você nunca o viu, Warren?

- Não que eu me lembre. Não que eu falasse com ele. Assim, conversação casual comigo está fora, também. Naturalmente, devo ter passado por ele, sem saber, alguma vez.

- Não, você não deve - disse Shea, repentinamente pensativo. - Acho que me lembro de alguma coisa. Havia um passageiro que nunca deixava a cabina. O comandante estava falando sobre isto. Ele não saía nem mesmo para as refeições.

- E este era Quentin? - disse Brandon, parando de andar e fitando o homem do espaço ansiosamente.

- Podia ter sido, Sr. Brandon. Podia ter sido ele. Eu não sei se alguém disse que era. Eu não me lembro. Mas devia ser um figurão, pois numa espaçonave não se faz a tolice de levar as refeições para a cabina de alguém, a não ser que seja um figurão.

- E Quentin era o figurão na viagem - disse Brandon, com satisfação. - Então, ele tinha alguma coisa em sua cabina. Alguma coisa importante. Alguma coisa que estava

concebendo.

- Ele podia estar apenas enjoado, - disse Moore - exceto que... - Ele franziu a testa e ficou em silêncio.

- Continue - disse Brandon premente. - Você se lembra de algo também?

- Talvez. Eu lhes disse que estava sentado ao lado do Dr. Hester no último jantar. Ele dizia alguma coisa sobre a esperança de encontrar o Dr. Quentin na viagem, e que não estava tendo sorte.

- Claro, - gritou Brandon - pois Quentin não saía de sua cabina!

- Ele não disse isso. Nós, ficamos conversando sobre Quentin, no entanto. Agora, que foi que ele disse? - Moore colocou as mãos nas têmporas como se quisesse espremer a memória de 20 anos atrás à força. - Não lhes posso dar as palavras exatas, naturalmente, mas era algo sobre Quentin sei muito teatral ou escravo do drama, ou algo assim, e que eles se estavam dirigindo para alguma conferência em Ganymede, e Quentin nem mesmo anunciava o título de sua palestra.

- Tudo se encaixa. - Brandon diminuiu os passos. - Ele tinha uma descoberta nova e grande, que estava mantendo em absoluto segredo, pois iria lançá-la na conferência de Ganymede e tirar o máximo de dramaticidade disto. Ele não saía de sua cabina, pois pensava que provavelmente Hester iria cair sobre ele... e Hester iria mesmo, aposto. E então a nave bateu na rocha e Quentin morreu. Os Seguros Transespaciais investigaram, ouviram rumores desta nova descoberta e imaginaram que, se eles conseguissem o controle dela, poderiam recuperar as perdas e muito mais ainda. Então conseguiram apropriar-se da nave e vêm caçando os papéis de Quentin entre os destroços desde então.

Moore sorriu, com absoluta afeição pelo outro homem.

- Mark, é uma teoria bonita. Toda a noite valeu isto, apenas observar você construindo algo do nada.

- Ah, sim? Algo do nada? Vamos perguntar ao Multivac outra vez. Eu pagarei a conta este mês.

- Está bem. Você é meu convidado. Se não se importa, entretanto, Vou buscar a garrafa de Jabra. Quero mais um gole para poder acompanhá-lo.

- Eu também - disse Shea.

Brandon sentou-se diante da máquina de escrever. Os dedos tremiam de ansiedade quando datilografou: "Qual era a natureza das últimas investigações do Dr. Horace Quentin?"

Moore voltara com a garrafa e os copos, quando a resposta voltou, em papel branco desta vez. A resposta era longa e a impressão era fina, consistindo na maior parte em referências a artigos científicos em jornais de 20 anos atrás.

Moore continuou.

- Não sou físico, mas parece-me que ele estaria interessado em óptica.

Brandon balançou a cabeça com impaciência.

- Mas tudo isto está publicado. Nós queremos algo que ele não tenha publicado.

- Nós nunca encontraremos nada sobre isto.

- A companhia de seguros encontrou.

- Isto é apenas a sua teoria.

Brandon estava alisando o queixo com mão nervosa.

- Deixe-me perguntar ao Multivac uma questão ainda.

Ele se sentou outra vez e datilografou: "Dê-me o nome e o número dos telefones dos colegas vivos do Dr. Horace Quentin entre os associados a ele na Universidade em que ele servia".

- Como é que você sabe que ele estava numa Universidade? - perguntou Moore.

- Se não estava, o Multivac nos dirá.

Uma tira apareceu. Continha apenas um nome.

- Estou certo - disse Brandon. - Otis Fitzsimmons, com um número de telefone de Detroit. Warren, eu posso...

- Seja meu convidado, Mark. Faz parte do jogo.

Brandon fez a combinação no aparelho de Moore. Uma voz de mulher respondeu. Brandon perguntou pelo Dr. Fitzsimmons e houve uma pequena demora.

Então uma voz fina disse:

- Alô! - Soou como velha.

- Dr. Fitzsimmons, - disse Brandon - eu represento os Seguros Transespaciais no assunto do finado Dr. Horace Quentin...

- Por Deus do céu, Mark! - sussurrou Moore, mas Brandon levantou a mão, contendo-o firmemente.

Houve uma pausa tão longa que seria possível ter havido um corte da ligação, e depois a voz velha disse:

- Depois de todos estes anos ? Outra vez ?

Brandon estalou os dedos num gesto irreprimível de triunfo. Mas falou mansamente, quase escorregadiamente:

- Ainda estamos tentando descobrir, doutor, se o senhor se lembrou de outros detalhes sobre o que o Dr. Quentin deveria ter consigo na última viagem, que se referisse a sua última descoberta não-publicada.

- Bem - houve um estalo de língua impaciente. - Eu lhes disse, eu não sei. Eu não quero mais ser incomodado com isto novamente. Eu não sei se havia alguma coisa.

O homem insinuava, mas ele estava sempre insinuando algo sobre algum invento.

- Que invento?

- Eu lhe digo que não sei. Ele usou um nome uma vez e eu já lhes falei sobre isso. Não creio que seja significativo.

- Não temos o nome em nossos registros, senhor.

- Bem, deveriam ter. Hum, qual era mesmo o nome? Um optikon, é isto.

- Com um K?

- C ou K. Eu não sei, nem me importo. Agora, por favor, não quero ser importunado outra vez sobre isto. Adeus. - Ele ainda estava resmungando com braveza quando a ligação acabou.

Brandon estava satisfeito.

- Mark, esta foi a coisa mais estúpida que você podia ter feito - declarou Moore. - Apelar para uma falsa identidade pelo telefone é ilegal. Se ele quiser lhe causar problemas...

- Por que o faria? Ele já se esquecera do caso. Mas você não vê? A Transespacial esteve perguntando sobre isso para ele. Ele ficou dizendo que já havia explicado tudo antes.

- Esta bem. Mas você se arriscou muito. O que mais você sabe?

- Nós também sabemos - retrucou Brandon - que o invento de Quentin se chamava um optikon.

- Fitzsimmons não parecia estar certo disto. E mesmo assim, desde que sabemos que ele era especializado em óptica, um nome optikon não nos leva muito longe.

- A Transespacial está procurando o optikon ou papéis sobre ele. Talvez Quentin tenha guardado os detalhes no chapéu e tinha apenas um modelo do instrumento. Afinal, Shea disse que eles estavam recolhendo os objetos de metal. Certo?

- Havia um monte de sucata na pilha - concordou Shea.

- Eles deixariam isto no espaço se estivessem atrás de papéis. Então é isto que queremos, um instrumento que pode ser chamado optikon.

- Mesmo que todas as suas teorias estivessem corretas, Mark, e nós estivéssemos procurando um optikon, a busca é inteiramente sem esperanças agora - disse Moore desanimadamente. - Eu duvido que mais de dez por cento dos escombros permanecessem em órbita em torno de Vesta. A velocidade de Vesta é praticamente nula.

Foi apenas um empurrão de sorte numa direção de sorte e numa velocidade de sorte que colocou nosso pedaço de destroços em órbita. O resto sumiu espalhado por todo o sistema solar em qualquer órbita em torno do Sol.

- Eles estiveram recolhendo peças - disse Brandon.

- Sim, os dez por cento que conseguiram ficar numa órbita de Vesta. É tudo.

Brandon não desistia e disse pensativamente:

- Suponha que estivesse lá e eles não tenham descoberto. Poderia alguém consegui-lo?

Mike Shea riu.

- Nós estávamos lá, mas certamente não saímos com nada mais do que nossas próprias peles, e felizes só com isto. Quem mais?

- Certo, - concordou Moore - e, se alguém mais o tivesse apanhado, por que manteria o segredo?

- Talvez não soubesse o que é.

- Então como é que nós conseguiríamos... - Moore interrompeu e virou-se para Shea: - O que foi que você disse?

Shea parecia pálido.

- Quem, eu?

- Bem, agora, sobre nós estarmos lá. - Os olhos de Moore se apertaram. Balançou a cabeça como se quisesse esclarecer as idéias. - Grande Galáxia!

- O que é? - perguntou Brandon tensamente. - Qual é o negócio, Warren?

- Não estou certo. Você está-me deixando louco com suas teorias; tão louco que estou começando a levá-las a sério, acho. Sabe, nós trouxemos alguma coisa conosco para fora dos destroços. Quero dizer, além de nossas roupas e os pertences pessoais que ainda tínhamos. Ou, pelo menos, eu trouxe.

- O quê?

- Foi quando eu estava fazendo o caminho por fora dos destroços, no espaço, parece que estou lá agora, vejo tudo tão claro... eu apanhei algumas coisas e coloquei no bolso da roupa espacial. Eu não sei por quê; estava meio fora de mim, realmente. Fiz isso sem pensar. E então, bem, eu os guardei. Como lembrança, suponho. Eu os trouxe para a Terra.

- Onde é que estão ?

- Não sei. Não ficamos sempre no mesmo lugar, sabe.

- Você não os jogou fora, jogou?

- Não, mas as coisas ficam perdidas quando se muda.

- Se você não os jogou fora, eles têm que estar em algum lugar nesta casa.

- Se não se perderam. Juro que não me lembro de tê-los visto nestes 15 anos.

- O que eram?

- Um era uma caneta-tinteiro, - respondeu Warren Moore - se me lembro bem; uma verdadeira antigüidade, do tipo que se usava junto com um tinteiro. O que me toca, entretanto, é que o outro era um pequeno telescópio, não tendo mais que 10 em de comprimento. Vê o que quero dizer? Um telescópio?

- Um optikon - gritou Brandon. - Claro!

- É apenas uma coincidência - disse Moore, tentando manter a cabeça fria. - Apenas uma curiosa coincidência.

Mas Brandon não aceitava.

- Coincidência nada! A Transespacial não conseguia encontrar o optikon nos destroços, nem no espaço, pois você estava com ele o tempo todo.

- Você está louco.

- Vamos, temos que encontrar essa coisa agora. Moore expirou fundo.

- Bem, eu Vou procurar, se é isto que você quer, mas duvido que o encontre. Está bem, vamos começar pelo sótão. É o lugar lógico.

Shea reclamou.

- O lugar lógico é sempre o pior lugar para procurar.

Mas todos eles se dirigiram para a rampa elétrica mais uma vez e para o andar de cima.

O sótão tinha um odor de mofo, de coisas não usadas. Moore ligou o precipitador.

- Creio que não precipitávamos a poeira há dois anos. Isto lhes mostra como venho sempre aqui. Agora, vamos ver - se estiver em algum lugar, deve estar com a coleção de solteiro. Quero dizer, o monte de coisas que venho juntando desde a época de solteiro. Podemos começar aqui.

Moore começou a levantar os conteúdos de plástico, enquanto Brandon ficava espiando ansiosamente por cima de seus ombros.

- O que é que você pensa? - perguntou Moore. - O meu diário de escola. Eu era cantor naquela época, uma verdadeira mania. De fato, eu consegui ter um disco gravado com o retrato de todos os colegas superiores neste livro. - Bateu na capa com carinho. - Você poderia jurar que não tem nada aqui, apenas as fotos tridimensionais usuais, mas cada um tem...

Ele percebeu a testa franzida de Brandon e disse:

- Está bem, Vou continuar procurando.

Deixou aquilo de lado e abriu um baú de madeira antiga e fora de moda. Separara os conteúdos em vários compartimentos.

- Ei, é isto? - exclamou Brandon.

Ele apontou para um pequeno cilindro que rolou no chão com um pequeno estalo. Moore disse:

- Eu, não. Sim! É a caneta. Aqui está. E aqui está o telescópio. Nenhum dos dois funciona, é claro. Estão ambos quebrados. Pelo menos, suponho que a caneta esteja quebrada. Há alguma coisa solta dentro dela que faz barulho. Ouve? Eu não tenho a menor idéia de como enchê-la para ver se realmente funciona. Não se tem feito mesmo mais aparelho de tinteiro nos últimos anos.

Brandon colocou-o debaixo da luz.

- Tem duas iniciais nela.

- Oh? Eu não me lembro de ter notado nada.

- Já estão bastante gastas. Parece ser J.K.Q.

- Q.?

- Certo, e esta é uma letra estranha para se começar um sobrenome. Esta caneta deve ter pertencido a Quentin. Uma herança que ele guardava como talismã ou por afeição.

Deve ter pertencido a um bisavô nos dias em que se usavam canetas como esta; um bisavô chamado Jason Knight Quentin ou Judah Kent Quentin ou alguma coisa assim. Nós podemos verificar os nomes dos ancestrais de Quentin pelo Multivac. Moore concordou.

- Acho que deveríamos. Vê, você me fez tão louco quanto você.

- E, se for assim, isto quer dizer que você a apanhou no quarto de Quentin. Então você apanhou o telescópio lá também.

- Agora, espere aí. Eu não me lembro se apanhei os dois no mesmo lugar. Não me lembro tão bem assim da escalada pelo lado de fora dos destroços.

Brandon virou o pequeno telescópio de todos os lados sob a luz.

- Nenhuma inicial aqui.

- Você esperava alguma?

- Eu não vejo nada, na verdade, a não ser esta marca fina de união aqui. - Ele passou a unha do polegar sobre a estria fina que circundava o telescópio na extremidade mais grossa. Tentou desenroscá-lo, sem o conseguir. - Uma peça. - Ele o elevou junto do olho. Esta coisa não funciona.

- Eu lhe disse que estava quebrado. Nenhuma lente... Shea interrompeu.

- Você tem que supor algum estrago quando uma espaçonave bate num meteoro grande e se despedaça.

- De modo que mesmo que fosse isto, - disse Moore, de um jeito pessimista - se isto fosse optikon, não nos valeria de mais nada,.

Ele o tomou de Brandon e tateou as extremidades vazias.

- Você não pode mesmo dizer onde estavam as lentes. Não há nenhuma estria que

eu possa sentir, onde elas podiam estar assentadas. É como se nunca - Ei! - Ele lançou a sílaba violentamente.

- Ei o quê? - disse Brandon.

- O nome! O nome da coisa!

- Optikon, você quer dizer?

- Optikon, não. Fitzsimmons, no fone, chamou-o de optikon e nós pensamos que ele tivesse dito " "um optikon".

- Bem, ele disse - falou Brandon.

- Claro, - afirmou Shea - eu o ouvi.

- Você apenas pensou que ouviu. Ele disse ""anoptikon". Não percebe? Não um "optikon", duas palavras,, "anoptikon", uma palavra.(*)

- Oh - disse Brandon confundido. - E qual a diferença?

- Um diabo de diferença. "Um optikon" significaria um instrumento com lentes, mas "anoptikon", uma palavra, tem o prefixo grego "an-", que significa "não".

As palavras de derivação grega o usam para dizer "não". Anarquia significa "não-governo", anemia significa "não sangue", anônimo significa "não nome""e anoptikon significa...

- Não-lentes - gritou Brandon.

- Certo! Quentin deveria estar trabalhando num invento óptico sem lentes e pode ser isto, e pode não estar quebrado.

Shea disse:

- Mas não se vê nada quando se olha através dele.

- Deve estar ajustado no ponto neutro - adiantou Moore. - Deve haver algum modo de reajustá-lo. - Parou, olhou para o instrumento com impaciência, e o colocou junto ao olho. Ele o girou, abriu uma janela e olhou para as luzes da cidade.

- Vou me lançar no espaço - balbuciou ele.

- O quê? O quê? - indagou Brandon.

Moore entregou o instrumento para Brandon sem dizer nenhuma palavra. Brandon colocou-o junto dos olhos e gritou agudamente:

- É um telescópio. Shea disse imediatamente:

- Deixe-me ver.

Eles passaram quase uma hora com ele, convertendo-o num telescópio quando giravam de um lado, num microscópio quando giravam do outro.

- Como é que funciona? - Brandon ficava perguntando.

- Não sei - disse Moore. Por fim, continuou: - Eu estou certo que envolve campos de força concentrados. Estamos indo contra campos de resistência consideráveis.

Com instrumentos maiores, um ajuste potencial deve ser necessário.

- É um truque muito vivo - disse Shea.

- É mais do que isso - falou Moore. - Aposto que representa uma virada inteiramente nova na física teórica. Focaliza a luz sem lentes, e pode ser ajustado para concentrar a luz numa área cada vez maior sem nenhuma alteração no comprimento focai. Eu aposto que poderíamos duplicar o telescópio de seis metros de Ceres numa direção e um microscópio de electrons em outra. Ainda mais, eu não vejo nenhuma aberração

cromática. Assim pode orientar igualmente radiações de qualquer comprimento de onda. Talvez destorça a gravidade, se a gravidade for algum tipo de radiação. Talvez...

- Vale dinheiro? - perguntou Shea, interrompendo secamente.

- Demais, se alguém conseguir descobrir como é que funciona.

- Então não vamos aos Seguros Transespaciais com ele. Vamos a um advogado antes. Assinamos a desistência disto juntamente com os demais pertences, ou não? Você já estava com ele sob sua posse antes de assinar o papel. Neste caso, o papel é válido, se não sabíamos o que estávamos assinando? Talvez isto possa ser considerado fraude.

- Na verdade, - disse Moore - com algo como isto, não sei se alguma companhia privada pode apropriar-se. Precisamos verificar em alguma agência governamental.

Se houver dinheiro nisto...

Mas Brandon batia com os punhos nos joelhos.

- Para o inferno esse dinheiro, Warren. Quero dizer, receberei qualquer dinheiro que me apareça, mas isto não é o importante. Nós vamos ficar famosos, homem, famosos!

Imagine a história. Um tesouro fabuloso perdido no espaço. Uma corporação gigante penteando o espaço durante 20 anos para encontrá-lo, e, durante todo o tempo, nós, os esquecidos, estávamos com ele em nossa posse. Então, no vigésimo aniversário da perda original, nós o encontramos novamente. Se este negócio funcionar, se anoptikon se tornar uma grande técnica científica nova, nunca se esquecerão de nós.

Moore sorriu, depois começou a rir.

- Está certo. Você o conseguiu, Mark. Você fez exatamente o que estava disposto a fazer. Você nos salvou de ficarmos perdidos no esquecimento.

- Nós todos o fizemos - disse Brandon. - Mike Shea começou a nos dar as informações básicas necessárias. Eu construí a teoria, e você tinha o instrumento.

- Está bem. É tarde, e a esposa estará de volta logo, então vamos começar a girar a bola imediatamente. Multivac nos dirá que agência seria apropriada e quem...

- Não, não - disse Brandon. - O ritual primeiro. O brinde final do aniversário, por favor, e com a devida mudança. Você quer fazê-lo, Warren? - Ele passou a garrafa, que estava pela metade de água de Jabra.

Cuidadosamente, Moore encheu cada copinho precisamente até a borda.

- Cavalheiros, - disse ele solenemente - um brinde. - Os três elevaram os copos ao mesmo tempo. - Cavalheiros, eu lhes dou as lembranças do Silver Queen que costumávamos ter.

PREFÁCIO

Eu estou com vergonha de contar a vocês que a idéia para este conto me ocorreu quando eu lia no New York Times o obituário de um colega escritor de ficção científica e comecei a pensar se o meu obituário, quando chegar a minha vez, seria tão extenso. Disto para este conto foi um pulo.

OBITUÁRIO

Meu marido, Lancelot, sempre lê o jornal durante o café da manhã. O que eu primeiro vejo, quando ele aparece, é o seu magro e abstrato rosto, portando seu eterno olhar de mau humor e de enigmática frustração. Ele não me cumprimenta, e o jornal, cuidadosamente dobrado, cobre-lhe o rosto.

Depois disso, só se lhe vê o braço, emergindo detrás do jornal para uma segunda xícara de café, na qual eu diligentemente colocara as necessárias colheres de açúcar - nem demais nem de menos, sob a ameaça de um olhar carrancudo.

Eu não me importo mais com isso. Pelo menos, nós temos uma refeição tranqüila.

Entretanto, nesta manhã o silêncio foi interrompido quando Lancelot gritou bruscamente:

- Meu Deus! Aquele idiota do Paul Farber morreu. Hemorragia cerebral!

Eu quase não me lembrava deste nome. Lancelot mencionava-o ocasionalmente, assim eu o imaginava como um colega de meu marido, um outro físico teórico. Pela exclamação exasperada do meu marido, tive a certeza que se tratava de alguém até certo ponto famoso que tinha alcançado o sucesso que Lancelot não conseguira.

Ele baixou o jornal e me olhou aborrecido.

- Por que eles usam obituários com tal imbecil? - perguntou. - Eles o transformam num segundo Einstein pela simples razão de ter morrido de hemorragia cerebral.

Se havia um assunto que eu aprendera a evitar era este de obituários. Eu não ousava nem acenar com a cabeça, concordando.

Largou o jornal e saiu da sala, deixando os ovos pela metade e sua segunda xícara de café intacta.

Suspirei. Que mais eu podia fazer? Que mais podia fazer sempre?

Claro que o nome do meu marido não é realmente Lancelot Stebbins, porque eu estou trocando nomes e circunstâncias, o máximo possível, para proteger o criminoso.

Entretanto, a verdade é que, se eu usasse nomes reais, vocês não reconheceriam o meu marido.

Lancelot tinha uma capacidade especial a este respeito - uma capacidade para ser sobrepujado, para permanecer despercebido. Suas descobertas são invariavelmente antecipadas ou ofuscadas pela presença de uma descoberta mais importante feita

simultaneamente. Nas convenções científicas, suas conferências são pouco concorridas porque outra conferência de maior importância está sendo ministrada em outra seção.

Naturalmente que isto o afetou. E transformou-o.

Quando casei com ele, 25 anos atrás, ele era um excelente partido. Ficara rico com uma herança e já era experimentado físico, muito ambicioso. Era grande promessa.

Quanto a mim, creio que era bonita na época, mas isso não contava. O que contava era a minha timidez e a minha impossibilidade de ser a espécie de sucesso social que um jovem e ambicioso docente universitário precisava para esposa.

Talvez isto tenha sido parte da capacidade de Lancelot para permanecer despercebido. Se ele se tivesse casado com outra espécie de mulher, poderia fazê-lo ressaltar.

Ele percebeu isso após certo tempo? Foi por isso que ele se foi afastando de mim após dois ou três anos razoavelmente felizes? Algumas vezes acreditei nisso e senti-me amargamente culpada.

Mas então eu pensava que era somente sua sede de fama que se tornava insaciável. Abandonou o cargo na Universidade e construiu um laboratório só para si, afastado da cidade, por causa, afirmou, do preço barato e do isolamento do local.

Dinheiro não era problema. No seu campo de experiência, o governo era generoso em doações e ele sempre as conseguia. E quando este dinheiro acabava, ele usava o nosso sem limitações. Eu tentava opor-me a ele.

- Mas isso não é necessário, Lancelot. Não é, enquanto tivermos problemas pecuniários. Não é enquanto eles o mantiverem na Universidade. Tudo o que quero são filhos e uma vida normal.

Mas havia algo dentro dele que o cegava para tudo o mais. Ele ficava zangado comigo.

- Há uma coisa que deve vir primeiro. O mundo da ciência precisa reconhecer-me pelo que eu sou, um... um grande pesquisador.

Nesta época, ainda hesitava em aplicar a si mesmo a palavra gênio.

Não adiantava. A falta de sorte permanecia perpètuamente contra ele. Seu laboratório fervilhava de trabalho; contratou assistentes a excelentes salários, entregou-se intensa e incansavelmente ao trabalho. Nada resultou.

Eu continuava com a esperança de que um dia ele desistisse; voltaria para a cidade; permitiria que levássemos vida normal e tranqüila. Eu esperava, mas, sempre que ele poderia admitir a derrota, nova batalha era empreendida, alguma nova tentativa para tomar de assalto os baluartes da fama. Cada vez ele investia com grande esperança e cada vez sucumbia com enorme desespero.

E sempre se voltava contra mim; pois, se era arrasado pelo mundo, podia sempre arrasar-me em troca. Não sou uma pessoa corajosa, mas eu passei a acreditar que devia abandoná-lo. E todavia...

Neste último ano, preparara-se para outra batalha. A última, pensava eu. Havia algo nele mais intenso, mais agitado do que eu tinha visto antes. Era o modo como murmurava e ria rapidamente, sem motivo algum. Eram os dias que ele ficava sem comer e as noites sem dormir. Até os cadernos de anotações do laboratório passou a guardar num cofre do

quarto de dormir, como se não confiasse nem em seus assistentes.

Claro que eu estava fatalisticamente certa de que esta sua experiência falharia também. Então, certamente, se falhasse, na sua idade, ele teria de reconhecer que a sua última chance terminara. Sem dúvida, teria que desistir.

Assim, decidi esperar o mais pacientemente possível. Mas o caso do obituário no café da manhã surgiu como uma sacudidela. Certa vez, em ocasião semelhante, eu tinha comentado que, pelo menos, ele poderia contar com um certo reconhecimento no seu obituário.

Suponho que não tenha sido um comentário muito oportuno, mas meus comentários nunca o são. Eu o fiz por simpatia, para tirá-lo de uma depressão violenta durante a qual eu sabia, por experiência, que ele ficaria ainda mais intolerável.

E talvez tenha sido um pouco de inconsciente malevolência também. Honestamente, não o posso afirmar.

De qualquer forma, voltou-se totalmente contra mim. O corpo magro agitou-se e as sobrancelhas negras se projetaram sobre os olhos fundos, enquanto gritava para mim em fúria.

- Mas eu nunca vou ler o meu obituário. Até disto eu serei privado.

E ele me cuspiu. De propósito.

Corri para o meu quarto.

Nunca me pediu desculpas, mas, depois de alguns dias durante os quais o evitei completamente, continuamos a nossa fria vida. Nenhum de nós jamais se referiu ao incidente.

Agora havia outro obituário.

De algum modo, pensava eu sentada sozinha à mesa do café, eu sentia que era o seu último feito, o ponto culminante do seu prolongado fracasso.

Eu sentia que uma crise se estava aproximando e não sabia se devia temê-la ou recebê-la esperançosamente. Talvez, no fundo, eu a aguardasse com ansiedade. Qualquer mudança só poderia ser para melhor.

Pouco antes do almoço, ele se dirigiu a mim na sala de estar, onde uma cesta de costura sem importância dava às minhas mãos algo que fazer, enquanto a televisão ocupava a minha mente.

Ele disse secamente:

- Vou precisar da sua ajuda.

Haviam passado 20 anos ou mais desde a última vez que ele dissera alguma coisa parecida, e sem querer o olhei de modo carinhoso. Parecia patològicamente excitado.

Tinha um rubor na face, geralmente pálida.

- com prazer, se há alguma coisa que eu possa fazer por você.

- Há. Dei um mês de férias aos meus assistentes. Eles vão embora sábado e então eu e você trabalharemos sozinhos no laboratório. Eu estou lhe dizendo agora para que você não assuma outros compromissos para a próxima semana.

Hesitei.

- Mas, Lancelot, você sabe que não posso ajudá-lo em seu trabalho. Não entendo...

- Eu sei disso, - falou com desdém - mas você não precisa entender meu trabalho.

Você só precisa seguir umas simples instruções, mas segui-las cuidadosamente.

O fato é que eu descobri algo finalmente, que me colocará no lugar que me pertence...

- Oh! Lancelot - disse sem perceber, pois já ouvira aquilo uma porção de vezes.

- Ouça-me, sua idiota, e de uma vez por todas tente comportar-se como adulta. Desta vez, consegui. Ninguém poderá antecipar-se desta vez, porque a minha descoberta está baseada num conceito tão heterodoxo que nenhum físico vivo, exceto eu, é suficientemente gênio para pensar nisso, pelo menos durante uma geração. E quando o meu trabalho explodir no mundo, poderei ser considerado o nome mais importante da ciência em todos os tempos.

- Estou muito contente com você, Lancelot.

- Eu disse que poderei ser considerado. Poderia não ser também. Há muita injustiça na concessão de valor científico. Eu já aprendi isto suficientemente. Portanto, não bastará anunciar a descoberta. Se eu o fizer, todos vão se lançar neste campo de estudo e logo serei um simples nome nos livros de história, com a glória dividida por uma porção de João-retardatários.

Acho que o único motivo para ele me revelar aquilo (três dias antes ele podia ter trabalhado em qualquer coisa que tivesse planejado) era que não podia conter-se mais. Ele exultava e eu era a única pessoa suficientemente ignorante para ser testemunha do fato.

- Pretendo que a minha descoberta seja tão dramatizada, que caia sobre a humanidade com estrépito tão fulminante, que em sala alguma outro nome jamais será pronunciado ao lado do meu.

Ele exagerava, e eu estava com medo do efeito de outra decepção sua. Não poderia enlouquecê-lo?

- Mas, Lancelot, por que precisamos aborrecer-nos? Por que não abandonamos tudo isto? Você tem trabalhado demais durante muito tempo, Lancelot. Talvez possamos fazer uma viagem à Europa. Eu sempre quis...

Bateu com os pés no chão.

- Quer parar com essa estúpida cantilena? Sábado, você irá ao laboratório comigo.

Dormi muito mal durante as três noites seguintes. Ele nunca estivera assim, tão mau. Será que ele já estava ficando louco?

Podia ser loucura agora, pensei, loucura nascida num desapontamento não mais suportável e culminada pelo obituário. Ele mandara seus assistentes embora e agora me queria no laboratório. Nunca me permitira entrar lá antes. Certamente, pretendia fazer alguma coisa comigo, usar-me de cobaia para alguma experiência louca, ou matar-me imediatamente.

Durante as terríveis e assustadoras noites, eu planejava chamar a polícia, fugir, fazer qualquer coisa...

Mas, quando chegava o dia, pensava que ele certamente não estava louco, que certamente não faria nenhuma violência comigo. Mesmo o incidente do cuspo não fora verdadeiramente violento, e ele realmente nunca tentara ferir-me fisicamente.

Assim, acabei esperando, e no sábado caminhei para o que poderia ser a minha morte, tão documente como uma galinha. Juntos, silenciosamente, descemos o caminho

que conduzia da nossa casa ao laboratório.

O laboratório era em si assustador, e o percorri pé ante pé, mas Lancelot logo disse:

- Ora, pare de olhar em redor como se alguma coisa fosse machucá-la. Faça somente o que eu disser e olhe para onde eu mandar.

- Sun, Lancelot.

Ele me levou para uma pequena sala, cuja porta fora trancada. A sala estava quase obstruída com objetos de aparência muito estranha e com grande quantidade de fios.

- Para começar, está vendo este recipiente de ferro?

- Sim, Lancelot.

Era um pequeno, porém fundo recipiente, feito de metal grosso e enferrujado em alguns lugares do lado de fora. Estava coberto por uma grosseira rede de arame.

Apontou para o interior e vi que lá estava um rato branco com as patas dianteiras no lado interior do recipiente e o pequeno focinho na rede de arame em trêmula curiosidade, ou talvez em ansiedade. Receio ter dado um pulo, pois ver um rato sem esperar é assustador, pelo menos para mim.

Lancelot resmungou:

- Não vai machucá-la. Agora encoste-se na parede e observe-me.

Meus temores retornaram mais fortemente. Estava terrivelmente certa de que de algum lugar um raio luminoso seria disparado e me incineraria, ou alguma coisa monstruosa de metal surgiria e me esmagaria, ou...

Fechei os olhos.

Mas nada aconteceu, a mim pelo menos. Ouvi somente um som abafado, como se um fogo de artifício tivesse falhado, e Lancelot me disse.

- Então?

Abri os olhos. Ele me olhava orgulhosamente. Não entendia nada.

- Aqui, não está vendo, sua idiota? Aqui.

A cerca de 30 em do primeiro recipiente havia outro. Não tinha visto Lancelot colocá-lo ali.

- Você está se referindo a este segundo recipiente? - perguntei.

- Não é bem um segundo recipiente e sim uma duplicata do primeiro. Para todos os propósitos comuns, eles são o mesmo recipiente, átomo por átomo. Compare-os. Até as marcas de ferrugem são idênticas.

- Você fez o segundo pelo primeiro?

- Sim, mas de maneira especial. Normalmente, criar matéria exigiria quantidade proibitiva de energia. Para criar um grama de matéria em duplicata seria necessária a total divisão de cem gramas de urânio, mesmo conseguindo-se perfeita eficiência. O grande segredo que descobri é que a duplicação de um objeto num ponto do futuro requer muito pouca energia, se for aplicada corretamente. A essência da descoberta, minha... minha querida, na minha criação de tal duplicata, é que eu consegui efetuar a equivalente viagem no tempo.

Era tamanho o seu sentimento de triunfo e felicidade que realmente usou uma palavra afetuosa ao falar comigo.

- Não é formidável? - disse eu, pois, para dizer a verdade, estava impressionada. - O rato também foi duplicado?

Olhei para o interior do segundo recipiente, enquanto fazia esta pergunta, e levei outro choque desagradável. O recipiente continha um rato branco - um rato branco morto.

Lancelot ficou um pouco corado...

- Esta é uma deficiência. Posso duplicar matéria viva, mas não como matéria viva. Ela volta morta.

- Oh! Que pena! Por quê?

- Não sei ainda. Acho que as duplicações são completamente perfeitas na escala atômica. Certamente, não há nenhum dano visível. As dissecações demonstram isso.

- Você poderia indagar... - parei de falar quando ele olhou para mim.

Julguei que era melhor não sugerir colaboração de nenhuma espécie, pois sabia por experiência que neste caso o colaborador conseguiria fatalmente todo o crédito pela descoberta.

Lancelot disse ironicamente:

- Indaguei. Um experimentado biologista realizou autópsias em alguns dos meus animais e nada encontrou. Claro que ele não sabia de onde vinha o animal, e tomei o cuidado de trazê-lo de volta antes que acontecesse alguma coisa que pudesse revelar o segredo. Nem meus assistentes sabem o que tenho feito.

- Mas para que tanto segredo?

- Porque eu não posso duplicar seres com vida. Um sutil desacerto molecular. Se publicar meus resultados, alguém poderá descobrir o método de evitar tal desacerto, adicionar seu pequeno melhoramento na minha descoberta básica, e conseguir maior fama, porque ele poderia duplicar um homem vivo que poderia dar informações sobre o futuro.

Compreendi perfeitamente. Nem era preciso que ele dissesse poderia acontecer. Aconteceria. Inevitavelmente. Na verdade, não importa o que fizesse, perderia as honras.

Disso estava certa.

- Entretanto, - continuou, mais para si do que para mim - não posso esperar mais. Preciso anunciar a descoberta, mas de tal modo que ela seja inexorável e permanentemente associada a mim. Terá que haver um drama tal que no futuro não haverá meio de mencionar viagem no tempo sem mencionar o meu nome, sem importar o que outros homens possam fazer no futuro. Vou preparar este drama e você vai representar um papel nele.

- Mas que quer que eu faça, Lancelot?

- Você será minha viúva. Segurei o seu braço.

- Lancelot, você quer dizer que...

Não posso analisar os sentimentos conflitivos que me transtornaram naquele momento.

Ele se desvencilhou de mim rudemente.

- Só temporariamente. Não estou cometendo suicídio. Vou simplesmente ser conduzido para três dias no futuro.

- Mas você estará morto, então.

- Somente o "eu" que for conduzido. O "eu" real estará tão vivo quanto sempre

esteve. Como aquele rato branco.

Seus olhos deslocaram-se para um mostrador e disse:

- Ah! Tempo zero em poucos segundos. Observe o segundo recipiente e o rato morto.

Diante dos meus olhos o recipiente desapareceu e houve novamente um som abafado.

- Para onde ele foi?

- Para lugar nenhum - disse Lancelot. - Era apenas uma duplicata. No momento que nós passamos daquele instante de tempo no qual a duplicata foi formada, ela naturalmente desaparece. Era o primeiro rato que era o original, e ele permanece vivo e bem. O mesmo sucederá comigo. O "eu" duplicata voltará morto. O "eu" original estará vivo. Depois de três dias, nós chegaremos ao instante no qual o "eu" duplicata foi formado, usando o "eu" real como modelo e enviado de volta morto. Passado este instante, o "eu" duplicata morto desaparecerá e o "eu" vivo permanecerá. Está claro ?

- Parece perigoso.

- Não é. Assim que o meu corpo aparecer, o médico vai-me considerar morto, os jornais vão noticiar a minha morte, o agente funerário vai-se preparar para enterrar o morto. Então, retornarei à vida e anunciarei como o consegui. Quando isto acontecer, serei mais do que o descobridor da viagem no tempo; serei o homem que voltou da morte. Viagem no tempo e Lancelot Stebbins serão publicados tão juntos e tão interligados que nada retirará o meu nome do pensamento da viagem no tempo, jamais.

- Lancelot, - disse delicadamente - por que nós não somente comunicamos a sua descoberta? Este seu plano é muito complicado. Uma simples comunicação o fará bastante famoso e então talvez possamos mudar para a cidade...

- Cale-se! Você fará o que eu mandar.

Não sei há quanto tempo Lancelot estava pensando nisto tudo até que o obituário realmente lhe trouxe idéias. Naturalmente, não lhe subestimo a inteligência. A despeito da sua fenomenal má sorte, não se podia duvidar do seu brilhantismo.

Tinha informado aos seus assistentes, antes da sua partida, as experiências que pretendia realizar enquanto estivessem fora. Se eles testemunhassem isso, pareceria perfeitamente natural que ele se tivesse inclinado sobre um determinado grupo de reatores químicos e que teria morrido envenenado por cianeto, sob todas as aparências.

- Portanto, consiga que a polícia entre em contato com meus assistentes imediatamente. Você sabe onde podem ser encontrados. Não quero nenhuma suspeita de assassinato ou suicídio, nada a não ser acidente, acidente natural e lógico. Quero um rápido atestado de óbito do médico e uma rápida comunicação à imprensa.

- Mas, e se eles acharem o seu "eu" real?

- Como achariam? - replicou. - Se se encontra um cadáver, começa-se a procurar pela duplicata viva também? Ninguém vai procurar-me e ficarei silenciosamente na câmara do tempo durante o intervalo. Há facilidades de toalete e posso sustentar-me com sanduíches...

Ele acrescentou pesarosamente:

- Entretanto, Vou ter que ficar sem café até o fim. Não posso ter aqui nenhum

cheiro inexplicável enquanto estiver supostamente morto. Bem, há bastante água e é somente por três dias.

Apertei as mãos nervosamente e disse:

- Mesmo se eles encontrarem você, não será a mesma coisa? Haverá um "você" morto e um "você" vivo...

Era a mim mesma que tentava consolar, a mim mesma tentava preparar para a inevitável decepção.

Mas ele voltou-se para mim, gritando:

- Não, não será a mesma coisa, absolutamente. Tudo se transformará numa grande fraude que falhou. Ficarei famoso, mas somente como um idiota...

- Mas, Lancelot, - falei cautelosamente - alguma coisa sempre sai errado.

- Desta vez, não.

- Mas você sempre diz "desta vez não", e mesmo assim alguma coisa sempre...

Ficou pálido de raiva e as íris dos seus olhos ficaram transparentes. Segurou meu cotovelo e o machucou terrivelmente, mas não ousei gritar.

- Só uma coisa pode sair errada: você. Se você divulgar o segredo, se você não seguir as minhas instruções exatamente, eu... eu... - ele pareceu planejar um castigo - eu a mato.

Desviei a cabeça horrorizada e tentei libertar-me, mas ele agarrou-me firmemente. Impressionava como era forte quando nervoso.

- Ouça-me! Deu-me muito prejuízo por se tratar de você. Tenho me culpado por ter casado com você, em primeiro lugar e, em segundo, por nunca ter encontrado tempo para me divorciar. Mas agora tenho a minha chance, apesar de você, de transformar a minha vida num amplo sucesso. Se até esta chance você estragar, vou matá-la. Matá-la mesmo.

Tinha certeza de que ele o faria.

- Farei tudo que você mandar - murmurei, e ele me soltou.

Passou um dia com os seus instrumentos.

- Nunca transportei mais do que cem gramas - disse calmamente, pensativo.

Pensei: Não vai dar certo. Como poderá?

No dia seguinte, ajustou o dispositivo no ponto onde bastaria eu ligar uma chave. Fez-me praticar com esta chave num circuito desligado por um tempo que me pareceu interminável.

- Você entende agora? Vê exatamente como deve ser feito?

- Sim.

- Então, faça-o quando esta luz piscar, nem um segundo antes.

Não vai dar certo, pensei.

- Sim - retruquei.

Tomou a sua posição e permaneceu em impassível silêncio. Usava um avental de borracha sobre o traje de laboratório.

A luz piscou e o exercício funcionou, pois liguei a chave automaticamente antes que um pensamento pudesse deter-me, ou mesmo fazer-me hesitar.

Por um instante, havia dois Lancelot diante de mim, lado a lado, o novo, vestido como estava o velho, porém mais amarrotado. E então o novo desfaleceu e ficou imóvel.

- Tudo bem! - gritou o Lancelot vivo, deixando o lugar cuidadosamente marcado. - Ajude-me. Segure-lhe as pernas.

Surpreendi-me com Lancelot. Como podia ele, sem hesitar ou mostrar qualquer mal-estar, carregar seu próprio corpo morto, seu próprio corpo de três dias no futuro?

Ainda assim, ele o levava sob seus braços sem mostrar maior emoção do que se fosse um saco de trigo.

Segurei-o pelos tornozelos, e meu estômago virou-se com o toque. O sangue ainda estava quente, frescamente morto. Juntos nós o carregamos por um corredor, subimos um lanço de escada, descemos outro corredor e entramos numa sala. Lancelot já a tinha arrumada. Uma solução estava borbulhando numa ampola de vidro numa seção fechada, separada por uma porta de vidro móvel.

Outro equipamento químico estava preparado, calculado, sem dúvida, para demonstrar uma experiência em progresso. Uma garrafa, com o rótulo de "cianeto de potássio", predominava sobre as outras na mesa. Havia um pequeno número de grãos cristalizados perto dela; cianeto, suponho.

Cuidadosamente, Lancelot dobrou o corpo morto, como se tivesse caído do banco. Colocou grãos cristalizados na mão esquerda do corpo e mais ainda no avental de borracha.

Finalmente, um pouco no queixo do cadáver.

- Vão morder a isca - murmurou. Um último olhar ao redor e disse:

- Tudo bem, agora. Volte para casa e chame o médico, pira que veio aqui para trazer-me sanduíche, pois eu trabalhara durante o almoço. Aí está.

E mostrou-me um prato quebrado e um sanduíche no chão, no lugar, presumivelmente, em que eu o deixaria cair.

- Grite um pouco, mas não exagere.

Não foi difícil para mim gritar quando chegou a hora, nem chorar. Eu estava com vontade de fazer ambas as coisas há dias e agora foi um alívio desabafar.

O médico comportou-se exatamente como Lancelot previra. A garrafa de cianeto foi virtualmente a primeira coisa que observou. Franziu as sobrancelhas.

- Meu Deus! Sra. Sttebbins, ele era um químico descuidado.

- Acho que sim - respondi, soluçando. - Ele não devia estar trabalhando, mas os seus dois assistentes estavam de férias.

- Quando um homem trata cianeto como se fosse sal, é mau. O médico balançou a cabeça de modo grave e moralista.

- Agora, Sra. Sttebbins, terei que chamar a polícia. É envenenamento acidental com cianeto, mas é morte violenta, e a polícia...

- Sim, sim, chame a polícia.

Depois, quase que bati em mim mesma por ter mostrado avidez tão suspeita.

A polícia veio, e com ela um médico legista que se lamentou ao ver cristais de cianeto na mão, avental e queixo do morto. Os policiais estavam completamente desinteressados, perguntaram apenas questões de rotina referentes a nomes e idades e se eu podia organizar os preparativos do funeral. Disse que sim, e foram embora.

Então liguei para os jornais e duas agências de informação. Disse que pensara que iriam colher notícias da morte dos registros policiais e que esperava que não realçassem o fato de que meu marido era um químico descuidado, com a aparência de alguém que esperava que nada de mal fosse dito do morto. Acima de tudo, continuei, ele era mais um físico nuclear do que um químico, e eu tinha pressentido recentemente que ele poderia estar às voltas com algum problema.

Segui exatamente as instruções de Lancelot, e isso também deu certo. Um físico nuclear com problemas? Espiões? Agentes inimigos ?

Avidamente, os repórteres começaram a chegar. Eu lhes dei uma descrição juvenil de Lancelot, e um fotógrafo tirou fotos dos laboratórios. Levei-os para as salas principais para tirarem mais fotos. Ninguém, nem os policiais, nem os repórteres, fez perguntas sobre a sala trancada, nem mesmo pareciam notá-la.

Dei-lhes uma boa quantidade de matéria profissional e bibliográfica que Lancelot deixara pronta comigo e contei-lhes vários casos a fim de demonstrar uma combinação de humanidade e brilhantismo. Em tudo tentei ser perfeita e, assim mesmo, não me sentia confiante. Alguma coisa falharia, alguma coisa.

E, quando isto acontecesse, sabia que ele me culparia e desta vez prometera matar-me.

No dia seguinte, trouxe-lhe os jornais. Leu-os repetidas vezes com os olhos brilhando. Ele ocupara a metade da primeira página do New York Times. The Times pouco se referiu ao mistério da sua morte assim como o A.P., porém um dos tablóides dera em manchete na primeira página: MORTE MISTERIOSA DE SÁBIO ATÔMICO.

Ele riu alto ao dar com o cabeçalho, e, quando acabou de ler todos os jornais, voltou ao primeiro.

Olhou-me rudemente.

- Não vá. Ouça o que eles escreveram.

- Já os li, Lancelot.

- Ouça, estou lhe dizendo.

Leu cada um em voz alta para mim, demorando-se nos elogios do morto, e disse-me, cheio de satisfação:

- Você ainda acredita que alguma coisa falhará?

Falei, hesitante:

- Se a polícia voltar para perguntar por que eu pensava que você estava com problemas...

- Você foi bastante imprecisa. Diga-lhes que teve pesadelos. Quando decidirem fazer investigações mais detalhadas, se o fizerem, será tarde demais.

Na verdade, tudo dava certo, mas eu não podia esperar que continuasse assim. Todavia, a mente humana é extraordinária, persiste em ter esperanças mesmo quando não as pode ter.

- Lancelot, quando tudo isto terminar e você ficar famoso, realmente famoso, então depois disso, certamente você poderá aposentar-se. Poderemos voltar para a cidade e viver tranqüilamente.

- Você é uma imbecil. Não percebe que, se for reconhecido, preciso continuar? Os

jovens afluirão a mim. Este laboratório tornar-se-á um grande Instituto de Investigação do Tempo. Tornar-me-ei uma legenda durante toda a vida. Erguerei minha grandeza tão alto, que ninguém jamais conseguirá ser senão um anão intelectual comparado a mim.

Levantou-se na ponta dos pés, com os olhos brilhando, como se já visse o pedestal no qual seria erguido.

Tinha sido a minha última esperança de algumas partículas de felicidade pessoal, que já era bem pequena. Suspirei.

Pedi ao agente funerário que o caixão com o cadáver ficasse no laboratório antes do enterro na cripta dos Sttebbins, em Long Island. Pedi que não fosse embalsamado, oferecendo, para guardá-lo, uma grande sala refrigerada ajustada para 4,5°C. E também que não fosse removido para a agência funerária.

O agente funerário trouxe o caixão para o laboratório com visível desaprovação. Sem dúvida, isso refletiria na conta. A minha explicação, de que eu o queria perto de mim por um último período de tempo e que seus assistentes tivessem a chance de ver o corpo, era esquisita e parecia suspeita.

Entretanto, Lancelot tinha sido claro no que eu devia dizer.

Logo que o cadáver foi exposto, com a tampa do caixão ainda aberta, fui ver Lancelot.

- Lancelot, o agente funerário não gostou. Acho que ele suspeita que alguma coisa estranha está acontecendo.

- Ótimo - disse Lancelot com satisfação.

- Mas...

- Nós só precisamos esperar mais um dia. Nada será mais do que mera suspeita antes disso. Amanhã de manhã, o corpo desaparecerá, ou deverá desaparecer.

- Você quer dizer que pode ser que não ? Eu sabia disso, eu sabia disso.

- Poderá haver demora ou antecipação. Nunca transportei nada tão pesado e não estou certo de quão exatas estão as minhas equações. Fazer as observações necessárias é uma razão para eu querer o corpo aqui e não numa sala funerária.

- Mas, numa sala funerária, desapareceria diante de testemunhas.

- E aqui você pensa que eles suspeitarão de fraude?

- Naturalmente.

Parecia divertir-se.

- Eles dirão: Por que ele mandou seus assistentes embora? Por que realizou experiências que qualquer criança podia realizar e ainda morreu ao realizá-las? Por que o cadáver desapareceu sem testemunhas? Dirão. Não tem nada a ver com esta história absurda de viagem no tempo. Ele ingeriu drogas para ficar em transe cataléptico e os médicos foram logrados.

- Sim - disse eu desanimada. - Como é que ele pensou naquilo tudo ?

- E, - continuou - quando eu insistir que descobri a viagem no tempo e que indiscutivelmente fui considerado morto e que não estava vivo absolutamente, os cientistas ortodoxos denunciar-me-ão veementemente como autor de uma fraude. Já que, em uma semana, me terei tornado um nome familiar para todos os homens da Terra, não se falará de outra coisa. Oferecer-me-ei para fazer uma demonstração de viagem no

tempo, diante de qualquer grupo de cientistas que quiser assisti-la. Oferecer-me-ei para fazer a demonstração através de um circuito internacional de televisão. Pressões populares forçarão os cientistas e as redes de televisão a dar consentimento. Não importa se o público assistir à espera de um milagre ou de um linchamento. Eles assistirão! E, então, terei sucesso, e quem em ciência terá alcançado um ponto mais transcendente em sua vida?

Fiquei deslumbrada por um momento, mas algo imutável dentro de mim dizia: Extenso demais, complicado demais. Alguma coisa falhará.

Naquela noite os seus assistentes chegaram e tentaram ficar respeitosamente tristes na presença do cadáver. Mais duas testemunhas para jurar que tinham visto Lancelot morto, mais duas testemunhas para confundir o caso e ajudar a somar sucessos para Lancelot alcançar o seu alvo estratosférico.

Às quatro da manhã do dia seguinte, estávamos na sala refrigerada, enrolados em casacões e esperando o momento zero.

Lancelot, altamente agitado, continuava conferindo os instrumentos e fazendo não sei o quê com eles. O computador de mesa estava trabalhando constantemente, embora eu não possa explicar como ele fazia com que os dedos gelados manejassem as chaves.

Eu, por mim, sentia-me mal. Havia o frio, o cadáver no caixão, a incerteza do futuro.

Ficamos lá o que parecia uma eternidade, e, finalmente, Lancelot disse:

- Vai dar certo. Vai dar certo, como foi previsto. No máximo, o desaparecimento ocorrerá com cinco minutos de atraso, e isto quando 70 kg de massa estiverem envolvidos.

Minha análise das forças crônicas é magistralmente precisa.

Sorriu para mim, e também para o seu próprio cadáver, com o mesmo entusiasmo.

Notei que o seu traje de laboratório, que ele usara permanentemente nestes três dias, até dormindo, tenho certeza, tinha ficado amarrotado e meio esfarrapado. Estava parecido com o do segundo Lancelot, o morto, quando ele apareceu.

Lancelot pareceu ler meus pensamentos, ou talvez apenas o meu olhar, pois ele olhou para o seu traje e disse:

- Ah! Sim, é melhor eu colocar o avental de borracha. Meu segundo "eu" o estava usando quando apareceu.

- Como, se você não o vestiu? - perguntei calmamente.

- Devo tê-lo vestido. Era uma necessidade. Alguma coisa deve ter-me lembrado. Do contrário, como ele podia aparecer?

Seus olhos contraíram-se.

- Você acha que algo falhará?

- Não sei - resmunguei.

- Você não acha que o corpo não desaparecerá ou que eu desaparecerei no seu lugar?

Nada respondi, e ele disse quase gritando:

- Será que você não percebe que, finalmente, a minha sorte mudou? Será que você não percebe quão tranqüilamente e de acordo com o plano está tudo correndo? Eu serei o

maior homem da História. Vamos, esquente a água para o café.

Estava repentinamente calmo novamente.

- Servirá de comemoração quando a minha duplicata nos deixar e eu voltar à vida. Não tomo café há três dias.

Era apenas café instantâneo, o que ele empurrou em minha direção, mas, depois de três dias sem café, serviria. Eu acendi o fogão do laboratório com os dedos frios, até que Lancelot me empurrou rudemente para o lado e colocou uma vasilha de água no fogo.

- Vai demorar pouco - disse ele girando o controle para "máximo". Olhou para o seu relógio e, depois, para vários mostradores na parede.

- Minha duplicata desaparecerá antes da água ferver. Caminhou para o lado do caixão.

Hesitei.

- Venha - disse ele autoritariamente. Fui.

Ele abaixou o olhar, em direção à duplicata, com prazer infinito, e esperou. Nós dois esperamos, olhando para o cadáver. Houve um som abafado e Lancelot gritou:

- Menos de dois minutos atrasado.

Sem deixar qualquer mancha ou sinal, o corpo desapareceu.

O caixão aberto continha uma porção de roupas. As roupas, naturalmente, não eram as que a duplicata vestia. Eram roupas reais e permaneceram reais. Lá estavam elas agora: roupa branca debaixo de camisa e calça, camisa debaixo de gravata, gravata debaixo do paletó. Os sapatos estavam virados, com as meias dependuradas. O corpo desaparecera.

Eu ouvia a água fervendo.

- Café - pediu Lancelot. - Primeiro, café. Depois chamamos a polícia e a imprensa.

Preparei o café para ele e para mim. Dei-lhe a dose de açúcar costumeira, nem de mais nem de menos. Mesmo nessas condições, quando pela primeira vez eu estava certa de que ele não ligaria, o hábito foi forte.

Tomei um gole do meu café, que eu usava sem açúcar e sem leite, como de costume. Seu calor foi bem recebido.

Ele mexeu o café.

- Tudo, - disse ele delicadamente - tudo que eu esperei na vida.

Levou a xícara aos lábios triunfante e bebeu. Aquelas foram as suas últimas palavras.

Agora que tudo terminara, senti uma certa agitação.

Despi-o e coloquei nele as roupas da mortalha. Consegui levantar o corpo e colocá-lo no caixão. Cruzei-lhe os braços sobre o peito, como estavam antes.

Depois, eu joguei todos os vestígios de café na pia da sala exterior e lavei o açucareiro. Lavei-o repetidas vezes, até que todo o cianeto, que eu colocara no lugar do açúcar, desapareceu.

Levei o seu traje de laboratório e outras roupas para um cesto, onde eu tinha guardado as da duplicata. As roupas do segundo tinham desaparecido, claro, e coloquei as do primeiro lá também.

Em seguida, esperei.

Ao anoitecer, tinha certeza de que o cadáver estava suficientemente frio e chamei os agentes funerários. Por que eles desconfiariam? Eles esperavam um cadáver e lá estava um cadáver. O mesmo cadáver. Realmente o mesmo cadáver. Realmente o mesmo corpo. Ele tinha até cianeto, como o primeiro.

Eu imaginei que eles pudessem notar a diferença entre um corpo morto há 12 horas e outro há três dias e meio, mesmo sob refrigeração, mas por que eles pensariam em observar?

Eles não o fizeram. Fecharam o caixão, levaram-no e enterraram-no. Foi o crime perfeito.

Na verdade, já que Lancelot estava legalmente morto quando o matei, tenho dúvidas, literalmente falando, se foi realmente um assassinato. Claro que não pretendo consultar nenhum advogado sobre isso.

Agora minha vida é tranqüila, pacífica e feliz. Vou ao teatro. Tenho amigos agora.

E vivo sem remorsos. Na verdade, Lancelot jamais receberia honras pela viagem no tempo. Um dia, quando a viagem no tempo for descoberta novamente, o nome de Lancelot Sttebbins descansará em Estígia escuridão irreconhecível. E eu dissera-lhe que, quaisquer que fossem seus planos, ele terminaria sem honras. Se eu não o tivesse matado, outra coisa qualquer lhe teria estragado o plano e então me teria matado.

Não, eu vivo sem remorsos.

Na verdade, perdoara tudo a Lancelot, tudo menos o momento em que me cuspiu. É deveras irônico que ele tivera um momento feliz antes de morrer, um presente que poucos conseguiriam e, acima de tudo, saboreou-o.

Apesar do seu grito, quando me cuspiu, Lancelot acabou lendo o seu próprio obituário.

ESTELAR

Arthur Trent ouvia-os claramente. As palavras nervosas e ásperas metralhavam o seu receptor.

- Trent! você não pode fugir. Nós interceptaremos sua órbita e, se você tentar resistir, nós o explodiremos no espaço.

Trent sorriu e não disse nada. Não tinha armas nem necessidade de lutar. Em muito menos de duas horas a nave faria o seu Salto através do espaço superior e eles nunca o encontrariam. Ele teria consigo quase um quilograma de Krillium, o suficiente para a construção de cérebros de milhares de robôs, e renderiam uns dez milhões em qualquer parte da Galáxia - e sem perguntas.

O velho Brennmeyer tinha planejado tudo. Planejara durante mais de 40 anos. Era o trabalho de toda a sua vida.

- É a fuga, jovem - disse ele. - Eis por que preciso de você. Você pode fazer uma nave decolar e atravessar o espaço.

Eu não posso.

- Não é bom ir para o espaço, Sr. Brennmeyer - disse Trent. - Nós seremos capturados em meio dia.

- Não - disse Brennmeyer categoricamente - se nós fizermos o Salto. Não se nós dispararmos pelo espaço superior e pararmos vários anos-luz depois.

- Levaria meio dia para planejar o Salto e, mesmo se nós o fizéssemos a tempo, a polícia avisaria todos os sistemas estelares.

- Não, Trent, não.

A mão do velho segurou a de Trent, apertando-a excitadamente.

- Todos os sistemas estelares, não. Só uma dúzia deles, mais próximos. A Galáxia é muito grande e os colonizadores dos últimos 50.000 anos perderam contato entre si.

Falava avidamente, descrevendo a situação. A Galáxia agora era como a superfície do planeta original do homem - a Terra, como eles o chamaram - nos tempos pré-históricos.

O homem se espalhara por todos os continentes, mas cada grupo conhecia apenas a área ao seu redor.

- Se nós fizéssemos o Salto ao acaso, - disse Brennmeyer - estaríamos em qualquer lugar, até a 50.000 anos-luz de distância, e não haveria mais possibilidade de nos encontrarem do que achar uma pedra numa tempestade de meteoros.

Trent balançou a cabeça.

- E nós nos perderíamos também. Não teríamos a mínima possibilidade de chegar a um planeta desabitado.

Os ágeis olhos de Brennmeyer inspecionaram as redondezas. Não havia ninguém perto dele, mas começou a falar baixinho.

- Eu passei 30 anos pesquisando todos os planetas habitáveis da Galáxia. Pesquisei todos os dados antigos. Viajei milhares de anos-luz, mais do que qualquer piloto espacial. E o local de cada planeta está agora na memória do melhor computador do mundo.

Trent ergueu as sobrancelhas delicadamente.

- Desenho computadores e tenho o melhor - disse Brennmeyer. - Também tenho um mapa com a exata posição de todas as estrelas luminosas da Galáxia, cada estrela da classe espectral F, B, A e O, e o coloquei na memória do computador. Assim que nós fizermos o Salto, o computador examinará o céu espectroscòpicamente e comparará os resultados com o mapa da Galáxia que ele possui. Quando o computador localizar o lugar no mapa (mais cedo ou mais tarde isto acontecerá), a nave será localizada no espaço e será então automaticamente guiada por um segundo Salto para a vizinhança do próximo planeta desabitado.

- Parece complicado demais.

- Não pode falhar. Todos estes anos trabalhei nisso e não pode falhar. Ainda serei milionário por uns dez anos. Mas você é jovem, será milionário por muito mais tempo.

- Quando se fizer o Salto, pode-se ir parar numa estrela.

- Nenhuma chance em uma centena de trilhões, Trent. Nós poderíamos também descer tão longe de qualquer astro luminoso que o computador nada encontraria que pudesse comparar no seu mapa. Poderíamos pensar que tivéssemos saltado somente um ou dois anos-luz e que a polícia estaria ainda na nossa pista. As possibilidades nesse sentido são menores ainda. Se você quer preocupar-se, preocupe-se com a possibilidade de morrer de enfarte no momento da decolagem. As possibilidades de isso acontecer são bem maiores.

- Para o senhor, Sr. Brennmeyer. O senhor é mais velho. O velho encolheu os ombros.

- Eu não sou importante. O computador fará tudo automaticamente.

Trent concordou e não se esqueceu destas palavras. Uma meia-noite, quando a nave estava pronta e Brennmeyer chegara com o Krillium numa pasta - não encontrou dificuldades, pois era homem de muita confiança do velho, - Trent tomou-lhe a pasta com uma das mãos enquanto a outra se movia rápida e certeiramente.

Uma faca era ainda o melhor, tão rápida como um despolarizador molecular, tão fatal e mais silenciosa. Trent abandonou a faca no corpo cheia de impressões digitais.

Que diferença fazia? Eles não o apanhariam.

Agora no espaço profundo, com as naves policiais em sua perseguição, sentia a tensão angustiosa que sempre precedia um Salto. Nenhum fisiologista poderia explicar, mas todo piloto experimentado sabia o que se sentia.

Houve um momentâneo sentimento de caos quando a nave e ele mesmo, por um momento de não-espaço e não-tempo, se tornaram não-matéria e não-energia, depois reintegraram-se instantaneamente numa outra parte da Galáxia.

Trent sorriu. Ainda estava vivo. Nenhuma estrela estava próxima demais e milhares estavam suficientemente próximas. O céu estava repleto de estrelas e a paisagem era tão diferente que percebeu que o Salto o levara muito longe. Alguma dessas estrelas devia ser da classe espectral F e acima. O computador teria um excelente mapa para confrontar com o da sua memória. Não devia demorar muito.

Inclinou-se para trás confortàvelmente e observou o clarão de luz estelar em movimento, enquanto a nave girava vagarosamente. Surgiu à sua vista uma estrela

brilhante, muito brilhante mesmo. Parecia que estava a mais do que dois anos-luz de distância e seu instinto de piloto lhe dizia que era uma estrela quente, boa e quente. O computador a usaria como sua base e centraria o mapa ao redor dela. Novamente pensou: Não devia demorar muito.

Mas demorou. Os minutos passaram. Uma hora. E ainda o computador continuava em atividade e as suas luzes piscavam.

Trent franziu as sobrancelhas. Por que ele ainda não confrontara o mapa? O mapa tinha que estar lá. Brennmeyer tinhalhe mostrado seus longos anos de trabalho. Não podia ter esquecido uma estrela ou tê-la registrado em lugar errado.

Claro que as estrelas nasciam e morriam e se moviam através do espaço, mas essas mudanças eram lentas, lentas. Em um milhão de anos, o mapa que Brennmeyer preparara não podia...

Súbito pânico envolveu Trent. Não! não podia ser. As possibilidades disso eram ainda menores do que um Salto no interior de uma estrela.

Esperou que a estrela brilhante voltasse à vista novamente e, com mãos trêmulas, focalizou-a no telescópio. Ampliou-a o máximo possível, e ao redor da mancha brilhante de luz havia uma significativa neblina de gases comprimidos, a meia velocidade.

Era uma estrela nova!

De opaca obscuridade, a estrela tinha-se transformado em brilhante luminosidade, talvez somente há um mês. Desenvolvera-se, de uma classe espectral bastante baixa, para ser ignorada pelo computador, para uma classe que seria certamente captada.

Mas a estrela nova, que existia no espaço, não existia na memória do computador, porque Brennmeyer não a colocara lá. Ela não existia quando Brennmeyer estava colhendo seus dados - pelo menos não como uma estrela brilhantemente luminosa.

- Não a leve em conta! - gritou Trent. - Ignore-a!

Mas ele estava gritando para uma máquina automática que focalizaria a estrela nova no mapa da Galáxia e não a encontraria, e continuaria, entretanto, a focalizar e focalizar e focalizar enquanto durasse a sua energia.

O abastecimento de ar terminaria muito mais cedo. A vida de Trent se extinguida muito mais cedo.

Trent afundou desanimado na sua cadeira, olhando o zombeteiro foco de luz estelar e começando a longa e agonizante espera da morte,

Se ao menos tivesse guardado a sua faca...

POSFÁCIO

Nos últimos anos, vários estudantes de Literatura Inglesa e de Biblioteconomia têm escrito ensaios, ou mesmo teses de Professorado, sobre meus livros e contos. Muito lisonjeiro, sem dúvida, mas muito assustador também, pois eles descobrem todas as espécies de fatos sobre a minha vida literária que nunca existiram.

Por exemplo, há uma certa semelhança entre "Luz Estelar" e "O Sino Sonoro" que eu

não tinha percebido até que reli estes contos para este volume. E "A Poesia da Morte" assemelha-se ao "O Sino Sonoro" em outro aspecto. Acho que foi causado pelo uso do mesmo cérebro envelhecido em todos os três contos.

Aposto que, quem quer que estude minha obra literária, nota tais semelhanças imediatamente, mas, com receio de que cheguem a conclusões injustificáveis, asseguro-lhes que ignoro inocentemente tais fatos até o momento em que releio, sucessivamente os contos em foco.

PREFÁCIO

Esta história foi escrita sob condições extremamente agradáveis. Joseph W. Ferman e Edward L. Ferman, pai e filho, divulgador e editor da Revista de Fantasia e de Ficção Científica, queriam apresentar um programa especial em minha honra.

Fingi toda a modéstia, mas, na verdade, o apelo à minha vaidade era absolutamente irresistível. Quando eles disseram que queriam uma nova história especial escrita para o programa, concordei imediatamente.

Assim, sentei-me e escrevi uma quarta história sobre Wendel Urth, exatamente dez anos após ter elaborado a terceira. Foi tão bom voltar ao trabalho, e tão bom ver o programa especial quando ele apareceu! Ed Emshwiller, um artista sem par, conseguiu desenhar meu retrato para a capa, realizando aquele incrível tour de force de fazer com que, ao mesmo tempo, se parecesse comigo e fosse ainda bonito. Se eu tivesse podido persuadir Doubleday a apresentar o mesmo retrato na capa deste livro, vocês veriam com seus próprios olhos.

Casualmente, ao preparar este volume, vi que o nível de tecnologia sobre a Terra e a Lua, nesta história, é muito inferior ao da história "O Sino Sonoro". Por isso, grito: "Emerson!" (Ver pág. 44.)

A CHAVE

Karl Jennings sabia que ia morrer. Ele tinha questão de horas para viver e muita coisa para fazer.

Não houvera suspensão da pena de morte, aqui na Lua, e nenhuma comunicação funcionava.

Mesmo na Terra, havia poucos esconderijos onde, sem a ajuda do rádio, um homem pudesse morrer sem a mão de um companheiro para ajudá-lo, sem o coração de seu companheiro para chorá-lo, sem mesmo os olhos de seu companheiro para descobrir o corpo. Aqui na Lua, havia poucos lugares que eram diferentes disto.

Os homens da Terra sabiam que ele estava na Lua, naturalmente. Ele fizera parte de uma expedição geológica - não, selenológica! Engraçado, como seu pensamento centralizado na Terra insistia no "geo".

Com cansaço, pôs-se a pensar, mesmo enquanto trabalhava. Embora estivesse morrendo, ainda sentia a artificialidade imposta daquele pensamento claro. Inquieto, olhou em volta. Não havia nada para ver. Estava na escuridão da eterna sombra da parede interior norte da cratera, uma escuridão vencida apenas pelo piscar intermitente de sua lanterna. Ele a manteve intermitente, em parte porque não ousava consumir toda a força antes do fim e, em parte, porque não ousava arriscar-se muito a ser visto.

À sua esquerda, em direção ao sul, ao longo do horizonte da Lua, crescia a luz do Sol, branca e brilhante. Além do horizonte, invisível, era a borda oposta da cratera.

O sol nunca penetrava o bastante sobre a borda do seu lado da cratera e nunca iluminava o chão logo abaixo de seus pés. Ele não sofria o risco da radiação - pelo menos isto.

Cavou cuidadosamente, mas sem muito jeito, pois estava envolvido na roupa espacial. Sentia uma dor de lado abominável.

A poeira e a rocha quebrada não tinham a aparência de "castelo de fadas", característico daqueles dados da superfície da Lua, exposta a alternação de luz e sombra, de calor e frio. Aqui, num frio eterno, o desmoronar lento da parede da cratera tinha apenas acumulado cascalhes pequenos em massa heterogênea. Não seria fácil dizer que estariam cavando ali.

Enganara-se quanto à irregularidade da superfície escura por um momento e deixou cair uma mãozada de fragmentos. As partículas caíram com a característica lentidão da Lua, embora com a aparência de grande velocidade, pois não havia resistência do ar para diminuir-lhes a queda mais ainda e espalhá-las em nuvem de poeira.

A lanterna de Jennings se acendeu por um momento e ele lançou fora um pedaço de pedra.

Não tinha muito tempo. Cavou mais fundo ainda.

Um pouco mais fundo e poderia enfiar o Invento na depressão e começar a cobri-lo. Strauss não deveria encontrá-lo.

Strauss!

O outro membro do time. Meia participação na descoberta. Meia participação no renome.

Se fosse apenas a participação total do crédito que Strauss quisesse, Jennings poderia tê-lo permitido. A descoberta era muito mais importante do que qualquer crédito individual. Mas o que Strauss queria ia muito mais longe, era algo que Jennings lutaria para evitar.

Uma das poucas coisas pela qual Jennings estava disposto a morrer para evitar.

E estava morrendo.

Eles o haviam encontrado juntos. Na verdade, Strauss havia encontrado a nave; ou, melhor, os restos da nave; ou, melhor ainda, algo que se podia conceber como tendo sido os restos de alguma coisa análoga à nave.

- Metal - disse Strauss, quando apanhou algo rasgado e quase amorfo. Os olhos e o rosto quase não podiam ser vistos através do vidro grosso do visor, mas a voz, um tanto áspera, soou claramente através da cadeia de rádio.

Jennings veio flutuando de sua própria posição à distância de meia milha. E disse:

- Estranho! Não há metal livre na Lua.

- Não devia ter. Mas, você sabe muito bem que não exploraram mais de um por cento da superfície da Lua. Quem é que sabe o que se pode encontrar aqui?

Jennings concordou e esticou a luva para apanhar o objeto. Era verdade que qualquer coisa podia ser encontrada na Lua. Era a primeiria expedição selenográfica financiada poii particulares para descer na Lua. Até então, somente o governo conduzira grupos armados com meia dúzia de fins em vista. Era um sinal de avanço da era espacial o fato de a Sociedade Geológica poder enviar dois homens à Lua para estudos selenológicos apenas.

- Parece que já teve antes uma superfície polida - disse Strauss.

- Você tem razão - disse Jennings. - Talvez haja mais por aqui.

Eles encontraram mais três peças, duas de grande tamanho e uma que apresentava traços de uma emenda.

- Vamos levá-los para a nave - disse Strauss.

Tomaram o pequeno barco de volta para a nave-mãe. Retiraram suas roupas quando chegaram a bordo, algo que Jennings ficava sempre contente de fazer. Cocou as ilhargas vigorosamente e esfregou as faces até que a pele clara ficasse vermelha.

Strauss evitava tal fraqueza e foi trabalhar. O raio Laser marcou o metal e o vapor o registrou no espectrógrafo. Aço com titânio, essencialmente, com uma pitada de cobalto e molibdênio.

- Isto é artificial, está bem - disse Strauss. A face angulosa estava dura e sombria como nunca. Não revelava nenhuma exaltação, embora Jennings sentisse seu próprio coração disparar.

Talvez tivesse sido a agitação que atrapalhara Jennings no começo!

- É um desenvolvimento contra o qual nós temos que nos roubar - com um leve acento no "roubar" para indicar o trocadilho.

Strauss, entretanto, olhou para Jennings com desprezo frio e a tentativa de trocadilho caiu por terra.

Jennings suspirou. Nunca pudera sacudi-lo. Nunca! Lembrava-se da Universidade. - Bem, não importa. A descoberta que tinham feito valia muito mais do que qualquer trocadilho que ele pudesse fazer, apesar de toda a calma de Strauss.

Jennings pensava se Strauss não teria percebido o significado.

Sabia muito pouco sobre Strauss, na verdade; apenas lhe conhecia a reputação selenológica. Isto é, lera os artigos de Strauss, e presumia que Strauss houvesse lido os dele. Embora seus destinos pudessem ter-se cruzado nos dias de Universidade, nunca se haviam encontrado antes que os dois se tivessem oferecido como voluntários para esta expedição e tivessem sido aceitos.

Na semana da viagem, Jennings tomara conhecimento da figura parruda do outro com desagrado, do cabelo arenoso, dos olhos puxados e azuis e do movimento que faziam os músculos das maçãs do rosto salientes quando comia. Jennings mesmo, de constituição muito menor, também de olhos azuis, mas de cabelo mais escuro, tendia a afastar-se automaticamente da pesada transpiração de força do outro.

- Não há nenhum registro de alguma nave que tenha descido nesta parte da Lua. Certamente nenhuma caiu - disse Jennings.

- Se fosse parte de uma nave, - atalhou Strauss: seria liso e polido. Aqui houve erosão, e, sem atmosfera aqui, isto significa exposição a bombardeamento micrometeórico durante muitos anos.

Então ele via o significado. Jennings disse, com júbilo quase selvagem:

- É um artefato não-humano. Criaturas que não são da Terra visitaram uma vez a Lua. Quem sabe há quantos anos?

- Quem sabe? - concordou Strauss secamente.

- No relatório...

- Espere - disse Strauss imperiosamente. - Temos tempo bastante para fazer relatório, quando já temos algo que relatar. Se era uma nave, haverá mais ainda por aí do que temos agora.

Mas não havia possibilidade de se procurar mais naquela ocasião. Esperavam há horas, e já passara do tempo da próxima refeição e do próximo sono. Era melhor dedicar-se àquele assunto fresco durante horas. Eles pareciam concordar com isso sem falar nada.

A Terra estava baixa no horizonte oriental, quase na fase cheia, brilhante e manchada de azul. Jennings olhou para ela enquanto comiam, e sentiu, como sempre acontecia, uma profunda saudade de casa.

- Parece suficientemente calma, - disse ele - mas há seis bilhões de pessoas ocupadas ali.

Strauss saiu de algum pensamento profundo e disse:

- Seis bilhões de pessoas arruinando-a! Jennings franziu a testa.

- Você não é um Ultra, é?

- Sobre que diabo você está falando? - replicou Strauss. Jennings sentiu-se corar. Um encabulamento sempre se revelava em sua pele clara, fazendo-a côr-de-rosa com a mais ligeira mudança de emoções. Achava aquilo profundamente embaraçoso. Voltou-se para a comida, sem dizer nada.

Durante toda uma geração agora, a população da Terra tinha "do constante. Não se podia mais suportar nenhum aumento. Todo mundo admitia isso. Havia aqueles que, na verdade, diziam que não basta "não aumentar"; a população tinha que baixar. Jennings simpatizava com este ponto de vista. O globo da Terra estava sendo comido vivo pela sua pesada carga humana.

Mas, como se faria a população baixar? Por acaso, encorajando as pessoas a baixar a taxa de nascimento ainda mais, como eles queriam? Mais tarde, houve ligeiro boato daqueles que não só queriam uma baixa de população como também uma seleção - a sobrevivência do melhor, com os que se declarassem melhores, escolhendo o critério de seleção.

Jennings pensou: "Eu o insultei, suponho".

Mais tarde, quando já estava quase dormindo, ocorreu-lhe repentinamente que não sabia nada, virtualmente, do caráter de Strauss. E se fosse sua intenção sair agora numa expedição fugitiva só dele, para que pudesse ter todo o crédito de... ?

Levantou-se, apoiando-se no cotovelo, alarmado, mas Strauss respirava profundamente, e, enquanto Jennings o ouvia, a respiração tomava mesmo a característica de um ronco.

Passaram os três dias seguintes numa procura conjunta de peças adicionais. Encontraram algumas. Encontraram mais do que isso. Encontraram uma área brilhando com uma leve fosforescência de bactéria lunar. Tais bactérias eram comuns, mas em nenhum lugar se tinha antes registrado uma concentração tão grande que provocasse este brilho visível.

- Um ser orgânico, ou seus restos, deve ter estado aqui alguma vez. Ele morreu, mas os microrganismos dentro dele não. No fim, consumiram-no - disse Strauss.

- E se espalharam talvez - acrescentou Jennings. - Esta talvez seja a fonte de

bactérias lunar em geral. Elas podem não ser absolutamente nativas, mas o resultado da contaminação... anos atrás.

- O contrário também se pode dar - disse Strauss. - Desde que as bactérias são completamente diferentes em todos os pontos fundamentais de qualquer forma de microrganismo da Terra, as criaturas que elas parasitaram - admitindo-se que esta é sua fonte - deveriam ser também fundamentalmente diferentes. Outra indicação de origem extraterrestre.

A trilha terminava na parede de uma pequena cratera.

- É um grande trabalho de escavação - disse Jennings, com o coração na mão. - Era melhor que avisássemos isto e pedíssemos ajuda.

- Não - disse Strauss sombriamente. - Pode ser que não ,,aja na(3a que mereça ajuda. A cratera pode ter-se formado um milhão de anos depois que a nave tivesse caído.

- E vaporizou-se quase toda, você quer dizer, e deixou apenas o que encontramos ?

Strauss balançou a cabeça.

Jennings disse:

- Vamos entrar de qualquer jeito. Podemos cavar um pouco. Se traçarmos uma linha do que encontramos até agora e apenas continuássemos a...

Strauss estava relutante e trabalhava com indiferença, de modo que foi Jennings que fez a verdadeira descoberta. Certamente isto contou! Muito embora Strauss houvesse encontrado a primeira peça de metal, Jennings encontrou o artefato.

Era um artefato - encravado 90 centímetros sob o solo, sob a forma irregular de uma rocha que tivesse caído de tal forma que deixara um buraco na superfície da Lua.

Neste buraco estava o artefato, protegido de tudo, durante um milhão de anos ou mais; protegido da radiação, dos micrometeoros, das mudanças de temperatura, de modo a permanecer novo e fresco para sempre.

Jennings o nomeou imediatamente o Invento. Não se parecia nem remotamente com nenhum instrumento que jamais vira, mas, como disse Jennings, por que se pareceria?

- Não há pontas ásperas que eu possa ver - disse ele. - Pode ser que não esteja quebrado.

- Pode ser que faltem peças, entretanto.

- Talvez, - falou Jennings - mas parece que não há nada móvel. É uma peça só, e, certamente, estranhamente irregular. - Ele notou seu jogo de palavras, depois continuou com uma tentativa não muito bem sucedida de autocontrole. - Isto é o que precisamos. Uma peça de metal usado ou uma área rica em bactérias é apenas material para dedução e discussão. Mas, esta é a coisa real - um Invento que é claramente de manufatura extraterrestre.

Estava na mesa entre eles agora, e ambos o olhavam gravemente.

- Vamos fazer um relatório preliminar, agora - disse Jennings.

- Não! - disse Strauss, num grito agudo de desacordo. - com os diabos, não!

- Por que não ?

- Porque, se o fizermos, torna-se um Projeto da Sociedade. Pululará sobre ele e nós não seremos mais do que um pé-de-página quando tiver acabado. - Não! - Strauss quase

parecia falso. - Vamos fazer tudo o que pudermos com isto e conseguir o máximo possível antes que os gaviões desçam.

Jennings pensou nisto. Não podia negar que também queria assegurar-se que nenhum crédito seria perdido. Mas ainda...

- Não sei se quero correr o risco, Strauss. - Pela primeira vez sentiu um impulso de usar o primeiro nome do homem, mas conteve-se. - Veja, Strauss, não é certo esperar. Se isto é de origem extraterrestre, então deve ser de algum outro sistema planetário. Não há nenhum lugar no Sistema Solar, além da Terra, que possa ter forma de vida avançada.

- Não provada, realmente, - grunhiu Strauss - e se estivermos certos? _

- Então, significaria que as criaturas da nave faziam viagens interestelares e, portanto, deveriam estar muito mais avançadas, tecnològicamente, do que nós. Quem sabe o que o Invento nos pode contar sobre sua tecnologia avançada? Pode ser a chave para... quem sabe o quê. Pode ser a pista para uma revolução científica inimaginável.

- Isso é tolice romântica. Se isso for o produto de uma tecnologia muito mais avançada do que a nossa, não aprenderemos nada com ele. Ressuscite Einstein e mostre-lhe um microprotoarpa. Que é que ele faria?

- Nós não podemos ter certeza que não aprenderemos.

- E daí, mesmo assim? Qual o mal em haver um pequeno atraso? E se nós assegurarmos alguns créditos para nós mesmos? O que há de mais em mantermos isto conosco e continuarmos assim em segurança?

- Mas Strauss ... - Jennings quase chegou às lágrimas de ansiedade, dominado pelo sentido de importância do Invento - e se o quebrarmos? E se não o enviarmos à Terra? Não podemos arriscar-nos a isto. - Acariciou-o quase como se estivesse apaixonado por ele. - Devemos fazer o relatório dele agora e conseguir as naves para apanhá-lo aqui. É precioso demais para ...

No auge de sua emoção, o Invento parecia ter-se aquecido dentro de sua mão. Uma porção da superfície, meio escondida por uma aba do metal, brilhou com fosforescência.

Jennings tirou a mão num gesto espasmódico e o Invento escureceu. Mas foi o bastante; o momento tinha sido infinitamente revelador.

Ele disse, quase chocado:

- Foi como uma janela que se abriu no seu cérebro. Eu pude ver dentro de sua mente.

- Li a sua - disse Strauss ou a senti, ou entrei nela, ou o que você quiser. - Tocou o Invento com seu modo frio e arredio, mas nada aconteceu.

Você é um Ultra - disse Jennings zangado. - Quando toquei nisto. „ E ele o fez. - Está acontecendo novamente. Vejo-o. - Você é um louco? Você pode honestamente acreditar que seja humanamente decente condenar quase toda a raça humana à extinção e destruir a versatilidade e a variedade das espécies ?

Sua mão largou o Invento outra vez, com repugnância pelos vislumbres revelados, e ficou escuro novamente. Uma vez mais, otrauss o tocou cautelosamente e novamente nada aconteceu.

Strauss disse:

- Vamos começar uma discussão, pelo amor de Deus. Esta coisa é uma ajuda para

a comunicação - um amplificador telepático. Por que não? As células do cérebro têm seus potenciais elétricos. O pensamento pode ser encarado como um campo de ondas eletromagnéticas de microintensidades...

Jennings se afastou. Não queria falar com Strauss. Disse:

- Vamos relatá-lo agora. Não dou a mínima para os créditos. Leve-os todos. Só o quero fora de nossas mãos.

Por um instante, Strauss permaneceu em estudo profundo. Depois acrescentou:

- É mais que um comunicador. Responde à emoção e amplifica a emoção.

- Sobre o que você está falando ?

- Duas vezes funcionou sob o seu toque agora mesmo, embora você o tenha segurado durante todo o dia sem nenhum efeito. Também não tem nenhum efeito quando o toco.

- Bem?

- Reagiu a você quando você estava sob uma grande tensão emocional. É o requisito para sua ativação, suponho. E, quando você se enraiveceu contra os Ultras, quando você o estava segurando agora mesmo, senti-o como você, apenas por um instante.

- Bem que você deveria.

- Mas, ouça-me. Tem certeza de que você está muito certo? Não há um homem pensante na Terra que não saiba que o planeta seria muito melhor se tivesse uma população de um bilhão, em vez de seis bilhões. Se nós usássemos a automação até o fim, - como agora as hordas não permitirão que o façamos - poderíamos ter provavelmente uma Terra completamente eficiente e viável com uma população de não mais que, digamos, cinco milhões. Ouça-me, Jennings. Não se afaste, homem.

A aspereza da voz de Strauss quase desapareceu com seu esforço para convencer racionalmente. - Mas não podemos reduzir a população democraticamente. Você sabe disso.

Não é uma exigência do sexo, porque as operações uterinas resolveram o problema de controle da natalidade há muitos anos atrás; você bem sabe. É uma questão de nacionalismo.

Cada grupo étnico deseja que outros grupos reduzam suas populações primeiro, e eu concordo com eles. Quero que meu grupo étnico, nosso grupo étnico, prevaleça. Quero que a Terra seja herdada pela elite, o que quer dizer, por homens como nós. Somos os homens verdadeiros, e a horda de semimacacos que nos impede está nos destruindo a todos. Eles estão condenados à morte de qualquer jeito; por que não nos salvarmos?

- Não - disse Jennings energicamente. - Nenhum grupo tem monopólio da humanidade. Seus cinco milhões de imagens-reflexos, limitados a uma humanidade sem variedade nem versatilidade, morreriam de tédio - e seria bem feito.

- Tolice emocional, Jennings. Você não acredita nisso. Apenas foi treinado para acreditar nisso por seus igualitaristas imbecis. Veja, este Invento é exatamente o que precisamos. Mesmo que não possamos construir nenhum outro ou compreender como este funciona, este único Invento pode bastar. Se pudermos controlar ou influenciar as mentes de homens-chaves, então, pouco a pouco, poderemos impor nossos pontos de vista no mundo. Já temos uma organização. Você deve saber disso, se viu minha mente. É melhor

motivada e melhor projetada do que qualquer outra organização na Terra. Os cérebros da humanidade unem-se a nós diariamente. Por que você não? Este instrumento é uma chave, como você vê, mas não apenas uma chave para um pouco mais de conhecimento. É uma chave para a solução final dos problemas dos homens. Junte-se a nós! Junte-se a nós! - Atingira uma veemência na qual Jennings jamais o vira.

A mão de Strauss caiu sobre o Invento, que brilhou durante um segundo ou dois e se apagou.

Jennings sorriu sem humor. Ele viu o significado daquilo. Strauss tinha tentado deliberadamente ficar num estado emocional intenso para ativar o Invento, e falhara.

- Você não pode acioná-lo - disse Jennings. - Você é demasiadamente autocontrolado, como um super-homem, e não pode vencer isto, pode? - Apanhou o Invento com mãos trêmulas, e este fosforesceu imediatamente.

- Então você o faça funcionar. Fique com os créditos por salvar a humanidade.

- Nem em um milhão de anos - disse Jennings, arquejante e quase incapaz de respirar sob a intensidade de sua emoção. - Eu Vou fazer o relatório disto agora.

- Não - disse Strauss. Ele apanhou uma das facas em cima da mesa. - Ela é suficientemente pontuda, suficientemente amolada.

- Você não precisava lutar tanto para expor seu ponto de vista - disse Jennings, mesmo sob a pressão do momento, consciente do trocadilho. - Eu consigo ver seus planos. com o Invento, você pode convencer qualquer um que eu nunca existi. Pode realizar uma vitória Ultra.

Strauss balançou a cabeça.

- Você leu a minha mente perfeitamente.

- Mas, você não vai fazê-lo - arquejou Jennings. - Não, enquanto eu segurar isto. - Ele queria que Strauss ficasse imóvel.

Strauss moveu-se desajeitadamente e parou. Segurava a faca rigidamente e o braço tremia, mas não avançava. Ambos estavam transpirando fortemente. Strauss disse com os dentes cerrados:

- Você não pode mantê-lo assim, durante todo o dia.

A sensação era clara, mas Jennings não tinha certeza de que tivesse as palavras para descrevê-la. Era, em termos físicos, como segurar um animal escorregadio de muita força, que se agitasse incessantemente. Jennings tinha que se concentrar na sensação de imobilidade.

Não estava acostumado com o Invento. Não sabia como usá-lo com destreza. Era o mesmo que esperar que alguém, que nunca vira uma espada, atingisse um outro com uma estocada com a graça de um mosqueteiro.

- Exatamente - disse Strauss, seguindo a linha de pensamento de Jennings. Ele deu um passo à frente, cambaleando.

Jennings sabia que não era páreo para a determinação louca de Strauss. Ambos o sabiam. Mas havia o pequeno barco. Jennings tinha que fugir. com o Invento.

Mas Jennings não tinha segredos. Strauss viu-lhe os pensamentos e tentou interpor-se entre ele e o pequeno barco.

Jennings redobrou de esforços. Nenhuma imobilidade, mas inconsciência. Durma,

Strauss, pensou ele desesperadamente. Durma! Strauss caiu de joelhos, com os olhos pesados fechando-se. com o coração batendo, Jennings pulou para a frente. Se pudesse atingi-lo com alguma coisa, apanhar a faca...

Mas seus pensamentos haviam se desviado da concentração mais importante no sono, de modo que a mão de Strauss estava em seu calcanhar, puxando para baixo com muita força.

Strauss não hesitou. Quando Jennings caiu, a mão que segurava a faca levantou e desceu. Jennings sentiu uma dor aguda e sua mente avermelhou-se de medo e desespero.

Foi o próprio acesso de emoção que elevou o brilho do Invento até lançar uma chama. A pressão de Strauss relaxou quando Jennings, silenciosa e incoerentemente, lançou o temor e a raiva de sua própria mente na do outro.

Strauss rolou no chão com o rosto destorcido. Jennings ficou de pé, vacilando, e andou para trás. Não ousava fazer mais nada além de se concentrar em manter o outro inconsciente. Qualquer tentativa de ação violenta bloquearia muito de sua força mental; seria demais para sua força mental inexperiente, que não conseguia desenvolver-se efetivamente.

Voltou para o pequeno barco. Haveria uma roupa a bordo - ataduras.

O pequeno barco não era mesmo destinado a longas corridas. Nem mais Jennings. Seu lado direito estava todo ensangüentado, apesar das ataduras. O interior de sua roupa estava ensopado.

Não havia sinal nenhum da nave atrás dele, mas certamente ele viria mais cedo ou mais tarde. Seu poder era muito maior do que o dele; ele tinha detectores que captariam a nuvem de concentração de carga liberada por seu reator movido a íon.

Desesperadamente, Jennings tentara alcançar a Estação Luna pelo rádio, mas ainda não havia resposta, e ele parou desesperado. Seus sinais apenas ajudariam Strauss na perseguição.

Poderia alcançar a Estação Luna pessoalmente, mas não achava que o conseguiria. Seria atingido antes. Morreria antes. Não poderia fazê-lo. Teria que esconder o Invento, colocá-lo em algum lugar seguro, depois seguir para a Estação Luna.

O Invento...

Não sabia se estava certo. Poderia arruinar a raça humana, mas era infinitamente valoroso. Deveria destruí-lo inteiramente ? Era o único remanescente de uma vida inteligente não-humana. Mantinha os segredos de uma tecnologia avançada; era um instrumento de uma ciência avançada. Qualquer que fosse o perigo, consideremos o valor - o valor potencial.

Não, ele precisava escondê-lo de modo que pudessem encontrá-lo novamente - mas apenas os Moderados esclarecidos do governo. Nunca os Ultras...

O pequeno barco desceu pelo lado interno ao norte da cratera. Sabia qual era e o Invento podia ser enterrado aqui. Se não pudesse alcançar a Estação Luna depois, pessoalmente ou pelo rádio, teria de, pelo menos, afastar-se do lugar do esconderijo; ir para bem longe, para que sua própria pessoa não o revelasse. E teria que deixar alguma chave do local.

Estava pensando com clareza espantosa. Seria influência do Invento que estava

carregando? Será que ele estimulava seu pensamento e o guiava para uma mensagem perfeita?

Ou era a alucinação do moribundo, e nada disso faria sentido para ninguém? Não sabia, mas não tinha escolha. Tinha que tentar.

Pois Karl Jennings sabia que ia morrer. Tinha uma questão de horas para viver e muito que fazer.

H. Seton Davenport da Divisão Americana do Serviço Internacional de Investigação esfregou a cicatriz em forma de estrela na face esquerda, distraidamente.

- Estou ciente, senhor, que os Ultras são perigosos.

O Chefe da Divisão, M. T. Ashley, olhou para Davenport atentamente. O rosto magro estava marcado por uma expressão desaprovadora. Desde que deixara de fumar novamente, forçava seus dedos a apertarem um pedaço de chiclete de bola, que ele descascava, apertava e punha na boca vagarosamente. Estava ficando velho, e amargo também; e o seu pequeno bigode cinza-escuro arranhava quando esfregava os dedos nele.

Disse:

- Você não sabe como são perigosos. Eu me pergunto se alguém sabe. São poucos em número, mas fortes entre os poderosos, que afinal estão prontos a considerá-los a elite. Ninguém sabe ao certo quem são eles e quantos são.

- Nem mesmo o Serviço?

- O Serviço está afastado. Mesmo nós não estamos livres desta mancha. Você está?

Davenport franziu as sobrancelhas.

- Não sou um Ultra.

- Não disse que você era - replicou Ashley. - Perguntei se você estava livre desta mancha. Você já considerou o que vem acontecendo com a Terra nestes últimos dois séculos? Nunca lhe ocorreu que uma diminuição moderada da população seria uma boa coisa? Você nunca sentiu que seria ótimo livrar-se dos não-inteligentes, dos incapazes, dos insensíveis e deixar o resto? Eu já, diabos.

- Sou culpado de pensar nisso algumas vezes, sim. Mas, considerar alguma coisa como o preenchimento de uma idéia é uma coisa, e planejar tudo num esquema prático de ação para "Hitlerizá-lo" é outra.

- A distância entre o desejo e a ação não é tão grande quanto você pensa. Convença-se que o fim é suficientemente importante, que o perigo é bastante grande, e os meios aparecerão cada vez mais com menos objeções. De qualquer forma, agora que o caso de Istambul está sendo cuidado, deixe-me informá-lo sobre este assunto. Istambul não tem a menor importância comparado com isto. Você conhece o Agente Ferrant ?

- Aquele que desapareceu? Não pessoalmente.

- Bem, dois meses atrás, uma nave naufragada foi localizada na superfície da Lua. Estava levando uma expedição selenográfica financiada por particulares. A Sociedade Geológica Russo-Americana, que tinha patrocinado o vôo, anunciou falha da nave. Uma busca de rotina localizou-a sem muita dificuldade dentro de uma distância razoável do local de onde haviam feito o último relatório.

- A nave não estava danificada, mas seu bote auxiliar tinha desaparecido e com ele

um membro da tripulação. Nome - Karl Jennings. O outro homem, James Strauss, estava vivo, mas delirante. Não havia sinal de dano físico em Strauss, mas estava bem doente. Ainda está, e isto é importante...

- Por quê ? - interrompeu Davenport.

- Porque o time médico que o examinou diagnosticou anormalidades neuroquímicas e neuroelétricas de natureza não-precedente. Nunca viram um caso como este. Nada de humano poderia ter provocado isto.

Um ligeiro sorriso atravessou o rosto solene de Davenport.

- O senhor suspeita de invasores extraterrestres ?

- Talvez - disse o outro, sem sorrir. - Mas deixe-me continuar. Uma busca rotineira nas vizinhanças da nave não revelou nenhum sinal de bote auxiliar. Depois a Estação Luna relatou a recepção de sinais fracos de origem incerta. Supõe-se que eles tenham vindo da margem ocidental do Maré Imbrium, mas não se tem certeza se eram de origem humana ou não, e não se sabia de nenhum vaso que estivesse nas vizinhanças. Os sinais foram ignorados. Pensando no bote auxiliar, entretanto, o pessoal da busca dirigiu-se para o Imbrium e o localizou. Jennings estava a bordo, morto. com um ferimento de faca do lado. É surpreendente que ele tenha vivido tanto tempo.

- Enquanto isto, os médicos estavam ficando cada vez mais perturbados com a natureza dos murmúrios de Strauss. Eles constataram o Serviço e dois de nossos homens na Lua - um deles era por acaso Ferrant - chegaram na nave.

- Ferrant estudou as gravações dos murmúrios. Não havia possibilidade de fazer perguntas, pois não havia, nem há, meio de atingir Strauss. Há um muro alto entre o universo e ele - provavelmente isto é permanente. Entretanto, a fala do delírio, embora muito repetida e desconjuntada, pode ter algum sentido. Ferrant procurou montá-la como se fosse um quebra-cabeças.

- Aparentemente, Strauss e Jennings encontraram um objeto de algum tipo que eles acharam ser uma manufatura antiga e não-humana, um artefato de alguma nave naufragada séculos atrás. Aparentemente, podia agir sobre a mente humana de algum modo.

Davenport interrompeu:

- E agiu sobre a mente de Strauss? É isso?

- É isso exatamente. Strauss era um Ultra - podemos dizer "era", pois só está vivo tecnicamente - e Jennings não queria entregar o objeto. Muito certo, também.

Strauss murmurou qualquer coisa sobre o uso dele para realizar a autoliquidação dos indesejáveis, como ele os chamou. Ele queria uma população ideal de cinco milhões. Houve uma luta na qual apenas Jennings, aparentemente, podia manejar o objeto, mas Strauss tinha uma faca. Quando Jennings partiu, estava esfaqueado, mas a mente de Strauss tinha sido destruída.

- E onde é que está o objeto-mental?

- O Agente Ferrant agiu com decisão. Vasculhou a nave e as vizinhanças também. Não havia nenhum sinal de nada que fosse uma formação Lunar natural, nem um produto óbvio da tecnologia humana. Não havia nada que pudesse ser o objeto-mental. Então procurou no bote auxiliar e à sua volta. Nada outra vez.

- A primeira turma - aquela que não suspeitava de nada - poderia ter levado alguma coisa?

- Eles juram que não o fizeram, e não há razão para suspeitar de que estejam mentindo. Então, o companheiro de Ferrant...

- Quem era ele?

- Gorbansky - disse o Chefe da Divisão.

- Eu o conheço. Trabalhamos juntos.

- Eu sei que trabalharam. O que é que você acha dele?

- Capaz e honesto.

- Está bem. Gorbansky encontrou alguma coisa. Não um artefato estranho. Pelo contrário, algo realmente bem humano. Era um cartão comum, branco, três por cinco, com coisas escritas, colocado no dedo médio de sua luva direita. Presumimos que Jennings o tenha escrito antes de sua morte e, também presumimos, talvez represente a chave do esconderijo do objeto.

- Que razão há para que se pense que ele o tenha escondido?

- Eu disse que não o encontramos em lugar nenhum.

- Quero dizer, e se ele o destruiu, achando que era perigoso demais para o deixar intacto ?

- Isso é muito duvidoso. Se aceitarmos a conversação pela reconstrução dos murmúrios de Strauss, - e Ferrant recompôs palavra por palavra - Jennings achava que o objeto-mental era uma chave importante para a humanidade. Ele o chamava "a pista para uma revolução científica inimaginável". Ele não destruiria algo assim. Ele apenas o esconderia dos Ultras e tentaria acusar seu paradeiro para o governo. Senão, por que deixaria uma pista sobre seu paradeiro?

Davenport balançou a cabeça.

- O senhor está caindo num círculo vicioso, chefe. O senhor diz que ele deixou uma pista porque acha que ele deixou um objeto escondido, e pensa que há um objeto escondido porque ele deixou uma pista.

- Admito isso. Tudo está dúbio. O delírio de Strauss tem algum significado? A reconstrução de Ferrant é válida? A pista de Jennings é mesmo uma pista? Há mesmo um objeto-mental, um Invento, como Jennings o chamava, ou não há? Não adianta fazer estas perguntas. Agora mesmo, precisamos agir, admitindo que haja este tal Invento e que precisa ser encontrado.

- Porque Ferrant desapareceu?

- Exatamente.

- Raptado pelos Ultras ?

- Absolutamente, O cartão desapareceu com ele.

- Ah... compreendo.

- Ferrant foi suspeito, durante muito tempo, de ser um Ultra secretamente. Aliás, ele não é o único suspeito no Serviço. Não temos evidências que nos garantam uma ação aberta; não podemos confiar em puras suspeitas, sabe; senão, esvaziamos o Serviço do começo ao fim. Ele estava sendo vigiado.

- Por quem?

- Por Gorbansky, naturalmente. Felizmente Gorbansky havia filmado o cartão e enviado a reprodução para os comandos da Terra, mas ele admite que não o considerou mais do que um objeto enigmático, e o incluiu no conjunto das informações enviado para a Terra, apenas com a intenção rotineira de realizar um relatório completo. Ferrant - o mais inteligente dos dois, suponho eu - viu o significado e entrou em ação. Custou-lhe muito caro fazer isso, pois se denunciou e destruiu sua utilidade futura para os Ultras; mas há uma chance de que não haja necessidade de utilidade futura. Se os Ultras controlarem o Invento...

- Talvez Ferrant já tenha o Invento.

- Ele estava sendo vigiado, lembre-se. Gorbansky jura que o Invento não apareceu em nenhum lugar.

- Gorbansky não conseguiu impedir que Ferrant fugisse com o cartão. Talvez ele não tenha conseguido impedi-lo de obter o Invento sem ser visto também.

Ashley batia com os dedos na mesa entre eles, num ritmo irregular e aflito. Disse finalmente:

Não quero pensar nisso. Se encontrarmos Ferrant, poderemos saber qual o prejuízo que ele causou. Até lá, precisamos procurar o Invento. Se Jennings o escondeu, ele deve ter tentado afastar-se do esconderijo. Senão, por que deixaria uma pista? Não seria encontrado nas vizinhanças.

- Ele pode não ter vivido o bastante para se afastar. Ashley bateu com os dedos novamente:

- O bote auxiliar mostrava sinais de uma corrida longa e veloz, e quebrou-se no fim. Isto é coerente com o ponto de vista de que Jennings estava tentando colocar o máximo de espaço entre ele e o esconderijo.

- Pode-se dizer de que direção ele vinha?

- Sim, mas parece não ajudar muito. Pelas condições dos ventos, ele esteve deliberadamente se desviando sempre.

Davenport suspirou.

- Suponho que o senhor possua uma cópia do cartão.

- Tenho. Aqui está. - Ele estendeu uma reprodução três por cinco para Davenport.

Davenport estudou-a durante alguns momentos. Tinha esta aparência:

- Não vejo nenhum significado aqui.

- Nem eu, no início, nem aqueles que consultei antes. Mas considere. Jennings deve ter pensado que Strauss estava em sua perseguição, não deve ter sabido que Strauss estava fora de ação, pelo menos. Ele estava então com um medo terrível de que um Ultra pudesse encontrá-lo antes de um Moderado e não ousava deixar uma pista muito clara. Isto - e o chefe da Divisão bateu na reprodução - deve representar uma pista, obscura na superfície, mas bastante clara para qualquer um suficientemente engenhoso.

- O senhor pode confiar nisto? - perguntou Davenport, duvidando. - Afinal, ele era um homem apavorado e moribundo que poderia ter sido atingido pelo objeto também.

Podia não estar pensando claramente, nem humanamente. Por exemplo, por que é que ele não fez um esforço para alcançar a Estação Luna? Terminou à distância de quase meia circunferência. Estava transtornado demais para pensar claramente? Tão paranóico

que não confiava nem na Estação? Entretanto, ele deve ter tentado atingi-la no início, pois eles receberam sinais. O que estou dizendo é que este cartão, que parece estar coberto com palavras sem nexo, está coberto com palavras sem nexo.

Ashley balançou a cabeça solenemente de um lado para outro, como se fosse um sino.

- Ele estava em pânico, sim. E creio que lhe faltou a presença de espírito para tentar alcançar a Estação Luna. Apenas a necessidade de correr e fugir o dominava.

Mesmo assim, isto não pode ser apenas palavras sem nexo. Faz sentido bem demais. Todas as notações no cartão podem revelar um sentido, e o conjunto também.

- Onde é que está o sentido, então? - perguntou Davenport.

- Note que há sete itens no lado esquerdo e dois no direito. Considere o lado esquerdo primeiro. O terceiro sinal para baixo parece uma igualdade. Um sinal de igualdade significa alguma coisa para você, alguma coisa em particular?

- Uma equação algébrica.

- Isto é geral. Algo de particular?

- Não.

- Suponha que você o considere um par de linhas paralelas ?

- O quinto postulado de Euclides ? - sugeriu Davenport.

- bom! Há uma cratera chamada Euclides na Lua - o nome grego do matemático que chamamos Euclides.

Davenport concordou.

- Compreendo sua idéia. Para F/A o sentido de força dividido pela aceleração, a definição de massa da segunda lei do movimento de Newton...

- Sim, e há uma cratera chamada Newton na Lua também.

- Sim, mas espere um instante, o último item é o símbolo astronômico do planeta Urano, e não há seguramente nenhuma cratera - nem nenhum outro objeto lunar, que eu saiba - que tenha o nome de Urano.

- Você está certo. Mas, Urano foi descoberto por William Herschel, e o H que compõe parte do símbolo astronômico é a inicial de seu nome. Acontece que há uma cratera com o nome de Herschel na Lua - na verdade, três crateras, pois uma tem o nome de Caroline Herschel, sua filha, e a outra o de John Herschel, seu filho.

Davenport pensou um pouco, depois disse:

- PC/2 - Pressão vezes a metade da velocidade da luz. Eu não estou familiarizado com esta equação.

- Tente as crateras. Tente P de Ptolomeu e C de Copérnico.

- E a barra é a média? Isto significaria um ponto exatamente entre Ptolomeu e Copérnico ?

- Estou perplexo, Davenport - disse Ashley com mordacidade.

- Eu pensei que você soubesse mais história da astronomia. Ptolomeu, ou Ptolomaeus, em latim, apresentou um quadro geocêntrico do Sistema Solar, com a Terra no Centro, enquanto Copérnico apresentou um heliocêntrico, com o Sol no centro. Um astrônomo tentou um acordo, um quadro meio a meio, entre o de Ptolomeu e o de Copérnico.

- Tycho Brahe!- disse Davenport.

- Certo. E a cratera Tychos é das mais ilustres na superfície da Lua.

- Está bem. Vamos ao resto. O C-C é o modo usual de se escrever um tipo comum de união química, e acho que há uma cratera chamada União.

- Sim, com o nome de um astrônomo americano, W. C. Bond.

- O item no alto, XY2. Humm. XYY. Um X e dois Y. Espere! Alfonso X. Ele era o astrônomo real na Espanha medieval que era chamado Alfonso, o Sábio. X o Sábio. XYY.

A cratera Alphonsus.

- Muito bem. E SU?

- Esta me atrapalhou, chefe.

- Eu lhe falo sobre uma teoria. Quer dizer União Soviética, o antigo nome da Região Russa. Foi a União Soviética que fez os primeiros mapas do outro lado da Lua, e talvez haja uma cratera lá. Tsiolkovsky, por exemplo. Vê, então, os símbolos da esquerda podem todos ser interpretados como sendo crateras: Alphonsus, Tycho, Euclides, Newton, Tsiolkovsky, Bond, Herschel.

- E os símbolos do lado direito ?

- Isto é perfeitamente transparente. O círculo dividido é o símbolo astronômico da Terra. Uma seta apontando para ele indica que a Terra deve estar diretamente em frente.

- Ah, - disse Davenport - o Sinus Medii - a Baía Média - sobre a qual a Terra está perpetuamente no zênite. Não é uma cratera, de modo que está do lado direito, fora dos outros símbolos.

- Certo - confirmou Ashley. - As notações todas fazem sentido, ou pode-se dar-lhes sentido, de modo que há, pelo menos, alguma chance de que isto não seja um grupo de palavras sem nexo, e que ele tentou nos dizer alguma coisa. Mas o quê? Na medida em que temos sete crateras e uma não-cratera mencionadas, o que é que significa? Presume-se que o Invento só possa estar em um lugar.

- Bem, - disse Davenport lentamente - uma cratera pode ser um lugar grande demais para se procurar. Mesmo se admitirmos que ele tenha aumentado a sombra para evitar a radiação solar, poderemos ter que examinar dúzias de milhas em cada caso. Suponhamos que a seta apontando para o símbolo da Terra defina a cratera na qual ele escondeu o Invento, o lugar do qual a Terra pode ser vista mais perto do zênite.

- Já se pensou nisso, meu velho. Corta um lugar e nos deixa com sete crateras, a extremidade mais ao sul daquelas ao norte do esquadro lunar e a extremidade mais ao norte daquelas ao sul. Mas qual das sete?

Davenport franziu a testa. Até agora ele não pensara em nada que já não tivesse sido pensado.

- Procure em todas - disse ele bruscamente. Ashley caiu na risada.

- Nas semanas seguintes à descoberta do caso, fizemos exatamente isso.

- E o que é que acharam?

- Nada. Não encontramos nada. Ainda estamos procurando, entretanto.

- Obviamente um dos símbolos não está interpretado corretamente.

- Obviamente!

- O senhor mesmo disse que havia três crateras chamadas Herschel. O símbolo SU,

se significa União Soviética e portanto o outro lado da Lua, pode valer para qualquer cratera do outro lado: Lomonosov, Jules Verne, Joliot-Curie, qualquer uma delas. Por isto, o símbolo da Terra deve valer para a cratera Atlas, na medida em que ele é apresentado como suporte da Terra em algumas versões da mitologia. A seta pode querer dizer Straight Wall.

- Não é argumento, Davenport. Mas, mesmo que consigamos a interpretação correta do símbolo correto, como é que o reconhecemos entre todas as interpretações erradas, ou entre as interpretações certas de símbolos errados ? Deve haver alguma coisa que nos salte à vista, de algum modo, deste cartão, e nos dê uma informação tão clara que poderemos identificá-la imediatamente como a coisa certa. Nós todos falhamos e precisamos de uma cabeça fresca, Davenport. Que é que você vê ?

- Eu lhe digo uma coisa que poderíamos fazer - disse Davenport com relutância. - Podemos consultar alguém que eu... Oh, meu Deus! - Ele se levantou.

Ashley controlou a agitação imediatamente.

- Que é que você vê ?

Davenport sentia tremer as mãos. Esperava que os lábios não o fizessem, e falou:

- Diga-me, você verificou a vida passada de Jennings?

- Naturalmente.

- Onde é que ele fez a Faculdade ?

- Eastern University.

Um grito de alegria explodiu dentro de Davenport, mas se conteve. Isso não bastava.

- Fez algum curso de extraterrologia?

- Naturalmente que fez. É rotina de um estudante de geologia.

- Está bem; então, o senhor não sabe quem é que ensina extraterrologia na Eastern University?

Ashley estalou os dedos.

- Aquele gaiato. Qual é o nome dele? - Wendell Urth.

- Exatamente, um gaiato que é um homem brilhante a seu modo. Um gaiato que deu consultas para o Serviço em muitas ocasiões e nos satisfez perfeitamente todas as vezes. Um gaiato que eu ia sugerir que consultássemos desta vez, e então reparei que este cartão nos está dizendo para fazê-lo. Uma seta apontando para o símbolo da Terra. Um rebus que não podia significar nada mais claramente do que "Procurem Urth", escrito por um homem que fora aluno de Urth e que o conhecia.

Ashley olhou para o cartão.

- Meu Deus, é possível! Mas, o que é que Urth nos poderia dizer sobre o cartão que não podemos ver por nós mesmos?

Davenport disse, com paciência polida:

- Sugiro que lhe perguntemos, senhor.

Ashley olhou em volta curiosamente, encolhendo-se um pouco quando virava de uma direção para outra. Ele se sentiu como se estivesse dentro de uma loja de curiosidades antigas, escura e perigosa, de onde algum demônio podia saltar, gritando, a qualquer momento.

A luz era pouca e as sombras muitas. As paredes pareciam distantes, vivas e lúgubres, com livros do chão até o teto. Havia uma lente galáctica, em três dimensões, a um canto, e atrás dela cartas de estrelas que mal se podiam ler. Um mapa da Lua no outro canto podia, entretanto, ser um mapa de Marte.

Somente a mesa, no centro do quarto, era iluminada brilhantemente por uma lâmpada bem forte. Estava coberta de papéis e livros abertos. Um filme enfiado num pequeno visor, e um relógio de mostrador redondo, à moda antiga, vibrava suavemente com alegria.

Ashley sentiu-se incapaz de se lembrar que era dia lá fora e que o Sol já ia bem alto. Aqui dentro, era um lugar de noite eterna.

Não havia sinal de janela, e a presença do ar circundante lhe fez sentir uma sensação de claustrofobia.

Ele se notou aproximando-se de Davenport, que parecia insensível ao mal-estar da situação.

Davenport disse em voz baixa:

- Ele estará aqui num momento, senhor.

- É sempre assim? - perguntou Ashley.

- Sempre. Ele nunca sai deste lugar, tanto quanto eu saiba, exceto para atravessar o campus e ir às aulas.

- Cavalheiros! Cavalheiros! - exclamou uma voz rápida de tenor. - Estou tão contente de vê-los. Foi bom terem vindo.

Um homem, com físico arredondado, irrompeu do outro quarto, saindo da sombra e emergindo na luz.

Curvou-se diante deles, ajustando os óculos redondos, de lentes grossas. Quando os dedos o largaram, os óculos escorregaram imediatamente para uma posição precária na ponta redonda do nariz teimoso.

- Eu sou Wendell Urth.

- Cavalheiros! Foi bom terem vindo - repetiu Urth, enquanto se jogava numa cadeira, de onde ficava com as pernas balançando e as pontas dos pés a dois centímetros do chão.

- O Sr. Davenport se lembra, talvez, de que é uma questão - hum! - importante eu permanecer aqui. Não gosto de viajar, a não ser a pé, naturalmente, e um passeio pelo campus é o bastante para mim.

Ashley olhava contrariado, enquanto continuava de pé, e Urth olhou para ele, contrariando-se logo também. Apanhou o lenço, limpou os óculos, recolocou-os e disse.

- Oh, compreendo a dificuldade. Vocês querem cadeiras. Sim. Bem, peguem-nas. Se houver alguma coisa em cima, podem empurrá-las. Empurrem-nas. Sentem, por favor.

Davenport retirou os livros de uma cadeira e os colocou cuidadosamente no chão. Puxou a cadeira para perto de Ashley. Depois, apanhou uma caveira humana de uma segunda cadeira e a colocou, ainda com mais cuidado, sobre a mesa de Urth. As mandíbulas, mal amarradas, abriram-se quando ele a transferiu, e lá ficou a queixada torta.

- Não se importe, - disse Urth afàvelmente - não machucará. Agora, digam-me o

que desejam, cavalheiros?

Davenport esperou um momento para que Ashley falasse; depois, um tanto contente, começou:

- Dr. Urth, o senhor se lembra de um aluno seu chamado Jennings ? Karl Jennings ?

O sorriso de Urth desapareceu por um instante no esforço de se lembrar. Os olhos, protuberantes, piscaram.

- Não - disse finalmente. - Não no momento.

- Um estudante de geologia. Ele fez curso de extraterrologia alguns anos atrás. Tenho a fotografia dele aqui, se for de alguma ajuda.

Urth olhou a fotografia que lhe deram, concentrando-se, mas ainda parecia em dúvida. Davenport falou:

- Ele deixou uma mensagem oculta que é a chave de um assunto de grande importância. Não conseguimos interpretá-la satisfatoriamente, mas entendemos que indicava que devíamos falar com o senhor.

- Realmente? Que interessante! com que propósito vocês deveriam, procurar-me?

- Presumimos para nos aconselhar na interpretação da mensagem.

- Posso vê-la?

Silenciosamente, Ashley passou a tira de papel para Wendell Urth. O extraterrologista olhou para ela casualmente, virou-a, e olhou por um momento para o lado em branco.

- Onde é que diz para me perguntar?

Ashley ficou espantado, mas Davenport avançou, dizendo:

- A seta apontando para o símbolo da Terra. Parece claro.

- É claro que é uma seta apontando para o símbolo do planeta Terra. Suponho que podia significar literalmente "vá à Terra", se isto foi encontrado em algum outro mundo.

- Foi encontrado na Lua, Dr. Urth, e poderia significar isto, suponho. Entretanto, a referência ao senhor parecia clara desde que soubemos que Jennings havia sido seu aluno.

- Ele fez um curso de extraterrologia aqui na Universidade?

- Certo.

- Em que ano, Sr. Davenport?

- Em 18.

- Ah! A questão está resolvida.

- O senhor quer dizer o significado da mensagem? - disse

Davenport.

- Não, não. A mensagem não tem significação nenhuma para mim. Quero dizer, o motivo de eu não me lembrar dele, mas agora me lembro. Ele era um sujeito muito quieto, tímido, apagado - um tipo de pessoa de que ninguém se lembraria. Sem isto, - e ele bateu na mensagem - talvez nunca mais me lembrasse dele.

- Por que é que o cartão mudou a coisa? – perguntou Davenport.

- A referência a mim é um jogo de palavras. Earth - Urth. Não muito sutil, é claro, mas isto é Jennings. Seu prazer inatingível era o trocadilho. Minha única lembrança clara dele é esta: suas tentativas ocasionais em realizar trocadilhos. Eu gosto de trocadilhos, eu adoro trocadilhos, mas Jennings - sim, eu me lembro dele bem agora - era atroz com isto.

Ou atroz, ou terrivelmente óbvio, como neste caso.

Ele não tinha nenhum talento para trocadilhos, mas buscava-os tanto... Ashley interrompeu repentinamente.

- Esta mensagem consiste inteiramente num jogo de palavras, Dr. Urth. Pelo menos, assim o achamos, e isto se encaixa no que o senhor está dizendo.

- Ah! - Urth ajustou os óculos, olhou uma vez mais para o cartão e os símbolos. Apertou os lábios grossos e disse alegremente.

- Não vejo nada aqui.

- Neste caso... - começou Ashley, com as mãos fechando-se.

- Mas, se o senhor me falar sobre o que se trata, - Urth continuou - então, talvez possa significar alguma coisa...

Davenport disse rapidamente:

- Posso, senhor? Eu tenho confiança em que este homem pode ser... e isto pode ajudar.

- Vá em frente - murmurou Ashley. - Neste ponto, que mal pode fazer?

Davenport condensou a narração revelando-a em sentenças telegráficas, enquanto Urth o ouvia cuidadosamente, movendo os dedos rechonchudos sobre a mesa branca como leite, como se estivesse afastando cinzas de cigarros invisíveis. No fim do relato, encolheu as pernas e sentou-se com elas cruzadas, como um Buda.

Quando Davenport terminou, Urth pensou um momento, e disse:

- Por acaso tem uma transcrição da conversação reconstruída por Ferrant?

- Temos, disse Davenport. - O senhor gostaria de a ver?

- Por favor.

Urth colocou a tira de microfilme num escrutador e passou-o rapidamente, com os lábios movendo-se inintelegivelmente em alguns pontos. Então, bateu na reprodução da mensagem oculta.

- E isto, vocês dizem, é a chave para todo o assunto? A pista crucial?

- Achamos que sim, Dr. Urth.

- Mas, não é o original. É uma reprodução.

- É certo.

- O original foi levado pelo homem, Ferrant, e vocês acreditam que esteja nas mãos dos Ultras.

- Possivelmente.

Urth balançou a cabeça e pareceu confuso.

- Todo mundo sabe que não tenho simpatia pelos Ultras. Eu lutaria contra eles com todos os meios, por isso não quero que pareça que estou fugindo, mas - o que é que prova que este objeto afetador das mentes existe mesmo? Vocês têm apenas o delírio de um psicótico e suas deduções dúbias de uma reprodução de um conjunto misterioso de sinais que podem não significar nada absolutamente.

- Sim, Dr. Urth, mas não podemos arriscar-nos.

- Como é que vocês têm certeza que esta cópia é exata? E se o original tiver algo que falte aqui, alguma coisa que faça a mensagem clara, alguma coisa sem a qual a mensagem permanecerá impenetrável?

- Temos certeza que a cópia é exata.

- E o lado oposto? Não há nada no lado de trás da reprodução. E o reverso do original?

- O agente que fez a reprodução nos diz que o reverso do original estava em branco.

- Os homens podem errar.

- Não temos nenhuma razão para achar eme ê1 e errou, e precisamos trabalhar supondo que ele não tenha errado. Pelo menos, até o momento em que se recupere o original.

- Então, vocês me asseguram - disse Urth - que qualquer interpretação que deva ser feita desta mensagem, deve sê-lo baseada exatamente nisto que vemos aqui agora?

- Asseguramos. Estamos virtualmente certos - disse Davenport, perdendo a confiança.

Urth continuou a parecer confuso!

- Por que não deixar o instrumento onde ele está? Se nenhum dos grupos o encontrar, tanto melhor. Não concordo em influir nas mentes humanas e não contribuiria para tornar isso possível.

Davenport segurou o braço de Ashley, sentindo que ele iria falar. Davenport disse.

- Deixe-me dizer-lhe, Dr. Urth, que o aspecto de influir nas mentes não resume todo o Invento. Suponha que uma expedição da Terra fosse a um planeta distante e primitivo e deixasse cair um rádio antigo lá, e suponha que a população nativa descobrisse a corrente elétrica mas não houvesse ainda desenvolvido o tubo de vácuo.

- A população poderia descobrir que, se o rádio fosse ligado a uma corrente, certos objetos de vidro dentro dele ficariam quentes e brilhariam, mas naturalmente não ouviriam nenhum som inteligível, no máximo, apenas alguns zumbidos e estalos. Entretanto, se derrubassem o rádio dentro de uma banheira, enquanto estivesse ligado, uma pessoa dentro desta banheira seria eletrocutada. As pessoas deste planeta hipotético deveriam então concluir que o invento que estavam estudando era destinado somente a matar as pessoas?

- Compreendo sua analogia - disse Urth. - Pensa que a propriedade de interferir nas mentes é meramente uma função acidental do Invento?

- Estou certo disso - disse Davenport com segurança. - Se conseguirmos destrinchar sua verdadeira finalidade, a tecnologia terrestre pode dar um salto de séculos para a frente.

- Então, concorda com Jennings quando ele disse - aqui Urth consultou seu microfilme - "Pode ser a chave para - quem sabe o quê? Pode ser a pista para uma revolução científica inimaginável"?

- Exatamente!

- Mas, mesmo assim, o aspecto de interferir nas mentes permanece e é infinitamente perigoso. Qualquer que fosse o propósito do rádio, ele realmente eletrocuta.

- E é por isso que não podemos deixar que os Ultras o peguem.

- Ou então o governo, talvez ?

- Mas devo frisar que há um limite razoável para o cuidado. Considere que os

homens sempre carregaram o perigo nas mãos. A primeira faca de sílex na antiga Idade da Pedra; a primeira clava de madeira antes disto, podia matar. Podiam ser usadas para inclinar os homens fracos sob a vontade dos mais fortes com a ameaça da força, e isto, também, é uma forma de interferir nas mentes. O que conta, Dr. Urth, não é o próprio Invento, por mais perigoso que possa ser em abstrato, mas as intenções dos homens que fizerem uso do Invento. Os Ultras têm a intenção declarada de matar mais de 99,9 por cento da humanidade. O governo, quaisquer que sejam as faltas dos homens que o compõem, não teria tal intenção.

- Que é que o governo pretenderia!

- Um estudo científico do Invento. Mesmo o aspecto de interferência nas mentes poderia servir para o bem. Sendo utilizado com esclarecimento, poderia educar-nos sobre as bases físicas da função mental. Nós poderíamos aprender a corrigir as desordens mentais e curar os Ultras. A humanidade poderia aprender a desenvolver uma inteligência maior em geral.

- Como posso acreditar que tal idealismo será posto em prática?

- Acredito que sim. Considere que o senhor possibilite uma má ação do governo se o senhor nos ajudar, mas o senhor se arrisca a contribuir para um mau propósito, certo e declarado, dos Ultras, se não o fizer.

Urth concordou pensativamente.

- Talvez esteja certo. E, entretanto, ainda tenho um favor a pedir-lhes. - Tenho uma sobrinha que, acredito, gosta muito de mim. Está constantemente preocupada pelo fato de eu recusar sistematicamente a loucura de viajar. Afirma que não descansará enquanto eu não a acompanhar algum dia à Europa ou à Carolina do Norte ou a algum lugar distante...

Ashley debruçou-se ansiosamente, afastando o gesto restritivo de Davenport.

- Dr. Urth, se o senhor nos ajudar a encontrar o Invento e se ele funcionar, então lhe asseguro que ficaremos contentes em ajudá-lo a se libertar de sua fobia contra as viagens e possibilitar-lhe viagens com sua sobrinha para qualquer lugar que o senhor queira.

Os olhos esbugalhados de Urth se abriram e pareceu encolher-se dentro de si mesmo. Por um instante, olhou ferozmente em volta, como se já estivesse perdido.

- Não! - ofegou. - Absolutamente! Nunca! A voz transformou-se num sussurro rouco.

- Deixe-me explicar a natureza de meus honorários. Se os ajudar, se os senhores encontrarem o invento e aprenderem a usá-lo, se o fato de minha ajuda se tornar público, então minha sobrinha cairá sobre o governo com fúria. É uma mulher terrivelmente teimosa, com voz estridente, que levantará subscrições públicas e organizará demonstrações.

Não parará diante de nada. E, assim mesmo, vocês não devem ceder a ela. Vocês não podem! Precisam resistir a todas as pressões. Quero que me deixem em paz, exatamente como estou agora.

Ashley replicou:

- Sim, claro, desde que é seu desejo.

- Tenho sua palavra?

- Tem a minha palavra.

- Por favor, lembre-se, eu confio em você também, Sr. Davenport.

- Será como o senhor deseja - acalmou-o Davenport. - E, agora, presumo que o senhor pode interpretar os itens.

- Os itens? - perguntou Urth, parecendo focalizar a atenção com dificuldade sobre o cartão. - O senhor quer dizer estas marcas, XY2 e assim por diante?

- Sim. O que é que elas significam?

- Não sei. Suas interpretações são tão boas quanto qualquer outra, suponho.

Ashley explodiu.

- O senhor quer dizer que toda esta conversa de nos ajudar é tolice? O que foi este resmungo sobre honorários, então?

Wendell Urth pareceu confuso e retraiu-se.

- Gostaria de ajudá-los.

- Mas o senhor não sabe o que significam estes itens.

- Eu... eu não sei. Mas sei o que significa esta mensagem.

- Sabe?! - exclamou Davenport.

- Naturalmente. O significado é transparente. Eu suspeitei dela no meio de sua história. E estava seguro dela quando li a reconstituição das conversações entre Strauss e Jennings. Os senhores mesmos a compreenderiam, cavalheiros, se apenas parassem a pensar.

- Olhe aqui - disse Ashley exasperado. - O senhor disse que não sabe o que significam os itens.

- Não sei. Disse apenas que sei o que significa a mensagem.

- Qual é a mensagem, se não está nos itens? É o papel, pelo amor de Deus ?

- Sim, de certa forma.

- O senhor quer dizer tinta invisível ou algo assim?

- Não! Por que é tão difícil para os senhores compreenderem, quando estão à beira disso ?

Davenport aproximou-se de Ashley e disse em voz baixa:

- Senhor, deixe-me lidar com ele, por favor? Ashley bufou, e disse secamente:

- Vá em frente.

- Dr. Urth, - disse Davenport - o senhor poderia dar-nos sua análise!

- Ah! Bem, está bem.

O pequeno extraterrologista afundou-se na cadeira e limpou a testa molhada com a manga.

- Vamos considerar a mensagem. Se aceitarmos o círculo dividido em quadrados e a seta dirigida para mim, isto ainda deixa de fora sete itens. Se estes se referem mesmo a sete crateras, seis delas, no mínimo, devem estar designadas apenas para despistar, pois o Invento não pode estar seguramente em mais de um lugar. Ele não continha partes móveis ou destacáveis - era apenas uma peça. Então, também, nenhum dos itens é correto. SU podia, por sua interpretação, significar qualquer lugar do outro lado da Lua, que é uma área do tamanho da América do Sul. Também PC/2 pode significar "Tycho", como diz o Sr. Ashley, ou pode significar "metade do caminho entre Ptolomeu e Copérnico",

como pensou o Sr. Davenport, ou ainda "metade do caminho entre Plato e Cassini"! Para ser correto, X Y2 poderia significar "Alphonsus", interpretação muito engenhosa - mas poderia referir-se a algum sistema de coordenadas no qual Y fosse o quadrado da coordenada X. Do mesmo modo, C-C poderia significar "Bond" ou poderia significar "meio caminho entre Cassini e Copérnico". F/A poderia significar "Newton" ou então "entre Fabricio e Arquimedes".

Em resumo, os itens têm tantas significações que não apresentam sentido. Mesmo que um deles tivesse significação, não poderia ser selecionado entre os outros, de modo que só faz sentido supormos que todos os itens são apenas disfarces. É necessário, então, determinar o que é completamente não-ambíguo quanto à mensagem, o que é perfeitamente claro. A resposta para isto só pode ser que ele é uma mensagem, que é uma pista de um esconderijo. Esta é a única coisa de que temos certeza, não é?

Davenport concordou e disse cautelosamente:

- Pelos menos, pensamos que estamos seguros disto.

- Bem, vocês se referiram a esta mensagem como sendo a chave para todo o assunto. Agiram como se fosse a pista crucial. O próprio Jennings se referiu ao Invento como sendo uma chave ou uma pista. Se combinarmos esta visão séria do assunto com a tendência de Jennings a fazer trocadilhos, uma tendência que pode ter sido aperfeiçoada pelo Invento interferidor de mentes que ele estava carregando... Então, deixe-me contar-lhe uma história. Na segunda metade do Século XVI, vivia um jesuíta alemão em Roma. Era matemático e astrônomo de renome e ajudou o Papa Gregório XIII a reformar o calendário em 1582, realizando todos os enormes cálculos exigidos. Este astrônomo admirava Copérnico, mas não aceitava sua visão heliocêntrica do Sistema Solar. Apegava-se à crença antiga de que a Terra era o centro do Universo.

Em 1650, quase 40 anos depois da morte deste matemático, outro jesuíta, um astrônomo italiano, Giovanni Battista Riccioli, fez os mapas da Lua. Ele deu nomes de astrônomos do passado às crateras, e, como também rejeitava Copérnico, selecionou as maiores crateras, as mais espetaculares para aqueles que colocavam a Terra no centro do Universo - para Ptolomeu, Hiparco, Alfonso X, Tycho Brahe. A maior cratera que Riccioli encontrou reservou-a para seu predecessor alemão. Esta cratera é, na verdade, apenas a segunda maior cratera visível da Terra. A única cratera maior é Bailly, que está bem na sombra da Lua e é, portanto, muito difícil de ser vista da Terra. Riccioli ignorava isto, e seu nome foi dado por um astrônomo que viveu um século mais tarde e que foi guilhotinado durante a Revolução Francesa.

Ashley estava ouvindo tudo isto com impaciência.

- Mas, o que tem isto a ver com a mensagem?

- Por que tudo? - disse Urth com alguma surpresa - Vocês não chamaram esta mensagem de chave de todo o assunto? Não é a chave crucial?

- Sim, claro.

- Há alguma dúvida de que estamos lidando com algo que é uma pista ou chave de alguma coisa mais?

- Não, não há - disse Ashley.

- Bem, então. - O nome do jesuíta alemão do qual eu estive falando é Christoph

Klau - pronuncia-se klou. Vocês não vêem o trocadilho? - Klau - due?

Todo o corpo de Ashley pareceu desmoronar de desapontamento.

- Forçando - murmurou.

- Dr. Urth, não há nenhum relevo na Lua chamado Klau, tanto quanto eu saiba - disse Davenport ansiosamente.

- Claro que não - disse Urth com agitação. - Aí está toda a questão. Neste período da história, a última metade do Século XVI, os estudiosos europeus latinizavam os nomes. Klau também o fez. Em lugar do "u" alemão, ele usou a letra equivalente, o "v" latino. Depois acrescentou um "ius", terminação típica dos nomes latinos e Christoph Klau passou a ser Christopher Clavius, e eu suponho que todos vocês saibam da gigantesca cratera que chamamos de Clavius.

- Mas... - começou Davenport.

- Não me interrompa - disse Urth - Deixe-me apontar ainda que a palavra latina clavis significa "chave". Agora, vocês vêem o trocadilho duplo e bilíngüe?

Klau - clue. Clavius-clavis-chave. Em toda a sua vida Jennings não conseguiria fazer um trocadilho duplo e bilíngüe sem o Invento. Agora ele pôde, e eu acho que a sua morte foi quase triunfante para ele sob estas circunstâncias. E ele dirigiu vocês para mim, pois sabia que eu me lembraria de sua tendência para fazer trocadilhos, e porque sabia que eu os adorava também.

Os dois homens do Serviço estavam olhando para ele com os olhos arregalados.

Urth disse solenemente:

- Sugiro que procurem do lado da sombra de Clavius, no ponto em que a Terra está mais próxima do zênite.

Ashley levantou-se.

- Onde é que está seu videofone?

- No outro quarto.

Ashley desapareceu. Davenport recostou-se.

- O senhor tem certeza, Dr. Urth?

- Absoluta. Mas, mesmo que eu esteja errado, suspeito que não importa.

- O que é que não importa?

- Que vocês o encontrem ou não. Pois, se os Ultras encontrarem o Invento, eles serão provavelmente incapazes de usá-lo.

- Por que é que o senhor diz isso ?

- Você me perguntou se Jennings tinha sido aluno meu, mas não perguntou nunca sobre Strauss, que também era um geologista. Ele foi meu aluno um ano mais ou menos depois de Jennings. Eu bem me lembro dele.

- Oh!

- Um homem desagradável. Muito frio. É a marca dos Ultras, penso eu. Eles são todos muito frios, muito rígidos, muito seguros de si. Não podem comunicar-se, senão não falariam em matar bilhões de seres humanos. Quaisquer emoções que tenham são geladas, auto-absorventes, incapazes de vencer a distância entre dois seres humanos.

- Acho que compreendo.

- Tenho certeza que sim. A conversação reconstruída pelo delírio de Strauss nos

mostrou que ele não podia manipular o Invento. Faltava-lhe a intensidade emocional, ou o tipo de emoção necessária. Acho que acontece o mesmo com todos os Ultras. Jennings, que não era um Ultra, podia manipulá-lo. Qualquer um que pudesse usar o Invento seria incapaz de deliberada crueldade a sangue-frio, acho eu. Poderia agredir por pânico, como Jennings agrediu Strauss, mas nunca calculadamente, como Strauss tentou agredir Jennings. Em resumo, dizendo-o com simplicidade, acho que o Invento pode ser manejado pelo amor, mas nunca pelo ódio, e os Ultras não são nada sem o seu ódio. Davenport concordou.

- Espero que esteja certo. Mas então - por que suspeitava tanto dos motivos do governo, se o senhor sentiu que os homens errados não poderiam utilizar o Invento?

Urth deu de ombros.

- Eu queria ter certeza de que você podia blefar e racionalizar a seu modo, fazendo-se convincente e persuasivo. Afinal, podem ter que enfrentar minha sobrinha.

PREFÁCIO

Esta história traz-me lembranças mais agradáveis que a anterior. Na Vigésima-Quarta Convenção Mundial de Ficção Científica, feita em Cleveland no fim de semana do Dia do Trabalho, em 1966, eu fui um dos, que receberam um Hugo (o "Oscar" do reino da ficção científica), sob condições de grande satisfação para mim, e com a presença de minha esposa e de meus filhos na audiência. (Estou sorrindo tolamente de pura alegria ao lembrar isto enquanto escrevo.) A revista de ficção científica IF também ganhou um Hugo e seu editor saiu recolhendo promessas de outros ganhadores do Hugo para escreverem histórias para uma edição especial do Hugo. Eu precisaria ter tido um coração de obsidiano para não prometer - e o fiz.

Este é o resultado. É a única história que conheço que combina a forma do mistério com a Teoria Geral da Relatividade de Einstein.

A BOLA DE BILHAR

James Priss - suponho que deveria dizer Professor James Priss, embora todo o mundo certamente conheça a pessoa a quem me refiro mesmo sem o título - sempre falava vagarosamente.

Eu sei. Eu o entrevistei mui freqüentemente. Ele tinha a mente de maior capacidade desde Einstein, mas não funcionava rapidamente. Sempre admitia sua lentidão. Talvez porque tivesse uma capacidade tão grande é que ele trabalhava devagar. Dizia alguma coisa em lenta abstração, depois pensava e dizia algo mais. Mesmo sobre assuntos triviais, sua mente gigante pairava incertamente, dando um toque aqui e depois outro lá.

O Sol nasceria amanhã? eu posso imaginá-lo pensando. O que é que você quer dizer com "nasce"? Nós podemos ter certeza de que o amanhã virá? O termo "Sol" é completamente não-ambíguo nesta conexão?

Acrescente-se, a este hábito no falar, um semblante plácido, um tanto pálido, sem nenhuma expressão, a não ser um ar geral de incerteza; cabelos grisalhos, um tanto finos, bem penteados; roupa formal de corte invariavelmente conservador; e tem-se o que era o Professor James Priss - uma pessoa retraída, com completa falta de magnetismo.

É por isso que ninguém no mundo, a não ser eu mesmo, poderia supor que ele fosse assassino. Ê mesmo eu não estou seguro. Afinal, ele era um pensador lento; fora sempre um pensador lento. Era concebível que, num momento crucial, ele conseguisse pensar rapidamente e agir imediatamente?

Não importa. Mesmo que ele tivesse matado, ele acabara com isto. É muito tarde agora para tentar resolver as coisas, e eu não o conseguiria mesmo que decidisse deixar isto ser publicado.

Edward Bloom fora colega de sala de Priss na faculdade, e seu associado, pelas circunstâncias, por toda a geração seguinte. Eles tinham a mesma idade e a mesma

propensão para a vida de solteiro, mas eram opostos em tudo mais que importava.

Bloom era um facho vivo de luz; cheio de cor, alto, forte, barulhento e seguro de si. Tinha uma mente que parecia um golpe de meteoro pelo modo inesperado e repentino como podia apreender o essencial. Ele não era teórico, como Priss; Bloom não tinha também paciência para isto, nem a capacidade de concentrar o pensamento num único ponto abstrato. Ele o admitia e se vangloriava disso.

O que ele tinha mesmo era um modo fantástico de perceber a aplicação de uma teoria; de perceber a maneira pela qual podia ser colocada em uso. Num bloco fino de mármore de uma estrutura abstrata, ele via, sem aparente dificuldade, um projeto intrincado de um invento maravilhoso. O bloco se arrebentaria ao seu toque e revelaria o invento.

Havia uma história famosa, e não exagerada demais, de que tudo que Bloom construía não deixava jamais de funcionar, ou de ser patenteável ou aproveitável. No momento em que tinha 45 anos, era um dos homens mais ricos da Terra.

E, se Bloom, o Técnico, estava adaptado a um assunto particular, ele o estava ao modo de pensamento de Priss, o Teórico. Os maiores inventos de Bloom eram construídos sobre os maiores pensamentos de Priss, e, enquanto Bloom ficava rico e famoso, Priss ganhava um respeito fenomenal entre seus colegas.

Naturalmente, esperava-se que, quando Priss apresentasse sua Teoria dos Dois-Campos, Bloom estaria pronto imediatamente para construir o primeiro instrumento prático antigravitacional.

Meu trabalho era encontrar o interesse humano da Teoria dos Dois-Campos para os subscritores da Tele-News Press, e a gente consegue isto tentando lidar com seres humanos e não com idéias abstratas. Na medida em que meu entrevistado era o Professor Priss, isto não era fácil.

Naturalmente, eu ia perguntar-lhe sobre as possibilidades da antigravidade, que interessava a todo o mundo, e não sobre a Teoria dos Dois-Campos, que ninguém poderia entender...

- Antigravidade? - Priss apertou os lábios pálidos e considerou. - Eu não estou inteiramente certo de que é possível, ou que jamais será. Eu não trabalhei - hum - no assunto até minha inteira satisfação. Eu não vejo bem se as equações dos Dois-Campos teriam uma solução finita, que elas deveriam ter, naturalmente, se... - E então ele se perdia em meditação profunda.

Eu o provoquei.

- Bloom diz que acha que tal instrumento pode ser construído.

Priss concordou.

- Bem, sim, mas eu duvido. Ed Bloom tem tido uma habilidade interessante em ver o não-óbvio no passado. Ele tem uma mente extraordinária. Certamente isto o fez rico o bastante.

Nós estávamos sentados no apartamento de Priss. Classe-média comum. Eu não podia deixar de dar rápidas olhadelas aqui e ali. Priss não era próspero.

Não creio que tivesse lido meu pensamento. Viu meu olhar. Acho que estava em seu pensamento. Ele disse:

- A prosperidade não é a recompensa usual para um puro cientista. Nem mesmo particularmente desejável.

Talvez fosse assim, pensei. Priss tinha certamente seu tipo próprio de recompensa. Ele era a terceira pessoa na História a ganhar dois prêmios Nobel, e o primeiro a ter os dois em ciências e sem repartir com ninguém. Não se pode reclamar disto. E, se ele não era rico, também não era pobre.

Mas não parecia um homem contente. Talvez não fosse apenas a prosperidade de Bloom que entediava Priss; talvez fosse a fama de Bloom entre as pessoas da Terra em geral; talvez fosse o fato de que Bloom era uma celebridade aonde quer que fosse, enquanto que Priss, fora das convenções científicas e dos clubes de faculdades, era bastante anônimo.

Não posso dizer quanto disto estava nos meus olhos ou no modo pelo qual eu franzia a testa, mas Priss continuou a dizer:

- Mas nós somos amigos, sabe. Jogamos bilhar uma vez ou duas por semana. Eu o bato regularmente.

(Eu nunca publicara esta afirmação. Confirmei-a com Bloom, que fez uma longa contra-afirmação que começava assim: "Ele bate no bilhar. Aquele tolo..." - e ficou cada vez mais pessoal depois. Na verdade, nenhum dos dois era novato no bilhar. Eu os observei jogando uma vez durante algum tempo, depois da afirmação e da contra-afirmação, e ambos manejavam o taco com estilo profissional. Mas ainda, ambos jogavam pra valer, e não havia nenhuma amizade no jogo que eu pudesse ver.

- O senhor se importaria de predizer se Bloom conseguirá construir um instrumento antigravidade? - perguntei.

- Você quer dizer se eu me comprometeria de algum modo? Hum. Bem, vamos considerar, jovem. O que é que você quer dizer exatamente com antigravidade? Nossa concepção de gravidade é construída em torno da Teoria Geral da Relatividade de Einstein, que tem agora 150 anos, mas que, dentro de seus limites, continua firme. Podemos figurá-la...

Eu ouvia com polidez. Eu já ouvira Priss sobre este assunto antes, mas, se eu quisesse tirar alguma coisa dele - o que não era certo - tinha que deixá-lo trilhar o caminho a seu modo.

- Podemos figurá-la - disse ele - imaginando que o universo é uma folha lisa, fina, superflexível, de borracha inquebrável. Se figurarmos que a massa está associada ao peso, como o é na superfície da Terra, então podemos esperar que a massa, ficando sobre a folha de borracha, faça um corte. Quanto maior a massa, mais profundo o corte.

- No universo atual, - continuou - todos os tipos de massa existem, e nossa folha de borracha deve ser concebida crivada de cortes. Qualquer objeto rolando sobre a folha cairia dentro e sairia dos cortes pelos quais passava, virando e mudando de direção na medida em que o fizesse. É esta volta e esta mudança de direção que interpretamos como demonstrando a existência da força da gravidade. Se o objeto em movimento chegar perto o bastante do centro do corte e estiver movendo-se bem vagarosamente, fica preso, girando e girando em torno daquele corte. Na ausência do atrito, ele mantém este giro para sempre. Em outras palavras, o que Isaac Newton interpretou como força, Albert

Einstein interpretou como distorção geométrica.

Fez uma pausa nesse ponto. Estivera falando bem fluentemente

- para ele - desde que estava falando sobre algo do qual já falara antes muitas vezes. Mas, agora, começou a escolher o caminho.

Continuou:

- Então, ao tentar produzir antigravidade, nós estamos tentando alterar a geometria do universo. Se continuarmos com a nossa metáfora, estamos tentando alisar a folha de borracha cheia de cortes. Poderíamos imaginar-nos sob a massa contudente, levantando-a e suportando-a de modo a evitar que fizesse um corte. Se fizermos a folha de borracha plana assim, então criamos um universo - ou, pelo menos, uma porção do universo - no qual não existe gravidade. Um corpo rolando passaria a massa não-contudente, sem alterar sua direção nem um pouco, e poderíamos interpretar isto como significando que a massa não estava exercendo nenhuma força gravitacional. A fim de completar este feito, entretanto, nós precisamos de uma massa equivalente à massa contudente. Para produzir antigravidade na Terra deste modo, teríamos que fazer uso de uma massa igual à da Terra e equilibrá-la sobre nossas cabeças, por assim dizer.

Eu o interrompi.

- Mas sua Teoria dos Dois-Campos...

- Exatamente. A Relativade Geral não explica ambos os campos gravitacional e eletromagnético num conjunto único de equações. Einstein passou a metade de sua vida procurando este conjunto único - para uma Teoria de Campo Unificada - e falhou. Todos que seguiram Einstein também falharam. Eu, entretanto, comecei com a hipótese de que há dois campos que não podem ser unificados e segui as conseqüências, que posso explicar em parte, em termos, pela metáfora da " "folha de borracha".

Então, chegamos a um ponto sobre o qual eu não tinha certeza de ter ouvido falar antes.

- Como é que se passa? - perguntei.

- Suponha que, em vez de tentar levantar a massa contundente, nós tentemos endurecer a própria folha, fazê-la menos cortável. Ela se contrairia, pelo menos numa pequena área, e ficaria mais plana. A gravidade diminuiria, e também a massa, pois as duas são essencialmente o mesmo fenômeno em termos de universo cortante. Se conseguíssemos fazer a folha de borracha ficar completamente plana, tanto a gravidade quanto a massa desapareceriam juntas.

- Sob condições apropriadas, o campo eletromagnético poderia ser colocado em oposição ao campo gravitacional, e servir para endurecer a contextura cortante do universo.

O campo eletromagnético é tremendamente mais forte do que o campo gravitacional, de modo que se poderia fazer o primeiro ultrapassar o segundo.

Disse sem muita segurança:

- Mas, o senhor disse "sob condições apropriadas". Podem se conseguir estas condições apropriadas de que o senhor fala, professor?

- Isto é que eu não sei - disse Priss pensativo e vagarosamente. - Se o universo fosse realmente uma folha de borracha, sua dureza teria que atingir um valor infinito

antes que se pudesse esperar que ficasse completamente plana sob uma massa contundente. Se for assim também com o universo real, então seria necessário um campo eletromagnético infinitamente intenso e isto significaria que a antigravidade seria impossível.

- Mas Bloom diz...

- Sim, eu imagino que Bloom pensa que um campo finito bastará, se puder ser aplicado devidamente. Entretanto, por mais engenhoso que ele seja, - e Priss sorriu levemente - não precisamos achar que ele seja infalível. Sua apreensão da teoria é bem falha. Ele nunca recebeu seu diploma da faculdade, sabia?

Eu ia dizer que sabia. Afinal, todos sabiam. Mas havia um toque de ansiedade na voz de Priss quando disse isto, e eu olhei para cima a tempo de lhe perceber uma animação nos olhos, como se estivesse encantado de espalhar esta notícia. Então, balancei a cabeça como se estivesse anotando-a para uma referência futura.

- Então, o senhor diria, Professor Priss, - eu o provoquei novamente - que Bloom está provavelmente errado e que a antigravidade é impossível?

Finalmente, Priss meneou a cabeça.

- O campo gravitacional pode ser enfraquecido, naturalmente, mas, se por antigravidade queremos dizer um verdadeiro campo zero de gravidade - nenhuma gravidade sobre um volume significativo de espaço - então, suspeito que a antigravidade seja impossível, apesar de Bloom.

E eu tinha, de certo modo, o que queria.

Não consegui ver Bloom durante quase três meses depois disto, e, quando o vi, estava de mau humor.

Ele tinha ficado logo zangado, naturalmente, quando as primeiras notícias sobre a afirmação de Priss apareceram. Ele fez saber que Priss seria convidado para o primeiro desempenho eventual do instrumento antigravidade, assim que estivesse construído, e seria mesmo convidado a participar da demonstração. Algum repórter - eu não, infelizmente - o apanhou entre seus compromissos e lhe pediu para elaborar algo sobre isto, e ele disse:

- Eu terei o instrumento eventualmente; logo, talvez. E você pode estar lá, e também qualquer outra pessoa que a imprensa queira enviar para lá. E o Professor James Priss pode estar lá. Ele pode representar a Ciência Teórica e, após eu ter demonstrado a antigravidade, ele pode adaptar sua teoria para explicá-lo. Tenho certeza que ele saberá como fazer para adaptá-la com toda a mestria e mostrar exatamente porque eu não poderia ter falhado. Ele podia fazer isto agora e poupar tempo, mas acho que não o fará.

Foi tudo dito com muita polidez, mas percebia-se a briga sob o fluxo rápido de palavras.

Entretanto, continuou seu jogo ocasional de bilhar com Priss e, quando os dois se encontravam, comportavam-se com toda a propriedade. Podia-se saber do progresso que Bloom estava fazendo por suas atitudes respectivas em relação à imprensa. Bloom ficava rude e sarcástico, enquanto Priss desenvolvia crescente bom humor.

Quando meu milésimo pedido de entrevista com Bloom foi finalmente atendido, pensei que talvez isso significasse uma interrupção na investigação de Bloom. Eu sonhei

um pouco que ele fosse anunciar o sucesso final para mim.

As coisas não se passaram assim. Ele me encontrou em seu escritório nas Empresas Bloom, em Nova York. Era um estabelecimento maravilhoso, bem longe de qualquer área povoada, com uma paisagem elaborada e cobrindo uma área tão grande quanto uma grande indústria. Edison, no auge, dois séculos atrás, jamais tinha sido tão bem sucedido aparentemente quanto Bloom.

Mas Bloom não estava de bom humor. Ele veio com passos largos, dez minutos atrasado, e passou brigando pela mesa da secretária com um ligeiro aceno em minha direção. Ele estava usando um capote de laboratório, desabotoado. Ele se jogou em sua cadeira e disse:

- Desculpe-me se o mantive à minha espera, mas não tive tanto tempo quanto esperava ter. - Bloom era um showman nato, e sabia muito bem antagonizar a imprensa, mas eu notei que ele estava sentindo grande dificuldade naquele momento em demonstrá-lo.

Fiz a suposição óbvia.

- Acho que compreendi, senhor, que seus testes recentes têm sido mal sucedidos.

- Quem lhe disse isso?

- Eu diria que é do conhecimento geral, Sr. Bloom.

- Não, não é. Não diga isso, jovem. Não há conhecimento em geral sobre o que se passa em meus laboratórios e oficinas. O senhor está afirmando as opiniões do Professor, não está? De Priss, quero dizer.

- Não, eu não...

- Claro que está. Não foi para o senhor que ele fez aquela afirmação - que antigravidade é impossível?

- Ele não fez a afirmação assim tão peremptòriamente.

- Ele nunca diz nada peremptòriamente, mas o era bastante para ele, e não tanto quanto eu terei seu maldito universo de folha de borracha, antes que eu acabe.

- Então, isto significa que o senhor está fazendo progressos, Sr. Bloom?

- O senhor sabe que estou - disse ele com um estalo. - Ou o senhor deveria saber. Não estava na demonstração na semana passada?

- Sim, eu estava.

Julguei que Bloom estivesse em dificuldades, ou ele não mencionaria aquela demonstração. Funcionou, mas não era um recorde mundial. Entre dois pólos magnéticos, foi produzida uma região de menor gravidade.

Fora feito com muita inteligência. Uma balança Móssbauer Effect fora usada para provar o espaço entre os pólos. Se nunca viram uma balança M-E em ação, ela consiste preliminarmente num raio monocromático de raios gamas lançado no campo de baixa gravidade. O comprimento de onda dos raios gama muda ligeiramente, mas sob medida, sob a influência do campo gravitacional, e se nada acontecer para alterar a intensidade do campo, a mudança do comprimento de onda varia de modo correspondente.

É um método extremamente delicado para testar um campo gravitacional e tudo funcionou como por encanto. Não havia dúvida que Bloom abaixara a gravidade.

O problema é que isto já fora feito por outros. Bloom, para dizer a verdade, fizera

uso de circuitos que aumentavam imensamente a facilidade com que se conseguia este efeito - seu sistema era tipicamente engenhoso e tinha sido devidamente patenteado - e ele afirmava que era através deste método que a antigravidade se tornaria não apenas uma curiosidade científica, mas um assunto prático com aplicações industriais.

Talvez. Mas era um trabalho incompleto e ele, normalmente, não fazia alvoroço diante de algo incompleto. Ele não teria feito isto desta vez, se não estivesse desesperado para apresentar algo. Eu disse:

- A minha impressão é que o que o senhor conseguiu naquela demonstração preliminar foi 0,82g, e melhor do que isto foi conseguido no Brasil na primavera passada.

- Realmente? Bem, calcule o consumo de energia no Brasil e aqui, e depois diga-me a diferença de queda de gravidade por quilowatt-hora. O senhor ficará surpreso.

- Mas a questão é: pode-se alcançar o g-zero de gravidade? Isto é o que o Professor Priss acha ser impossível. Todo o mundo concorda em que, apenas diminuir a intensidade do campo não é um grande feito. - Bloom cerrou os punhos. Eu tive a sensação de que uma experiência-chave tinha falhado naquele dia e que ele estava aborrecido de modo quase insuportável. Bloom odiava ser frustrado pelo Universo.

Ele prosseguiu.

- Os teoricistas dão-me engulhos. - Ele falou em voz baixa e dominada, como se estivesse finalmente cansado de não o dizer, e desabafou. - Priss ganhou dois Prêmios Nobel por divagar em torno de algumas equações, mas o que foi que ele fez com isso? Nada! Eu fiz algo com isto e Vou fazer mais ainda, quer Priss goste ou não.

- É de mim que se vão lembrar. Sou eu que ganho os créditos. Ele pode guardar seu maldito título, seus Prêmios e seus créditos de estudioso. Ouça, vou-lhe dizer o que o aflige. Simples ciúme fora de moda. O que o mata é que eu consigo o que tenho fazendo-o. Ele o quer pensando.

- Eu disse-lhe uma vez: - Nós jogamos bilhar juntos, sabe... Foi neste ponto que eu revelei a afirmação de Priss sobre o bilhar e consegui a contra-afirmação de Bloom. Nunca publiquei nenhuma das duas. Seria muito vulgar.

- Nós jogamos bilhar, - disse Bloom, quando já tinha esfriado um pouco - e eu ganhei minhas partidas. Nós mantemos as coisas amigavelmente. Que diabo - companheiros de Faculdade e tudo isto - embora, como ele a terminou, eu nunca saberei. Ele saiu-se bem em física e em matemática, naturalmente, mas conseguiu um grau apenas passável - de pena, eu acho - em todos os cursos de humanidade que fez.

- O senhor não tirou seu diploma, tirou, Sr. Bloom? - Isto era pura maldade de minha parte. Eu estava gozando a erupção dele.

- Eu desisti para fazer negócios, maldição! Minha média escolar, durante os três anos que freqüentei, foi B forte. Não imagine nada mais, ouviu? Inferno, na época em que Priss tirou seu Ph.D., eu estava ganhando meu segundo milhão. Ele continuou, claramente irritado:

- De qualquer modo, estávamos jogando bilhar e eu disse para ele: "Jim, o homem médio jamais compreenderá por que você ganha o Prêmio Nobel enquanto sou eu que consigo os resultados. Por que precisa de dois? Dê-me um!" Ele ficou ali, passando giz no taco, e depois falou com seu modo macio e afetado. "Você tem dois bilhões, Ed. Dê-me

um." Como vê, ele quer dinheiro.

- Será que o senhor não se importa de ele ter as honras? - indaguei.

Por um instante, eu pensei que ia mandar-me embora, mas não o fez. Riu, acenou a mão em frente de si, como se estivesse apagando alguma coisa de um quadro-negro invisível em frente dele.

- Oh, bem, esqueça isso. Tudo isso está fora. Ouça, o senhor quer uma afirmação? Está bem. As coisas não estão bem hoje e descontrolei-me um pouco, mas Vou esclarecer tudo. Acho que sei o que está errado. E, se não o sei, Vou sabê-lo.

- Veja, o senhor pode dizer que eu digo que não precisamos de intensidade eletromagnética infinita; nós vamos aplanar a folha de borracha; nós vamos ter gravidade zero. E, quando o conseguirmos, teremos a demonstração mais fantástica que o senhor já viu, exclusivamente para a imprensa e para Priss, e o senhor será convidado.

E o senhor pode dizer que não demorará muito. Está bem?

- Está bem!

Eu tive tempo, depois disso, de ver cada homem uma ou duas vezes mais. Vi mesmo os dois juntos quando estive presente a um de seus jogos de bilhar. Como eu disse antes, ambos eram bons.

Mas a chamada para a demonstração não veio tão rapidamente assim. Chegou quando faltavam seis semanas para completar um ano que Bloom havia me dado a afirmação.

E nisto talvez fosse injusto esperar um trabalho mais rápido.

Tive um convite gravado, especial, com a garantia de participação num coquetel. Bloom nunca fazia as coisas pela metade e ele estava planejando ter um grupo alegre e satisfeito de repórteres à mão. Havia um arranjo com a TV tridimensional também. Bloom sentia-se completamente confiante, naturalmente; confiante o bastante para querer lançar a demonstração em todas as casas vivas do planeta.

Eu chamei o Professor Priss, para ter certeza de que ele tinha sido convidado também. Fora.

- O senhor pretende comparecer?

Houve uma pausa e o rosto do professor na tela era um estudo de relutância insegura.

- Uma demonstração deste tipo é ainda mais inconveniente quando um assunto científico sério está em jogo. Eu não gosto de encorajar estas coisas.

Eu estava com medo que ele se isentasse, e a dramaticidade da situação seria muito diminuída se ele não estivesse lá. Mas, então, talvez ele decidisse que não ousava bancar o covarde diante do mundo. com um desgosto óbvio disse:

- Naturalmente, Ed. Bloom não é um verdadeiro cientista, e ele precisa ter seu lugar ao sol. Estarei lá.

- O senhor acha que o Sr. Bloom pode produzir a gravidade zero?

- Hum... Sr. Bloom enviou-me uma cópia do projeto de seu invento e... não estou certo. Talvez o possa fazer, se... hum... ele diz que pode fazê-lo. Naturalmente, - ele parou novamente por um longo tempo - eu acho que gostaria de vê-lo...

Eu também, e também muitos outros.

O palco estava impecável. Todo um andar do edifício principal das Empresas Bloom - aquele no alto do morro - estava iluminado. Havia os coquetéis prometidos e uma apresentação esplêndida de hors d"oeuvres, de música suave e luzes, um Edward Bloom cuidadosamente vestido e inteiramente jovial, funcionando como o perfeito anfitrião, enquanto um grande número de subalternos polidos e discretos serviam de criados. Tudo era simpatia e alegre confiança.

James Priss estava atrasado, e peguei Bloom olhando pelos cantos da multidão e começando a ficar um pouco triste. Então Priss chegou, arrastando um volume sem cor, uma monotonia que não se casava com o barulho e o esplendor absoluto (nenhuma outra palavra podia descrevê-lo - ou então eram os dois martinis agindo dentro de mim) que enchiam a sala.

Bloom o viu e seu rosto se iluminou imediatamente. Ele se lançou pela sala, agarrou a mão do homenzinho e o arrastou para o bar.

- Jim! Que bom ver você! O que é que você vai tomar? Que inferno, homem, eu o teria chamado se você não aparecesse. Não posso fazer tudo isto sem a estrela, sabe.

- Ele apertou a mão de Priss. - É a sua teoria, sabe? Nós, pobres mortais, não podemos fazer nada sem que vocês poucos, vocês poucos, poucos malditos no mostrem o caminho.

Ele estava efervescente, fazendo lisonjas, pois o podia agora. Estava engordando Priss para a matança.

Priss tentou recusar um drinque, com um tipo de murmúrio, mas um copo foi enfiado em sua mão e Bloom elevou a voz como um touro.

- Cavalheiros! Um momento de silêncio, por favor. Para o Professor Priss, a maior inteligência depois de Einstein, duas vezes laureado com o Prêmio Nobel, pai da Teoria dos Dois-Campos, e inspirador da demonstração que vamos ver - mesmo se ele não acreditasse que funcionaria, e teve a coragem de dizê-lo publicamente.

Houve um certo riso contido que logo desapareceu, e Priss parecia tão carrancudo quanto podia parecer.

- Mas, agora que o Professor Priss está aqui, disse Bloom - e nós fizemos nossos brindes, vamos a ela. Sigam-me, cavalheiros!

A demonstração era num local muito mais elaborado do que o anterior. Desta vez, era no último andar do edifício. Diferentes ímãs estavam envolvidos - menores, meu Deus - mas, tanto quanto eu podia perceber, com a mesma balança M-E no local.

Uma coisa, entretanto, era nova, e surpreendeu todo o mundo, atraindo a atenção mais do que qualquer coisa na sala. Era uma mesa de bilhar, colocada sob um dos pólos do ímã. Debaixo dela estava o outro pólo. Um buraco redondo, com cerca de 25 em de diâmetro, se estampava bem no centro da mesa e era óbvio que o campo zero de gravidade, se fosse produzido, seria produzido através daquele buraco no centro da mesa de bilhar.

Era como se toda a demonstração tivesse sido destinada, de modo supra-realista, a marcar a vitória de Bloom sobre Priss. Esta seria uma outra versão de sua constante competição de bilhar, e Bloom ia ganhar.

Eu não sei se os outros homens de imprensa interpretaram as coisas deste modo,

mas acho que Priss o fez. Eu me virei para olhar para ele, e vi que ainda segurava o drinque que lhe puseram na mão. Ele raramente bebia, eu sabia, mas agora levantara o copo até os lábios e o esvaziou em dois goles. Fitou aquela bola de bilhar, e eu não precisei de nenhum talento de espião para perceber que tomava aquilo como uma bofetada de propósito.

Bloom nos levou até os 20 assentos que circundavam os três lados da mesa, deixando o quarto livre como área de trabalho. Priss foi cuidadosamente escoltado para o lugar que tinha a visão mais conveniente. Priss olhou rapidamente para as câmaras tridimensionais, que estavam funcionando agora. Imagino que ele estivesse pensando em partir, mas decidiu que não o podia fazer diante do olhar do mundo.

Essencialmente, a demonstração era simples; era a produção que contava. Havia mostradores à vista que mediam o consumo de energia. Havia outros que transferiam as leituras da Balança M-E para uma posição e um tamanho que fossem visíveis para todos. Tudo fora arrumado para facilitar a visão tridimensional.

Bloom explicou cada passo de um modo genial, com uma ou duas pausas, nas quais ele se voltava para Priss para uma confirmação que devia ser dada. Ele não o fez com freqüência bastante para torná-lo óbvio, mas apenas o suficiente para levar Priss ao ponto crucial de seu tormento. De onde eu estava sentado, eu olhava através da mesa e via Priss do outro lado.

Ele tinha a aparência de um homem padecendo no Inferno.

Como todos nós sabemos, Bloom foi bem sucedido. A Balança M-E mostrou que a intensidade gravitacional ia diminuindo firmemente enquanto o campo eletromagnético se ia intensificando. Houve saudações quando ela caiu abaixo da marca de 0,52 g. Uma linha vermelha indicava isto no mostrador.

- A marca 0,52 g, como sabem - disse Bloom com confiança - representa o recorde anterior na diminuição da intensidade gravitacional. Nós estamos agora abaixo disto, com um gasto de eletricidade menor que dez por cento do gasto feito no momento em que aquela marca foi feita. E vamos descer ainda mais.

Bloom - pensei deliberadamente, por causa do suspense - diminuiu a velocidade da queda até o fim, deixando que as câmaras tridimensionais deslizassem para a frente e para trás entre a mesa de bilhar e o mostrador no qual a leitura da Balança M-E estava diminuindo.

Bloom disse repentinamente:

- Cavalheiros, os senhores encontrarão óculos escuros na bolsa ao lado de cada cadeira. Por favor, usem-nos agora. O campo zero de gravidade será estabelecido logo e irradiará uma luz rica em ultravioleta.

Ele também pôs óculos, e houve um ruído momentâneo, enquanto os outros também os colocavam...

Eu acho que ninguém respirou no último minuto, quando o mostrador caiu para zero e lá ficou. E, logo que isto aconteceu, um cilindro de luz surgiu de um pólo a outro através do buraco na mesa de bilhar.

Houve um fantasma de 20 suspiros nesse momento. Alguém perguntou:

- Senhor Bloom, qual a razão desta luz?

- É característica do campo zero de gravidade - disse Bloom brandamente, o que não era resposta, é claro.

Os repórteres estavam agora de pé, amontoando-se em torno da beirada da mesa. Bloom acenou para que eles saíssem.

- Por favor, cavalheiros, mantenham-se afastados!

Apenas Priss permaneceu sentado. Parecia perdido em pensamentos e tive certeza, desde então, que eram os óculos que obscureciam a significação possível de tudo que se seguiu. Não lhe vi os olhos. E isto significava que nem eu nem ninguém podíamos começar a adivinhar o que é que se estava passando atrás daqueles olhos. Bem, talvez nós não pudéssemos fazer tal adivinhação, mesmo que os óculos não estivessem ali, mas quem o pode dizer?

Bloom aumentava agora a voz.

- Por favor! A demonstração ainda não acabou. Até agora, apenas repeti o que já fiz antes. Eu agora produzi um campo zero de gravidade e mostrei que isto pode ser feito praticamente. Mas quero demonstrar algo do que este campo pode fazer. O que nós vamos ver, em seguida, será alguma coisa que nunca foi vista, nem mesmo por mim. Não fiz experiências nesta direção, como eu gostaria de ter feito, pois acho que o Professor Priss merecia a honra de...

Priss levantou os olhos com ferocidade.

- O que - o que...

- Professor Priss, - disse Bloom sorrindo largamente - gostaria que o senhor realizasse a primeira experiência envolvendo a interação de um objeto sólido com um campo zero de gravidade. Notem que o campo foi formado no centro de uma mesa de bilhar. O mundo conhece sua fenomenal habilidade no bilhar, professor, um talento apenas superado pela sua atitude interessante em física teórica. O senhor não quer lançar uma bola de bilhar no volume zero de gravidade?

Ansiosamente, oferecia uma bola e um taco ao professor. Priss, com os olhos ocultos pelos óculos, olhava para ele e somente muito devagar e com muita incerteza se levantou para apanhá-los.

Imagino o que os olhos dele revelavam. Imagino, também, quanto da decisão para conseguir que Priss jogasse bilhar na demonstração fora devido à raiva de Bloom sobre as observações de Priss quanto aos seus jogos periódicos, as informações que eu lhe dera. Estaria eu sendo responsável, de algum modo, pelo que se seguiu?

- Venha, levante-se, professor, - disse Bloom - e deixe-me sentar em seu lugar. O espetáculo é seu de agora em diante. Vá em frente.

Bloom se sentou, e ainda falou, com uma voz que se parecia cada vez mais com o som de um órgão.

- Uma vez que o Professor Priss envie a bola dentro do volume de gravidade zero, não mais será afetada pelo campo gravitacional da Terra. Ela ficará realmente sem movimento, enquanto a Terra gira em torno de seu eixo e em torno do Sol. Nesta latitude, e neste momento do dia, calculei que a Terra, com seus movimentos, cairá.

Nós iremos com ela e a bola permanecerá da mesma forma. Para nós, parecerá que ela subiu e se afastou da superfície da Terra. Observem.

Priss parecia permanecer em frente da mesa, paralisado. Era surpresa? Espanto? Não sei. Nunca saberei. Ele fez um movimento para interromper o pequeno discurso de Bloom, ou ele estava apenas sofrendo com relutância por ter que desempenhar o papel desonroso ao qual estava sendo forçado por seu adversário?

Priss virou-se para a mesa de bilhar, olhando primeiro para ela e depois para Bloom. Todos os repórteres estavam de pé, amontoando-se na maior proximidade possível para terem boa visão. Apenas o próprio Bloom permanecia sentado, sorrindo e isolado. Ele naturalmente não estava observando nem a mesa, nem a bola, nem o campo de gravidade zero. Na medida em que eu podia ver através dos óculos, ele estava observando Priss.

Priss virou-se para a mesa e colocou a bola. Ele ia ser o agente que iria trazer o triunfo final e dramático para Bloom e iria fazer de si mesmo - o homem que dissera que isto não podia ser feito - o bode expiatório para ser gozado para sempre.

Talvez ele sentisse que não havia meio de sair disto. Ou talvez...

Com uma batida segura do taco, colocou a bola em movimento. Ela não ia depressa, e todos os olhos a seguiam. Ela bateu no lado da mesa e carambolou. Ela ia agora ainda mais devagar como se o próprio Priss quisesse aumentar o suspense e fazer o triunfo de Bloom mais dramático.

Eu tinha uma visão perfeita, pois estava do lado da mesa oposto a Priss. Eu via a bola movendo-se em direção ao brilho do campo de gravidade zero e, além disto, via as partes de Bloom sentado que não estavam encobertas por este brilho.

A bola se aproximou do volume de gravidade zero, pareceu ficar dependurada na beira por um momento, e depois desapareceu, com um golpe de luz, o barulho de um trovão e o cheiro repentino de roupa queimada.

Gritamos. Todos nós gritamos.

Eu tinha visto a cena na televisão - juntamente com o resto do mundo. Posso me ver no filme durante o período de 15 segundos de feroz confusão, mas não reconheço meu rosto, na verdade.

Quinze segundos!

E então descobrimos Bloom. Ele ainda estava sentado na cadeira, com os braços cruzados, mas havia um buraco do tamanho de uma bola de bilhar no braço, no peito e nas costas. A maior parte de seu coração, como apareceu depois durante a autópsia, tinha sido nitidamente perfurada.

Eles desligaram o instrumento. Chamaram a polícia. Arrastaram Priss, que estava num estado de total colapso. Eu não estava muito melhor, para dizer a verdade, e se qualquer repórter presente à cena algum dia tentou dizer que permanecera como puro observador daquela cena, é um mentiroso frio.

Foi alguns meses antes de eu ver Priss novamente. Ele havia perdido algum peso, mas parecia bem por outro lado. Na verdade tinha as faces coloridas e um ar de decisão.

Ele estava mais bem vestido do que nas outras vezes em que o vi.

- Eu sei o que aconteceu agora. Se eu tivesse tido tempo para pensar, eu o teria sabido então. Mas eu sou um pensador lento, e o pobre Ed Bloom estava tão empenhado em apresentar um grande espetáculo e fazia-o tão bem que me arrastou com ele. Naturalmente, tenho tentado compensar alguns dos prejuízos que causei sem querer.

- O senhor não pode trazer Bloom de volta à vida? - disse eu sòbriamente.

- Não, não posso - disse ele também sòbriamente. - Mas, há as Empresas Bloom para serem cuidadas. O que aconteceu na demonstração, sob a vista geral do mundo, foi o pior aviso possível para a gravidade zero, e é importante que se esclareça toda a história. É por isso que eu pedi para vê-lo.

- Sim?

- Se eu tivesse sido um pensador mais rápido, teria sabido que Ed estava falando sobre pura tolice, quando disse que a bola de bilhar iria levantar-se vagarosamente no campo de gravidade zero. Não podia ser assim! Se Bloom não tivesse desprezado tanto a teoria, se não estivesse tão decidido a orgulhar-se de sua ignorância da teoria, ele mesmo o teria sabido.

- O movimento da Terra, afinal, não é o único movimento envolvido, jovem. O próprio Sol se move numa imensa órbita em torno do centro da Via Láctea. E a Galáxia se move, também, de algum modo não muito claramente definido. Se a bola de bilhar estava submetida à gravidade zero, podia-se pensar que ela não estaria afetada por nenhum destes movimentos e, que, portanto, cairia repentinamente num estado de repouso absoluto - quando não existe nada como repouso absoluto.

Priss balançou a cabeça vagarosamente.

- O problema com Ed, acho, foi que ele pensava no tipo de gravidade zero que se consegue numa espaçonave em queda livre, quando as pessoas flutuam no espaço. Ele esperava que a bola flutuasse no ar. Entretanto, numa espaçonave, a gravidade zero não é o resultado de uma ausência de gravidade, mas apenas o resultado de dois objetos, uma nave e um homem dentro da nave, caindo na mesma velocidade, respondendo à gravidade precisamente da mesma forma, de modo que cada um fica sem movimento em relação ao outro.

- No campo de gravidade zero produzido por Ed, havia um aplainamento da folha de borracha do Universo, o que significa uma perda real de massa. Tudo, neste campo, incluindo as moléculas do ar dentro dele, e a bola de bilhar que eu joguei dentro, estava completamente sem massa, durante todo o tempo que ali ficasse. Um objeto completamente sem massa pode mover-se em apenas uma direção.

Fez uma pausa, convidando-me a perguntar.

- Que movimento seria?

- Movimento na velocidade da luz. Qualquer objeto sem massa, tal como um neutrônio com um fóton, deve viajar na velocidade da luz, desde que exista. De fato, a luz se move nesta velocidade somente porque é feita de fótons. Na medida em que a bola de bilhar entrou no campo de gravidade zero e perdeu sua massa, ela também assumiu a velocidade da luz imediatamente e partiu.

Meneei a cabeça.

- Mas não recupera a massa quando sai do volume de gravidade zero ?

- Certamente, e imediatamente começa a ser afetada pelo campo gravitacional e a diminuir a velocidade em resposta ao atrito do ar e da mesa de bilhar. Mas, imagine quanto atrito seria necessário para parar um objeto com a massa de uma bola de bilhar à velocidade da luz. Ela atravessou a espessura de cem milhas de nossa atmosfera num

milésimo de segundo e, duvido que tenha tido sua velocidade diminuída mais do que algumas poucas milhas por segundo ao fazer isto, algumas milhas em 186,282.

No caminho ela chamuscou a mesa de bilhar, rompeu a beirada, nitidamente, atravessou o pobre Ed e também a janela, formando círculos nítidos, pois ela passou através das coisas, antes que estas, mesmo tão frágeis quanto o vidro, tivessem tido tempo de rachar e estilhaçar.

- Foi uma sorte extrema estarmos todos no último andar de um edifício em área afastada. Se estivéssemos na cidade, poderia ter atravessado grande número de edifícios e matado muita gente. Agora, aquela bola de bilhar está longe no espaço, muito além do sistema solar, e continuará a viajar assim para sempre, à velocidade da luz aproximadamente até que bata em um objeto maior capaz de pará-la. E então provocará uma cratera considerável.

Pensei naquilo e não estava certo de ter gostado.

- Como é possível? A bola de bilhar entrou no volume de gravidade zero quase parada. Eu a vi. E o senhor diz que ela partiu com uma quantidade incrível de energia cinética. De onde vem tal energia?

Priss levantou os ombros.

- De parte alguma! A lei de conservação de energia apenas existe sob condições nas quais a relatividade geral é válida, isto é, em um universo de folha de borracha recortada. Toda vez que os cortes forem aplainados, a relatividade geral já não funciona, e a energia pode ser criada e destruída livremente. Isto se deve à radiação ao longo da superfície cilíndrica do volume de gravidade zero. Aquela radiação, lembra-se, que Bloom não explicou, e, temo eu, não podia explicar. Se ele ao menos tivesse experimentado mais antes; se ele apenas não tivesse sido tão tolamente ansioso para fazer seu espetáculo...

- A que se deve a radiação, professor?

- Às moléculas de ar dentro do volume. Cada uma assume a velocidade da luz e sai a toda força. São apenas moléculas, não bolas de bilhar, assim são freadas; mas a energia cinética de seu movimento é convertida em radiação energética. É contínua, pois novas moléculas estão sempre entrando e assumindo a velocidade da luz.

- Então, a energia está sendo criada continuamente?

- Exatamente. E é isto que precisamos deixar claro para o público. A antigravidade não é primariamente um instrumento para levantar espaçonaves ou revolucionar o movimento mecânico. Antes, é a fonte de suprimento sem fim de energia livre, na medida em que a energia produzida pode ser desviada para manter o campo que mantém esta porção do Universo plana. O que Ed Bloom inventou, sem o saber, não foi apenas antigravidade, mas a primeira máquina do movimento perpétuo de primeira classe - aquela que cria energia do nada... Falei com lentidão:

- Qualquer um de nós poderia ter sido morto pela bola de bilhar, não é, Professor? Ela podia ter saído em qualquer direção.

- Bem, os fótons sem massa emergem de qualquer fonte de luz à velocidade da luz em qualquer direção; é por isso que uma vela espalha luz em todas as direções. As moléculas de ar sem massa saem do volume de gravidade zero em todas as direções, e é por isto que todo o cilindro irradia. Mas, a bola de bilhar era um objeto único.

Ela poderia ter saído em qualquer direção, mas tinha que sair em alguma direção, escolhida ao azar, e a direção escolhida aconteceu de ser aquela que apanhou Ed.

Era isso. Todo o mundo sabe das conseqüências. A humanidade tinha a energia livre e assim temos o mundo que temos agora. O Professor Priss foi encarregado de seu desenvolvimento pela direção das Empresas Bloom, e com o tempo ficou tão rico e tão famoso quanto Edward Bloom o fora. E Priss ainda tinha dois Prêmios Nobel a mais...

Somente...

Continuei pensando. Os fótons irrompem de uma fonte de luz em todas as direções, pois são criados no momento e não há razão para que se movam em uma direção antes do que em outra. As moléculas de ar saem do campo de gravidade zero em todas as direções porque entram em todas as direções.

Mas, e uma bola de bilhar que entre no campo de gravidade zero de uma direção particular? Ela sai na mesma direção ou em qualquer direção ?

Inquiri delicadamente, mas os físicos teóricos parecem não estar seguros, e não consegui encontrar nenhum registro nas Empresas Bloom, que é a única organização que trabalha com campos de gravidade zero, de que tenham realizado experiência sobre isto. Alguém na organização me contou uma vez que o princípio da incerteza garante a emersão fortuita de um objeto que entre em qualquer direção. Mas, então, por que não fazem a experiência?

Poderia ser, então...

Poderia ser que, uma vez por todas, a mente de Priss tenha trabalhado rapidamente? Poderia ser que, sob a pressão do que Bloom estava tentando fazer com ele, Priss tenha visto tudo repentinamente? Ele estudara a radiação em torno do volume de gravidade zero. Poderia ter compreendido sua causa e estar certo sobre o movimento, à velocidade da luz, de qualquer coisa que entrasse no volume.

Então, por que não disse nada?

Uma coisa é certa: nada que Priss fizesse na mesa de bilhar seria acidental. Ele era um perito e a bola de bilhar fez exatamente o que ele quis que ela fizesse.

Eu estava bem ali. Eu o vi olhar para Bloom e depois para a mesa, como se estivesse estudando os ângulos.

Eu o observei ao bater na bola. Eu a observei quando bateu no lado da mesa e entrou no volume de gravidade zero, em uma direção particular.

Pois, quando Priss enviou aquela bola em direção ao volume de gravidade zero - e os filmes tridimensionais me sustentam - ela já estava apontada diretamente para o coração de Bloom!

Acidente? Coincidência? ...Assassinato?

POSFÁCIO

Um amigo meu, após ler a história acima, sugeriu-me que mudasse o título para "Fusão Suja". Eu fiquei tentado a fazê-lo, mas refreei-me, pois parece leviano demais para

uma história tão séria - ou talvez eu esteja apenas corroído pelo ciúme de não ter pensado nele antes.

Mas, nos dois casos, agora que todas as histórias deste volume já passaram, e eu revivi as lembranças que cada uma despertava, tudo o que posso dizer é:

- Puxa, é ótimo ser escritor de ficção científica!